

REVISTA DOS CRIADORES



50 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Março de 1981 - Ano L - N.º 614 - Cr\$ 500,00

Órgão oficial da A.B.C.

CERRADOS

a riqueza inexplorada

Neguvon:



**o que o gado
ganha de um lado,**



**o berne não
tira do outro.**

**Neguvon.
Gado limpo,
lucro limpo.**

Cada boi e cada vaca é um saco de dinheiro. Que pode encher ou esvaziar, dependendo do cuidado que se tem com ele. Neguvon impede que os bernes suguem de um lado, todo o dinheiro que você coloca do outro. Além de ser o bernicida que mais merece esse nome no país, Neguvon ainda é vermífida e inseticida: acaba com vermes, piolhos, sarnas e uma série de outros prejuízos que também diminuem a sua produção de carne e de leite e esvaziam os seus lucros. Use Neguvon. Ele não deixa seu gado parecer um saco sem fundo.



Se é Bayer



Os cerrados encerram um enorme potencial, que, para se tornar viável, só exige uma definição clara. Pág. 8.

35

Aveia forrageira é uma excelente opção para o gado na seca. Mas, para produzir, pede irrigação.



46

Olinto Marques de Paulo é um criador que sempre quer o melhor. Agora, está no Mangalarga.

71

O mais recente relatório do Serviço de Controle Leiteiro da ABC é apresentado por W.C. Battiston.



Um rebanho Jersey, bem cuidado desde a sua formação, se exhibe como o plantel sob controle. Pág. 73.

22

O sol que queima a tez deste fazendeiro não é o das praias. E ele é carioca.

SELECIONANDO-NELLORE-ONCOLE
PROCURAMOS CONTINUAR-ORRA
PEDRO MARQUES NUNES



A partir da pág. 28, se conta um pouco da história de um bom criador, pioneiro na seleção de Nelore.

SUÍNOS

O cruzamento de raças, na criação de suínos, e os melhores caminhos para obtê-los. Pág. 39.

48

A Índia desenvolveu um amplo programa para fazer crescer a sua produção de leite. Conheça-o.

77

Os resultados dos meses de dezembro-80 e janeiro-81 do Serviço de Controle Ponderal da ABC.

SEÇÕES

- 3 Ao leitor
- 4 Cartas
- 5 Ponto de vista
- 6 Mercado
- 45 Serviço RC
- 67 Registro
- 68 Livros
- 69 Gente
- 70 Crônica



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

54 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Bráulio Madeira Simões
Gen. Diogo Branco Ribeiro
José Carlos Reis Magalhães
José Celso Macedo Soares Guimarães
Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho

Diretores

- 1.º Secretário: Frontino Ferreira Guimarães Júnior
- 2.º Secretário: Antônio Augusto Pires de Oliveira
- 1.º Tesoureiro: Amyntas de Carvalho Macedo
- 2.º Tesoureiro: Armando de Moraes Barros

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-presidente

Ruy Calazans de Araújo

Secretário

Roberto Brotero de Barros

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis

Efetivos

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Geraldo Diniz Junqueira
Luís Fortunato Moreira Ferreira
Pedro de Paula Leite de Moraes
Roberto Brotero de Barros
Luiz Glicério Gracie de Freitas
Eduardo Dias Roxo Nobre
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Rubens Franco de Mello

Edwin Benedito Montenegro
Pedro Nelson Corrêa Gonçalves
Otto de Mello
João Gilberto B. Rossi
Octávio de Mesquita Sampaio
Lourenço Prado Carneiro Lyra
Vicente Martins Júnior
Araldo Lima
Renato Napolitano

Suplentes

Fernando Euler Bueno
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Orlando Pinto de Souza
Gilberto Carlos de Arruda Sampaio
Henrique de Souza Dias
Roberto Felipe Cantusio
Lavil Veiga de Oliveira
Jayme Watt Longo

CONSELHO FISCAL

Efetivos

José Octávio da Silva Leme
Layr Antônio de Souza
Plínio Brotero Junqueira

Suplentes

Radyr de Queiroz
Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Superintendente

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Gerente

Prof. Dr. Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico Controle Leiteiro e Desenvolvimento Ponderal

Dr. Walter Battiston

Assistência Técnica

Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

RUA JAGUARIBE, 634 — TELEFONE: 826-3033
SÃO PAULO — SP

REVISTA DOS CRIADORES

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editor: J. M. Nogueira de Campos

Colaboradores: Leovigildo P. Jordão, Luiz Paulin Neto, Masatsuke Takahashi.

Arte e Produção: Carlos Roberto Botelho

Fotografia: Francisco Sclacca.

Redação: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - São Paulo - 05022 - Z.P. 10 (Brasil) Tels.: 65-0116 e 62-6826 - Caixa Postal 1669 - End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fitolito Próprios: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - SP - Brasil.

Assinatura: 1 ano Cr\$ 5.000,00. N.º avulso Cr\$ 500,00. Exterior, via aérea 1 ano US\$ 100,00.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

Interior e Capital: Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas. Disbrapel - Distribuidora Brasileira de Periódicos e livros. Av. Antartica, 539 - conj. 32 - Tel.: 62-8799 - São Paulo - SP.

Estados - Bahia: Wellington Menezes Ferraz - Avenida Inácio Tosta Filho, 94 - s/105 - Itabuna; J. S. Queiroz - Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alor de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraíba:** Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2.º and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Paraná:** Jorge Nobuaki Honjo, Av. Sete de Setembro, 2134 - Tel. 23-7818 - Curitiba. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina da Pedro Ivo - Recife. **Só de Ler - Aeroporto - Recife.** **Rio de Janeiro:** Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

AO LEITOR

A experiência acumulada pelo engenheiro agrônomo Luiz Manuel Martins de Freitas, em suas pesquisas sobre os cerrados brasileiros, daria alguns livros. E o especialista não se tem furtado a divulgar, por todas as formas a seu alcance, os conhecimentos disponíveis sobre o assunto. O artigo de capa desta edição da Revista é um exemplo. Embora a Redação tenha oferecido ao tema um número de páginas acima do habitual, o texto ainda constitui um resumo de alentado trabalho de Luiz M.M. de Freitas, elaborado por solicitação da Associação Nacional de Programação Econômica e Social de São Paulo (ANPES), sob o título "Como contribuir para a viabilização econômica dos cerrados".

Como seria de esperar em pesquisa dessa natureza, o trabalho original inclui tabelas e gráficos que a Redação se viu forçada a omitir, em razão do espaço disponível. Cada afirmação do especialista, no entanto, neles encontrava sua justificativa. Também não figuram na matéria apresentada a partir da pág. 8 desta edição comentários e opiniões do autor, indicando sua preocupação pessoal quanto ao melhor aproveitamento de recursos disponíveis para aplicação no setor agropecuário e oportunidade de mais adequada remuneração aos produtos agrícolas. Preferiu a Redação concentrar, no texto, dados e informações de aplicação prática imediata, visando a incorporar os cerrados ao processo produtivo da agropecuária nacional. E não restam dúvidas de que há conhecimento acumulado no país para não mais se postergar uma verdadeira arrancada nesse sentido.

O autor certamente compreenderá as limitações que se impõem a uma publicação mensal, dirigida a um público heterogêneo e que, por isso mesmo, tem exigências diversificadas, que cumpre à Redação procurar atender. Partilhando das idéias de Luiz de Freitas, a Revista considera essencial que se olhe com visão mais realista o assunto em foco e, da parte das autoridades governamentais, se firme uma decisão em relação aos cerrados, que podem e devem dar uma contribuição eficiente ao esforço nacional para a produção de alimentos, requeridos pelos mercados interno e externo. Indica-lhes, por isso, a leitura atenta da seção "Ponto de vista" desta edição, na pág. 5, também assinada pelo mesmo Luiz M.M. Freitas.

Até a próxima, leitor.

PALAVRAS...



São ótimas as perspectivas da pecuária, a médio, curto e longo prazo. Não há excesso nem de animais nem de oferta, e o preço atual é baixo apenas por consequência de manobras de frigoríficos e tecnocratas, que querem aviltar o preço do boi e não se preocupam em baixar o preço da carne ao consumidor.

José Mário Junqueira de Azevedo, da Associação de Criadores de Nelore do Brasil, rebatendo afirmações do Sindicato da Indústria do Frio, em meados de fevereiro, em São Paulo.

Rondônia se vê mais conhecida

No exemplar de novembro/80, tivemos a grata satisfação de ver publicada a matéria remetida sobre o sistema Agrícola de Rondônia, produzida pela Assessoria de Comunicação Social desta SEAG. Muito nos desvaneceu a atenção que dispensaram a nosso pedido e, em que pese a condensação que fizemos sobre um assunto de tal envergadura, como o da ocupação agrícola de Rondônia, e as soluções que estamos propondo para seu desenvolvimento no setor primário, estamos certos de que ampliamos, com essa publicação, consideravelmente, o nível de conhecimento público do que hoje se realiza neste Território.

**Luiz Carlos Coelho
de Menezes**
Secretário Adjunto
da Agricultura
Porto Velho, RO

A tribuna livre dá o que falar

Sem comentários o artigo da Huascar Terra do Valle, publicado no número de dezembro da Revista dos Criadores. Sem comentários! Todas as organizações agropecuárias do país deviam homenageá-lo. Todas as Câmaras Municipais e Estaduais deveriam agraciá-lo. Todas as

condecorações oficiais deveriam ser-lhe atribuídas. E o artigo deveria ser transcrito nos anais da História do Brasil, como uma advertência para que a posteridade saiba que há, em nossa infeliz geração, alguns espíritos esclarecidos, patriotas e corajosos.

Parabéns, Huascar Terra do Valle!

Não só pelas verdades técnicas que são expostas, mas também pela elucidação de um problema que inventaram no Brasil com relação ao valor do trabalho do homem do campo. Tem plena razão quando diz que o homem é o melhor que existe. O mais abnegado, o mais sofrido, o mais fiel e o que mais entende de nossos problemas. Plena razão!

Os melhores homens do campo que existem no Brasil são os que constroem este país, misturados aos rotulados de "mão-de-obra não qualificada", que são os trabalhadores mal pagos da construção civil, os serventes, que, para sobreviver, deixam os campos, para trabalhar a troco do direito de subsistência.

Faça-se uma estatística e se verá que, em cada 10 homens que trabalham nas cidades grandes, 2 são retirados do primeiro time, 2 sabem plantar, 2 sabem lidar com cavalos, 1 sabe fazer queijo e os outros 3 sabem obedecer. Poucos sabem é viver sem dinheiro para ter uma vida condigna, porque no campo não há dinheiro, só há a riqueza que vai

para as cidades enriquecer os atravessadores rotulados de banqueiros, comerciantes, industriais e burocratas!

Paguem-se US\$ 1.000 a um homem, que é o salário médio do homem do campo nos Estados Unidos, que ele produzirá o que ganha. E não é preciso que ele seja americano ou japonês, basta ser cearense ou paraibano, que será melhor que qualquer um, e não tem medo de cobra e nem de mosquito. A grande diferença entre o homem do campo brasileiro e o estrangeiro está na capacidade de suportar trabalho: um sem ganhar o suficiente, e o outro ganhando o que produz. Tudo "organizado" para que seja assim pelos governos que têm.

Quando um produtor rural puder ganhar sem os tabelamentos elaborados pelos tecnocratas, ele poderá pagar aos empregados, que voltarão para o campo, por conta própria, sem criar os problemas que dão origem à existência dos estudos sociais que são elaborados por mil comissões, que constatarem fatos e não resolvem nada de prático nesse setor.

Ai talvez se não vejamos mais anúncios na televisão mostrando empresas comerciais importando mais um navio carregado de batatas da França... Anúncio alarmante, que deveria preocupar a quem de direito, mas que é mostrado como prova de eficiência e interesse pelo povo, quando não passa

de uma vergonha, que faz corar até quem um dia disse "em se plantando..."

A energia, assunto tão em voga, da maior importância para o ser humano, é a que mantém a vida com dignidade, pois nada vale ter energia para movimentar caminhões vazios, acender fogões que não têm o que cozinhar, iluminar cidades que se transformaram em covis de famintos desesperados. Deixem o Brasil produzir alimento, que é a energia fundamental, vital e indispensável — depois outras energias aparecerão, pois não se tem notícia, na história da civilização, de um grande povo no campo de evolução científica e energética que não tenha primeiro resolvido o problema da fome.

Que os empresários da indústria também pensem assim, pois só pode consumir supérfluos quem não está faminto.

Eduardo Cruz
Fazendeiro
Rio de Janeiro, RJ

Mais louvor a Huascar e seu texto

Recebam calorosos aplausos pela publicação do artigo de Huascar Terra do Valle, em defesa do produtor rural. Vale dizer que nem tudo está perdido. Cumprimento o autor pelo artigo.

Arnaldo Lemos
Sindicato Rural
Bom Jardim, RJ

O enorme potencial dos cerrados brasileiros para produzir alimentos e biomassa transformável em energia reflete um conflito que, de forma alguma, pode ser ignorado. Referimo-nos à grande distância entre o potencial produtor dessas áreas e sua efetiva contribuição em alimentos, pois é nessas regiões que se encontram as populações mais desassistidas e carentes. Trata-se, ainda, de um conflito muito mais sério e generalizado que o representado pelo dilema produção de alimentos vs. produtos de exportação.

Não é certamente por falta de tecnologia, mercado ou recursos que um maior número de empresários e produtores não se dirige para os cerrados. Com efeito, todo e qualquer produtor, do pequeno e despreparado ao mais organizado e capitalizado, tem de ser, antes de tudo, um alocador de recursos escassos, espremido entre a necessidade de minimizar os prejuízos e a esperança de maximizar os lucros operacionais de seu negócio. Se a grande maioria dos produtores ainda continua optando por sistemas de produção biologicamente ineficientes, compete ao Governo rever, profundamente e urgentemente, as regras econômicas que continuam balizando as decisões de quase cinco milhões de produtores rurais. Os índices brasileiros de produtividade continuam excessivamente baixos nas principais estatísticas mundiais, menos de um terço do que os melhores produtores mundiais de grãos conseguem em idêntica área. E isto não é por condicionamentos edáfico-climáticos.

Note-se a agravante representada pelo decréscimo de alguns desses índices, malgrado os esforços conjuntos dos sistemas nacionais de pesquisa e extensão e as condições favoráveis de um mercado consumidor, ampliado pelo efeito combinado do aumento da população e melhoria da renda. É o caso do feijão, onde, a permanecer a tendência verificada nos últimos 28 anos, não se colherão mais que 508 kg/ha ao final do século, devendo a cultura

O que o cerrado espera para abrir-se mais

ser abandonada definitivamente antes do ano 2.136...

A alocação dos recursos disponíveis, objetivando uma maximização do lucro, como faria qualquer empresário noutro setor da sociedade capitalista, já é por demais complicada pela imprevisibilidade das condições climáticas e dos preços que o agricultor irá receber, para continuar sujeita a outras atuações que não tenham o escopo principal de minimizar os riscos do empresário. Como a construção de estradas e caminhos vicinais, entrepostos, armazéns etc., capazes de tornar mais efetiva a política de preços mínimos, os quais, para melhores resultados, não podem deixar de ser corrigidos, seja para compensar o efeito da inflação, seja para superar problemas capazes de comprometer a safra final, aproximando-os dos de mercado. Enquanto se verificarem relações entre esses valores da ordem de 0,49, como aconteceu no período de 1970-75 para o feijão, o preço de garantia terá valor altamente questionável.

Portanto, compete ao Governo procurar meios capazes de conciliar interesses tão conflitantes, de modo que, ao considerar as diversas alternativas de produção, o empresário não deixe de reconhecer devidamente os interesses da sociedade.

A grande disponibilidade de terras ainda não utilizadas de forma alguma pode continuar como justificativa para um uso predador e ineficiente nem como pretexto para uma capitalização mais rápida. Hoje, as reservas melhores localizam-se muito distantes dos centros de consumo, e as terras mais velhas de cultura atingem preços muito acima de sua capacidade produtiva.

Implementada, no entanto, uma verdadeira política agrária nacional, os 200 milhões de hectares do Bra-

sil Central, cobertos por vegetação de campo e cerrado, certamente passarão a constituir a principal fronteira de expansão agropecuária do país. Favorecendo uma melhoria salarial compatível com o aumento da produtividade permitida pela mecanização extensiva, melhorando a qualidade do solo com aplicações de corretivos e adubos exigidos pelas diferentes atividades e implantando sistemas de produção, capazes de responder prontamente às variações da demanda do mercado, a ocupação racional e equilibrada dos vazios do Centro-Oeste constitui tarefa que não pode continuar sendo adiada. Afinal, de que outra forma se poderá produzir o álcool destinado a substituir mais aceleradamente as importações de petróleo? Que outro setor da economia poderá contribuir, mais rápida e seguramente, para a ampliação das exportações? De que outra maneira se absorverão os excedentes que, anualmente, disputam o mercado de trabalho?

Aceita a prioridade para o setor agropecuário e reconhecidas as vantagens oferecidas pelos cerrados, resta-nos solicitar aos sistemas de pesquisa respostas mais urgentes a questões certamente prioritárias. Que tipo de unidade nos permitiria produzir alimentos e matérias-primas a mais baixo custo, melhorando o abastecimento interno e permitindo a formação de estoques garantidores da permanente presença brasileira nos mercados externos? Que medidas poderão tornar mais competitivos nos mercados externos os alimentos e matérias-primas produzidos no país, capitalizando o imenso potencial disponível, para um rápido aumento da produção? Como se poderia atrair mais talentos, insatisfeitos com a urbanização excessiva, a todos os níveis, da produção à administração, para agilizar um programa nacional de produção de alimentos e matérias-primas, capaz de conciliar a urgência de produzir a custos mais baixos e competitivos com a necessidade de remunerar melhor o trabalho e ampliar as possibilidades de emprego no país?

Luiz M.M. de Freitas
Engenheiro Agrônomo

O que a pecuária perde enquanto os outros ganham

No período de abril a novembro de 1980, o preço da carne bovina estava sendo considerado remunerador; em conseqüência, no Centro-Sul do país (Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo), houve uma indiscriminada matança de matrizes. Para se ter idéia, o rebanho nacional de bovinos leiteiros, que estava em torno de 12 milhões de cabeças, está hoje ao redor de 8 milhões. Isso reflete como o setor está descapitalizado.

Esse é um dos trechos do relatório preparado pela Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP) sobre a situação da pecuária leiteira, em 1980, e das perspectivas para o setor, este ano. O documento chamado de "enganadores" os tecnocratas que "deveriam estar assessorando os dirigentes do país, mas, ao contrário, exercem o comando, sem a mínima responsabilidade". E acentua que "o Governo, com a indefinição e as mudanças constantes das regras do jogo, transmitiu total insegurança para os pecuaristas de leite".

De 1975 para cá — diz ainda o trabalho —, a pecuária de leite vem enfrentando uma de suas maiores crises. Pode-se avaliá-la, pelo número de importação de leite em pó, que se efetuiu em 1976, de aproximadamen-

te 9 mil toneladas; em 1977, essa cifra foi para 19 mil toneladas; em 1978, foram importadas 45 mil toneladas; em 1979, até meados do ano, foram importadas 24 mil toneladas. O restante não foi divulgado, mas estima-se um total de 50 mil toneladas; em 1980, importamos 80 mil toneladas. Isso em razão do preço político dado ao leite, "demagógico até, com os tabelamentos pela SUNAB, exercidos de maneira muito rígida, enquanto os fatores de produção tiveram seus ajustes praticamente à vontade, através do CIP". E o trabalho dá três exemplos: o farelo de trigo, de 1975 a 1980, subiu em 1.200%; o pentabótico, em 900%; o arame farpado, em 1.100%...

Em 1980, houve, devido ao agravamento da situação do setor, uma reação por parte do Governo, lembra o trabalho, "através do secretário Nacional de Abastecimento e Preços, Carlos Viacava, que, em abril, proporcionou uma correção de preços para o setor, que aliviou a situação, embora essa correção tenha sido logo corroída pelo aumento dos fatores de produção". Num período de 8 meses, o leite teve um aumento de 56%, enquanto as rações tiveram aumento de 96%. Em abril foram prometidos Cr\$ 5 bilhões para que fossem aplicados na pecuária leiteira, mas, na realidade, o setor não viu um só cen-

tavo. Outro impasse gerou a instabilidade do setor, quando o Governo anunciou as medidas de alteração de juros. Ainda um outro fator negativo: o consumidor de baixa renda não está conseguindo adquirir o leite, pois seu preço está sendo inviável.

Após relacionar alguns dados sobre ganhos obtidos em setores que vendem produtos ao meio rural (adubos e rações), bem como indicar o crescimento dos juros cobrados à atividade agropecuária, o documento da FAESP revela a preocupação da classe em que se encontrem fórmulas para modificar o quadro. Entre elas, a entidade sugere o aumento de 15% para 19% na taxa do IPI, incidente sobre a venda de refrigerantes e bebidas alcoólicas, para arrecadação de fundos destinados ao subsídio indireto do preço do leite ao consumidor. E pede que não se continue "favorecendo uns poucos", citando que algumas empresas produtoras de adubos tiveram, no ano passado, um lucro líquido de 1.000%, e as de rações, em torno de 650%, enquanto as taxas de juros, para os produtores, se elevaram em 100%, como o custeio para a pecuária leiteira, que, de 15% em 1979, passou para 33% e depois 38%, em 1980.

Em relação às perspectivas para 1981, o setor não as pode considerar

de forma otimista, pois, "segundo dados divulgados pelo ministro da Agricultura, a ampliação de crédito para investimento na agricultura, para o Brasil de hoje e até 1985, será de Cr\$ 63 bilhões". Pode parecer uma quantia elevada, frisa o trabalho, mas, "se comparada com a que vai aplicada no programa nuclear, só em 1981 e não em cinco anos, vamos encontrar a cifra de Cr\$ 114 bilhões..."

Por isso, entende a FAESP que "a agropecuária (onde a pecuária de leite está inserida), que deveria ser meta prioritária do Governo, passou a ser contribuinte prioritária do Governo". E critica o aumento violento do Imposto Territorial Rural, bem como estranha que determinados produtos, sobre os quais não incidia o ICM, agora passarão a tê-lo, inclusive a carne, que, de 5%, passará a pagar 16% de Imposto sobre Circulação de Mercadorias.

O trabalho conclui suas considerações afirmando: "com todas essas medidas, que estão prejudicando a pecuária leiteira, nós, produtores, vamos continuar produzindo, em 1981, conforme nossa capacidade, diversificando da maneira que pudermos e aguardando que Deus ilumine os futuros dirigentes do país, e que tenhamos tempo de aparar as distorções existentes".

FAZENDA E HARAS FORTALEZA

Km 116 da Rod. Anhangüera - Nova Odessa - Tel. 66-1150, ou Av. Paulista, 1374 - 3.º - Tel. 285-4998 - S. Paulo

**Na Exposição Nacional do Cavalo Árabe
em junho, realizada em São Paulo,**

**Doze animais com o prefixo "A.F." e
dez outros filhos de garanhões "A.F."
foram premiados**

**Escolha bem. Escolha um
ganhão "A.F."**

O cerrado à espera



de sua descoberta

Os muitos anos de pesquisa e trabalho do engenheiro agrônomo Luiz Manuel Martins de Freitas deram-lhe um conhecimento profundo sobre os cerrados brasileiros. O texto a seguir, elaborado por ele, por solicitação da ANPES, é apenas um exemplo.

Embora só agora estejam recebendo maior atenção, os cerrados e campos representam uma parcela significativa do território nacional, muito bem localizada na região Centro-Oeste. Essa área, sete vezes superior à superfície do Estado de São Paulo, ultrapassa 200 milhões de hectares, 38 milhões a mais do que as terras mais férteis de cultura norte-americanas, responsáveis pela maior produção agrícola do mundo.

Facilmente reconhecidos por sua vegetação esparsa e rala, e com uma topografia plana e levemente ondulada, os campos e os cerrados favorecem uma mecanização intensiva, sem maiores problemas de erosão. Seus solos são profundos, capazes de armazenar tanto os nutrientes quanto a água. No entanto, se aqueles precisam ser adicionados, esta é assegurada por um regime pluviométrico que, embora sazonal e irregular, é suficiente para garantir o desenvolvimento de um grande número de culturas de valor econômico, tanto cíclicas (como arroz, mandioca, soja, milho, algodão, feijão, cana-de-açúcar etc.) quanto perenes (como laranja, café e outras).

Todas estas vantagens, porém, parecem não ter-se imposto. Exemplo disso é o fato de que, na ampliação das fronteiras agrícolas brasileiras, tem-se preferido arcar com os ônus do desmatamento da Amazônia, cuja colonização vem sendo feita em boa parte por populações marginalizadas, que desconhecendo técnicas modernas de produção, elevam por demais os custos econômicos, políticos e sociais da modernização agrícola do país. Esses custos são ainda agravados tanto pela dificuldade de transporte das colheitas para os centros consumidores quanto pelo alto grau de perda dessa produção.

Diante disso e dado o papel que uma maior produção agrícola pode exercer no desenvolvimento do país, seja barateando a alimentação e se constituindo em fator anti-inflacionário, seja liberando excedentes exportáveis, que aliviem o desequilíbrio das contas externas, por que não enfatizar-se a exploração de regiões mais próximas dos centros urbanos, e que se beneficiariam de uma infra-estrutura já existente, mas sub-utilizada?

ORIGEM

Um cientista sueco, que visitou o Brasil na década de 40, surpreendeu-se com os argumentos das discussões mantidas com seus colegas brasileiros, tão preocupados em explicar a origem dos cerrados. Se tais solos se distinguem facilmente da savana africana pela presença de árvores, sua distribuição não deixava de obedecer a condicionantes climáticas semelhantes, ficando por conta da maior densidade populacional a ausência de árvores na savana africana. A ação das queimadas explicaria, também, formações de campo e cerrado onde tudo fazia esperar floresta. Cortando o ciclo de nutrientes, não tarda a ocorrer um depauperamento do solo, tornando difícil, senão

impossível, a regeneração da floresta original.

Se as teorias climáticas e bióticas avançadas mais de 100 anos se mostravam insuficientes para explicar a distribuição da vegetação no Brasil Central, a associação da vegetação de campos e cerrados às peculiaridades do solo, no caso brasileiro marcado por uma acidez excessiva, não poderia deixar de abrir horizontes para seu aproveitamento econômico.

O prof. Paulo de Tarso Alvim, então em Sete Lagoas, hoje na CEPLAC, não somente confirmou uma crescente acidez associada a formações vegetais, variando da mata para o cerrado mais aberto e raquítico, em solos do mesmo tipo, como igualmente demonstrou a possibilidade de minimizar tais diferenças mediante a adição de calcário. Embora tal trabalho tivesse sido realizado em condições artificiais, porque em vasos, numa casa de vegetação, outros autores não tardaram em mostrar que culturas bem diversas, estabelecidas em solo de cerrado, reagiam acentuadamente a adições de calcário e, mais ainda, de adubos fosfatados.

Se os aumentos de produção estavam longe de justificar os custos incorridos com a aplicação de calcário e adubo, não podiam deixar de aumentar consideravelmente o interesse pelo melhor aproveitamento dessas terras. Afinal, por que, plantando-se nos campos e cerrados, nada dava?

Reconhecendo a necessidade de antecipar os problemas de fertilidade que poderiam limitar a participação do país na produção de alimentos, em 1956, o dr. McClung propôs hierarquizar os nutrientes limitantes da produção dos solos de cerrado. Esse cientista havia sido contratado pelo então IBEC — estabelecimento privado de experimentação agropecuária, custeado pelos irmãos Rockefeller. Aquele altura, estavam chegando ao fim as reservas florestais do Centro-Sul brasileiro. Ademais, elas só eram encontradas longe dos centros de consumo, sendo que aqueles solos de mata explorada há mais tempo começavam a exigir adubações para manter a produtividade agrícola compensadora. E, se muitos outros haviam sido abandonados, quase todos apresentavam sérios problemas de erosão e praguejamento, diminuindo seu potencial produtivo. Isto para não se falar de sua topografia menos favorável à mecanização, que se antecipava essencial para a melhor remuneração do trabalho.

Recolhendo amostras dos mais variados e distantes cerrados, cultivaram-se plantas indicadoras em vasos previamente adubados com nutrientes exigidos pelo bom desenvolvimento das plantas, para comparar, com vasos em que, sucessivamente, se omitiam um nutriente de cada vez. Através dessa diagnose "por subtração", foi fácil confirmar o baixo teor de cálcio e magnésio desses solos e, principalmente, verificar que o fator mais limitante da produção era mesmo a insuficiência de fósforo. Observou-se, ainda, que, dependendo da planta indicadora, alguns destes solos não supriam potássio,

enxofre, zinco, boro e molibdênio em quantidades suficientes para o melhor crescimento das plantas cultivadas.

Os resultados favoráveis não permitiam aguardar um levantamento mais geral dos solos com cobertura de campo e cerrado, e permitir selecionar os mais abundantes e representativos. Não se dispunha também de recursos para definir os desejáveis parâmetros de fertilidade, tanto do solo quanto da planta, para a mais segura extrapolação dos resultados experimentais que viessem a verificar-se no limitado número de locais.

Se, em algumas das amostras de terra de campo mais fracas, não era possível obter qualquer produção na testemunha sem adubo, todas elas reagiram muito bem à adição de calcário e adubos químicos. Era certo que a produção verificada nas amostras recolhidas em terras de campo cerrado raramente atingia a produção obtida em tipo semelhante de solo virgem sob vegetação de mata, evidenciando a influência de outros fatores. Entretanto, ela foi sempre superior à conseguida nas amostras de terras recolhidas em glebas cultivadas há mais tempo, ainda que coletadas a pouca distância daquelas sob mata virgem.

Mas, se os vasos eram molhados regularmente, sob condições de campo, as coisas poderiam decorrer de forma muito diferente. Aparentemente, estes solos de campo e cerrado seriam excessivamente secos, sem suficiente matéria orgânica nem argila para segurar a umidade exigida pelo bom desenvolvimento das plantas cultivadas, nos verânicos mais prolongados. Felizmente, os primeiros experimentos de campo, em Goiânia e Orlândia, distantes a mais de 600 km e com culturas diferentes, como o algodão, a soja, o milho, indicaram serem infundados tais temores. Confirmaram ainda a potencialidade destes solos para a produção e, principalmente, ratificaram as deficiências reveladas pela "diganose por subtração" processada em vasos.

Experimentos estabelecidos a seguir em solos mais argilosos e vermelhos demonstraram, ainda, um valioso efeito indireto da calagem na mobilização de nitrogênio, fósforo e enxofre. Este efeito foi confir-



Corrigida a acidez inicial do solo, a adubação adequada faz o milho render bem.

mado em onze experimentos conduzidos na região de Orlândia, na safra de 1959-60, alguns dos quais repetidos no ano seguinte. Cada tonelada de calcário aplicado no algodão resultou, no conjunto de dois anos, num aumento de 30 arrobas, numa faixa de aplicação de até 8 t/ha com um simples aumento de uma unidade no pH inicial do solo.

Ainda nesse ano, pôde-se verificar um importante efeito na aplicação mais profunda de calcário, objetivando um aprofundamento maior das raízes das plantas, a melhorar a utilização dos nutrientes adicionados e a superar possíveis veranicos. O aumento de produção foi tanto maior quanto menor a dose de calcário utilizada, sendo maior quando não se usou qualquer adubo fosfatado na sementeira. Em qualquer das circunstâncias, foi superior a 15% da colheita final, mais que suficiente para justificar uma melhor incorporação do calcário, sem maior acréscimo de despesa. Afinal, basta aplicá-lo antes da aração, embora procedendo a duas aplicações, sendo a segunda antes de uma gradeação, para que os resultados sejam melhores e mais seguros.

Essas experiências foram feitas em fazendas particulares, que, além de disporem de áreas inaproveitadas de cerrado, apresentavam um elevado índice de técnica agrícola e eram dirigidas por agrônomos, como Urbano Junqueira, Plínio B. Junqueira e Geraldo Leite de Moira (falecido). Foi, assim, mais fácil extrapolar as práticas de correção e adubação para outras culturas, certamente mais seguras e garantidas que o tradicional arroz. Isto tanto no que se refere à distribuição das chuvas, quanto ao preço recebido pelo agricultor na hora da colheita. Com a vantagem de se aumentar a fertilidade do solo, como resultado do expressivo efeito residual do calcário, fósforo e zinco aplicados, favorecendo a qualidade das pastagens posteriormente estabelecidas.

Em média, em tais terras, bastavam 30 arrobas de algodão para cobrir as despesas de calcário e adubo suficientes para elevar a colheita, de pouco mais de zero para até 130 arrobas de algodão por hectare. Resultados igualmente vantajosos foram obtidos com o milho, ainda que o adubo exigisse a inclusão de zinco, e soja. Isto sem exigir investimentos excessivos, já que o calcário era financiado a juros subsidiados e a longo prazo. Quando exigido em quantidades mais elevadas, pelos padrões tradicionais, dispensava replantagens antes de 3 a 5 anos. Mas também podia ser aplicado, sucessivamente, em incrementos de 2-3 t/ha na soja, algodão etc., até atingir os desejados índices de fertilidade.

Não é de se estranhar que os cerrados vermelhos da Mogiana tenham apresentado valorização maior do que as terras de cultura, ainda que não utilizados por pastagens melhoradas e por culturas de exportação, abrindo caminho para a grande expansão da cana-de-açúcar na década de 70.



Pesquisas em Matão mostraram exigências da soja em termos de adubação.

COMO USAR

Tais resultados foram verificados em variações no melhor tipo de cerrado, o latossolo roxo a vermelho escuro. Estes solos apresentam o mais elevado potencial agrícola mas são também os de menor expressão geográfica. Com efeito, como levantamentos posteriores confirmaram, a área desses cerrados mais argilosos não deve exceder 25 milhões de hectares. E nenhuma das experiências prosseguiu por mais de dois anos, tempo insuficiente para constatar possíveis efeitos nocivos do calcário na estrutura do solo. Favorecendo a decomposição de matéria orgânica, presente já em quantidades muito baixas nestes solos de cerrado, temia-se o duplo efeito da calagem e operações culturais.

A safra do dr. McClung para o IRRI, nas Filipinas, não alterou o ritmo das pesquisas que, se estenderam a Pirassununga e Matão e prosseguiram em Orlândia, ainda que numa área diferente. Incluíam-se assim solos com teores mais elevados de areia, certamente mais representativos por causa de sua extensão. O solo vermelho-amarelo de Matão representaria mais de 70 milhões de hectares e o regossolo de Pirassununga ultrapassaria 35 milhões. Depois de afirmar que este último solo não deveria ser cultivado, por se encontrar ainda em processo de formação, um conhecido "especialista" não hesitou em desaconselhar os trabalhos de campo, argumentando que, "se a chuva caísse em quantidade suficiente e se apresentasse bem distribuída para garantir as plantas germinadas, certamente carregaria os adubos adicionados", tornando inviável qualquer aproveitamento agrícola dos solos.

Se a argila constituía até 50% do solo em Orlândia, não passava de 12% em Pirassununga. As maiores colheitas foram verificadas no latossolo vermelho-escuro

de Orlândia, como era de se esperar; as menores, ainda que exigindo maiores quantidades de adubos, foram verificadas no solo mais arenoso. Mas, ao contrário do que se temia, demonstraram uma tendência à elevação, com o tempo de uso, alcançando o equivalente a 20 sacos de algodão, 55 de milho e 130 arrobas de soja, por hectare. Isso na média em carvão por hectare. Isso na média de dois anos, de uma série de quatro em que os trabalhos foram repetidos, no mesmo local.

Ficava, assim, demonstrado de forma inequívoca, já em 1964, o elevado potencial produtivo desses solos, mesmo daqueles mais arenosos e desprovidos de matéria orgânica. E isso com a aplicação única e exclusiva de calcário e adubos químicos, já que os próprios resíduos das culturas eram removidos ao final de cada safra.

As maiores quantidades de calcário foram usadas no solo mais argiloso de Orlândia, ainda que os três solos apresentassem pH muito próximos, diminuindo as exigências desse corretivo do algodão para o milho e o arroz. Respostas foram verificadas a nitrogênio, tanto no algodão quanto no milho, em Pirassununga e Matão. As reservas do solo de Orlândia foram, entretanto, suficientes para assegurarem, entretanto, suficientes para assegurar uma colheita de 72 sacos de milho e 165 arrobas de algodão por hectare, sem qualquer cobertura nitrogenada. Menores eram as reservas de enxofre ou a disponibilidade de potássio. Esta podia ser antecipada pela análise de solo. Para o enxofre, entretanto, não se tornou usual submetê-lo a medições; as disponibilidades de nitrogênio, zinco e boro também não despodem, ainda, ser estimadas com a desafiadora rapidez e precisão, o que torna difícil a recomendação de adubação desses nutrientes.

A omissão do boro na adubação, tanto em Pirassununga quanto em Orlândia, reduziu a produção de algodão para quase a metade do que foi colhido nos tratamentos que incluíam boro. A omissão do zinco foi particularmente sentida pela cultura do milho, sendo que a maior redução foi observada em Orlândia, representando um decréscimo de mais de 30%.

Essas colheitas foram verificadas sem custos excessivos, variando a calagem de 2, 4 a 8 toneladas/hectares, respectivamente para Pirassununga, Matão e Orlândia. A adubação básica correspondeu à dia. A adubação básica correspondeu a aplicação de 200 a 400 kg/ha de uma fórmula 03-30-15 que tivesse ainda 10% de boro, 1% de zinco, 0,3% de boro e 0,03% de molibdênio. Em cobertura, usaram-se de 40 a 60 kg/ha de nitrogênio sob a forma de uréia. Muito provavelmente seria suficiente adicionar zinco na mistura de adubos do milho, boro na do algodão e molibdênio na de soja. Esta cultura, quando devidamente inoculada, dispensa adubação nitrogenada tanto em cobertura quanto no plantio.

QUALIDADE

Seriam os cerrados de São Paulo de melhor qualidade? Essa era, certamente,



O arroz continua sendo a cultura-chave do cerrado, pela sua rusticidade e capacidade de extração dos nutrientes disponíveis no solo

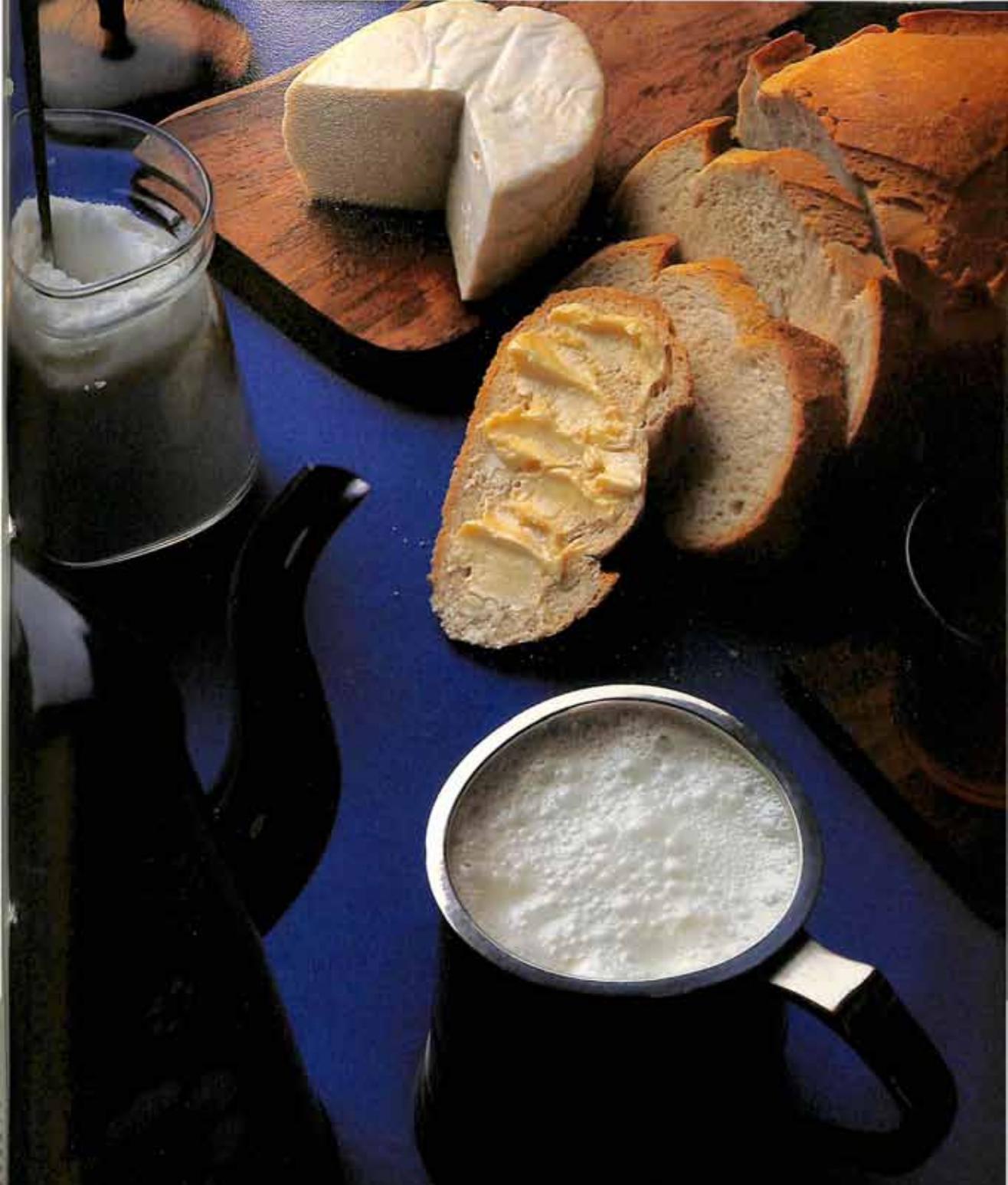
tribuição, sendo uma das vezes antes da aração mais profunda, para permitir a eliminação do alumínio em maior profundidade. Deve-se dar preferência, no primeiro cultivo de soja, a variedades mais tolerantes à acidez e que apresentam mais alta inserção das vagens.

Ainda não se estabeleceu um consenso sobre a recomendação de calcário, embora todos os pesquisadores concordem em adicionar o necessário para inativar o alumínio livre e assegurar um mínimo de dois equivalentes-miligramas por 100 gramas de terra, de cálcio e magnésio. Se lembrarmos, entretanto, que, apesar de se usar um fator de segurança e correção de 2 unidades, aquela recomendação leva em conta apenas 15 cm de profundidade de solo, compreendo-se facilmente porque a correção de 30 cm exigirá uma duplicação de tal recomendação. E a quantidade de calcário terá de ser triplicada para corrigir até 45 cm, o que leva à conclusão de que não são tão grandes as diferenças entre os critérios adotados

Mesmo que o calcário não seja incorporado naquelas profundidades, somente a existência de um excesso de bases poderá permitir a necessária e rápida descida de cálcio para maiores profundidades. Havendo boa distribuição, o que não se consegue sem um mínimo de duas aplicações a lanço, e preparando-se para uma diminuição da disponibilidade de íons metálicos, mais especificamente de zinco, não há o que temer.

Uma amostragem mais freqüente das glebas é indispensável para acertar os níveis favoráveis dessas correções, para permitir subsequentes ajustes. Comprovar financeiramente as vantagens de uma aplicação de calcário em níveis mais elevados pode exigir comparações mais demoradas, de 4 a 6 safras, e mais cuidadosas, avaliando não só a safra, mas também sua qualidade. O efeito do calcário na disponibilidade de outros elementos, ainda que complexo, não pode deixar de ser computado numa análise mais cuidadosa.

O micronutriente zinco deve ser incluído na adubação de plantio, mas pode ser misturado com a semente, quando se usa sob a forma de óxido, ou ainda mais tarde, pulverizado sobre a cultura. O molibdênio é facilmente adicionado ao inoculante, mas talvez fosse melhor incluí-lo no adubo, sempre que sua necessidade fosse demonstrada. Estes são dois micronutrientes que, de forma alguma, podem ser omitidos na adubação de culturas em solos de cerrados, nem que seja por uma questão de segurança. Suas aplicações podem ser restritas às culturas reconhecidamente mais sensíveis (como as gramíneas, no caso do zinco, ou as leguminosas, no caso do molibdênio), mas nunca omitidas antes de se estar seguro de sua desnecessidade. A falta de boro, manifestada pela cultura do algodoeiro, é mais fácil de ser corrigida com a pulverização. Sua inclusão no adubo pode acarretar problemas, quando este é aplicado muito próximo da semente.



Todo dia, repita a dose:
café da manhã com leite da ordenha
do mesmo dia.

Panecto*: o carrapaticida que não deixa resíduos no leite.

Gado ordenhado logo após o banho com carrapaticida dá leite puro e saudável?

Com **Panecto***, dá.

Afinal é a maior conquista do homem para o combate aos carrapatos.

Panecto* tem a vantagem de não deixar resíduos no leite e na carne, permitindo a obtenção de alimentos inteiramente livres de impurezas químicas. Saudáveis como a própria natureza.

PRODUTOS	CONSUMO LEITE	CONSUMO CARNE
X	24 horas após	14 dias após
Y	10 horas após	3 dias após
Panecto*	Imediato	Imediato

Panecto* acaba com dos carrapato

produto químico - sintético do piretro - inseticida natural do crisântemo.

Para comprovar a eficácia, muitas pesquisas foram realizadas no campo, em condições reais de infestações maciças de carrapatos.

Os resultados das pesquisas demonstraram o que todos já sabiam: **Panecto*** é o mais eficaz carrapaticida disponível. Ele simplesmente acaba com os carrapatos, desde larva até o adulto.

Além disso, combate mesmo as cepas resistentes aos organofosforados e clo

Panecto*

O carrapaticida



“raça”

OS. **Panecto*** é um
envolvido à semelhança
produzido pela flor

idade de **Panecto***,
das: em laboratórios e
mais e em bovinos com
ros:

e pulverização e imersão
o mundo sabe: que
ca todos os tipos de
é adulta. **Panecto***
“ra” de todos eles.
do nem piedade até
carapaticidas

O superpoder residual

que só faz bem. O altíssimo poder residual de **Panecto***, associado a um bom manejo, garante o controle dos carrapatos, pois protege por muito mais tempo o animal contra as reinfestações, além de aumentar a produção de leite e carne.

Panecto* pode ser administrado com segurança, já que não apresenta nenhum efeito adverso ao gado leiteiro, ao homem ou à natureza.

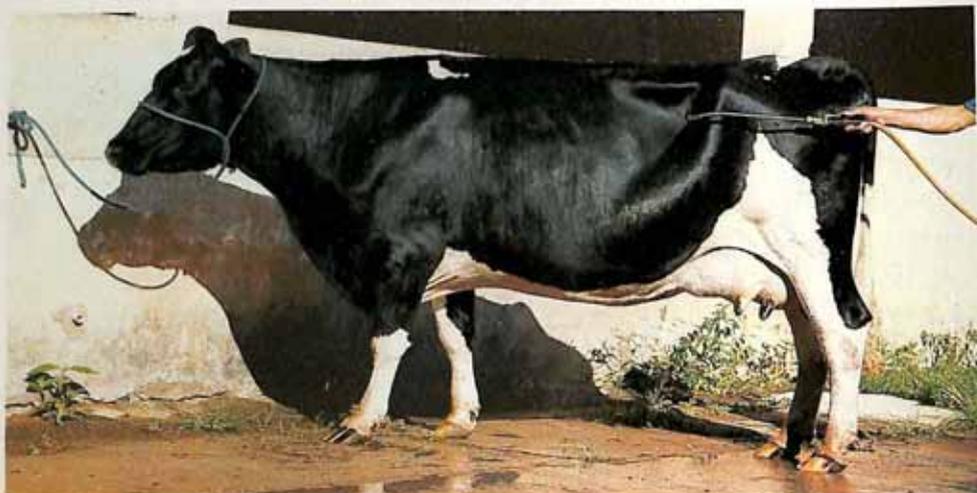
Panecto* só faz bem.

ecto*
CIPOTHRIN

ida que garante
pureza do leite.
Perto dele o resto
é café pequeno.

Panecto* CIPOTHRIN

Acaba com os carrapatos sem acabar com a pureza do leite.



ROLAND 2934
SYMBOL ZULIMA

PANECTO* é um acaricida para bovinos, em banho ou pulverização, à base de Cypothrin, piretróide de grande potência, eficaz contra carrapatos comuns ou resistentes a outros acaricidas de uso corrente.

MODO DE USAR

Em pulverização:

Diluir PANECTO* na proporção indicada na tabela abaixo

Quantidade de água	Quantidade de Panecto*
5 litros	5 ml
10 litros	10 ml
15 litros	15 ml
100 litros	100 ml
500 litros	1/2 litro

- Usar pulverizador com boa pressão, dirigindo o jato em sentido contrário aos pêlos.
- Molhar bem todas as partes do animal, especialmente orelhas, entrepernas, virilhas e inserção da cauda.

Em banheiros:

Carga — Usar 1 litro de PANECTO* para cada 1.000 litros de água. Diluir partes iguais do produto e água em um balde, mexendo com uma vareta. Despejar ao longo do banheiro e agitar com mexedor adequado, até obter uma boa mistura.

Recarga — Ao repor água, misturar 1,5 litro de PANECTO* para cada 1.000 litros de água adicionada ao banheiro. Esta concentração mais forte é necessária para compensar a remoção de produto que ocorre com a passagem do gado pelo banheiro.

Frequência das recargas — Para manter a concentração do banho dentro dos limites de eficácia, é aconselhável fazer recargas frequentes, isto é, após um consumo aproximado de cada 1.000 litros de banho.

Reforço Seco — Se não for possível recarregar o banheiro com água e PANECTO* com a frequência necessária (por problemas no abastecimento de água), deve-se fazer o chamado "reforço seco", isto é, adicionar-se 1/2 litro de PANECTO* cada vez que o nível do banheiro baixar de 1.000 litros. Uma vez usado este sistema, ao repor água no banheiro, mistura-se PANECTO* na proporção normal de 1 : 1.000.

Observação: Agitar novamente o líquido com mexedores adequados, ao recommençar cada banho. Não retirar os pêlos que ficam no banheiro. PANECTO* não necessita conservadores.

Recomendações Gerais:

- Usar medidas cuidadosamente aferidas, para diluir o produto.
- Conservar o produto sempre na embalagem original.
- Manter o produto ou a mistura em lugar fresco, seco e ao abrigo da luz solar.
- Evitar o tratamento de animais doentes, especialmente bezerras.
- Manter o produto fora do alcance de crianças ou animais domésticos.
- Não usar a embalagem vazia.
- Não guardar ou aplicar junto a alimentos, bebidas, medicamentos, produtos de higiene ou domésticos.
- Não contaminar lagoas, rios ou outras águas com restos do produto ou lavagem do equipamento ou tambores. Este produto é tóxico para peixes.

ATENÇÃO:

- No caso do contato do produto com a pele, lavar imediatamente as partes atingidas com água e sabão.
- No caso de ingestão, provocar vômito, dando um copo de água morna com sal.

ANTÍDOTO:

Não tem. Efetuar tratamento sintomático. Chamar o médico.

FÓRMULA:

Cypothrin 15 g
Veículo q.s.p. 100ml

Panecto* CIPOTHRIN
CYANAMID
* Marca de
Indústria e Comércio **BLEMCO**

Cyanamid Química do Brasil Ltda — Divisão
Agropecuária — Av. Rio Branco, 311 — 7º andar
Rio de Janeiro — CEP 20040 — Tel. 297-4141



Outras culturas podem ser feitas obedecendo às recomendações gerais de adubação, como milho, algodão, amendoim, feijão, sorgo etc., desde que se tenha o cuidado de verificar a suficiência da fertilidade do solo, associada ao exame das colheitas anteriores. Uma rotação adequada de culturas permitirá, ainda, minimizar o problema representado pelo aumento de ervas daninhas e insetos, embora só uma pequena fração seja efetivamente nociva, e doenças, para manter mais baixas as despesas com defensivos.

A seqüência arroz, soja, milho, algodão, feijão, sorgo etc. favorece ainda uma estratégia de adubação mais econômica, pois se o milho, algodão e sorgo não dispõem uma adubação direta com fósforo solúvel, a semeadura de outras culturas tanto pode ser agilizada mediante uma adubação a lanço, quanto barateada pela utilização de fórmulas incluindo fósforo natural. A níveis de fertilidade mais elevados, esta adubação pode até ser omitida, sem prejuízo econômico para a produção. A resposta a esta questão não dispensa o engajamento do empresário, pois exige o estabelecimento de faixas correspondentes à largura da semeadura, em que o plantio seja feito sem adubo para comparação. Naturalmente, a simples diminuição de colheita não é suficiente. É preciso não deixar de computar o custo do adubo, nem a vantagem de um plantio bastante mais rápido e que, portanto, poderá ser feito em melhores condições de unidade do solo.

A manutenção de leguminosas na rotação, como a soja, é da maior importância, ainda que os preços internacionais deixem de ser tão estimulantes. É que as leguminosas favorecem tanto o aproveitamento de formas menos dispendiosas de fósforo quanto o balanço do nitrogênio do solo, nutriente que, além de mais caro, é também mais suscetível de perdas.

UMA ESTRATÉGIA

Se a exploração de um cerrado pode ser iniciada com qualquer cultura de valor econômico, por mais exigente que ela seja, uma exploração gradualista, a partir de culturas mais tolerantes e menos exigentes, é certamente recomendável. Este é o caso do arroz e deve ser também da mandioca, valorizada pela recente crise energética. Muito mais apropriado, entretanto, parece iniciar-se o aproveitamento dessas áreas pela produção pecuária.

A simples remoção de arbustos e algumas árvores pode favorecer, de imediato, as gramíneas e leguminosas nativas, embora não baste para transformar qualquer cerrado em pastagem natural. Adubadas com critério e manejadas racionalmente, não tardaria a superar a média verificada nas pastagens do país, que é de pouco

mais de 25 kg de carne/ha, podendo alcançar níveis de até 1.200 kg/ha, mesmo nos cerrados mais arenosos e rasos. Naturalmente, tanto as correções quanto as adubações terão de ser proporcionais, para permitir não somente maior produção, mas também forrageiras de melhor qualidade.

Uma produção de algodão exigirá, para compensar seus elevados custos fixos, desde um melhor preparo do solo, incluindo mais cuidados e completa remoção das raízes, até uma total eliminação do alumínio em camada de solo não inferior a 30 cm. Doses mais elevadas de calcário, para permitir uma melhor saturação das bases no complexo colóide, são igualmente importantes, assim como adubações mais elevadas de fósforo e potássio. Aplicações parceladas de nitrogênio, potássio e boro, uma vez que se trata de planta com pouca capacidade de extração, também devem ser consideradas para melhores resultados.

Uma boa colheita de algodão, entretanto, vai permitir um mais rápido retorno dos investimentos feitos. Sucessivamente poderá ser semeado milho, soja, arroz etc., sem adições maiores de adubos do que aquelas que se tem recomendado para solos de textura semelhante. A adubação poderá mesmo ser omitida naquelas duas culturas de maior capacidade de extração, a soja e o arroz, sem maiores riscos para a colheita final.

Depois de um ciclo com culturas, não é difícil estabelecer pastagem consorciada da melhor qualidade, com um dispendio mínimo. E que o solo deverá ter satisfatória saturação de bases, o que significa um favorável pH, além de uma razoável reserva de fósforo. Um pouco de superfosfato simples, misturado com a semente, favorece tanto o estabelecimento das leguminosas, ao se optar pela sua consolidação prévia, como da mistura de gramíneas e leguminosas. Uma aplicação regular de adubos deverá ser considerada, seja para manter a capacidade produtiva, seja para assegurar maior longevidade à pastagem. Uma regra que parece aplicável é a de reservar 10% da receita bruta, resultante da venda de animais, para esta aquisição de adubos. Desta forma, compensa-se tanto a remoção de elementos quanto as perdas naturais, por menores que sejam, em pastagens bem manejadas.

Mais seguro, porém, é começar a exploração com plantas mais tolerantes e menos exigentes, melhorando tanto as práticas quanto o solo, para permitir culturas sucessivamente mais rentáveis, normalmente mais exigentes em qualidade de solo e controle de pragas. É assim que uma fosfatagem não pode ser dispensada na primeira cultura de arroz, sobretudo em latossolos vermelho-amarrelos. A calc-

gem tanto pode ser integralmente aplicada antes da cultura de soja, como parcelada também no milho. A cultura de algodão exigirá exatamente uma resplacação de calcário, especialmente quanto se pretende prosseguir com explorações relativamente exigentes, como é o amendoim, o feijão e o sorgo.

O ciclo poderá repetir-se. Voltando às primeiras culturas e, embora as exigências de fósforo e calcário sejam menores, tais aplicações não deverão ser dispensadas. Pelos riscos associados com veranicos mais prolongados, o arroz poderá ser omitido, embora se acredite ser mais razoável minimizar tais riscos, parcelando os plantios, usando cultivares de diferentes ciclos e dispensando adubação de plantio. Naturalmente, não se pode ignorar o balanço das culturas exploradas, compensando com maiores adubações aquelas que mais respondem às aplicações diretas, como o milho e o algodão.

A correção com fósforo natural, ao início de cada ciclo, quando é menor o pH, pode ser aumentada progressivamente. Baste prestar atenção ao teor de fósforo do solo, facilmente confirmado pela análise química da terra. Assim, se o mais freqüente é encontrar amostras com teores de fósforo variando entre 1 a 3 ppm, um nível de 6 a 9 deverá ser perseguido quando se mantém a rotação mais simples de arroz, soja e milho. Algodão, feijão etc. poderão desenvolver-se melhor com níveis entre 12 a 18 ppm, havendo quem já tenha sugerido um nível de 24 a 36, quando a rotação incluir a cana-de-açúcar, como ocorre com freqüência nos cerrados paulistas.

Naturalmente, o índice de colheita será o mais seguro e confiável indicador da suficiência da correção fosfatada, assim compreendidas as aplicações de fósforo natural no início de cada ciclo ou rotação. A adubação ficará tanto mais barata quanto menor for a aplicação de fósforo solúvel no plantio, sem prejuízo para a colheita final. A análise química das folhas, coletadas nas várias culturas, confirmará a exequibilidade dessa prática.

Computando a retirada de fósforo das culturas mais exploradas no país, verifica-se que, nos 42 milhões de hectares cultivados em 1975, as aplicações de fósforo já representavam quase o dobro da quantidade exportada nas safras. Embora não se ignore representar a aplicação de fósforo muito menor do que seria recomendável, tal fato não pode deixar de sugerir a possibilidade de reduzir as importações de fosfatos solúveis. Pelo contrário, adições de nitrogênio e potássio continuam muito aquém daquelas já então exportadas nas colheitas, confirmando o geral e acentuado empobrecimento dos solos cultivados no país.

O pasto no cerrado



Os cerrados são uma opção valiosa para a produção de carne, que merece ser incentivada.

Se a produção agrícola em solos de cerrado não apresenta maiores problemas, tanto nos solos argilosos quanto naqueles de textura franca, ela não deixa de ser mais difícil nos solos arenosos. Isto em condições normais, pois não faltarão situações onde a irrigação suplementar elimine as dificuldades maiores com resultados economicamente justificáveis.

Muitas pastagens têm sido formadas em terras de campo e cerrado, depois de um ou mais anos de agricultura. Tal fato se deve mais a razões de ordem econômica do que a motivos agronômicos. Com efeito, os custos de implantação de uma pastagem são, normalmente, mais baixos do que os da mais econômica das culturas do cerrado, que é o arroz. Ademais, tanto as recomendações quanto as épocas de execução das várias operações são muito menos críticas na formação de pastagens do que na implantação de culturas, podendo aquelas ser facilmente ajustadas às peculiaridades locais.

Isto não se aplica somente ao caso de

pastagens nativas, que poderão ser melhoradas sem mais profundas alterações na cobertura do solo, mas também a pastagens cultivadas, muito mais produtivas. Se, naquelas, a operação se limita a uma roçada, adubação a lanço ou simples introdução de forrageiras mais palatáveis, as pastagens artificiais deverão exigir várias mobilizações, a fim de garantir substituição total da vegetação nativa. No entanto, tomando um mínimo de cuidados, tanto a aração quanto as gradeações poderão ser feitas ao longo do ano, permitindo um melhor aproveitamento das máquinas e implementos disponíveis.

O mesmo se pode dizer da fosfatagem, preferencialmente feita antes da aração, para proporcionar mais íntima mistura com os resíduos orgânicos que irão levar a uma mais rápida mineralização e melhor aproveitamento das formas menos solúveis daqueles fosfatos. Também a calagem deve ser imediatamente seguida de uma mobilização do solo, ainda que rasa, para maior rapidez nos resultados. Se o período propício à semeadura é mais limitado, ainda assim pode estender-se por

todo o tempo das chuvas. Melhores resultados são conseguidos quando ela é feita no início da época das águas, embora alguns prefiram fazê-la um pouco antes do final, para evitar os períodos sujeitos a mais intensas e prolongadas precipitações.

Naturalmente a qualidade das pastagens pretendidas determinará as forrageiras que deverão ser estabelecidas e, logicamente, os níveis de fosfatagem e calagem a aplicar. Para facilitar a decisão do fazendeiro, pode-se considerar três categorias de fertilidade suficientes para englobar as pastagens mais conhecidas e frequentes, e que atenderão as exigências das culturas de arroz e soja, milho e algodão, as mais comuns no meio.

Ainda que se reconheçam diferenças devido a variações anuais de clima e peculiaridades locais do solo, com implicações importantes, porém impossíveis de antecipar, o principal elemento determinante é, certamente, o nível de fertilidade alcançado por aquelas correções nas culturas que antecederam o estabeleci-

mento da pastagem. Especialmente importante é o nível de fosfato disponível e o índice de saturação de bases verificado, revelado pelo pH, naturalmente correlacionados com as quantidades de fosfato natural e calcário aplicados previamente. Para melhores resultados, qualquer desses corretivos deve ser fracionado, pois só assim se garante uma boa distribuição. O fosfato natural deve, ainda, ser incorporado com o máximo de resíduos orgânicos, para uma mais rápida mineralização e solubilização daqueles fosfatos.

Atendidos os níveis de fertilidade, o capim gordura e as braquiárias constituem uma boa opção para o nível mais baixo de fertilidade. De forma alguma o colômbio poderá ser estabelecido sem os cuidados exigidos, por exemplo, por uma razoável colheita de algodão, sob pena de vir a apresentar uma vida útil muito pequena. Jaraguá, setárias etc. poderão ser estabelecidos em situações intermediárias. Várias leguminosas são recomendadas para cada situação, na certeza de que as mais bem adaptadas dominarão o pasto. Glebas relativamente grandes apresentam uma grande variação de fertilidade natural, agravada pelas condições climáticas que raramente se repetem. Entretanto, devem ser desconsideradas as sojas perenes em pastagens de fertilidade mais baixa, sendo desnecessário incluir stylos em terras corrigidas para comportar pastagens de colômbio.

UMA ESTRATÉGIA

Se as gramíneas nativas do cerrado são de má qualidade, adaptadas a baixos níveis de fósforo nativo e de acidez elevada, é muito freqüente encontrar nos campos e cerrados leguminosas nativas muito apreciadas em regiões tropicais menos favorecidas, como a Austrália. *Desmodium*, *Zornia*, *Stylosanthes* etc. são alguns dos gêneros mais encontrados, representados por uma ampla gama de espécies e cultivares, muitos dos quais já se encontram catalogados.

O fogo continua sendo, malgrado a disseminação da roçadeira, a opção mais generalizada de limpeza desses pastos. Se, por um lado, contribui para antecipar a brotação do pasto, ao final da seca, de outro não pode deixar de acarretar alta mortalidade para as leguminosas recém-estabelecidas, a partir da natural queda de sementes. A redução da produção forrageira, refletindo a natural diminuição das chuvas, por sua vez já favoreceu uma maior procura das leguminosas, plantas cujos níveis de proteína se mantêm elevados mesmo nos meses mais secos, ao contrário do que ocorre com os das gramíneas, que caem violentamente. O problema seria menos grave não fosse a coincidência com a natural produção de flores e sementes exigidas pela perpetuação dessas plantas.

Reconhecendo como os solos de cerrados são pobres em fósforo, certamente a deficiência mais generalizada e acentua-



O Transceptor TT/109 da INTRACO

é como um touro de raça pura: custa mais caro do que um mestiço qualquer. Na construção do TT/109 não entra uma válvula sequer, ele é totalmente transistorizado. Com isso, o proprietário de um TT/109 tem garantia absoluta de uma reprodução perfeita da sua palavra; a certeza de que não terá problemas de panes e defeitos, porque a tecnologia do TT/109 é como a genética de um animal de raça. Também como num animal de raça pura, o TT/109 merece todos os cuidados e atenções. É para isso que a INTRACO mantém a mais extensa e eficiente rede de postos de vendas e assistência técnica do Brasil. Você já concluiu que para a INTRACO a venda de um TT/109 é como um negócio com um animal de raça: quem vende garante a qualidade, quem compra, recebe o melhor.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA E VENDAS

- | | | |
|---|---|--|
| <p>BELEM-PA - FONE: 0812 222-8810
 TRAV. BENJAMIN CONSTANT, 1344 - TERREO
 BELD HORIZONTE-MG - FONE: 0211 333 1891
 RUA LINDBERG, 05 - B. NOVA SIKSISA
 BRASILIA-DF - FONES: 0611 244-6757 - 244-8813
 SCLIS D. 407 - BL. 7º - LDBA 34
 CAMPO GRANDE-MS - FONE: 0673 385-5402
 RUA 15 DE NOVEMBRO, 718 - CENTRO
 CANIACICA-ES - FONES: 0271 226-2317/0207
 RUA SERGIO CARDOZO, 89 - BR-262 KM-04
 CUIABA-MT - FONES: 0669 321-6346 - 321-2575
 RUA JOAQUIM MURTINHO, 1236
 FORTALEZA-CE - FONE: 0855 224-0852
 RUA OSWALDO CRUZ, 1772 - ALDEOTA CENTRO
 GOIÂNIA-GO - FONE: 0621 261-3095
 AV. CAIAPO, 816 SETOR STA. GENOVEVA
 MACAPÁ-AP - FONE: 0863 3480
 AV. RAMUNDO ALVARES DA COSTA, 1087
 MACEIÓ-AL - FONE: 0863 223-9818
 TRUA SA ALBUQUERQUE, 478
 MANAUS-AM - FONE: 0323 234 1288
 AV. GETULIO VARGAS, 923 1º AND 501
 NATAL-RN - FONE: 036 222-0582
 RUA JUNDIAL, 719</p> | <p>PARANÁ: CAPITAL E INTERIOR
 CURITIBA-PR - FONES: 0412 53 1414 - 52 9877
 RUA ALBERTO FOLLINI, 208
 CASCAVEL-PR - FONE: 0432 23 2122
 AV. BRASIL, 2348
 PORTO ALEGRE-RS - FONE: 47 6822
 AV. BARRA, 343
 PORTO VELHO-RO
 AV. PINHEIRO MACHADO, 700
 RECIFE-PE - FONE: 0810 224-9481
 RUA VISARÓ TENÓRIO, 43 - CENTRO
 SALVADOR-BA - FONE: 0711 264 9476
 RUA COMENDADOR PEREIRA DA SILVA, 24 - BROTAS
 SÃO PAULO: INTERIOR
 BRACERVA-SP
 RUA MESSIAS FERREIRA DA PALMA, 203
 PRESIDENTE EPITÁCIO-SP - FONE: 87 1086
 RUA FORTALEZA, 904</p> | <p>S. JOSÉ DO RIO PRETO-SP - FONE: 0370 27 3487
 RUA CEL. SPÍNOLA, 2388 - CENTRO
 RIBÉIRÃO PRETO-SP
 RUA JOÃO RAMALHO, 1008
 SÃO LUÍZ-MA - FONE: 3388 222 2887
 AV. ALEXANDRE DE MOURA, 418
 TERESINA-PI - FONE: 0880 222 4347
 RUA SÉRGIO CALDAS, 57 A
 EXTERIOR
 ASUNCIÓN PARAGUAY - FONE: 62 242
 RCA ARGENTINA, 838
 BOGOTÁ-COLOMBIA - FONES: 266 7960 - 265 7582
 CALLE 59 Nº 15-90
 OFICINA 302
 LA PAZ-BOLÍVIA - FONES: 4 7500 - 4 2003
 CALLE REYES 912, 73
 SANTIAGO-CHILE - FONE: 777 164
 CORONEL 1386 - SANTIAGO NORTE</p> |
|---|---|--|



Telecomunicações INTRACO
 Indústria e Comércio Ltda.
 Rua Costa Aguiar, 1279 - Tel.: 274.7022
 CEP 04204 - São Paulo - SP
 Telex (011) 33062 - TIIC - BR

da, nada mais natural do que esperar uma significativa melhoria com a aplicação de fosfatos. Fosfato natural supondo cálcio, além de fósforo e superfosfato simples adicionando, além de uma forma mais solúvel de fósforo, cálcio e enxofre, são as alternativas naturais que deverão ser adotadas.

Misturas de fosfato natural com enxofre, granuladas para melhor distribuição, vêm sendo experimentadas com excelentes resultados na Austrália tropical. Tudo indica que resultados ainda mais favoráveis sejam obtidos nas regiões de cerrado, mais bem providas de água. Este material, conhecido como "Bio-super", ainda poderia ser enriquecido com zinco e molibdênio para melhores resultados, sem excessivo encarecimento. O cobalto, dispensado pelas plantas, mas exigido pelos animais, poderia igualmente ser considerado.

Os fosfatos naturais, ainda que reconhecendo suas diferenças de reatividade, geralmente associadas à origem e formação, agem melhor quando distribuídos a longo, sendo tanto mais rápida e totalmente mobilizados quanto mais ácidas forem as condições do solo e maiores as incorporações de resíduos orgânicos. Estas condições são, naturalmente, encontradas nos cerrados. A experimentação deve prosseguir, procurando formas mais eficientes de aproveitar estes fosfatos ou de reduzir seus custos de aplicação. De forma alguma, entretanto, a falta de dados locais pode continuar sendo usada como excusa para um uso mais intenso e generalizado desses fosfatos nas áreas do Brasil Central, sob pena de se perderem as condições mais favoráveis ao seu aproveitamento, reconhecido como se generaliza a aplicação de calcário nessas terras naturalmente ácidas.

Estudos feitos em outras regiões, não tão bem dotadas, sugerem que, a médio prazo, cada quilo de fósforo aplicado numa pastagem natural suficientemente provida de leguminosas e razoavelmente manejada, pode resultar em aumentos de até 3 kg de carne e, o que é mais importante, 4 a 6 kg de nitrogênio da melhor qualidade. Esta relação parece suficientemente vantajosa para dispensar cálculos mais complexos ou exigir experimentos mais demorados.

Manejando racionalmente animais, não será necessário mais que uma roçada anual dos pastos, operação que poderá ser associada à adubação de restituição. Outros investimentos de melhoria de agnadas, repasseamento de córregos e construção de cercas serão daqueles conhecidos neste tipo de empreendimento.

Um pasto destes deverá ser usado, preferencialmente, nos meses de verão, quando é produzida mais de 80% da forragem. É que, limitando-se o pastoreio aos meses mais secos, se estará favorecendo a ressemeadura das leguminosas nativas, objetivo primeiro e principal desta forragem. Isto será particularmente importante nos primeiros anos após a correção, não devendo representar problema maior quando se dispõe de pastagens de me-



As queimadas ainda são o recurso habitual, apesar dos danos que causa ao solo.

lhor quantidade e de suplementos forrageiros.

Uma pastagem nativa de cerrado poderá ter sua produtividade aumentada de 10 para mais de 100 kg/ha de carne num período que não deverá exceder 2 a 3 anos, em condições relativamente vantajosas e seguras. Justifica-se, pois, um investimento em fosfato igual ao diferencial de produtividade médio dos dois tipos de pastagem, natural e melhorada. A diferença aqui estimada em 90 kg/ha de carne vale, hoje, cerca de Cr\$ 5.400,00, quantia suficiente para adquirir a quantidade requerida de fosfato natural. Embora se trate de subproduto, é importante não esquecer de contabilizar a maior valia da terra associada com níveis mais elevados de matéria orgânica e valores maiores de fertilidade do solo. Adubações de manutenção não deverão ser dispensadas, podendo a reposição corresponder a pouco mais de 10% do valor da carne produzida anualmente. Aos preços e níveis acima mencionados, isto representará uma disponibilidade anual de Cr\$ 600,00, que poderá ser acumulada para reaplicação a cada dois (Cr\$ 1.200,00) ou três anos.

Com o decorrer do tempo, o acúmulo de matéria orgânica tende a diminuir, a não ser que se introduzam gramíneas com maior potencial de produção e maior palatabilidade. Entre as forrageiras mais produtivas e tolerantes ao alumínio e à acidez natural, não se pode deixar de destacar as gramíneas do gênero braquiária (humidicola, ruzisense e decumbens). Qualquer uma delas poderá ser introduzida sem maior mobilização da pastagem melhorada, usando uma simples semeadeira-adubadeira, adaptada ao cultivo mínimo. Mobilizando tão-somente estreitas faixas de 15-25 cm, espaçadas cada 1 a 1,50 m, mantém-se a população original de leguminosas nativas, plantas mais valiosas, de sementes dispendiosas e estabelecimento mais difícil. Adubando-se

com fosfato solúvel, as gramíneas não demoram a estabelecer-se e dominar pela sua maior agressividade.

Uma reaplicação prévia de fosfato natural, incorporado por um escarificador, ou associada a uma sob-solagem, deve apresentar bom retorno econômico. Pela razão já exposta, parece igualmente justificável investir o equivalente à maior valia de produtividade média de carne (ou bovinos vendidos). Espera-se que esta possa continuar subindo, agora de 100 kg/ha para 250 kg/ha, representando um valor de Cr\$ 9.000,00, suficiente para cobrir os investimentos com fosfatos e sementes. Aplicações de calcário, alterando-se com adubações de manutenção, deverão ser consideradas, pois não é possível deixar de repor aquelas bases imobilizadas na fração orgânica.

Computada agora uma produtividade média de 250 kg/ha de carne, permitirá investir, anualmente, Cr\$ 1.500,00 por hectare, quantia suficiente para enxofre, potássio e os micronutrientes necessários à boa manutenção da pastagem melhorada. Aplicações mais pesadas de calcário deverão ser feitas sempre que os solos apresentarem teores mais elevados de alumínio ou disponibilidade mais baixa de bases, cálcio e magnésio.

Esta produção não será alcançada de imediato, mas, satisfeitos os requisitos básicos de fósforo, ficará mais fácil detectar outras deficiências, facilmente corrigidas. Tanto a análise combinada de solo e forragem quanto a verificação da resposta à aplicação de elemento limitante, embora mais demorada e complexa, são técnicas ao alcance do empresário bem assessorado.

Um manejo adequado do rebanho é essencial para que os animais não percam nos meses mais secos, os ganhos de peso conseguidos nos meses chuvosos. Regime que vale para qualquer pastagem e não apenas a estabelecida nos cerrados, poisinal.

PRODUTOR!

Hoje, a qualidade de seu leite tem preço, e a garantia está no resfriador

ALFA-LAVAL

Tanques Resfriadores de Leite desde 150 até 5000 litros

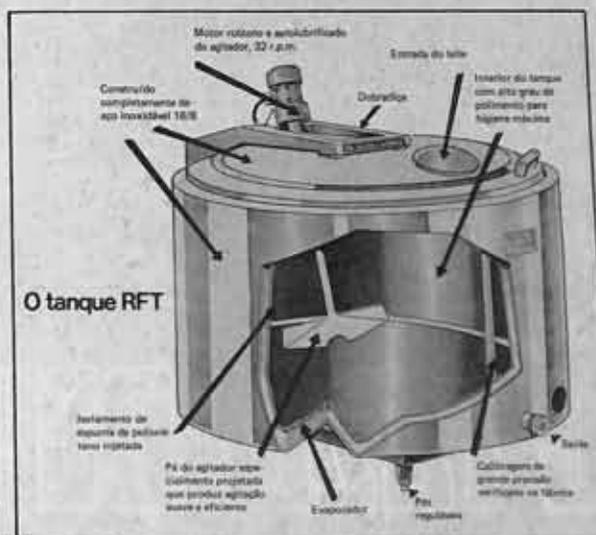
Os tanques são projetados para atender às mais rigorosas normas internacionais para coleta diária e em dias alternados.

Os tanques são fabricados em 8 tamanhos, o que significa que há um tamanho para cada tipo de aplicação. A pequena altura de sua borda superior facilita o acesso na sala de leite, o enchimento e a limpeza.

O projeto e construção em aço inoxidável esclarecem a razão de seu alto valor no mercado de segunda mão.

A superfície de aço inoxidável 18/8 polido garante limpeza fácil e higiene ótima.

O equipamento de resfriamento montado na fábrica garante um funcionamento prolongado sem avarias e com um mínimo de custos na instalação e manutenção.

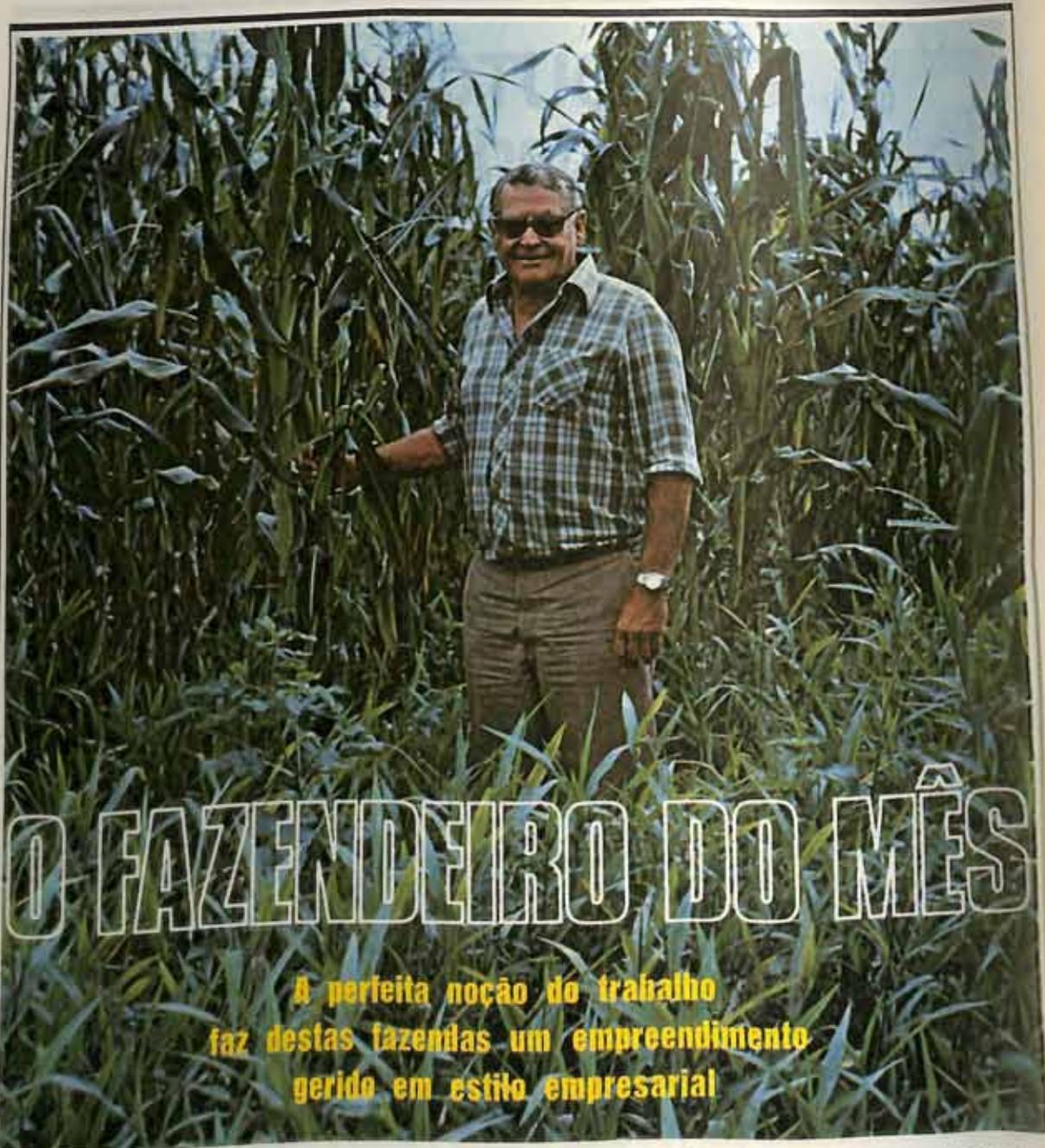


ALFA-LAVAL

ALFA-LAVAL EQUIPAMENTOS LTDA.

Fábrica e escritório:

Av. das Nações Unidas, 14.261 - Chác. Sto. Antonio - Caixa Postal 2.952 - São Paulo, SP - CEP 01000 - Fone: (011) 548-1311 - Telex 1121610 SALA BR - End. Teleg. "ALFALAVAL" SÃO PAULO - CGC (MF) 56.990.245/0001-68 - Inscrição Estadual 104.206.519



O FAZENDEIRO DO MÊS

**A perfeita noção do trabalho
faz destas fazendas um empreendimento
gerido em estilo empresarial**

Ele perdeu o sotaque carioca há muito tempo, e há gente do lugar que até pensa que o fazendeiro sempre foi dali. Tudo porque Renato Rocha Miranda Filho, o dono das Fazendas Santa Albertina, de Buri, e Cruzeiro do Sul, de Parapanema, ambas no Sul do Estado de São Paulo, paga para não sair de suas terras, vive nas proprieda-

des e põe nelas todo o seu interesse e empenho. Tem sido assim desde os vinte anos de idade, quando ele decidiu abandonar o curso recém-iniciado na Escola Superior de Agronomia de Viçosa, MG, para viver no campo e dele fazer a sua atividade.

Hoje, solteirão inveterado e na casa dos 60, Renato não se arre-

pende nem um pouco de sua decisão de moço, mesmo sabendo, como diz, que "a posse da terra implica em mais deveres que direitos". Os seus, ele cumpre com raro senso de responsabilidade, após haver transformado imensas áreas de campos de Itapetininga em terras produtivas, onde bovinos, eqüinos e cereais promovem a riqueza, e o reflo-

restamento torna úteis áreas contra-indicadas para exploração mais intensa.

A DECISÃO

Muito ligado a um nome de prestígio na seleção de Nelore, o tio Oswaldo Rocha Miranda (que muita gente só conheceu por "major" Dídico) e aprendendo também com o pai, Renato, a gostar de gado, Renato decidiu-se pela vida rural, aos vinte anos de idade. Deixou o Rio e suas praias, vendeu suas ações nos negócios da família (casa bancária, companhia predial, Hotel Glória etc.) e dispôs-se, em sociedade com o pai e o tio, a aplicar os recursos exclusivamente na agropecuária. A eleição do Sul do Estado foi uma decisão conjunta com o pai e o tio, nos anos 30. Mas, a partir de 1960, é o dono exclusivo dos 4.598 hectares da Santa Albertina e dos 3.320 da Cruzeiro do Sul. Em ambas, funciona o mesmo esquema de atividades, as lavouras, a criação e o reflorestamento repartindo os riscos e gerando as receitas. Para os que se assustam com seu modo de pensar, retruca com tranquilidade, mas com segurança: "quem come tem o dever de prestigiar a quem planta".

Desde o início de sua "aventura", Renato participou — e hoje lembra com orgulho — de um fato histórico para a criação paulista: foi sua família (e ele próprio também) quem trouxe os primeiros exemplares de Nelore para o Estado. E — afirma convicto — eram animais da melhor estirpe, adquiridos da seleção de Pedro Nunes, pioneiro da raça no Brasil, que formaram o plantel inicial da Fazenda Indiana, que Durval Garcia de Menezes repartia com o "velho" Renato Rocha Miranda.

A CRIAÇÃO

O filho não abandonou o esforço do pai e do tio, antes o completou e ainda acrescenta. Por isso, Renato consegue manter, hoje, em suas fazendas quase que um banco genético especial da raça Nelore, afastan-



Seja no rebanho de alta mestiçagem, seja no puro, as fêmeas têm papel bem definido a desempenhar, pois são consideradas como unidades de produção de uma empresa.



Vaca que não produz bezerra é vendida, e touros têm de provar sua capacidade de transmitir qualidade.

do-se dos reprodutores tradicionais. E acha que, apesar de testados, esses animais fatalmente encaminham os meios criatórios para um problema de consangüinidade — o que não deseja para o seu plantel.

Daí manter um rebanho de 400 matrizes PO exclusivamente para a produção de touros. E os testa em outro grupo de 600 matrizes de alta mestiçagem, buscando obter a comprovação do potencial genético dos reprodutores que se dispõe a colocar à venda. É esse um gado de mui-

ta qualificação, submetido a excelente manejo e, principalmente, que não tem de enfrentar problemas em matéria de alimentação.

No manejo, as fazendas já reduziram o período de monta, de 4 para 3 anos, iniciando-o em 21 de agosto e encerrando a 20 de novembro de cada ano, com o duplo benefício de facilitar o trabalho com os animais e obter economia na divisão e uso dos poteiros. Ao final, Renato tem a recompensa: no ano passado, o índice de fecundidade foi da ordem

de 86%, que o fazendeiro considera excepcional, esmerando-se em mantê-lo.

Todas as atividades das fazendas são desenvolvidas como em uma empresa comercial. E no gado, o pormenor revelador é o toque que se efetua nas vacas de todo o rebanho, 60 dias após a retirada dos touros. As que estiverem vazias, independentemente de suas características zootécnicas, mas desde que em boas condições sanitárias, são imediatamente vendidas. Renato explica que, com isso, pode desde logo projetar sua safra de bezerros no ano seguinte e ressarcir a fazenda do "prejuízo" pelo bezerro que a vaca não lhe daria. Com o resultado da venda da vaca, é comprada uma novilha, que deve entrar em produção na próxima estação de monta. A meta é sempre conseguir, na diferença de preço entre a venda da vaca e a compra da novilha, o valor do bezerro que não se teve.

Esse é apenas um exemplo da dinâmica observada nas duas fazendas, onde tudo é desenvolvido como numa organização industrial. Tanto a Santa Albertina quanto a Cruzeiro do Sul são divididas em unidades (há 5 delas na Santa Albertina, por exemplo), cada qual com seu orçamento próprio, definido ao início de cada ano agrícola, e tendo fixadas as metas e objetivos financeiros a atingir. Contando cada unidade com lavouras e criação, sua administração se esmera em tornar cada área independente, financeiramente, "comerciante" com as demais (comprando e vendendo gado, por exemplo), de modo a chegar ao final do exercício com o lucro previsto.

É claro que, no tocante à criação, além da qualidade do gado e assistência veterinária permanente, apesar do número de animais, cuida-se com especial empenho das pastagens. E nisso Renato tem idéias próprias: "fazendeiro que só tem um pasto corre o risco do automóvel que não tem estepe", costuma dizer. Daí as áreas de pastoreio incluem finger grass, napier, jeraguá, braquiárias, pangola e leguminosas solteiras e consorciadas, cada

implantação tendo sido feita após análise do solo, correção de sua acidez e verificação de sua conveniência em relação à topografia.

Todas as unidades das fazendas têm pastos com as diversas gramíneas e leguminosas, e Renato, fiel aos conceitos que norteiam sua vida de fazendeiro, costuma mostrá-los, com sua exuberância, e dizer com certa ironia: "nunca um fazendeiro perdeu dinheiro porque tem comida demais..." Como garantia, porém, ainda há reservas de forragens para o período de seca: em todas as parcelas, há áreas verdes, que usam milho para a feitura de silagem e que são depois, no inverno, plantadas com aveia forrageira. E, além disso, faz-se algum feno de gramíneas consorciadas com leguminosas, embora o equipamento utilizado, por enquanto, dê pouco rendimento e deva ser substituído, em futuro próximo, por outro de maior capacidade.

Todo esse cuidado, segundo o fazendeiro, é necessário, pois a região é sujeita a geadas e o plantel das fazendas merece as exigências. E, ao que parece, retribui adequadamente, pois a venda de animais, concentrada através de leilão realizado na própria fazenda (este ano, será a 7 de maio), tem compensado. Na pior das hipóteses, diz Renato, ao menos facilita as atividades da administração, ao permitir que se liberem os pastos da safra anual de bezerros, em torno de 750 a 800 cabeças.

Para Renato, o conceito de terra fraca e bafo do sertão são coisa do

passado. "O bafo do sertão pode ser substituído pelo bafo do trabalho", diz sem afetação, e "a técnica aplicada, determinando o uso adequado da calagem e da rotação das culturas com leguminosas, vai produzindo sempre terras virgens". A receita vale para ambas as fazendas de Renato, que planta anualmente, só na Santa Albertina, 484 hectares de soja, 363 de milho e 193 de feijão, dentro de um programa agrícola renovado a cada ano, mas sempre contemplando as três culturas.

No começo, eram apenas o arroz e o milho que faziam as explorações agrícolas dos Rocha Miranda. E o tio Oswaldo já primava então, como o sobrinho hoje, pela atenção que dava às lavouras: sempre havia na fazenda ensaios e experimentos desenvolvidos sob orientação direta de Glauco Pinto Viegas, do Instituto Agrônomo de Campinas, muito amigo do "maior" Didico. Agora, é sempre a soja que abre caminho para os demais plantios, até que o pasto seja implantado. A leguminosa permite, como diz Renato, que, "em alguns anos, vamos fabricando uma recuperação em matéria orgânica que a natureza leva centenas de anos para produzir". A maior parte das colheitas de cereais se destina à produção de sementes para a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

REFLORESTAMENTO

Em meados de 1971, Renato também dirigiu suas atenções para o



No Crioulo ou no QM, a paixão por cavalos não impede que o negócio é quem dite as regras: o haras produz qualidade e as opções.



Aqui não falta entendimento entre o fazendeiro e o seu "ministro de planejamento"; por isso a soja pode responder ao bom trato que recebe de todos e gerar a boa semente.



reflorestamento. E, com isso, resolveu dois problemas de suas propriedades: passou a dar utilização a terras não indicadas para a agricultura, formando, com a floresta implantada uma verdadeira cortina de proteção contra os ventos frios dos "campos de Itapetininga", bem conhecidos dos fazendeiros da região, e, ao mesmo tempo, solucionou dificuldades momentâneas de recursos financeiros.

A Santa Albertina tem 1.210 hectares plantados com eucalipto salina, a mesma área que também a Cruzeiro do Sul possui, em Parapanema. O maciço foi implantado em parceria com a Cruzeiro do Sul Reflorestadora, constituída com terceiros, independentemente de incentivos fiscais. Mas Renato possui em suas terras, e com esforço próprio, 1.800.000 eucaliptos, ocupando cerca de 900 hectares.

CAVALOS

O fazendeiro não revela suas preferências, nem confessa paixão pelos eqüinos que cria. Quem o conhece, porém, sabe da atenção que dedica aos seus dois haras: o Lagoa do Sino, com cavalos Crioulos, na Santa Albertina, e o Cruzeiro do Sul, na fazenda desse nome, com Quarto-de-Milha. "Faço o cavalo de lida, você escolhe", diz Renato, com expressão marota e bem peculiar à região, confessando-se orgulhoso da qualidade obtida nos dois plantéis.

Ambas as criações foram iniciadas há cinco anos, desde logo para atender as necessidades das fazendas, mas já objetivando o mercado de reprodutores. No Quarto-de-Milha, o plantel inclui 2 garanhões e 20 éguas, procedentes do King Ranch; nos Crioulos, o número, por

enquanto, é menor: há um garanhão, oriundo do Rio Grande do Sul e 9 éguas, das quais 6 mestiças (sangue inglês) e 3 puras. Na criação, apuram-se os animais para o trabalho, sempre, e o fazendeiro enfatiza que não tem como fazer distinção entre as duas raças, repetindo sempre o "slogan" que a escolha cabe ao comprador.

VOCAÇÃO

Renato admite que é, por vocação, um homem do campo. E sabe que vem obtendo sucesso em sua atividade. Entretanto, faz questão de salientar que não lhe seria possível levar avante a empreitada, se não contasse com "um verdadeiro ministro de planejamento". E esse é o fazendeiro e engenheiro agrônomo João Antônio Salgado Neto, o responsável imediato pelos estudos e execução de todos os planos em desenvolvimento na Santa Albertina e na Cruzeiro do Sul.

João Antônio está com Renato desde 1970 e a relação entre os dois não é simplesmente comercial: ambos partilham as mesmas preocupações, pensam na mesma direção e buscam os mesmos resultados. Tratam-se, pois, como amigos e companheiros, e nesse entendimento parece estar boa dose dos êxitos alcançados.

Bom entendimento, por sinal, é o que não falta nas propriedades de Renato: o pessoal de trabalho age como se dependesse exclusivamente de sua ação o sucesso do fazendeiro. A maior parte nasceu ali mesmo. Alguns vieram, órfãos de pai e mãe, para encontrar ali sua nova casa — um trabalho pioneiro que o tio Oswaldo iniciou e Renato ainda prossegue, em novos moldes, sem alarde e muita bondade. Por isso, vive-se calma, em meio ao trabalho na Santa Albertina e na Cruzeiro do Sul, por vezes ficando difícil distinguir quem é o peão e quem é o proprietário. O sotaque é igual, o jeito de vestir também, e até as porteiras são abertas pelo patrão quando é o peão quem vem a cavalo. Um gesto simples, mas revelador do fazendeiro que é Renato. ●



Timista

INFORMA A AQUISIÇÃO NA
SALE OF STARS CANADÁ 1980

DESTE EXTRAORDINÁRIO REPRODUTOR



Maggie Murphy

HILLTOP HANOVER - C MARQUIS - ET - Nascido em 13/07/1979 - Foto aos doze meses
Filho do pilar mestre da pecuária canadense: Romandale Reflection Marquis - EX-ST
710 filhas produziram aos 2 anos, 305 dias 2x em média 5.427 kg de leite com 3,71%
947 filhas classificadas aos 2 anos com 79% acima dos 80 pontos

PONTUAÇÃO FINAL	APARÊNCIA GERAL	CAPACIDADE LEITEIRA	GARUPA	SISTEMA MAMÁRIO	ÚBERE ANTERIOR	ÚBERE POSTERIOR	TAMANHO	CAPACIDADE CORPORAL	PERNAS PÉS
+ 22	+ 22	+ 9	+ 21	+ 21	+ 21	+ 22	+ 26	+ 19	+ 16

57 filhas Excelentes 225 VG.
35 filhos Excelentes e 122 VG.
3 filhas em Lista de Honra
3 filhos Classe-Extra

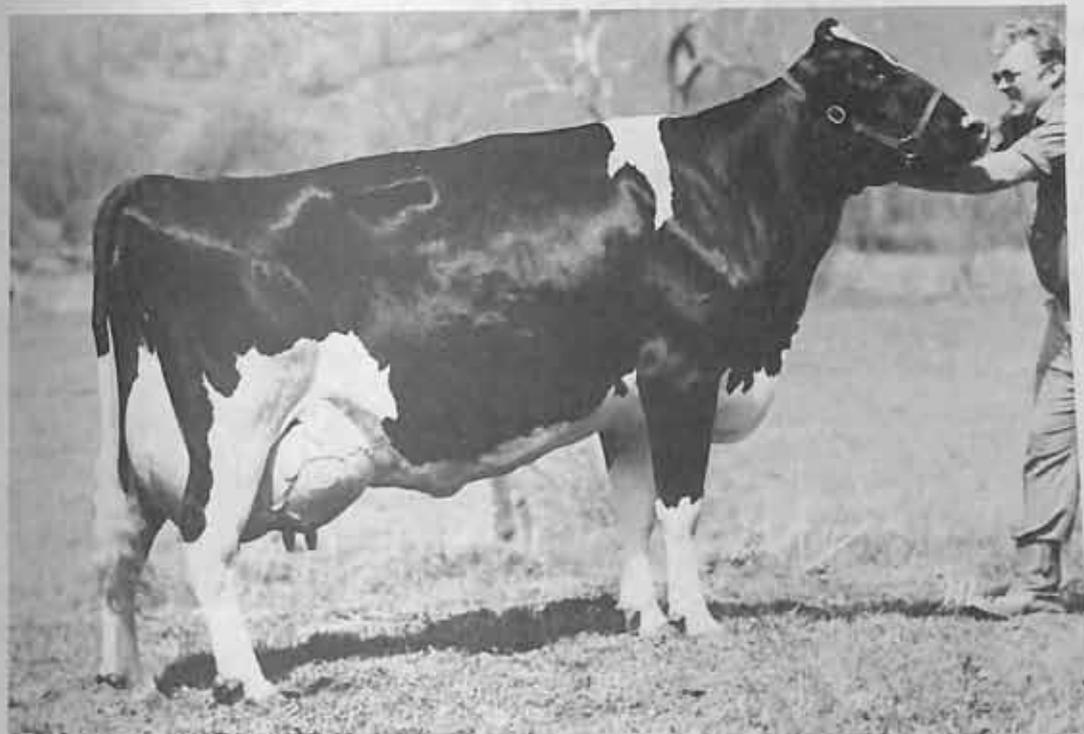
23 filhas All Canadian 14 Res. All Canadian
21 filhos All American 8 Res. All American
388 filhas com produção somada acima de 45.000 quilos
Pai da Progênie All Canadian 1968/69/70/72



Timista



SUA MÃE A GRANDE E SENSACIONAL "ANTA"



CEDARLYN AUDETS ANTA EX-USA.

2 anos 3x 340 dias	8.237 kg leite	- 3,7%
3 anos 3x 365 dias	9.894 kg leite	- 4,0%
4 anos 3x 361 dias	13.842 kg leite	- 3,6%
6 anos 3x 365 dias	19.029 kg leite	- 4,6%
7 anos 3x 365 dias	12.724 kg leite	- 4,6%
9 anos 3x 260 dias	9.726 kg leite	- 4,7% (incompleto)

Anta atualmente tem dezesseis filhos: 2 no Japão, dois na França, três estão a serviço na inseminação artificial em Wisconsin e cinco em Ohio. No Canadá tem um filho na United Breeders e um em Quebec. Um filho foi vendido recentemente para o Brasil e outro estará presente na venda da própria Hilltop Hanover. Portanto, sem dúvida, esta vaca causará tremendo impacto no mundo da criação do Gado Holandês através de seus filhos.

(Extraído do Holstein Friesian Journal - Agosto/80.)



Timista Importação, Exportação e Representações Ltda.

Al. Joaquim Eugênio de Lima, 696 - 6.º - Cj. 62 - Fones: 284-3549 - 288-9205 - São Paulo - SP

PLÍNIO FERRAZ

Um pioneiro do Nelore no Brasil

ALBERTO ALVES SANTIAGO



Plínio Ferraz (de terno branco) tinha gado admirado até mesmo por indianos, como o embaixador desse país, na época, que aparece nas duas fotos.

Visitantes da Exposição Nacional de Animais, realizada na Argentina em 1980, surpreenderam-se com o aparecimento de gado Nelore de origem brasileira, em um recinto que, durante muitas décadas, constituiu um verdadeiro santuário das raças bovinas européias aperfeiçoadas e motivo de orgulho do povo platino. Era o epílogo de uma longa história, iniciada na região de Bauru, SP, por volta de 1940. Como se sabe, a pecuária argentina teve começo ainda no distante período colonial, com animais trazidos da Península Ibérica, mas cresceu e progrediu com base em importações maciças de reprodutores das grandes raças taurinas, de alta produtividade. A mudança ocorrida, representada pela seleção do "gado de cupim"

no famoso Parque de Palermo, em Buenos Aires, deveu-se ao criador paulista Plínio Ferraz e sua família.

Na história da raça Nelore no Brasil, sobressaem os nomes de Octávio Ariani Machado, antigo selecionador do gado branco-cinza em Santo Amaro, na Bahia, e de Pedro Marques Nunes, criador de Piratí, merecidamente considerado o preservador dessa variedade, ameaçada pelos cruzamentos desordenados da época em que surgiu o Indubrasil. Em reconhecimento ao seu trabalho e sacrifício, Plínio Ferraz mandou afixar no estábulo da Fazenda São José, em Bauru, uma placa com os seguintes dizeres: A clarividência e perseverança de Pedro Marques Nunes devemos a conservação da raça Nelore de Ongole no Brasil. Outra placa refletia

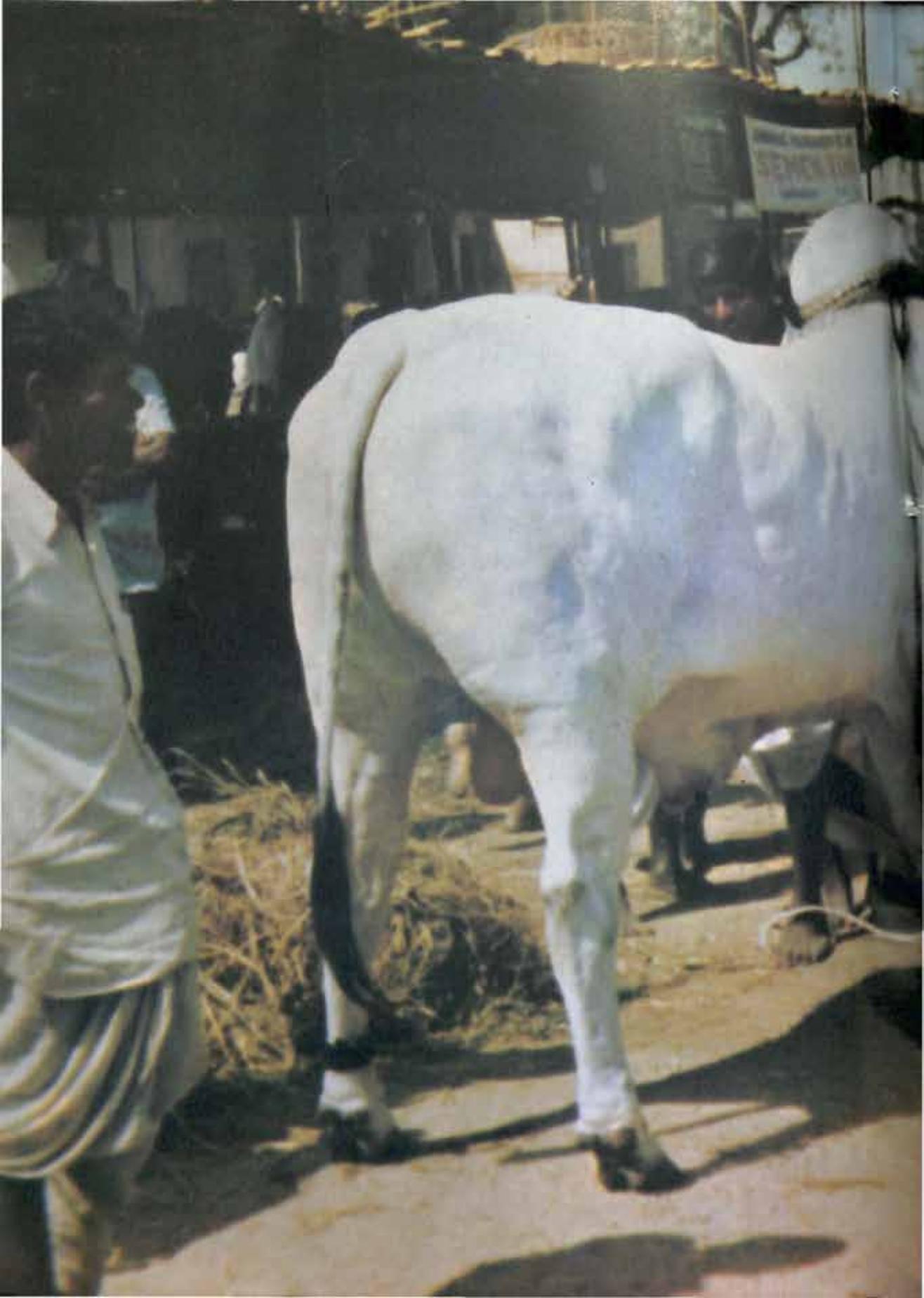
o espírito e o objetivo que marcou a existência do notável criador de Bauru: Selecionando o Nelore de Ongole procuramos continuar a obra de Pedro Marques Nunes.

QUEM FOI

Plínio Ferraz nasceu em Descalvado, SP, aos 31 de agosto de 1891, filho do pe-racabano José Henrique Ferraz e da dona Theonesta Amaral Ferraz, passando sua infância na região de Ribeirão Preto, onde seu pai administrou fazendas de café, sendo educado na escola do amor à terra e à lida com lavouras e o gado. Seu Henrique era homem enérgico, dinâmico e progressista, condições que lhe permitiram trabalhar por conta própria, com

A marca VR chama a atenção da ABCZ, lembrando que touros como este podem deixar de existir na Índia, em consequência do contínuo e generalizado uso de sêmen de gado leiteiro em todo o rebanho nelore.

Importar o que ainda existe pode significar a última chance.





**TOURO FOTOGRAFADO
NA ÍNDIA PELA MARCA **



EM QUALQUER DIREÇÃO

HÁ UM UR CAMPEÃO

dono de uma serraria, na qual contava com a ajuda dos filhos, sendo que o mais velho, Plínio, desempenhava a função de foguista do locomóvel que movimentava as máquinas. Quando ele estava com 19 anos, assistiu a um sério revés financeiro de seu pai, que, reagindo à má sorte e pretendendo para eles um futuro melhor, pediu emprestada uma quantia, a fim de enviar aos Estados Unidos os seus quatro filhos homens — Plínio, Olavo, Paulo e José. Quería que conhecessem o sistema de vida de uma nação que se projetou como modelo de trabalho, racionalização e tecnologia nas atividades agrícolas e comerciais. Os quatro irmãos desembarcaram na América do Norte em 1912, sem conhecer o idioma e sem recursos. Trabalharam arduamente durante cinco anos, adquirindo conhecimentos e experiência que lhes valeram extraordinariamente durante toda a vida, levando-os ao sucesso em todos os seus empreendimentos.

Regressando dos Estados Unidos, Plínio Ferraz estabeleceu-se em Santos, como corretor de café, mas alguns anos depois comprou sua primeira fazenda em Tambak. Transferiu-se posteriormente para Igarapé do Tietê. Veio em 1922 para Bauru, onde comprou seu primeiro lote de terra, batizando-o "Fazenda São José". paulatinamente foi adquirindo propriedades vizinhas, geralmente pequenos sítios, incorporando-os à sua propriedade, que veio a ter mais de 500 alqueires, onde cultivou e criou gado para o fornecimento de leite à crescente cidade e onde se fixou definitivamente.

O pioneiro casou-se em Santos, em 1917, com dona Cecília Antonieta Rodrigues, com quem teve sete filhos: Guilherme, Roberto, Vera, Plínio, Martha, Cecília e Marcos. Fazendeiro típico da época, residia na sua propriedade, que estava sendo permanentemente modernizada em suas instalações, para melhor desempenho na lavoura e na exploração pecuária, leiteira e de corte. Em uma de suas viagens à Argentina trouxe a planta do "tronco australiano" e difundiu-o nos meios pecuários.

No início da década de 1940, o Estado de São Paulo assentiu a uma mudança de orientação no tocante à sua pecuária bovina. Por influência de alguns criadores e apoiado pelo então interventor no Governo do Estado, Fernando Costa, o secretário da Agricultura, Paulo de Lima Corrêa, fez o zebu sair de um plano secundário, possibilitando a multiplicação dos núcleos de criação, levando-o para as fazendas experimentais do Departamento de Produção Animal e permitindo sua participação nas exposições da Água Branca, para ser exibido ao lado de raças tradicionais. Os irmãos Ferraz, todos já proprietários de boas fazendas, após a análise e avaliação da pecuária zebuína, decidiram entrar nessa atividade, optando pela raça Nelore, então de muito pouca expressão em nosso Estado. Criadores esclarecidos, anteviam as imensas possibilidades da criação do "Bos indicus".

Tendo visitado os principais centros de criação da raça indiana, no Estado do Rio de Janeiro e em Minas Gerais, Plínio Ferraz e José Ferraz de Camargo resolveram comprar os primeiros reprodutores Nelore na melhor fonte da época — o plantel de Pedro Marques Nunes —, que lhes cedeu 20 exemplares, entre touros e novilhas. Pouco depois, adquiriram mais 60 novilhas na Fazenda Indiana, em Pirai, que havia sido vendida a Durval Garcia de Menezes e aos irmãos Rocha Miranda. Plínio Ferraz, manteve sociedade com o irmão José por vários anos; vindo a dividir o rebanho, José Ferraz de Camargo levou sua parte para a Usina Miranda, em Pirajui, enquanto Paulo Ferraz fez sua criação em São José do Rio Preto. Olavo Ferraz formou na Fazenda Paraíso, em Gália, com 12 touros saídos de Bauru, um grande rebanho através de cruzamentos absorventes. Em pouco tempo, o gado Nelore de Bauru ganhou fama, tornando muito conhecidas as marcas a fogo dos irmãos Ferraz: F1, de Plínio; F2, de Paulo; F3, de Olavo, e F4, inicialmente da sociedade, e depois exclusiva de José Ferraz de Camargo.

Em 1942, quando teve início o registro do gado Zebu em São Paulo, efetuado pela Sociedade Rural Brasileira, como delegada da antiga Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, hoje ABCZ, dentre os seus primeiros reprodutores inscritos, estavam três famosos reprodutores da Fa-

zenda São José: "Primus" RG 204, "Brasão" RG 205 e "Prateado" RG 206, demonstrando a importância do plantel de Bauru.

Plínio Ferraz destacou-se pelos seus esforços em prol da grande raça branco-cinza; não se limitou à seleção de seu plantel e ao estímulo aos novos criadores, mas sempre se empenhou em tornar mais conhecido o gado Nelore. O pioneiro teve a satisfação de ver seus filhos tornarem-se igualmente criadores e selecionadores; associados ao cunhado Mário França, Roberto e Plínio Ferraz Junior, organizaram a Fazenda "Eldorado", em Gália, enquanto Marcos Ferraz formou sua própria criação na "Shangri-Lá", posteriormente transferida para o Retiro de São José, na parte que lhe coube na herança paterna. Roberto Ferraz foi mais longe; percebendo as ilimitadas possibilidades do mercado argentino, organizou a sociedade "La Oriental" S/A, que adquiriu terras junto à estação de Jeanmaire, em São Francisco, na Província de Córdoba, fundando a estância "Don Plínio". Para a nova propriedade levou cerca de 400 matrizes Nelore, originárias das diversas fazendas da família Ferraz, dedicando-se ao trabalho de criação e seleção da raça branco-cinza na nação vizinha.

O pioneiro de Bauru foi dos primeiros criadores paulistas a levar seus reprodutores e conjuntos às Exposições de Uberaba, a fim de tornar mais conhecida a seleção praticada em São Paulo. Naquela época, Fernando Costa estava iniciando a construção de escolas práticas de agricultura e recintos de exposições nas principais regiões agropastoris do Estado bandeirante, procurando despertar o interesse dos fazendeiros pela pecuária e especialmente pelo gado zebu, que se vinha expandindo pelo Brasil Central.

Essa política do grande estadista Fernando Costa levou Plínio Ferraz a procurar o novo secretário da Agricultura, o prof. José de Melo Moraes, oferecendo ao Estado, como doação, uma ampla área da Fazenda São José, para a construção de um recinto de exposições. As obras, graças ao empenho do doador, foram iniciadas em 8 de dezembro de 1943, inaugurando-se o parque em 13 de abril de 1946, com a primeira Exposição Regional de Animais de Bauru. Numa justa homenagem ao emérito professor e diretor da Escola de Agricultura de Piracicaba, foi dado o nome de José de Melo Moraes ao recinto que hoje é um dos melhores de todo o Estado de São Paulo.

A rápida expansão da raça Nelore, com seus núcleos de criação e seleção multiplicando-se pelo país afora, estava tornando necessária a união dos seus adeptos em uma nova entidade, para cuidar do fomento da criação, fixar nos diretrizes os trabalhos seletivos, e fim de intensificar o melhoramento genético do rebanho e, principalmente, para a conquista de novos mercados para os

Moura Andrade S/A. Pastoril e Agrícola



MARCHIGIANA

VENDA PERMANENTE

Touros e Novilhas
1/2 sangue.
Nelore X Marchigiana

Alam. Santos, 2224 — São Paulo — SP
Fones: (011) 683-2188
Telax: (11) 32983 — MOUR - BR.

seus reprodutores, tanto no Brasil como nos demais países situados na faixa intertropical.

A ASSOCIAÇÃO

No dia 7 de abril de 1954, como parte dos festejos comemorativos do IV Centenário de São Paulo, estava-se realizando no Parque da Água Branca a XXI Exposição Nacional de Animais, que atraiu pecuaristas de todo o Brasil, quando, criadores de São Paulo, capitaneados por Plínio Ferraz, auxiliado por seu irmão José Ferraz de Camargo e os filhos Roberto e Marco, e com o apoio de eminentes pecuaristas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Pará, reuniram-se e acertaram fundar a Associação de Criadores de Nelore do Brasil. O certame ficou marcado pela assembléia de constituição daquela que veio a ser uma das mais atuantes associações de criadores de trossos País. Em tributo ao seu idealizador, o plenário elegeu Plínio Ferraz seu primeiro presidente, para o triênio 1954/57. Ao lado de dedicados companheiros, como Durval Garcia de Menezes, Eduardo Duvivier, João Zancaner e Guilherme Campos Salles, Ferraz estruturou a nova entidade, estabelecendo o programa de trabalho que persiste até os dias atuais.

Uma das características do selecionador de Bauri foi o apoio que sempre prestou aos zootecnistas empenhados no melhoramento do gado zebu. Por sua iniciativa, a Associação do Nelore instituiu uma bolsa para que um destacado técnico brasileiro fosse à Índia estudar o gado zebuino em seu "habitat". E quando outro técnico se dispôs a elaborar uma monografia sobre a origem, formação e evolução da raça Nelore, recebeu de Plínio Ferraz todo o apoio e incentivo para o trabalho, que veio tornar mais conhecida a grande raça de Ongole.

Das mais relevantes foi a ação do pioneiro, estabelecendo contactos com técnicos e criadores sul-americanos, especialmente argentinos e paraguaios, convidando-os a visitar nosso país, com a finalidade de verificar pessoalmente os progressos alcançados no aprimoramento do "gado de cupim".

Inicialmente esteve no Brasil o prof. Maurício B. Helman, chefiando uma caravana de estudantes de Veterinária e Zootecnia da Universidade de Buenos Aires, que pela primeira vez tiveram oportunidade de examinar os representantes das raças indianas, cuja entrada na República Argentina era então extremamente difícil, em vista de disposições de ordem zootécnica e sanitária. Essa visita despertou considerável interesse na nação vizinha, do que se aproveitou Ferraz para convidar elementos de maior destaque da Sociedade Rural Argentina, para conhecer os nossos centros de seleção do zebu, principalmente do Nelore.

Dentre os pecuaristas platinos que estiveram em Bauri e em outras fazendas do Estado, devem ser lembrados Celedonio V. Pereda, Martim J.J. Prats, Ricardo Gulgemeier, Pedro Scotto, Francisco Sauter, Carlos e Fernando Mihanovich e dona Corina Moglia. Em decorrência dessas visitas, verificou-se em 1944 a exportação de vários lotes de gado Nelore, destinados a diversas estâncias, como "Los Prados", "Puerto Valle", "Johasa", "Garuchos" e "Pilagra", que vieram a se tornar importantes centros de seleção de gado Nelore.

Do Paraguai vieram Don Manuel Ferreira, um de seus maiores criadores de gado bovino; Mr. Patterson, gerente geral da S.T.I.C.A., e representantes da famosa Companhia Liebig, industrializadora e produtora de extrato de carne, exportado para quase todo o mundo, que levaram para seu país diversos lotes de gado Nelore. Seguindo o exemplo pa-

terno, Roberto Ferraz veio a exportar aproximadamente 800 cabeças, em grande parte destinadas aos criadores Celedonio Pereda e aos irmãos Mihanovich. Graças a esse trabalho, o norte argentino e o Paraguai puderam desenvolver sua pecuária com base no indispensável sangue zebu, em cruzamentos com as raças europeias.

Mas não foi apenas no campo da produção animal que Plínio Ferraz se notabilizou. Bauri deve muito ao pioneiro, sempre pronto a tomar iniciativas ou apoiar os esforços da coletividade de sua terra adotiva. Após a epopeia paulista de 1952, entrou na política, chefiando o antigo Partido Constitucionalista, para ajudar seu amigo particular Armando de Salles Oliveira, governador do Estado e candidato à Presidência da República. Fundador do Rotary Club de Bauri em 1936, presidiu-o por duas vezes e sempre o prestigiou. Quando a cidade precisou melhorar o serviço de abastecimento de água, Plínio Ferraz doou a área para a captação do Rio Batalha e Estação de Tratamento. Outras áreas de sua fazenda foram doadas para a fundação da Sociedade Hípica de Bauri e para construção de casas populares, revelando o seu espírito extremamente liberal. Colaborou na fundação do Aeroclube local, integrando o seu primeiro Conselho Deliberativo, da mesma maneira que esteve sempre presente nas atividades de cunho social de sua região.

Aos 31 de agosto de 1963, justamente no dia em que completava 72 anos, Plínio Ferraz faleceu na terra que tanto amou, e onde deixou tão profundamente marcada a sua passagem. E não nos surpreenderemos se, ainda um dia, em algum preenderemos se, ainda um dia, em alguma fazenda da Argentina ou do Paraguai, for afixada uma placa em homenagem a Plínio Ferraz, criador e selecionador do gado Nelore de Ongole e seu introdutor no país. ●

Motores monofásicos rurais

BÚFALO

Os primeiros e os melhores motores para uso no campo

- Alto rendimento
- Durabilidade e resistência
- Economia de energia



MOTORES BÚFALO S.A.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL:

Av. Dr. Rudge Ramos 1320 - São Bernardo do Campo - SP CEP 09720

Fone 457-3400 PABX TELEX (011) 4246 BUFA BR



O rebanho bovino depende, em grande parte, da produção de forragens para pastoreio, a fim de atender às suas exigências de manutenção, crescimento e produção. Muitas vezes a situação das pastagens não é a ideal na época das águas, principalmente devido a um manejo inadequado. Entretanto, é durante a estação seca que as coisas se complicam, pois além do problema quantidade, há também o da qualidade da forragem.

A soma desses fatores explica a queda na produção de leite das vacas e perda de peso dos novilhos de engorda, durante a estação da seca. Isto ocorre porque a maioria dos bovinos passa fome quantitativa e qualitativa: a escassa forragem existente nas pastagens é fibrosa, de baixa digestibilidade e, portanto, pobre em nutrientes digestivos totais.

Diversos trabalhos têm demonstrado os efeitos salutarés de uso, na estação seca, de feno, silagem e concentrados sobre a produção de leite e ganho em peso, nos animais em regime de pasto.

Por outro lado, seria conveniente que outros volumosos, que não os desidratados ou fermentados usados comumente, também fossem fornecidos aos animais nessa época do ano. E pode-se citar como indicados alguns cereais de ciclo curto, como a aveia, cevada, trigo e outros que vegetam bem nos meses frios e são avidamente consumidos pelo gado.

A AVEIA

Na escolha do terreno em que se pretende estabelecer a cultura de aveia, deve-se levar em conta que as maiores produções são obtidas nos solos de elevada fertilidade e com bom teor de umidade. Nestas condições, a localização do cultivo depende da disponibilidade de água no solo ou da possibilidade de se fazer irrigações.

O preparo do solo consiste de uma aração e uma gradeação subsequente, fazendo-se a seguir os sulcos distanciados 0,5 m um do outro. O plantio das sementes deve ser contínuo dentro do sul-

co, gastando-se cerca de 60 kg por hectare. A época do plantio é fator importante para o controle da produção. Recomenda-se que seja efetuado em fins de março até segunda quinzena de abril.

As capinas são necessárias, fazendo-se normalmente de duas a três. O calcário, quando requerido, deve ser aplicado com antecedência, incorporando-o ao solo. A cultura também é exigente quanto à adubação.

O corte deve ser quase rente ao solo, a uma altura de 40 a 60 cm, justamente quando a planta alcançar uma altura que provoque seu tombamento. Portanto, a idade da cultura (40 a 60 dias) ao primeiro corte não parece influir diretamente na produção e sim as condições de fertilidade e umidade do solo, levando-se em consideração a época de plantio. O segundo corte pode ser feito entre 30 a 50 dias após o primeiro. O terceiro, geralmente não mostra uma produção compensatória, devendo-se preferir que o gado aproveite a aveia pastando diretamente nela.

Quando não são usados terrenos de várzeas, com teor de umidade satisfatório, a irrigação se torna necessária. A produção de massa verde, quando não se usa irrigação, em solos secos, é bastante baixa, não compensando o seu cultivo mesmo quando se usa adubação.

A IRRIGAÇÃO

O efeito da adubação e irrigação sobre a aveia como forrageira de inverno, em solo de cerrado, foi estudado por H. Vilela e colaboradores, através de convênio entre a Universidade Federal de Minas Gerais e a Nestlé.

Foi realizado um experimento com duração de 158 dias, empregando-se aveia da variedade "Marion" como forrageira de inverno. O calcário foi incorporado ao solo, seis meses antes do plantio, utilizando-se cinco toneladas de calcário dolomítico por hectare.

A aração foi feita com arado de três discos, acoplado ao sistema hidráulico, a uma profundidade de 0,15 m. Foram feitas duas gradagens para melhor preparo



Irrigação na aveia garante verde com qualidade para seca

GASTÃO MORAES DA SILVEIRA



O canhão hidráulico integra o conjunto de montagem direta.



Um conjunto autopropelido irriga aveia preta em Campinas, SP.

do solo. Posteriormente, foram abertos sulcos com equipamento de tração animal distanciados 0,5 m um do outro. O adubo utilizado era da fórmula 10-18-8 (NPK), na quantidade de 400 kg por hectare, a aplicação sendo feita dentro dos sulcos, antes do plantio. Houve três aplicações de nitrogênio em cobertura. A primeira, 30 dias após o plantio, com 20 kg de nitrogênio; a segunda e a terceira, logo após os cortes e na mesma quantidade de 20 kg.

O plantio das sementes foi contínuo dentro do sulco, empregando-se 60 kg por hectare. O cultivo foi manual, sendo feito três curpas nos locais irrigados e um nos não irrigados.

A irrigação feita por aspersão, utilizando-se uma moto-bomba com tubos de quatro polegadas. Semanalmente, fazia-se a irrigação até alcançar a capacidade de campo ou seja até corrimento superficial da água. O primeiro ocorreu 63 dias após o plantio, o segundo, 56 dias após o primeiro e o terceiro, 39 dias após o segundo.

Os cortes foram manuais e a produção de massa verde, por hectare, em função do tratamento, foi a apresentada no quadro 1.

1 — PRODUÇÃO DE MASSA VERDE DE AVEIA, POR TRATAMENTO, P/ HECTARE

Tratamento	Produção por corte e total (kg)			Total
	1.º Corte	2.º Corte	3.º Corte	
Irrigado — Adubado	24.450	16.550	9.381	50.381
Irrigado, Não adubado	10.733	10.301	5.825	26.859
Não irrigado — Adubado	1.920	3.363	1.508	6.791
Não irrigado, Não adubado	1.251	2.781	1.351	5.383

O experimento permitiu as seguintes conclusões:

— a adubação promoveu um aumento de 87% na produção de massa verde, em relação ao tratamento não-adubado irrigado, e um aumento de 23% em relação ao tratamento não-adubado não-irrigado. Portanto, não foi compensatória a adubação sem irrigação para produção de massa verde de aveia;

— a irrigação causou um aumento de 65% na produção de forragem verde, em relação ao tratamento adubado e não-irrigado e de 399% para o não-adubado não-irrigado. Assim, parece que a produção de forragem verde de aveia, no inverno, só poderá ser justificada quando houver condições para irrigação.

Dependendo da época de plantio poder-se-á fazer ou não o terceiro corte. Quando este não se indicar, colocar os animais para pastar diretamente a cultura.

Após a realização de cálculos de custo de produção por quilo de forragem verde, ele não parece caro, quando comparado com custos de produção de outras forrageiras.

AS VANTAGENS

A irrigação é uma técnica agrícola que permite a aplicação de água à cultura,



Aqui, se mostra todo o conjunto autopropelido, com o carrinho que transporta a mangueira.

afim de garantir a umidade necessária para o perfeito metabolismo vegetal, proporcionando melhor desenvolvimento, o que se traduz em safras mais abundantes. Isto não só se refere ao aspecto quantitativo, mas sobretudo ao qualitativo.

Em grande parte do território brasileiro, embora a irrigação não seja uma

mitem perfeita dosagem de água aplicada, de acordo com as necessidades da cultura e a capacidade de retenção do solo.

A irrigação por aspersão se adapta muito bem a quaisquer condições de topografia, natureza de solo, dando bons resultados para a cultura de aveia.

No sistema de irrigação por aspersão a água é distribuída sobre a cultura por meio de aspersores, por onde o líquido, ao passar sob pressão, adquire grande velocidade. O jato líquido, ao chocar-se com o ar, pulveriza-se em gotas e precipita-se sobre a cultura, irrigando-a. Os sistemas possuem dispositivos que lhes permitem executar um movimento de rotação, à medida que a água vai sendo aspergida.

Os aspersores podem ser de diversos modelos, funcionando com um ou dois bocais com diâmetro interno de várias medidas, de sorte que sua aplicação é muito vasta, podendo ser utilizados com sucesso na cultura de aveia.

O sistema tradicional de aspersão tem um conjunto motor-bomba que impulsiona a água a uma linha principal e laterais móveis, onde são montados os aspersores de 18 metros de raio de alcance e pressão de trabalho de 3 a 4 kg/cm², de acordo com croquis de distribuição das linhas no campo. Este sistema tem o inconveniente de exigir investimentos em canos plásticos ou metálicos, uniões dispendiosas, precisando de muita mão-de-obra.

Com a evolução da tecnologia de rega por aspersão, surgiram os sistemas de irrigação automáticos para grandes áreas, requerendo pouca mão-de-obra operacional. São desse tipo o chamado conjunto de montagem direta com canhão hidráulico, os autopropelidos e pivô central.

O primeiro consta de um conjunto motor-bomba montado sobre quatro rodas, tendo um tubo de subida unindo a saída da bomba a um aspersor canhão hidráulico.

necessidade absoluta, funciona como fonte suplementar de água que, ao corrigir a irregularidade pluviométrica, fornece condições ideais de umidade às plantas. O fato dos totais anuais de chuva serem suficientes para a maioria dos cultivos, não garante que a sua distribuição durante o ano seja adequada, mas a irrigação, ao corrigir essa irregularidade, proporciona os resultados positivos.

Apesar de suas boas qualidades, deve-se sempre ter em mente que a irrigação não é uma adubação e sim uma prática aprimorada de cultivo, que proporciona resultados desde que as demais técnicas sejam adequadamente aplicadas, isto é, adubação, calagem, tratamento sanitário etc. Isto porque, se qualquer outro problema prejudicar a planta, o benefício que ela recebe da irrigação pode ficar anulado.

A aplicação de água às plantas é feita por meio de métodos ou sistemas de irrigação, isto é, o conjunto de equipamentos e operações que proporcionam a distribuição do líquido no campo.

A irrigação pode ser efetuada por inundação, sulcos, aspersão e gotejamento. Para o caso da aveia, destes diversos métodos, o da aspersão se sobressai, em vista de suas qualidades hidráulicas, que per-



Um conjunto de aspersores do sistema de pivô central em pleno funcionamento.



Na foto aérea, dois conjuntos de aspersores de pivô central garantem a água requerida.

lico de longo alcance. O equipamento pode ser rebocado por um trator caminhando ao lado do canal, em carreador apropriado, ou possuir tração própria, caminhando sobre o canal, sendo dirigível por meio de cabo de aço. Tem cabine de proteção para o operador, onde se encontram os diversos instrumentos de controle.

O conjunto autopropelido consiste basicamente de um veículo de quatro rodas, que, através de uma mangueira fle-

xível, une-se à linha principal de tubos que é abastecida por uma moto-bomba, a qual, além de garantir a vazão necessária, fornece a pressão hidráulica para operação da turbina e do aspersor. A água, ao atingir o aparelho, passa pela turbina, sendo o movimento transferido a uma série de engrenagens, que acionam um tambor, onde é preso um cabo de aço de 400 metros de comprimento para os modelos maiores (ou 200 nos menores). A outra ponta do cabo de aço é presa numa âncora-trado cravada no solo,

A medida que o tambor vai girando, o cabo de aço vai-se enrolando, e o veículo é arrastado para o final do percurso. A mangueira tem 200 metros de comprimento, sendo ligada à linha principal no meio do percurso, do sorte que caminha 400 metros irrigando uma área de 500 x 100 metros, isto é, 5 hectares. Assim, à medida que o conjunto vai-se movimentando, a irrigação vai sendo efetivada naquela faixa. Como há uma adequação entre a velocidade de deslocamento do autopropelido e a quantidade de água aplicada, pode-se proporcionar uma lâmina de água de 10 a 80 milímetros em cada passada.

O sistema pivô central é constituído de um eixo, o pivô central, do qual parte uma tubulação elevada, sustentada por torres convenientemente espaçadas e apoiadas sobre rodas. As torres são metálicas e treliçadas, mantendo a tubulação na horizontal. As rodas são acionadas por força hidráulica ou eletro-motriz, permitindo que o conjunto gire em torno do pivô central irrigando uma área circular.

Dispositivos especiais de segurança garantem a manutenção do alinhamento da tubulação aérea. O pivô está ligado a uma fonte de água, provida de bombas e motores que se revezam para evitar problemas na eventualidade de desgastes ou reparos; motores elétricos ou diesel acionam o conjunto. O sistema tem capacidade inicial de 20 metros cúbicos.

Estes sistemas de irrigação têm ainda a vantagem de poder distribuir adubos químicos ou pesticidas nos casos em que houver desenvolvimento de insetos, ácaros etc. Para um melhor controle da irrigação, visando menos despesas de aspersão, a área será provida de uma bandeja contendo água para medir a evaporação e acclular a quantidade necessária para continuidade da velocidade de crescimento da aveia. Com a distribuição da água durante todo o ciclo vegetativo, o gado leiteiro ingere mais de 50 quilos de volumoso úmido por dia. ●

BARRETOS

**II Feira Agroindustrial
30.ª Exposição Nacional
de Animais e
Produtos Derivados**

Recinto
Paulo de Lima Corrêa

15 a 22 de março de 1981

**SINDICATO RURAL DO
VALE DO RIO GRANDE**

EUA promovem simpósio sobre criação

Promovido pelo Banco da América e esperando reunir em Fresno Fairgrounds, na Califórnia, EUA, cerca de 6.000 participantes, procedentes de 40 países, será realizado pela décima-terceira vez consecutiva, nos dias 4 e 5 de junho próximo, o "1981 California Livestock Symposium". O objetivo principal do encontro, que põe em contacto direto criadores e especialistas do setor, é identificar as preferências dos interessados em produtos pecuários (carne bovina, suína, ovina, leite, lã e animais), bem como indicar os caminhos para melhor atendê-los.

Neste ano, segundo informa Galen Martin, vice-presidente do Banco e diretor do Simpósio, haverá uma participação feminina bem definida, pois várias especialistas norte-americanas apresentarão trabalhos versando especialmente sobre nutrição animal, sempre com caráter marcadamente prático.

Equínos também terão um destaque especial em Fresno, acentua Martin, com demonstração da mais moderna tecnologia disponível em pesquisas sobre cavalos. Um filme será apresentado em câmara lenta, para facilitar a identificação de defeitos nos animais. O programa também inclui uma apresentação denominada "Com cavalos, são as pequenas coisas que contam", reunindo, informados pelos próprios interessados, pequenos cuidados que ajudaram proprietários e selecionadores no manejo de sua criação. E, para os participantes que se inscreverem e apresentarem por escrito idéias e sugestões práticas, haverá prêmios em dinheiro, atribuídos por uma comissão.

As inscrições para o Simpósio estão abertas até 1.º de maio próximo e podem ser feitas através de correspondência para Tom Nordstrom, California Livestock Symposium, 2507 West Shaw, Fresno, CA 93711, USA.



Compre
melhor
compre
de quem
faz.

Vindo à São Paulo não deixe
de visitar uma de nossas lojas

e conhecer as facilidades de nossos planos de pagamento.

Amsterdam Sauer

Av. São Luís, 29
Pça. da República, 64
São Paulo

Shopping Center Iguatemi
Maksoud Plaza Hotel
Abertos até 22hs e sábados até às 18hs

Não podendo vir à São Paulo entre em contato conosco e nós iremos até você, através de nosso folheto.

ITAPETINGA

29 de março a 5 de abril.

Exposição de caráter nacional, com a participação de criadores de vários Estados, apresentando os melhores plantéis de várias raças.

Vá ver, vender e comprar na Bahia.



Os cruzamentos entre os suínos e suas possibilidades para a criação

LUCIANO ROPPA

O cruzamento entre animais de diferentes raças é uma prática bastante comum entre os criadores, e pode-se estimar que 90% dos suínos brasileiros tipo carne enviados para abate são provenientes desses acasalamentos. Para a obtenção dessa população, é certo que o cruzamento deve trazer consideráveis benefícios.

O cruzamento entre animais de raças diferentes baseia-se em dois princípios fundamentais:

— combinar as características desejáveis de cada raça, transmitindo-as aos filhos;

— obter o chamado vigor híbrido ou heterose.

Não existe uma raça perfeita de suínos. Todas têm as suas vantagens e desvantagens. Algumas comportam-se melhor que as outras, sob um determinado manejo, e apresentam deficiências, sob outro. Pode-se citar, como exemplo, as raças que apresentam problemas de casco: conseguem bons resultados, quando criadas em piquetes e apresentam sérios problemas quando mantidas em confinamento.

O vigor híbrido ou heterose é o aumento da performance (rusticidade, peso, tamanho da leitegada etc.) dos filhos, acima da média da performance dos pais. Isso pode ser entendido facilmente através da figura 1.

A quantidade de vigor híbrido varia de acordo com os indivíduos cruzados. As diferenças genéticas entre os pais determinam a quantidade de vigor: o cruzamento entre animais que são geneticamente diferentes é o que deve traduzir melhores resultados. Uma coisa é importante e deve ser sempre lembrada: o vigor híbrido é o resultado do cruzamento entre animais geneticamente diferentes. Isso não quer dizer, porém, que sejam de tipo diferente.

Trabalhos recentes demonstraram que o vigor híbrido dos cruzamentos varia em intensidade conforme o caráter desejado: não se manifesta muito sobre a conformação do animal; manifesta-se medianamente sobre a capacidade leiteira, prolificidade, conversão alimentar e precocidade; age fortemente sobre a rusticidade, resistência às doenças e peso da leitegada.

O fato de o vigor híbrido não se manifestar sobre a conformação do animal não deve preocupar o criador. A conformação, ou tipo, é uma característica bastante herdável, isto é, é bastante transmitida dos pais para os filhos (50 a 80%). Por isso, essa característica, apesar de não ser exaltada pelo vigor híbrido, é transmitida simplesmente pela herdabilidade.

Desses conceitos teóricos, pode-se chegar a uma recomendação prática: nos cruzamentos, as fêmeas devem apresentar, no mínimo, boa performance (capacidade leiteira e prolificidade) e os machos, boa conformação e ganho de peso.

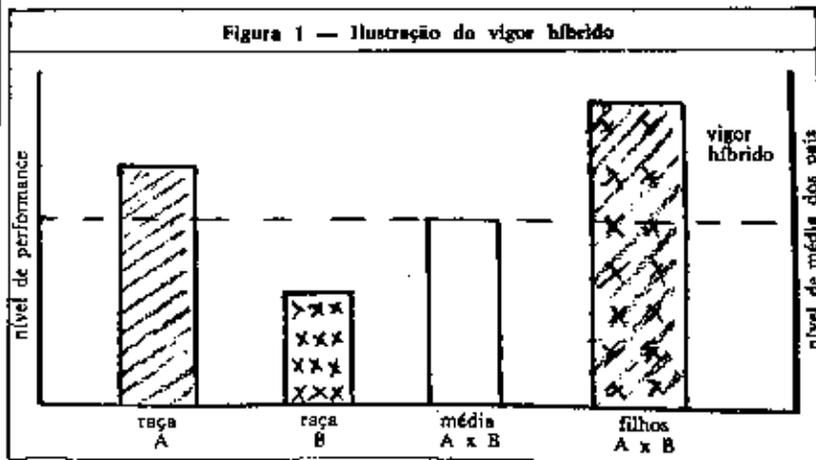
SELEÇÃO DE REPRODUTORES

O cruzamento não pode ser considerado como uma fórmula milagrosa, que resolve todos os problemas e é aplicada em todos os casos. Não se deve esquecer que a sua vantagem é a de combinar as capacidades genéticas dos pais, transmitindo-as para os filhos. Disto fica claro que o resultado do cruzamento depende das virtudes dos pais, e será tanto melhor quanto melhores eles forem. Em outras palavras: um programa bem sucedido de cruzamentos depende da seleção dos pais, ou seja, da seleção do plantel de reprodutores.

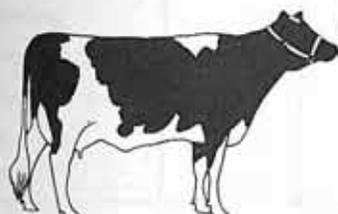
O rendimento de um reprodutor é determinado pela sua capacidade genética e por um conjunto de fatores ambientais. Por exemplo: um animal de excepcional genética para ganho de peso pode apresentar atrasos no seu crescimento, se for alimentado com uma ração deficiente. A tarefa do criador, portanto, consiste em compreender e aplicar os princípios de genética (aquisição ou formação de bons reprodutores) e proporcionar aos animais condições ambientais (manejo), que lhes permitam exteriorizar ao máximo a sua capacidade genética.

Para o criador ter uma idéia da influência e do meio ambiente sobre as várias características dos suínos, apresenta-se um quadro-resumo à parte (1).

O criador de suínos, na escolha de seus animais de plantel, deve saber distinguir os bons e más qualidades dos mesmos.



LEILÃO DO OUTONO 81



Holandês Preto e Branco

Campinas - SP.

**Dia 14 de maio de 1981 - 5ª feira
às 11 horas**

**90 Animais Machos e Fêmeas
POI - PO - GHB e PC.**

Extraordinário pedigree. Machos prontos para cobertura.

CATÁLOGOS À DISPOSIÇÃO.

**Local: Parque Mun. de Feiras e Exposições de Valinhos
Colaboração: Prefeitura do Município de Valinhos**

Leiloeiros: Djalma Barbosa de Lima e Odemar Costa.

Vendedores:

Pau D'Alho - Marguerite Dutilh

Panorama - Donald Graber

São Quirino - Pecuária Anhumas Ltda.

Santa Margarida - Plínio Cavalcanti de Albuquerque

São José - Guilherme Walter Soares Caldas

Santa Maria da Posse - Luiz de Moraes Barros

**PROGRAMA
LEILÕES DE ANIMAIS**

Rua São Francisco, 81 - 5º andar
CEP 01005 - Tel.: 34-7131 - São Paulo - SP.

**Em 8 de outubro/81
Leilão da Primavera
Holandês Preto
e Branco**

2 — Resultados de lotes testados na Estação de Avaliação de Suínos de Concórdia, SC, em 1975

Caráter	Landrace	Large White	Duroc	Hampshire
N.º de lotes testados	55	38	39	2
Idade até 100 kg (d)	165	159	165	167
Ganho de peso/dia (g)	843	885	845	876
Conversão alimentar	2,76	2,68	2,73	2,66
Comprimento carcaça (cm)	100	99	96	100
Espessura do tocinho (cm)	2,57	2,51	2,54	2,10
Área de lombo (cm)	36,4	35,0	30,8	34,0
% de pernil	31,5	30,7	30,8	31,2

3 — Animais inscritos no Pig Book Brasileiro (1958-75)

Raça	1958-75	1973	1974	1975
Duroc	59.452	8.772	12.450	18.287
Landrace	26.728	11.953	13.733	16.588
Large White	880	1.930	3.999	9.445
Hampshire	141	371	540	506
Wessex	8.717	198	190	361

tidade, ótimo ganho de peso, boa conversão alimentar em carne e boa qualidade de carne. Como desvantagens, apontam-se as seguintes: comparada com outras raças, é menos prolífica (menor número de leitões), tem menor capacidade leiteira e apresenta uma incidência maior de defeitos nas leitãs.

Landrace — foi introduzida no país em 1555 e é de origem européia. Teve grande aceitação por sua pelagem branca (que era preferida pelos frigoríficos) e pela sua carne magra, além das inegáveis qualidades produtivas.

Suas características gerais são: pelagem branca, cerdas finas e compridas, orelhas

caídas, cabeça ligeiramente comprida, alguns representantes apresentam 17 pares de costelas, lombo comprido. As vantagens são: muito prolífica, boa capacidade leiteira, boa qualidade de carne, boa conversão alimentar. Como desvantagens, apontam-se: pouca rusticidade, com algumas linhagens apresentando sérios problemas de cascos, quando criadas em confinamento.

Large White — introduzida no país em 1869, é de origem inglesa. É também conhecida por Yorkshire, embora o registro no Pig Book Brasileiro seja sob o nome de Large White. É a raça que está tendo a maior difusão, nos últimos anos, ameaçando todas as demais, com seus exce-

lentes resultados nas criações e nas Estações Experimentais.

Suas características gerais são: pelagem branca, orelhas em pé, perfil côncavo e boa ossatura. As vantagens são a rusticidade, a prolificidade, a capacidade leiteira e a conversão alimentar.

Hampshire — também é originária da Inglaterra, mas foi melhorada nos Estados Unidos. Suas características gerais são: pelagem preta com faixa branca na altura dos membros anteriores, orelhas em pé, perfil retilíneo, boa ossatura. Suas vantagens são a rusticidade, o ganho de peso e conversão alimentar, mas se apontam como desvantagens o menor número de leitões desmamados e as leitagens desuniformes.

Wessex — igualmente originária da Inglaterra, foi uma das primeiras raças introduzidas no Brasil, mas suas linhagens não foram melhoradas e, atualmente, é pouco importada. Sua participação no rebanho nacional vem diminuindo com o passar dos anos. Suas características gerais são a pelagem igual à Hampshire, orelhas grandes e caídas. Como vantagens, apontam-se a rusticidade, capacidade leiteira e prolificidade, mas acusa as desvantagens da tendência à banha, menor percentagem de pernil, menor ganho de peso e de conversão alimentar.

TIPOS DE CRUZAMENTOS

Como já se disse, cruzamento é o acasalamento de animais de raças diferentes. No Brasil, essa prática é bastante comum, porém nem sempre atingindo os resultados almejados, pois é feita sem qualquer planejamento ou conhecimento. Existem vários tipos de cruzamentos, mas os mais comuns são o "bicross" e o "tricross".

O "bicross", como o próprio nome indica, é o cruzamento de duas raças. Todos os descendentes desse cruzamento são enviados para o corte, machos ou fêmeas. A princípio, parece que qualquer criador, mesmo o iniciante em suinocultura, seja capaz de obter sucesso nesse tipo de cruzamento. Há, porém, um ponto muito importante para ser levado em conta, quando se quer obter o melhor resultado possível: é a escolha das raças da fêmea e do macho.

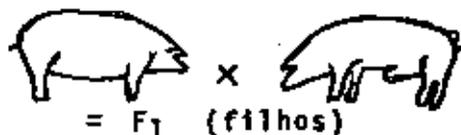
BI-CROSS

FEMEA

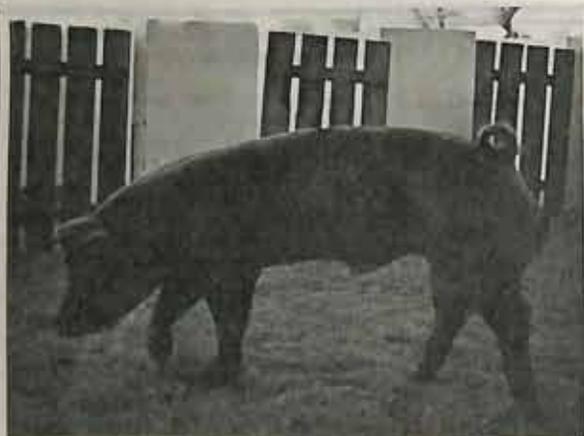
LANDRACE ou
LARGE WHITE ou
WESSEX

MACHO

DUROC ou
HAMPSHIRE



CORTE



Duroc é raça com ótimo índice de ganho de peso.



Landrace, afora prolífico, tem muito boa capacidade leiteira.

A fêmea deverá apresentar características de prolificidade (número de leitões) e capacidade leiteira. Isso é evidente quando se leva em conta que o lucro do criador depende do número de leitões. Quanto mais leitões, maior o lucro. A capacidade leiteira é para que a porca consiga desmamar o maior número possível de leitões, auxiliando-os a superar essa fase, onde ocorrem 90% das mortes. As raças que apresentam essa características são a Landrace, a Large White e a Wessex.

O macho deve transmitir um excelente ganho de peso à numerosa ninhada que irá nascer. Isso fará com que os leitões alcancem rapidamente o peso de abate, economizando tempo, alimento e instalações para o criador. As raças que apresentam essa característica são a Duroc e a Hampshire.

Na figura 4 se tem a esquematização do cruzamento indicado para a obtenção "tricross".



Large White oferece, como vantagem, sua boa conversão alimentar.

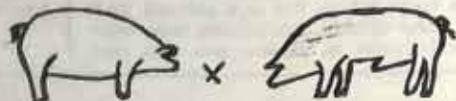
O "tricross" é o cruzamento entre animais de três raças diferentes, em duas gerações consecutivas. O primeiro cruzamento tem a finalidade de formar fêmeas meio-sangue (filhas ou F₁), que tenham excelente capacidade leiteira, sejam prolíferas, rústicas e apresentem boa capacidade de transformar os alimentos em carne. No "bicross", a fêmea é da raça Landrace, Wessex ou Large White. No "tricross", cruzam-se os animais dessas raças para obter o melhor de duas delas. Por isso, o primeiro cruzamento do "tricross" pode ser: Landrace x Large White ou Landrace x Wessex ou, ainda, Large White x Wessex.

Os machos resultantes desse cruzamento não devem ser conservados para reprodução e são enviados para corte. As fêmeas meio-sangue serão criadas para o segundo cruzamento do "tricross". Elas possuem todas as características para

TRI-CROSS

FEMEA

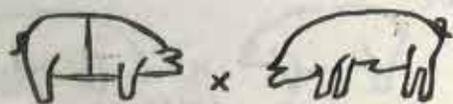
LANDRACE ou
L. WHITE ou
WESSEX



MACHO

LARGE WHITE ou
WESSEX ou
LANDRACE

FEMEA F₁
(Meio-sangue)



F₂ (Machos e Fêmeas)

MACHO

DUROC

CORTE

▶ produzir uma numerosa leiteigada e mantê-la viva até o desmame. A única característica que poderia ser acrescentada é o ganho de peso. Por isso, neste segundo cruzamento, o macho será da raça Duroc, que se caracteriza pela rusticidade e excelente ganho de peso. Os filhos desse segundo cruzamento (F₂) são todos enviados para corte (tanto os machos quanto as fêmeas).

A figura 5 esquematiza o cruzamento do tipo "tricross".

VANTAGENS

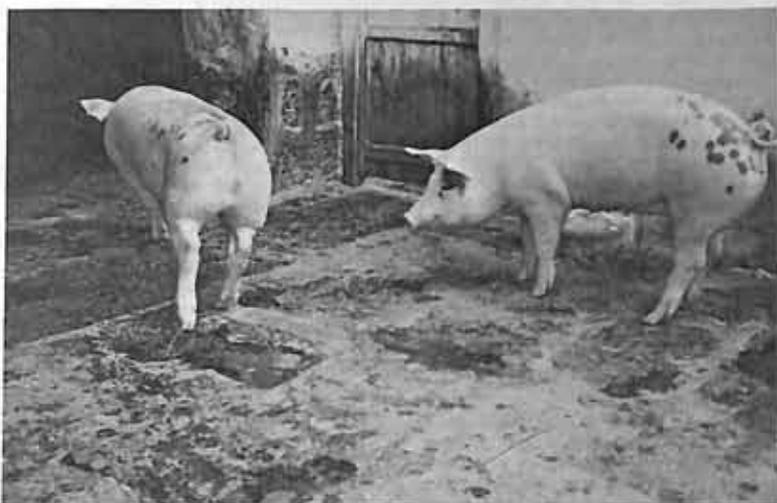
Na prática, pode-se apontar as seguintes vantagens para cada um desses tipos de cruzamentos: a) **tamanho da leiteigada** — no "bicross", o aumento do número de leitões é muito pequeno, mas, no "tricross", o aumento é de 10 a 15%; b) **peso ao nascer e ao desmame** — em comparação com animais puros, os "bicross" são 6 a 7% mais pesados; os "tricross" são de 12 a 14% mais pesados que os puros, ao desmame; c) **ganho de peso** — os animais cruzados alcançam o peso de abate em menos tempo que os puros; d) **mortalidade** — os "tricross" têm uma taxa de sobrevivência de 7 a 15% superior à dos animais puros.

Pelo quadro 4, tem-se uma idéia melhor das vantagens dos animais cruzados sobre os puros.

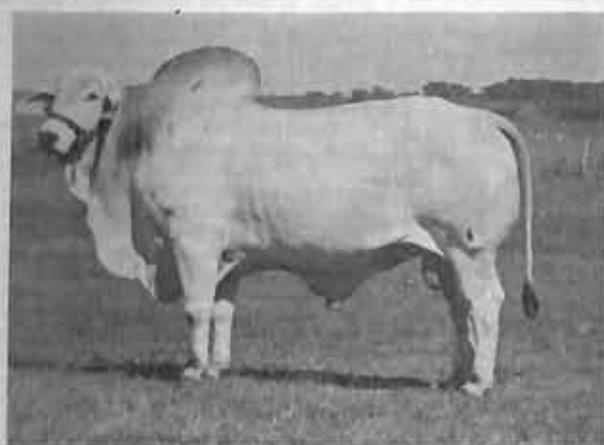
Na maioria das características, o "tricross" demonstra uma superioridade sobre o "bicross". Em comparação com animais puros, o rendimento é superior 6% nos "bicross" e 15% nos "tricross". O resultado será sempre muito bom se o criador utilizar bons exemplares de cada raça e não usar uma mistura indiscriminada de raças. ●

4 — Superioridade dos cruzados sobre os animais puros

Caráter	"Bicross"	"Tricross"
Leitões nascidos vivos	+ 0,93	+ 1,66
Peso da ninhada ao nascer	+ 1,30 kg	+ 2,00 kg
Mortalidade	- 0,6	- 0,4
Número de leitões desmamados	+ 0,33	+ 2,00
Kg de ração para chegar a 90 kg	- 12,5 kg	- 16,0 kg
Dias a menos para chegar a 90 kg	17	17



Animais típicos que resultam do cruzamento de três raças distintas.



VINCULO DA PROGRESSO

Nasc. 3/11/75 — Peso: 1017 kg.

Filho de Kent, Reg. 2064 e de Cadeia.

Grande Campeão na 1.ª Exposição Internacional da

Água Funda — SP

TABAPUÃ

a raça mocha da atualidade

FAZENDA PROGRESSO

Oswaldo M. Fujiwara & Outros

Criação: Nelore e Tabapuã

SÊMEN À CARGO DA CIPARI

ANDRADINA - S.P. - Tel.: (0187) 22-1329

VENDA DE REPRODUTORES

Esterco de frangos dá origem a fábrica de rações e engorda bovinos

O esterco de frangos passou de um problema caro a um subproduto rentável nas mãos de Bill e Bob Dixon, pai e filho, granjeiros dedicados à avicultura no Yorkshire do Norte, na Inglaterra. "Nossas aves produzem mil toneladas de esterco por ano, e é preciso desfazer-se dele com rapidez" — diz Bob, que vive em Clapham Lodge, Leeming, a cerca de 6 km da principal unidade de produção de Aiskew.

Os custos de manipulação do esterco produzido eram de cerca de 3 libras esterlinas (pouco menos de Cr\$ 500,00) por toneladas, às vezes mais. Os Dixon não dispunham de terreno para acumular o esterco, e os agricultores da região consideravam difícil o seu manuseio, por isso não o queriam utilizar como fertilizante. O problema foi solucionado em parte, convertendo-se um dos galpões de frangos em depósito de esterco, visando sua transformação, para venda posterior, como adubo de jardins. Isso ainda continua sendo feito em pequena escala: a venda é feita a clientes particulares, pelo correio, e a fabricantes de fertilizantes orgânicos, em maior quantidade. No entanto, a colocação era de somente 200 toneladas anuais e persistia o problema de utilização para as 800 restantes.

MAQUINARIA

O interesse crescente de fabricantes de rações compostas pelo esterco esterilizado de aves, para incluí-lo no arraçoamento do gado, fez com que os Dixon se decidissem a investir 40 mil libras esterlinas (ao redor de Cr\$ 6,5 milhões) em maquinaria, modificações nos edifícios existentes em sua granja e na construção de outros, para secar, esterilizar e preparar o esterco, localmente, tornando-o adequado para a alimentação de bovinos.

"Clapham Lodge é uma granja de grande tamanho e tínhamos muitas construções sem uso. Decidimos adaptá-las" — disse Bob Dixon. Assim, foi instalada uma unidade para a criação de bovinos, que se revelou bastante rentável, a partir da compra de bezerras com 100 kg ou três meses de idade, alimentados com palhada e uma ração elaborada com base no esterco produzido na granja. A venda dos animais era feita quando atingiam 11 meses, com um peso de 400 kg.

RENTABILIDADE

O alimento dado aos animais custa cerca de 100 libras (aproximadamente Cr\$ 16.200,00) por tonelada, cada res

come aproximadamente uma tonelada durante sua permanência em Clapham Lodge, e, no último inverno, os Dixon recebiam entre 350 e 360 libras esterlinas por animal abatido. Isso faz com que o negócio seja rentável, sobretudo quando se utiliza um produto que, na melhor das hipóteses, antes era inútil e às vezes representava um alto custo para a granja se ver livre dele.

O processo, de quatro fases, se inicia amontoando-se o esterco a uns 2,4 metros de profundidade e cobrindo-o durante 4 a 8 semanas. Nesse período, reduz-se gradativamente o conteúdo em água, que varia de 45%, no inverno, a 35% no verão, enquanto o calor gerado destrói as bactérias nocivas porventura contidas no material.

O objetivo é secar de 20 a 25 toneladas semanais, durante todo o ano. Assim, foram reduzidos os problemas de odor, utilizando-se ar temperado em vez de ar quente e fazendo passar o ar viciado através de um purificador biológico, antes de permitir sua saída para a atmosfera.

DUAS RAÇÕES

Quando seco, o esterco é passado por um pulverizador especial, construído segundo o mesmo esquema de um triturador de palha, antes de submetê-lo ao processo de pasteurização em um equipamento construído especialmente para os Dixon. O processo emprega calor de vapor indireto no tratamento de uma tonelada de esterco por hora, para eliminar as bactérias nocivas que ainda possam existir no material.

Assim preparado para o processamento final, o esterco passa a um misturador e prensa. O produto que vai ser usado na unidade de criação de bovinos é misturado com cevada moída, milho, melado, palha triturada e vitaminas, originando dois tipos de rações: uma para os animais mais jovens, com cerca de 18% de proteína e aproximadamente 58% de equivalente em amido (EA), a outra com 16% de proteínas e 60% de EA. O restante é misturado com palha triturada apenas e prensado, para venda a fabricantes de rações que o incorporam a seus produtos comerciais.

Quase todos os equipamentos utilizados são constituídos de maquinaria já disponível, adaptada, ou por engenhos construídos especialmente para os Dixon (Frank Brown, de "Farmers Guardian", London Press Service). ●

Pensou em mourões!....

Falou PREMA



MOURÕES, ESTICADORES, ESTEIÇOS, PORTEIRAS, TÁBOAS, POSTES P/ELETRIFICAÇÃO, TELEFONIA RURAL E OUTROS FINIS.

Madeiras Tratadas em Autoclaves com WOLMANIT CB



PREMA-Tintas e Preservação de Madeiras S/A.

Rua Mathias Garcia, 412 - Fone 390 0035 - Caixa Postal 4.018 - S. PAULO - SP

Desfile do QM será no hotel

Numa semana bastante cheia para a pecuária, em São Paulo, o Quarto-de-Milha vai mostrar todo o seu prestígio: escolheu nada mais nada menos do que o estrelado Maksoud Plaza Hotel, considerado dos mais luxuosos do país, para fazer o 1 Leilão das Marcas Famosas da raça. Espera-se que pelo menos 50 animais puros de origem, entre machos e fêmeas, se apresentem no salão nobre do Pavilhão de Eventos do hotel, sendo apregoados pela Programa. No mesmo dia 12, abre-se, no Maksoud Plaza, a Convenção Nacional da ABQM, instalando-se a assembleia geral que vai eleger a nova diretoria da entidade. Do programa, que pretende ser uma requintada exibição, constam palestras sobre aspectos técnicos e práticas da equinocultura, exibição de filme sobre o Quarto-de-Milha, exposição de artesanato com motivos equestres, desfiles de modas com trajes para equitação e jantar-dar-dante.

Onde o Árabe se mostrará

A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe divulgou o calendário de eventos de que participará ou promoverá este ano, o qual prevê, para o período de 15 a 22 deste mês, em Barretos, SP, a VIII Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados da DIRA de Ribeirão Preto e a XXX Exposição de Animais de Barretos. Em abril, nos dias 25 e 26, acontece o X Leilão (mestiços) e a primeira etapa do Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais do Cavalo Árabe, no Parque da Água Branca. A segunda etapa se desenvolverá no dia 14 de julho, em Campo do Jordão, SP, juntamente com o III Torneio do Ca-

valo Completo. A terceira e quarta etapas do campeonato se realizarão, respectivamente, em Presidente Prudente (de 4 a 14 de setembro), juntamente com a Expo Centro-Oeste do Cavalo Árabe, e em Barretos, dias 24 e 25 de outubro. A última etapa do campeonato está marcada para o Parque da Água Branca, dias 28 e 29 de novembro, juntamente com o XI Leilão do Cavalo Árabe.

A Remate já fez o seu programa

A agenda da Remate, para este mês prevê, dia 14, no Parque da Água Branca, em São Paulo, o 15.º Leilão Oficial da Associação Brasileira de Quarto-de-Milha, que se realiza conjuntamente com o 5.º Leilão Internacional do Nelore, promovido pela Associação de Criadores de Nelore do Brasil. Enquanto isso, em Campo Grande, MT, no Parque Dr. Laudício Coelho, o 5.º Leilão de Gado Boiadeiro também tem lugar, no mesmo dia 15. Dias 21 e 22, a Remate estará em Barretos: primeiro para o 2.º Leilão do Nelore Mocho, na Fazenda Boa Vista (com a participação da Agropecuária Boa Vista, Nenê Costa, Maria Lillian Castro Maya, Oswaldo Rodrigues Borges, José Carlos Moreira de Oliveira, B. Nativo Figueiredo e Arlindo Leonardo Ribeiro), depois para o 4.º Leilão de Animais de Barretos, previsto para o Parque de Exposições Paulo de Lima Corrêa. Dia 9, em Presidente Prudente, é a vez do 6.º Leilão Nacional do Nelore Mocho, com animais de Antônio Servantes, Geraldo Ribeiro de Souza, Ruy Moraes Terra, Antônio Renato Praia, Francisco Jacintho da Silveira, Ovídio Miranda Brito, Afrânio de Oliveira, Paulo Machado Borges e Farah Buchalla.

Para abril, os destaques da Remate prevêem o 1.º Neloreporã, no Parque de Exposições de Ponta Porã, MS, com a participação da Fazenda Três Cochilhas, José Marques Pinto de Rezende, Joaquim Vicente Prata Cunha, José Olavo Borges Mendes, Gus-

tavo Adolfo Pavel, Rachid Saldanha Derzi e Francisco José Carvalho Netto. Dia 11, na Fazenda Fortaleza, em Nova Odessa, SP, o 2.º Leilão A.F. Fortaleza, quando Aloysio de Andrade Faria levará à pista seu Holandês preto e branco PO (25 fêmeas e 10 machos), bem como cavalos Árabe (15 fêmeas puras, 9 machos puras e 6 mestiços).

No Rancho Quarto-de-Milha de Prudente

No "tattersall" do Rancho Quarto-de-Milha de Presidente Prudente, SP, acontece às 13 horas do dia 28 deste mês o tradicional leilão da raça. Sob o comando de Trajano Silva, devem ser apresentados 100 animais registrados, entre os quais machos e fêmeas puros de origem e importados, bem como cavalos adestrados para lida. O "tattersall" do Rancho se localiza ao lado do aeroporto internacional da cidade.

Royal Show programado para julho

Tradicionalmente a manifestação agrícola mais importante da Grã-Bretanha — que faz questão de considerar sua agricultura como a maior indústria do país —, o Royal International Agricultural Show está marcado para o período de 6 a 9 de julho próximo, em Stoneleigh, em Warwickshire, na Inglaterra. Em animais, devem apresentar-se mais de 7.000 cabeças de raças puras, entre as melhores que o país possui; no setor agrícola, como de hábitos, lavouras com cereais, verduras etc. — tudo exibido a um público estimado em 200 mil visitantes, em condições as mais próximas possíveis da realidade do campo. Os organizadores do Royal Show estão esperando, para este ano, mais de 1.200 expositores, inclusive dez pavilhões nacio-

nais, que costumam destacar o melhor de sua agropecuária.

Para os 10 mil visitantes que vêm do exterior, o Pavilhão Internacional da mostra oferece especialistas no setor rural, guias e intérpretes.

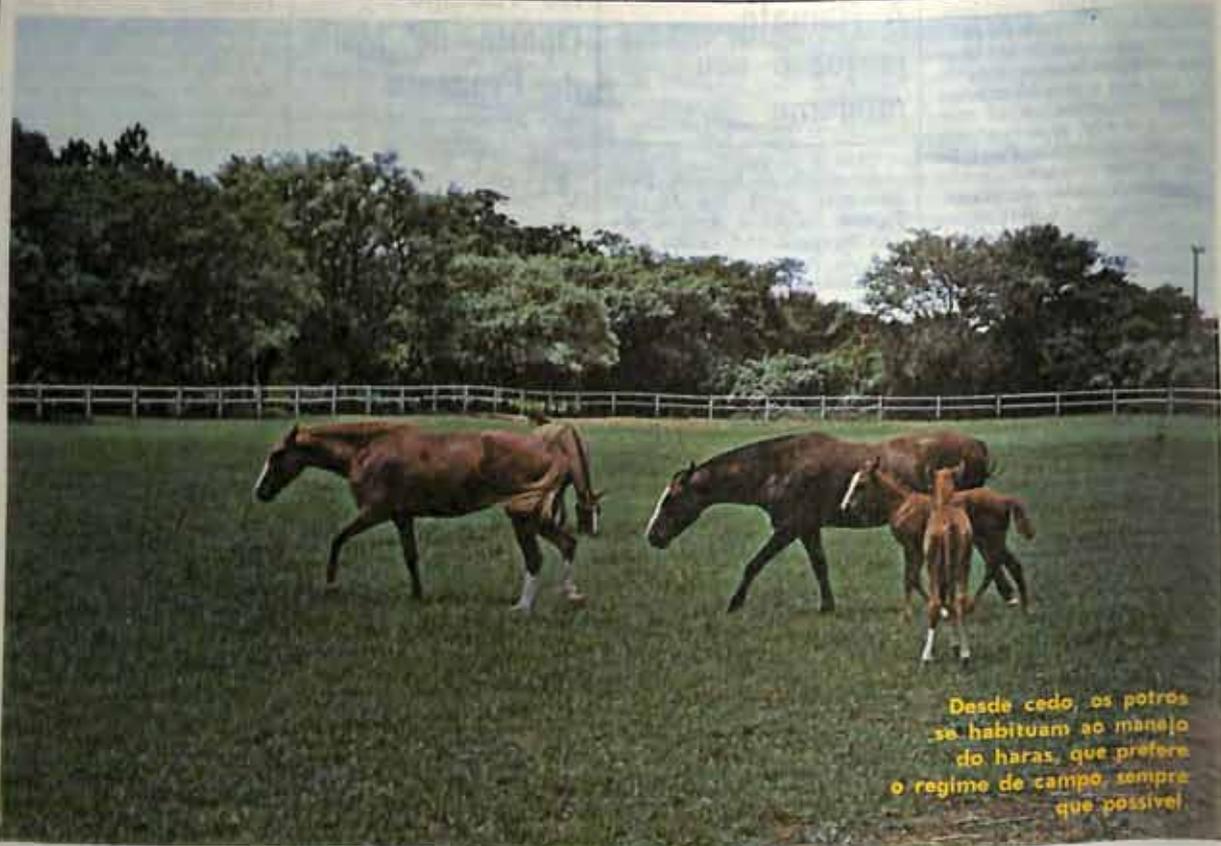
Um super leilão em Ribeirão

A Agropecuária Lagoa da Serra está esperando um movimento superior a Cr\$ 50 milhões no 11 Leilão Lagoa da Serra, um evento já considerado de prestígio, que a central de inseminação promoverá, com a Programa, no Hotel JP, em Ribeirão Preto, SP, dias 11 e 12 de abril próximo, com oferta de bovinos da raça Holandês, zebuínos e eqüinos. Norberto Prestes, diretor comercial da Lagoa da Serra, garante que todos os animais a serem levados à pista foram selecionados com rigorosos critérios técnicos, pelos veterinários Luiz Carlos Veiga Soares (gado Holandês), Walter Becker (eqüinos) e pelo agrônomo Fausto Pereira Lima (zebuínos).

Expobúfalo com mostra e curso

A 5.ª Expobúfalo Nacional, que acontecerá de 7 a 15 de março corrente, no Parque da Água Branca, em São Paulo, juntamente com a X Expoinel, não vai apenas mostrar os melhores animais da raça e constituir-se em oportunidade de conagração dos criadores. Nelson Breta Neves, presidente da entidade que reúne os bubalinocultores, pretende que também sirva para incentivar a exploração desses animais. E, por isso, o Instituto de Zootecnia, a CATI e a ABCB estarão promovendo um curso sobre a criação de búfalos, no próprio parque, no período de 10 a 12. O leilão de búfalos está programado para o dia 13.

O Mangalarga nascido do casamento que junta paixão e carinho



Desde cedo, os potros se habituariam ao manejo do haras, que prefere o regime de campo, sempre que possível.

Nos quinze anos em que selecionou gado Holandês, Olinto Marques de Paulo ganhou, consecutivamente, 18 medalhas de ouro em exposições realizadas no Parque da Água Branca, em São Paulo, como melhor criador e melhor expositor. Hoje, com pouco mais de cinco anos na criação de Mangalarga, já tem o seu plantel considerado pelos entendidos como um dos melhores do país. Por isso,

abiscoitar os prêmios maiores onde quer que o Mangalarga se mostre vai ser apenas uma questão de tempo — garantem os aficionados da raça. Porque OM é daqueles criadores que só se contentam com o melhor. E já começou a mostrá-lo: "Resgate J.O.", campeão cavalo paulista e nacional de 80 é crioulo de Olinto.

Essa fama não foi granjeada por acaso. Quem visita o Haras Tibagi,

em Campinas, SP, tem a comprovação. Ali e no Haras Marjan, em Valinhos, também de sua propriedade, os garanhões "Charmoso J.O.", "Patriarca A.J." e "Coioete M.J." são utilizados para cobrir, entre outras, éguas do naipe de "Batucada J.O.", "Lisboa A.J.", "Meia-Luz J.O.", "Jaca A.J.", "Princesa", "Alvorada", "Garota", "Jóia" e "Cinderela". Estas últimas são da seleção de Rubem Novaes, que Olinto adquiriu em

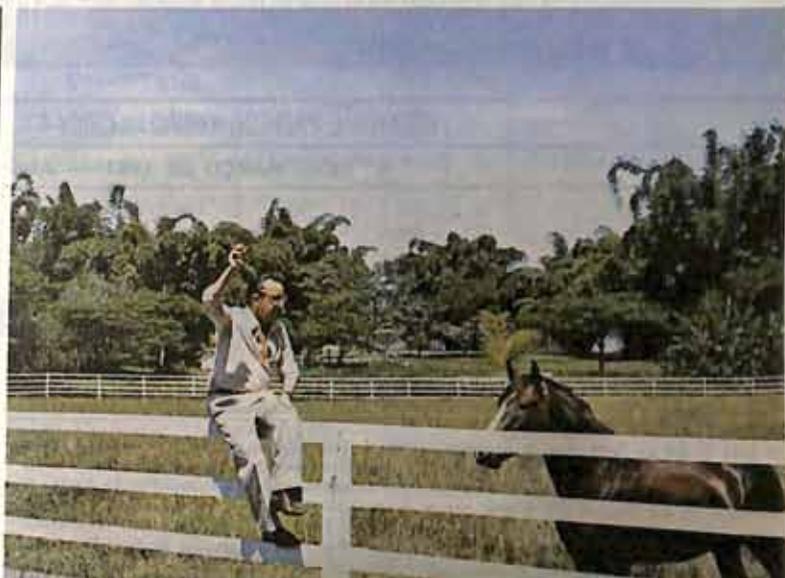
grande parte, ao ligar-se ao Mangalarga, com objetivos de seleção, há cerca de 4 anos, embora já apreciasse a raça (e a criasse) para a lida nas fazendas onde possui Santa Gertrudis para engorda e produção de cruzamentos industriais.

Criar cavalos, para Olinto, é uma paixão assumida com a mesma intensidade que fez de seu Holandês o mais premiado do país. Ele próprio confessa que é capaz de alguns "exageros" no carinho com que trata os animais Mangalarga, em número de 68, somando os 3 garanhões, as 30 éguas e os 35 potros e potranças. Como, por exemplo, dar-lhes o mesmo trato que aos Puros-Sangue de corrida, que também são atividade regular no Haras Tibagi. E, para que se tenha idéia de como há apuro nessa criação especializada, basta citar que o haras possui 13 animais, importados e nacionais, entre eles filhos e filhas de "Tumble Lark", já por três anos consecutivos o ganhador das estatísticas dos Jockeys Clubes do país.

Mantido preferencialmente no campo, todo animal do haras é trazido às cocheiras duas vezes ao dia, para trato e toailete. Além das instalações especiais, destinadas aos reprodutores, há quatro conjuntos de cocheiras de alvenaria para as éguas, com 15 "boxes" cada uma. Ali, se fornece a alimentação, constituída de rações comerciais apropriadas, da Anhanguera, mais aveia, sais minerais e vitaminas, com supervisão direta de Luiz Padilha, o chefe da cocheira, e orientação técnica do veterinário José Luiz Pinto Moreira, presente no haras quatro dias por semana. É também nessas horas que o Giovanni, um ortopedista equino formado na Itália, realiza o seu trabalho de "casqueiro", acertando os cascos dos animais, desde os de mais tenra idade, para garantir-lhes aprumos perfeitos.

O volumoso de campo é garantido por 22 piquetes submetidos a manejo cuidadoso, variando Coastal cross, grama seda, quicuío e Rhodes, gramíneas que, à exceção do quicuío, também oferecem material de boa qualidade para fenação.

O haras dispõe de todas as insta-



"Charmoso J.O.", um dos mais reputados garanhões da raça, na atualidade, tem carinhos especiais de seu proprietário.

lações requeridas para o perfeito condicionamento dos animais, como pistas de treinamento, picadeiro etc., que dois empregados utilizam para o adestramento tanto dos PSI quanto dos Mangalarga. E o olho do dono (e dos filhos) faz o resto, pois, em contacto constante com o pessoal de trabalho do haras, está a família Marques (Olinto, dona Dora e os cinco filhos), sempre distribuindo seu tempo para que durante a semana também haja gente no local, supervisionando diretamente as atividades.

A propósito, Olinto e os filhos têm uma queda especial pela ciência da administração (quatro dos filhos, além do pai, são formados nessa área), que os ajuda bastante, como confessa o criador, a impor um ritmo empresarial ao negócio que desenvolvem.

RAÇA AJUDA

Para Olinto, basta dar condições aos animais para se desenvolverem adequadamente, que sua própria qualificação completará o trabalho. E os que conhecem de perto sua

criação, em Campinas, concordam com ele, pois o plantel tem as melhores ascendências dentro da raça. Sem contar o próprio "Charmoso J.O.", vencedor já de oito campeonatos no país, apesar de sua pouca idade, a tropa de Olinto inclui pelo menos 40 animais com o sangue de "Fogo", advindo da compra feita aos herdeiros de Rubem Novaes.

Aproximando-se agora a época da parição das éguas cobertas por "Charmoso", a expectativa no Tibagi é das maiores, pois o garanhão se mostra impressionante como animal padrão da raça, e a qualidade das éguas do prefixo R.N. é reconhecida.

Tudo indica, assim, que o nome de Olinto vai fincar-se com destaque no Mangalarga. E fazer correr, com muitas vitórias, as cores do Haras Tibagi também na raça do cavalo de sela brasileira. Nas pistas de competição, que põe frente a frente os melhores da criação nacional, ou nos leilões de prestígio, de que o Tibagi começa a participar com destaque. Tal como já faz com o seu Puro-Sangue de corrida nos principais prados do país. ●

Fomento da produção leiteira na Índia

O gado bovino da Índia ascende aproximadamente a 180 milhões de reses e há 60 milhões de búfalos. Apesar de tão abundante efetivo, a produção total de leite é baixa; até 1977 a distribuição comercial diária de leite na Índia era somente de 2,7 milhões de litros. O principal motivo disso é que o gado vacum é considerado, sobretudo nas zonas agrícolas, como animal de tração e fornecedor de esterco para combustível e, às vezes, fertilizante. Nas cidades há um certo número de bovinos e bubalinos que abastecem de leite seus proprietários. Mesmo assim, há empresas comerciais urbanas dedicadas ao fornecimento de leite de vacas e búfalas que vivem no recinto das cidades. Nos últimos dias da colônia, foi ensaiada a coleta de leite nas zonas rurais, para sua venda direta às cidades, ou para a fabricação de produtos lácteos, e isto acarretou um aumento gradual do abastecimento de leite aos principais centros de população.

Nos últimos 30 anos vem-se desenvolvendo um notável processo no distrito de Kaira, no Gujarat. Algumas centrais leiteiras comerciais organizaram a coleta de leite dos agricultores para sua venda nas cidades e o preparo da manteiga de leite de búfala ("ghee"). Alguns agricultores ficaram pouco satisfeitos com os preços que lhes foram oferecidos e organizaram sociedades cooperativas, que em pouco tempo estabeleceram suas próprias centrais leiteiras. Hoje, é uma indústria florescente. A principal central de produtos lácteos é a AMUL (Anand Milk Union Ltd.), presentemente denominada Kaira District Cooperative Milk Producers Union, na cidade de Anand, onde o leite é recebido e se fabricam queijo e leite desnatado em pó, ou se transporta o produto por rodovia, freqüentemente para Bombaim e mesmo para Delhi. Cerca de 225 000 produtores fornecem leite, entregue pela manhã e à tarde aos centros de coleta das aldeias, onde é verificada sua taxa de gordura.

Ao produtor, cada entrega de leite é paga na remessa seguinte. No centro de coleta, o produtor pode comprar alimentos para o gado. A União organizou a venda de alimentos pelas sociedades, o fornecimento de serviços de extensão aos agricultores sobre cultura de forragens verdes e distribuição das sementes necessárias. A União também organiza a inseminação artificial da população bovina e das búfalas (as quais produzem a maior parte do leite) e tem um serviço veterinário muito bem aparelhado em Anand.

"OPERAÇÃO INUNDAÇÃO"

O êxito da empresa de Kaira foi tal que se considerou conveniente repeti-la em outras regiões. Sob a direção do então gerente da Organização AM UL, Dr. V. Kurien, formou-se uma Junta Nacional de Fomento Leiteiro (NDDDB) com a missão de assessorar o estabelecimento de sistemas de distribuição de leite em outras regiões da Índia. A NDDDB estava especialmente interessada em organizar o fornecimento de leite das quatro principais cidades (Bombaim, Calcutá, Delhi e Madras) e convenceu o Governo indiano a dar início a um projeto com esse objetivo. Até a pouco, o abastecimento de leite dessas cidades estava a cargo de vendedores particulares, ou órgãos de distribuição, sendo que estes supriam somente uma pequena parte do mercado total. O Governo obteve a assistência de diversos órgãos internacionais, sobretudo do PMA (Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas/FAO), assim como do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), SIDA (Organismo Sueco de Desenvolvimento Internacional) e DANIDA (Organismo Dinamarquês de Fomento Internacional) para este projeto, que foi batizado "Operação Inundação".

O projeto consistia no fornecimento, pelo PMA, de 126 000 toneladas de leite desnatado em pó e 42 000 toneladas de manteiga. O valor total deste donativo foi calculado, na época, em US\$ 106 milhões (EUA), cerca de 900 milhões de rúpias. Os produtos doados seriam combinados com o leite e o resultante

vendido como produto fresco nas quatro cidades. Os fundos obtidos seriam destinados ao estabelecimento de uma rede de fornecimento de produtos lácteos, com as necessárias agências nas zonas rurais, centrais desses produtos nas zonas de fornecimento, fábricas de rações, sistema de transporte e centrais de produtos lácteos nas cidades. O sistema seria administrado por uma empresa independente, a Indian Dairy Corporation, que foi estabelecida pelo Governo da Índia, ficando entendido que a NDDDB proporcionaria os técnicos.

Embora o projeto previse a constituição de organizações de produtores de leite nas zonas rurais e serviços para fomentar a pecuária, era evidente que teria de estruturar um sistema capaz de aceitar, manipular e transportar o leite recolhido. Nos seis primeiros anos de existência do projeto, estabeleceram-se três centrais de produtos lácteos nas cidades de Bombaim, Delhi e Madras e está sendo organizada outra em Calcutá. Mesmo assim, construíram-se 18 das chamadas centrais secundárias de abastecimento, a maioria das quais tem capacidade aproximada para 100 000 litros de leite por dia. Nestas centrais rurais, elabora-se e transporta-se o leite para as principais cidades ou transforma-se o produto em desnatado em pó e "ghee", ou manteiga. A corporação também adquiriu os 30 primeiros carros-tanque e uma frotilha de caminhões. Para obter os insumos necessários construíram-se umas dez fábricas de rações. Uma característica especial do projeto é a distribuição do leite nas cidades, mediante máquinas automáticas de venda a granel, que serão mencionadas mais adiante.

Na época em que a missão de avaliação do projeto do PMA visitou a Índia, haviam sido invertidos cerca de 400 milhões de rúpias, destinadas principalmente à construção do conjunto de fábricas de ração, centrais de produtos lácteos em zonas rurais e urbanas, um sistema de transporte de leite e aparelhos automáticos de venda a granel em Delhi e Madras. Apesar disso, procurava-se melhorar o gado leiteiro, estabelecer serviços zootécnicos e veterinários e organizar os produtores de leite em sociedades cooperativas.

ABASTECIMENTO DE LEITE A GRUPOS URBANOS VULNERÁVEIS

Situação nutricional. Um dos objetivos do apoio da PMA ao projeto era melhorar a nutrição dos grupos vulneráveis das cidades. Para calcular a medida de alcance deste objetivo foi considerada a ingestão (1) de alimentos entre os grupos de renda baixa, em relação às suas necessidades nutricionais. Dispõem-se de dados sobre a ingestão em Calcutá que são reproduzidos no quadro 1. Este pressupõe que a ingestão é de 33 a 60% aproximadamente das necessidades estimadas; na maioria dos casos, 45%. A situação será provavelmente semelhante nas outras três cidades.

Isto faz pensar que a população de baixa renda, em si, é bastante equilibrada, não parecendo excessivamente deficiente em nenhum dos nutrientes considerados. O motivo da desordem nutricional é simplesmente a baixa ingestão de alimentos. Para remediar esta situação, ter-se-ia que aumentar a ingestão de alimentos, de modo que a quantidade total de alimentos consumidos por dia fosse suficiente para satisfazer as necessidades energéticas com uma dieta composta dos ingredientes correntemente consumidos. Não há muita necessidade de melhorar a composição da dieta, se bem que esta afirmativa esteja naturalmente sujeita às necessidades correntes estimadas. Pode ocorrer que uma doença infecciosa, especialmente entre as crianças pequenas, aumente a necessidade de melhorar a nutrição durante a convalescença. Este aumento das necessidades pode afetar especialmente as proteínas, dada a probabilidade de que se tenha registrado uma certa perda de tecidos do corpo, mas também pode ser aplicável à energia alimentícia, já que durante o período da doença é possível que todo o corpo tenha ficado com seu crescimento prejudicado. Não obstante, embora a ingestão geral de alimentos equivalha somente a cerca de 50% das necessidades, os principais esforços deverão concentrar-se no aumento da ingestão total, salvo, talvez, os casos em que determinados nutrientes, como a vitamina A, possam ser ministrados por preços relativamente baixos.

O leite na nutrição urbana. No quadro 2 estão expressas as necessidades de energia alimentar e de nutrientes considerados segundo os cálculos do Conselho Indiano de Investigações Médicas. Indica-se o conteúdo de 100 g de leite e a diferença entre o leite de vaca e o de búfala. O quadro mostra que, para se obter, mediante o aumento das quantidades de leite, uma melhora de, digamos, 10% das necessidades diárias de energia, proteína, vitamina A, riboflavina ou cálcio, a ingestão de leite teria que ser aumentada de 30 a 450 g por dia. Quando se considera o caso do leite padronizado, deveria haver um aumento muito maior.

Passemos agora ao quadro 3, que for-

1 — INGESTA DE ALIMENTOS ENTRE GRUPOS DE RENDAS BAIXAS EM CALCUTÁ (1)

Grupos	Energia			Proteínas		
	Ingesta	Necessidade	%	Ingesta	Necessidade	% (2)
	Kcal			g		
Crianças pre-escolares	500	1 200	42	15	18	54
Crianças escolares	850	2 200	45	25	37	44
Adultos	1 220	2 700	45	35	50	46
	Vitamina A			Cálcio		
	U.I.			mg		
Crianças pre-escolares	300	900	33	200	450	44
Crianças escolares	1 000	3 000	33	230	650	35
Adultos	1 500	3 000	50	275	450	61

Fonte: Hindustan Thompson (1972)

(1) = 1969/70; (2) = alterada segundo a qualidade da proteína.

2 — NECESSIDADES DE ENERGIA E DE NUTRIENTES DOS HABITANTES DA INDIA EM COMPARAÇÃO COM A COMPOSIÇÃO DO LEITE

Grupo	Necessidades			Conteúdo aproximado em 100 g de leite
	Idade	Sexo	Energia, kcal	
Idade	1-2	12-16	22-56	
Sexo		M	M	
Energia, kcal	1 200	2 500	2 800	65-100
Proteínas (ref.), g	17	53	55	3,2-4,0
Vitamina A (U.I.)	900	3 000	3 000	120-160
Cálcio, mg	450	650	450	110-160
Tiamina, mg	0,5	1,2	1,3	0,04
Riboflavina, mg	0,6	1,7	1,8	0,16

Nota: As estimativas das necessidades variam muito com as diferentes escolas.

Fonte: Indian Council of Medical Research (1968)

3 — CONSUMO DE LEITE EM CALCUTÁ (1)

Gasto por mês e por pessoa (Rúpias)	Leite por pessoa e por dia (Gramas)
menos que 35	20
35-70	39
71-105	87
106-175	135
mais que 175	238

Fonte: Hindustan Thompson (1972)

(1) Ajustado ao índices de preços para outubro de 1974.

nece os dados do consumo de leite dos diversos grupos de renda em Calcutá e onde se vê que os grupos de menores rendas têm que aumentar muitíssimo sua ingestão de leite, antes que surtam efeitos visíveis em sua situação nutricional. A imagem não é muito diferente em Bom-

baim, Delhi ou Madras. Isto levou à conclusão de que não seria realista supor que a situação nutricional dos grupos de baixa renda dessas cidades possa melhorar muito, aumentando-se de modo considerável a ministration de leite.

O leite em comparação com outros alimentos. O quadro 4 sugere a razão mais provável da baixíssima ingestão de leite dos grupos de baixa renda, a saber, que o leite é um produto relativamente caro. Os grupos de rendimentos baixos devem escolher um alimento local mais barato, como comida principal. Por conseguinte, não podem incluir em sua dieta uma quantidade considerável de leite. O quadro 4 também sugere que não seria prudente estimular esses grupos a consumir mais leite, se este tem de ser adquirido pelos preços normais de mercado. Como as rendas são limitadas, este aumento da ingestão de leite somente seria alcançado mediante a redução de gastos com outros alimentos. Assim, a aquisição de 50 ml a mais de leite poderia privar o indivíduo de 300 g de farinha de trigo ("atta"). Esta pessoa obteria 50 calorias adicionais em forma de leite, mas perderia 700 calorias de trigo "atta". Como a ingestão de energia alimentícia já é muito baixa, a troca em apreço surtiria efeitos muito perniciosos. Tampouco seria realista supor que a compra de leite pode substituir a aquisição de produtos não alimentícios. Os alimentos já constituem, com grande diferença, a porcentagem mais elevada do gasto diário, ou 70%, para os grupos de receitas mais baixas. Difícilmente se pode esperar que essas famílias dediquem aos alimentos uma porcentagem maior de seus já míseros rendimentos.

Programa de alimentação complementar. Ante o fato de que grupos bastante grandes da população das cidades indianas sofrem privações nutricionais, como foi anteriormente indicado em relação ao quadro 1, pode-se chegar à conclusão de que se torna urgente contar com programas complementares de alimentação. Conseqüentemente, um dos objetivos do projeto PMA consiste em proporcionar uma certa quantidade de leite gratuitamente aos grupos vulneráveis das cidades. Não obstante, esta quantidade não é muito abundante. Segundo os quadros 1 e 5 há falta de enormes quantidades. Não se pode esperar que os sistemas de abasteci-

4 — PREÇOS MAIS BAIXOS DOS ALIMENTOS OBSERVADOS EM CALCUTA EM 1970 E PREÇO CALCULADO POR CALORIA (Kcal)

Produto alimentício	Rúpias/kg	Kcal/kg	Rúpias/1000 kcal
Arroz (mercado livre)	1,97	3 600	0,55
Arroz (mercado controlado)	1,26	3 600	0,35
Trigo atta (mercado livre)	1,03	3 600	0,29
Trigo atta (mercado controlado)	0,96	3 600	0,27
Leguminosas	1,50	1 400	0,93
Óleo de mostarda	5,12	8 850	0,58
Leite de búfala	2,02	1 000	2,02
Batatas	0,65	700	0,92
Hortaliças	0,70	200	3,50
Pescado	2,35	1 000	2,35
Carne	2,82	2 000	1,41

Fonte: Hindustan Thompson (1972)

5 — DISTRIBUIÇÃO DA RENDA PESSOAL DISPONÍVEL

Volume da renda anual disponível (rúpias)	Setor rural		Setor urbano	Índia total
	% de lares		% de lares	
menos que 1 000	23,5	8,5	18,5	18,5
1 000-2 000	36,6	21,5	34,5	34,5
2 001-4 000	27,4	33,2	30,2	30,2
4 001-6 000	6,4	14,4	6,8	6,8
6 001-10 000	3,7	11,2	5,0	5,0
10 001-15 000	1,6	5,5	2,4	2,4
15 001-20 000	0,5	2,8	1,9	1,9
20 001-30 000	0,2	1,8	0,4	0,4
mais que 30 000	0,1	1,1	0,3	0,3

Calculada a partir de dados de 1962/63. Ajustada ao índice de preços de outubro de 1974.

Fonte: Gujarat, Escritório de Economia e Estatísticas (1973).

mento e distribuição do leite propiciem quantidades tão volumosas de leite grátis. Se assim fosse, ter-se-ia que pagar ao produtor rural preços baixíssimos. Sem embargo, como foi examinado acima mais detalhadamente, a população rural nas regiões leiteiras não se encontra, nem econômica nem nutricionalmente, em melhores condições que as populações urbanas. Assim, pois, esperar que se proporcione um leite mais barato, para ajudar os grupos mais necessitados das cidades, equivaleria a pedir a um grupo vulnerável que faça um donativo a outro, ainda que este último esteja provavelmente em condições igualmente más.

Outra solução poderia ser, naturalmente, que os municípios, os governos estaduais e o Governo da Índia, se encarregassem dos gastos destes programas de alimentação. Equivaleria, com efeito, a um vasto plano de redistribuição de rendas, sendo que o quadro 5 indica que, para surtir um efeito real, na situação nutricional da Índia, ter-se-ia que considerar um programa de redistribuição em tal escala que isso provavelmente não seria realizado.

Entretanto, sabe-se que o Governo da Índia assumiu a responsabilidade, dentro do atual plano quinquenal, de proporcionar alimentação complementar a não menos de 26 milhões de pessoas. E o Governo também não aceitou o fato, segun-

do se pode deduzir do quadro 4, de que, quando forem adotados programas de alimentação complementar de tais proporções, é anti-econômico e possivelmente pouco prático utilizar o leite como suplemento alimentar. Em geral, considera-se que, para ter efeito, um plano de alimentação complementar deve proporcionar no mínimo 400 Kcal e 15 g de proteínas por dia. O quadro 6 indica, para os diversos alimentos utilizados nos programas de alimentação complementar, os custos em "paises" por pessoas. Deve-se observar que as misturas vegetais, como, por exemplo a "Bal-Ahar" indiana, que é um alimento muito utilizado, seria muito mais barata por pessoa que o leite. Além disso, o leite é um produto a granel, que se deteriora, é difícil de distribuir e fácil de perder-se, além de ser exigente quanto à armazenagem. Por conseguinte, ainda que se disponha de fundos para alimentação complementar na Índia, o leite não é o produto adequado para esse fim.

EFEITO NA NUTRIÇÃO

Rendimentos. Convém agora considerar os efeitos do projeto na situação nutricional das zonas rurais e urbanas da população indiana. O quadro 5 indica as receitas anuais, estimadas, nos setores rurais e urbanos. Cerca de 80% dos dados



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE
UMA CAVALO E O CAVALIEIRO
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR
Av. Francisco Matarazzo, 435

(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62-6269 (DDD 011)

6 — PREÇOS DOS DIVERSOS ALIMENTOS EM "PAISAS"

Alimento	400 kcal	15 g de proteínas
Leite padronizado	97	67
Leite duplamente nivelado (1)	87	37
Alimento vegetal extrudido	61	50
Alimento para fins múltiplos	30	11
Arroz	28	46
Alimentos compensados preparados no lar	25	25
"Bal Ahar" (2)	18	20
Trigo	15	21
Farelo de amendoim	14	6

(1) Leite de búfala nivelado ao leite de vaca. (2) Alimento próprio do país que, como os demais, entre aspas, não tem nome correspondente em português.

7 — RENDAS AGRÍCOLAS NAS ALDEIAS DE MADIAD (DISTRITO DE KAIRA)

Produtores	Total (Rúpias/ano)	Leiteira	(%)
Cooperativas			
Pequenas (menos que 5 acres ¹)	1 511	1 151	76
Médias (5 a 10 acres)	3 353	1 917	57
Grandes (mais que 10 acres)	10 492	3 851	37
Média	4 097	1 985	48
Não cooperados			
Pequenos (menos que 7,5 acres)	752	453	60
Médios (7,5 a 15 acres)	2 081	1 212	58
Grandes (mais que 15 acres)	6 002	2 556	43
Média	1 192	675	57

Fonte: Srivastava (1970)

Nota: 1 acre = 0,4047 ha

tantes da Índia vivem no que se chama de zonas rurais (perto de 70% das famílias se dedicam ativamente à agricultura). Considera-se que os lucros são menores nas zonas rurais que nas cidades. Assim, cerca de 60% dos lares rurais têm uma receita anual disponível de menos de 2.000 rúpias (cerca de US\$ 250), ao passo que a percentagem correspondente ao setor urbano é de 30. Como é indicado mais abaixo, as populações rurais se encontram, às vezes, em melhores condições nutricionais que as urbanas do mesmo nível de renda, mas este efeito positivo é contrariado pela sua renda média, geralmente mais baixa. As populações rurais correm mais perigo sob este ponto de vista, porquanto o abastecimento de alimentos pode ser muito desigual, devido às más colheitas, às secas etc., e isso dá lugar a graves deficiências nutricionais. Os médicos têm demonstrado, em diferentes ocasiões, que a desnutrição é mais grave nas zonas rurais que nas populações urbanas da Índia.

Efeito econômico nas zonas rurais. Foi dito antes que o estabelecimento de um sistema organizado de coleta de leite pode proporcionar rendas adicionais a muitos habitantes das zonas rurais. Do ponto de vista nutricional, essas rendas podem ser particularmente úteis, por se tratar de receita diária, que será utilizada mais provavelmente para comprar alimentos, que as rendas periódicas, derivadas de outras

atividades agrícolas. Foi efetuado um estudo de uma região do distrito de Kaira. Os dados que figuram no quadro 7 indicam que, nas zonas em que vivem os chamados cooperativistas, quer dizer, os grupos que adotaram o sistema cooperativo da produção leiteira, foi duplicada a renda proveniente da fabricação de produtos lácteos. Não obstante, mais surpreendente é o fato que os cooperativistas duplicaram com juros suas receitas de outras atividades agrícolas; isto foi devido aos efeitos sociais gerais da existência de um sistema organizado de coleta de leite com as sociedades cooperativas correspondentes.

Tendências sociais do desenvolvimento. Poder-se-ia supor que o fomento leiteiro beneficia principalmente os grandes agricultores que têm meios para inverter na melhora do gado, as rações, a produção de forragens etc. (Nyholm e cols., 1975). Todavia, o quadro 8 mostra que uma grande proporção de fornecedores das centrais leiteiras são agricultores sem terras, ou com explorações muito pequenas (menos de 1 ha). Na realidade, muitos dados indicam que o fomento leiteiro bem organizado na Índia beneficiará principalmente o agricultor marginal ou o trabalhador agrícola sem terra. Nem todos dispõem de animais leiteiros, mas o quadro 9 mostra que o número dos que contam com esses animais é muito importante.

ACABAR COM O CARRAPATO E O BERNE É UM SERVICINHO LEVE, COM O PULVERIZADOR EXCELSIOR.

O pulverizador Excelsior modelo Especial, desenvolvido juntamente pela Assistência Cooper no Campo e o Departamento de Engenharia de Máquinas Excelsior S.A., é perfeito para você combater o carrapato e o berne, com menor esforço e maior facilidade. Veja só:



RESISTÊNCIA E DURABILIDADE



COOPER

Pesquisa e Serviço de Vida

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

8 — POPULAÇÕES RURAIS DE BAIXOS RENDIMENTOS SEGUNDO A TENDÊNCIA DA TERRA E A PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO LEITEIRA

População	Gujarat Kaira	Punjab Ludhiana % de lares	Tamil, Nadu, Madurai
Trabalhadores sem terra	26,4	54,7	57,4
Não agricultores	7,3	28,9	41,2
Trabalhadores agrícolas			
com animais leiteiros	8,5	19,6	5,5
sem animais leiteiros	0,6	6,2	10,7
De menos de 1 hectare	22,7	7,1	30,5
Não agricultores	0,4	0,2	1,1
com animais leiteiros	16,5	5,8	12,6
sem animais leiteiros	5,8	1,1	16,8

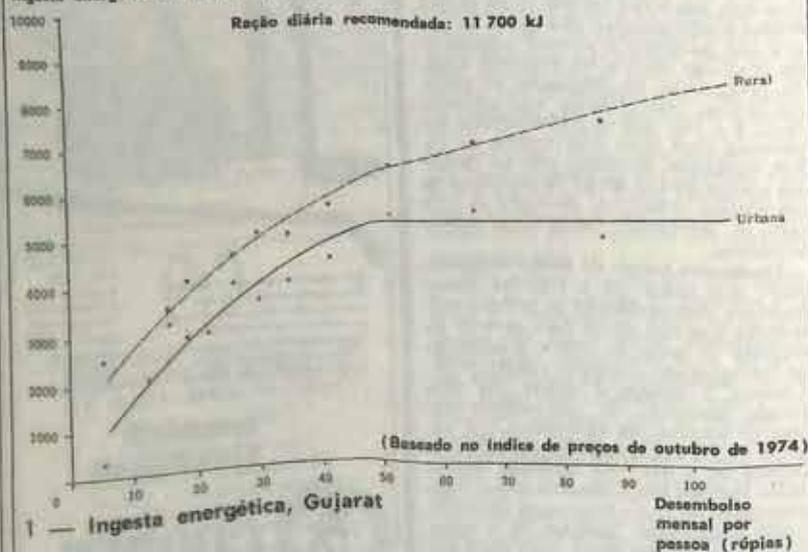
Fonte: Junta Nacional de Fomento Leiteiro (1974).

9 — ALDEIA DO DISTRITO DE SABARKANTA EM GUJARAT: NÚMERO DE LARES COM ANIMAIS LEITEIROS

Grupo	N. total de lares	Lares c/animais leiteiros
Trabalhadores sem terra	82	22 (27%)
Pequenos agricultores	131	100 (76%)
Agricultores médios e pequenos	115	100 (87%)

Ingesta energética diária (kJ) por pessoa

Ração diária recomendada: 11 700 kJ



1 — Ingesta energética, Gujarat

Desenvolvimento
mensal por
pessoa (rúpias)

▶ Mesmo assim, um dos objetivos do projeto consiste em ajudar os pobres rurais a adquirir animais leiteiros.

Ao se avaliarem os dados do quadro 9, deve-se ter em mente que algumas pessoas sem terra das zonas rurais dedicam-se a diversos ofícios ou ao artesanato e têm rendas alheias à agricultura.

Efeito do aumento das receitas. Naturalmente, pode-se supor que as rendas adicionais não se destinariam à compra de alimentos e sim a outras necessidades ou gastos. Para avaliar o efeito do aumento das rendas na nutrição, estudaram-se dados sobre a ingestão de alimentos em relação às rendas. Para facilitar as comparações, foram ajustados os níveis de renda às condições de 1974, utilizando o índice geral de preços. Os resultados figuram nos gráficos 1 e 2, onde se dá especial atenção aos grupos de rendas muito baixas. Parece que a elasticidade-renda da ingestão de alimentos desses grupos é muito considerável, possivelmente ao redor de 40%. Isso quer dizer que a renda sendo duplicada, como sugere o quadro 7, a ingestão de alimentos aumentará em cerca de 40%, aproximadamente. Estes estudos demonstram que a elasticidade-renda da aplicação à ingestão total de energia, assim como à de proteína, vitamina A, vitamina B e cálcio. Portanto, o projeto dará lugar possivelmente a uma melhora nutricional de cerca de 40% da ingestão atual nas populações rurais beneficiadas, uns 2 milhões de lares, ou cerca de 12 milhões de pessoas; o projeto poderia ser muito bem o maior e feliz plano nutricional empreendido até agora na Índia. Isto é especialmente alentador, quando se tem em conta que se trata de uma operação autofinanciada e que será provavelmente autônoma. Não se ajuda os produtores a superarem um período difícil com programas complementares de alimentação; ao contrário disso, a ajuda deve alcançar uma situação nutricional permanentemente melhorada, vale dizer, a passar do que é, amiúde, uma situação de privação para outra, de razoável bem-estar.

MOBILIZAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS

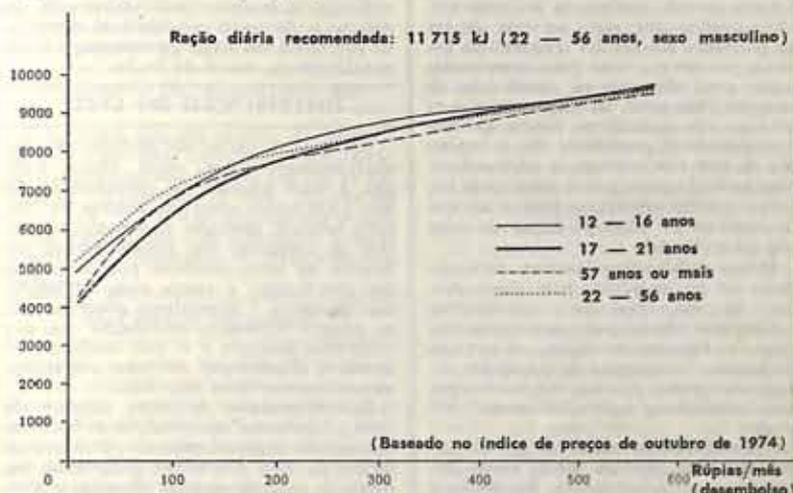
Cooperativas de produtores. Um objetivo do projeto é estruturar um sistema de coleta de leite nas zonas rurais. O plano consiste em organizar os produtores de leite em cooperativas de produtos lácteos, segundo o chamado sistema Anand, caracterizado por sociedades compostas somente de produtores ativos; os secretários e outros trabalhadores são empregados pagos, e estas sociedades não fornecem créditos. Tais condições parecem proteger essas entidades contra a maioria dos abusos que sofreram outros tipos de cooperativas.

O presente conceito de cooperativa leiteira é novo na maior parte das regiões.

Em todo o caso, a organização de grandes grupos de produtores leiteiros muito pequenos levará tempo. A Organização Indiana da Indústria Leiteira concordou, entretanto, em utilizar outros sistemas de coleta de leite, para obter o produto necessário, mas o intuito final é utilizar exclusivamente cooperativas de produtores de leite de tipo Anand. A formação da rede de cooperativas rurais corre por conta de equipes da NDDB, enviadas às zonas rurais para auxiliar os produtores do campo a se organizarem nesses organismos. É muito alentador verificar que estão sendo alcançados progressos rápidos; entre março de 1975 e janeiro de 1976 haviam passado de 2 500 a cerca de 4 500 as sociedades organizadas. Isso confirma a visão da Corporação Indiana de Indústria Leiteira de formar em primeiro lugar uma rede de centrais leiteiras. Quando a rede funciona, as organizações rurais aparecem de imediato.

Insumos agrícolas. O fato de haver falta de tempo para organizar os produtores rurais deu motivo a demoras em outros setores importantes. O projeto proporciona assistência aos produtores rurais para aumentar a produtividade de seus animais leiteiros, ajudando-os a obter

Ingesta energética diária (kJ) por pessoas



2 — Ingesta energética, Calcutá

Chegou o que você esperava!

CARRETA ENSILADEIRA E GRANELEIRA

ESPARRAMADOR DE ESTERCO



CARRETA ENSILADEIRA E GRANELEIRA MINAMI

A MINAMI apresenta o modo mais simples e rápido de encher os silos. Com a Carregadeira Ensiladeira e Graneleira MINAMI de descarga automática, você economiza tempo e dinheiro e ainda a utiliza para transportar granéis em geral. Fabricada para descarga lateral e trazeira. Capacidade de carga - 2.000 e 4.000 kg. Volume de carga - 7 m³. Tempo de descarga: pela lateral - 1 minuto pela trazeira - 2 minutos



ESPARRAMADOR DE ESTERCO

O Distribuidor de Esterco MINAMI, foi projetado e produzido para oferecer ao agricultor uma opção válida no aproveitamento de estercos sólidos de toda espécie. Sua construção é robusta, prática e eficiente, proporcionando maior rentabilidade e lucro no uso eficiente do Adubo Orgânico. Capacidade de carga - 2.000 e 4.000 kg.

MINAMI - Indústria de Aparelhos para o Lavouro Ltda.

FABRICA: Estrada dos Sabinos, km 12, Jundiaí - SP, Caixa Postal 130, 130-120, 130-121, 130-122, 130-123, 130-124, 130-125, 130-126, 130-127, 130-128, 130-129, 130-130, 130-131, 130-132, 130-133, 130-134, 130-135, 130-136, 130-137, 130-138, 130-139, 130-140, 130-141, 130-142, 130-143, 130-144, 130-145, 130-146, 130-147, 130-148, 130-149, 130-150, 130-151, 130-152, 130-153, 130-154, 130-155, 130-156, 130-157, 130-158, 130-159, 130-160, 130-161, 130-162, 130-163, 130-164, 130-165, 130-166, 130-167, 130-168, 130-169, 130-170, 130-171, 130-172, 130-173, 130-174, 130-175, 130-176, 130-177, 130-178, 130-179, 130-180, 130-181, 130-182, 130-183, 130-184, 130-185, 130-186, 130-187, 130-188, 130-189, 130-190, 130-191, 130-192, 130-193, 130-194, 130-195, 130-196, 130-197, 130-198, 130-199, 130-200, 130-201, 130-202, 130-203, 130-204, 130-205, 130-206, 130-207, 130-208, 130-209, 130-210, 130-211, 130-212, 130-213, 130-214, 130-215, 130-216, 130-217, 130-218, 130-219, 130-220, 130-221, 130-222, 130-223, 130-224, 130-225, 130-226, 130-227, 130-228, 130-229, 130-230, 130-231, 130-232, 130-233, 130-234, 130-235, 130-236, 130-237, 130-238, 130-239, 130-240, 130-241, 130-242, 130-243, 130-244, 130-245, 130-246, 130-247, 130-248, 130-249, 130-250, 130-251, 130-252, 130-253, 130-254, 130-255, 130-256, 130-257, 130-258, 130-259, 130-260, 130-261, 130-262, 130-263, 130-264, 130-265, 130-266, 130-267, 130-268, 130-269, 130-270, 130-271, 130-272, 130-273, 130-274, 130-275, 130-276, 130-277, 130-278, 130-279, 130-280, 130-281, 130-282, 130-283, 130-284, 130-285, 130-286, 130-287, 130-288, 130-289, 130-290, 130-291, 130-292, 130-293, 130-294, 130-295, 130-296, 130-297, 130-298, 130-299, 130-300, 130-301, 130-302, 130-303, 130-304, 130-305, 130-306, 130-307, 130-308, 130-309, 130-310, 130-311, 130-312, 130-313, 130-314, 130-315, 130-316, 130-317, 130-318, 130-319, 130-320, 130-321, 130-322, 130-323, 130-324, 130-325, 130-326, 130-327, 130-328, 130-329, 130-330, 130-331, 130-332, 130-333, 130-334, 130-335, 130-336, 130-337, 130-338, 130-339, 130-340, 130-341, 130-342, 130-343, 130-344, 130-345, 130-346, 130-347, 130-348, 130-349, 130-350, 130-351, 130-352, 130-353, 130-354, 130-355, 130-356, 130-357, 130-358, 130-359, 130-360, 130-361, 130-362, 130-363, 130-364, 130-365, 130-366, 130-367, 130-368, 130-369, 130-370, 130-371, 130-372, 130-373, 130-374, 130-375, 130-376, 130-377, 130-378, 130-379, 130-380, 130-381, 130-382, 130-383, 130-384, 130-385, 130-386, 130-387, 130-388, 130-389, 130-390, 130-391, 130-392, 130-393, 130-394, 130-395, 130-396, 130-397, 130-398, 130-399, 130-400, 130-401, 130-402, 130-403, 130-404, 130-405, 130-406, 130-407, 130-408, 130-409, 130-410, 130-411, 130-412, 130-413, 130-414, 130-415, 130-416, 130-417, 130-418, 130-419, 130-420, 130-421, 130-422, 130-423, 130-424, 130-425, 130-426, 130-427, 130-428, 130-429, 130-430, 130-431, 130-432, 130-433, 130-434, 130-435, 130-436, 130-437, 130-438, 130-439, 130-440, 130-441, 130-442, 130-443, 130-444, 130-445, 130-446, 130-447, 130-448, 130-449, 130-450, 130-451, 130-452, 130-453, 130-454, 130-455, 130-456, 130-457, 130-458, 130-459, 130-460, 130-461, 130-462, 130-463, 130-464, 130-465, 130-466, 130-467, 130-468, 130-469, 130-470, 130-471, 130-472, 130-473, 130-474, 130-475, 130-476, 130-477, 130-478, 130-479, 130-480, 130-481, 130-482, 130-483, 130-484, 130-485, 130-486, 130-487, 130-488, 130-489, 130-490, 130-491, 130-492, 130-493, 130-494, 130-495, 130-496, 130-497, 130-498, 130-499, 130-500, 130-501, 130-502, 130-503, 130-504, 130-505, 130-506, 130-507, 130-508, 130-509, 130-510, 130-511, 130-512, 130-513, 130-514, 130-515, 130-516, 130-517, 130-518, 130-519, 130-520, 130-521, 130-522, 130-523, 130-524, 130-525, 130-526, 130-527, 130-528, 130-529, 130-530, 130-531, 130-532, 130-533, 130-534, 130-535, 130-536, 130-537, 130-538, 130-539, 130-540, 130-541, 130-542, 130-543, 130-544, 130-545, 130-546, 130-547, 130-548, 130-549, 130-550, 130-551, 130-552, 130-553, 130-554, 130-555, 130-556, 130-557, 130-558, 130-559, 130-560, 130-561, 130-562, 130-563, 130-564, 130-565, 130-566, 130-567, 130-568, 130-569, 130-570, 130-571, 130-572, 130-573, 130-574, 130-575, 130-576, 130-577, 130-578, 130-579, 130-580, 130-581, 130-582, 130-583, 130-584, 130-585, 130-586, 130-587, 130-588, 130-589, 130-590, 130-591, 130-592, 130-593, 130-594, 130-595, 130-596, 130-597, 130-598, 130-599, 130-600, 130-601, 130-602, 130-603, 130-604, 130-605, 130-606, 130-607, 130-608, 130-609, 130-610, 130-611, 130-612, 130-613, 130-614, 130-615, 130-616, 130-617, 130-618, 130-619, 130-620, 130-621, 130-622, 130-623, 130-624, 130-625, 130-626, 130-627, 130-628, 130-629, 130-630, 130-631, 130-632, 130-633, 130-634, 130-635, 130-636, 130-637, 130-638, 130-639, 130-640, 130-641, 130-642, 130-643, 130-644, 130-645, 130-646, 130-647, 130-648, 130-649, 130-650, 130-651, 130-652, 130-653, 130-654, 130-655, 130-656, 130-657, 130-658, 130-659, 130-660, 130-661, 130-662, 130-663, 130-664, 130-665, 130-666, 130-667, 130-668, 130-669, 130-670, 130-671, 130-672, 130-673, 130-674, 130-675, 130-676, 130-677, 130-678, 130-679, 130-680, 130-681, 130-682, 130-683, 130-684, 130-685, 130-686, 130-687, 130-688, 130-689, 130-690, 130-691, 130-692, 130-693, 130-694, 130-695, 130-696, 130-697, 130-698, 130-699, 130-700, 130-701, 130-702, 130-703, 130-704, 130-705, 130-706, 130-707, 130-708, 130-709, 130-710, 130-711, 130-712, 130-713, 130-714, 130-715, 130-716, 130-717, 130-718, 130-719, 130-720, 130-721, 130-722, 130-723, 130-724, 130-725, 130-726, 130-727, 130-728, 130-729, 130-730, 130-731, 130-732, 130-733, 130-734, 130-735, 130-736, 130-737, 130-738, 130-739, 130-740, 130-741, 130-742, 130-743, 130-744, 130-745, 130-746, 130-747, 130-748, 130-749, 130-750, 130-751, 130-752, 130-753, 130-754, 130-755, 130-756, 130-757, 130-758, 130-759, 130-760, 130-761, 130-762, 130-763, 130-764, 130-765, 130-766, 130-767, 130-768, 130-769, 130-770, 130-771, 130-772, 130-773, 130-774, 130-775, 130-776, 130-777, 130-778, 130-779, 130-780, 130-781, 130-782, 130-783, 130-784, 130-785, 130-786, 130-787, 130-788, 130-789, 130-790, 130-791, 130-792, 130-793, 130-794, 130-795, 130-796, 130-797, 130-798, 130-799, 130-800, 130-801, 130-802, 130-803, 130-804, 130-805, 130-806, 130-807, 130-808, 130-809, 130-810, 130-811, 130-812, 130-813, 130-814, 130-815, 130-816, 130-817, 130-818, 130-819, 130-820, 130-821, 130-822, 130-823, 130-824, 130-825, 130-826, 130-827, 130-828, 130-829, 130-830, 130-831, 130-832, 130-833, 130-834, 130-835, 130-836, 130-837, 130-838, 130-839, 130-840, 130-841, 130-842, 130-843, 130-844, 130-845, 130-846, 130-847, 130-848, 130-849, 130-850, 130-851, 130-852, 130-853, 130-854, 130-855, 130-856, 130-857, 130-858, 130-859, 130-860, 130-861, 130-862, 130-863, 130-864, 130-865, 130-866, 130-867, 130-868, 130-869, 130-870, 130-871, 130-872, 130-873, 130-874, 130-875, 130-876, 130-877, 130-878, 130-879, 130-880, 130-881, 130-882, 130-883, 130-884, 130-885, 130-886, 130-887, 130-888, 130-889, 130-890, 130-891, 130-892, 130-893, 130-894, 130-895, 130-896, 130-897, 130-898, 130-899, 130-900, 130-901, 130-902, 130-903, 130-904, 130-905, 130-906, 130-907, 130-908, 130-909, 130-910, 130-911, 130-912, 130-913, 130-914, 130-915, 130-916, 130-917, 130-918, 130-919, 130-920, 130-921, 130-922, 130-923, 130-924, 130-925, 130-926, 130-927, 130-928, 130-929, 130-930, 130-931, 130-932, 130-933, 130-934, 130-935, 130-936, 130-937, 130-938, 130-939, 130-940, 130-941, 130-942, 130-943, 130-944, 130-945, 130-946, 130-947, 130-948, 130-949, 130-950, 130-951, 130-952, 130-953, 130-954, 130-955, 130-956, 130-957, 130-958, 130-959, 130-960, 130-961, 130-962, 130-963, 130-964, 130-965, 130-966, 130-967, 130-968, 130-969, 130-970, 130-971, 130-972, 130-973, 130-974, 130-975, 130-976, 130-977, 130-978, 130-979, 130-980, 130-981, 130-982, 130-983, 130-984, 130-985, 130-986, 130-987, 130-988, 130-989, 130-990, 130-991, 130-992, 130-993, 130-994, 130-995, 130-996, 130-997, 130-998, 130-999, 130-1000, 130-1001, 130-1002, 130-1003, 130-1004, 130-1005, 130-1006, 130-1007, 130-1008, 130-1009, 130-1010, 130-1011, 130-1012, 130-1013, 130-1014, 130-1015, 130-1016, 130-1017, 130-1018, 130-1019, 130-1020, 130-1021, 130-1022, 130-1023, 130-1024, 130-1025, 130-1026, 130-1027, 130-1028, 130-1029, 130-1030, 130-1031, 130-1032, 130-1033, 130-1034, 130-1035, 130-1036, 130-1037, 130-1038, 130-1039, 130-1040, 130-1041, 130-1042, 130-1043, 130-1044, 130-1045, 130-1046, 130-1047, 130-1048, 130-1049, 130-1050, 130-1051, 130-1052, 130-1053, 130-1054, 130-1055, 130-1056, 130-1057, 130-1058, 130-1059, 130-1060, 130-1061, 130-1062, 130-1063, 130-1064, 130-1065, 130-1066, 130-1067, 130-1068, 130-1069, 130-1070, 130-1071, 130-1072, 130-1073, 130-1074, 130-1075, 130-1076, 130-1077, 130-1078, 130-1079, 130-1080, 130-1081, 130-1082, 130-1083, 130-1084, 130-1085, 130-1086, 130-1087, 130-1088, 130-1089, 130-1090, 130-1091, 130-1092, 130-1093, 130-1094, 130-1095, 130-1096, 130-1097, 130-1098, 130-1099, 130-1100, 130-1101, 130-1102, 130-1103, 130-1104, 130-1105, 130-1106, 130-1107, 130-1108, 130-1109, 130-1110, 130-1111, 130-1112, 130-1113, 130-1114, 130-1115, 130-1116, 130-1117, 130-1118, 130-1119, 130-1120, 130-1121, 130-1122, 130-1123, 130-1124, 130-1125, 130-1126, 130-1127, 130-1128, 130-1129, 130-1130, 130-1131, 130-1132, 130-1133, 130-1134, 130-1135, 130-1136, 130-1137, 130-1138, 130-1139, 130-1140, 130-1141, 130-1142, 130-1143, 130-1144, 130-1145, 130-1146, 130-1147, 130-1148, 130-1149, 130-1150, 130-1151, 130-1152, 130-1153, 130-1154, 130-1155, 130-1156, 130-1157, 130-1158, 130-1159, 130-1160, 130-1161, 130-1162, 130-1163, 130-1164, 130-1165, 130-1166, 130-1167, 130-1168, 130-1169, 130-1170, 130-1171, 130-1172, 130-1173, 130-1174, 130-1175, 130-1176, 130-1177, 130-1178, 130-1179, 130-1180, 130-1181, 130-1182, 130-1183, 130-1184, 130-1185, 130-1186, 130-1187, 130-1188, 130-1189, 130-1190, 130-1191, 130-1192, 130-1193, 130-1194, 130-1195, 130-1196, 130-1197, 130-1198, 130-1199, 130-1200, 130-1201, 130-1202, 130-1203, 130-1204, 130-1205, 130-1206, 130-1207, 130-1208, 130-1209, 130-1210, 130-1211, 130-1212, 130-1213, 130-1214, 130-1215, 130-1216, 130-1217, 130-1218, 130-1219, 130-1220, 130-1221, 130-1222, 130-1223, 130-1224, 130-1225, 130-1226, 130-1227, 130-1228, 130-1229, 130-1230, 130-1231, 130-1232, 130-1233, 130-1234, 130-1235, 130-1236, 130-1237, 130-1238, 130-1239, 130-1240, 130-1241, 130-1242, 130-1243, 130-1244, 130-1245, 130-1246, 130-1247, 130-1248, 130-1249, 130-1250, 130-1251, 130-1252, 130-1253, 130-1254, 130-1255, 130-1256, 130-1257, 130-1258, 130-1259, 130-1260, 130-1261, 130-1262, 130-1263, 130-1264, 130-1265, 130-1266, 130-1267, 130-1268, 130-1269, 130-1270, 130-1271, 130-1272, 130-1273, 130-1274, 130-1275, 130-1276, 130-1277, 130-1278, 130-1279, 130-1280, 130-1281, 130-1282, 130-1283, 130-1284, 130-1285, 130-1286, 130-1287, 130-1288, 130-1289, 130-

melhores rações e proporcionando-lhes serviços veterinários e de inseminação artificial.

A Corporação Indiana de Indústria Lesteira acredita que esses serviços devem ser prestados através das cooperativas leiteiras, por ser provável que tais entidades sejam mais eficientes na distribuição de insumos. Em geral, as cooperativas e os serviços aos agricultores funcionam melhor quando os produtores têm a impressão de que eles mesmos os administram. Esta parte do projeto está adquirindo impulso, e influi consideravelmente no melhoramento da atual produção de leite nas zonas rurais.

Uniões e federações leiteiras. As sociedades de produtores de leite (cooperativas) se congregam para constituírem uniões, que administram as centrais leiteiras, as fábricas de rações, os serviços assessores e os sistemas de transporte do leite. As uniões, por sua vez, se reúnem para constituírem federações estatais leiteiras.

Desenvolvimento social. O projeto parece ter produzido um efeito muito importante no desenvolvimento econômico e social das zonas rurais. Os trabalhadores sem terra e com explorações muito pequenas constituem até 80% dos produtores na maioria das novas cooperativas, e a produção de leite representa até 70% de suas receitas.

O aumento das rendas e o fornecimento de alimentos talvez não bastem para criar uma melhora real da qualidade de vida; é sumamente promissor que o projeto tenha contribuído tão substancialmente para o desenvolvimento social das zonas rurais. Mesmo as cooperativas muito pequenas da zona do projeto, com meios sumamente limitados, têm proporcionado somas consideráveis para melhoramentos locais das escolas, bibliotecas ou rodovias, assumindo assim responsabilidades sociais e confirmando na realidade que os produtores, quando atuam em conjunto, são capazes de aprimorar sua existência. Analogamente, as grandes uniões de cooperativas têm mostrado igual grau de responsabilidade social; por exemplo, uma delas financiou grande escola para técnicos leiteiros, e outra proporcionou enorme assistência ao fomento leiteiro em outras regiões do país.

Postos de trabalho. Aspecto importante do projeto é a criação de postos de trabalho; a produção de leite aumenta as oportunidades de emprego nas zonas rurais, e o mesmo ocorre com as atividades inerentes à criação e funcionamento de muitas centrais leiteiras e indústrias domésticas que proporcionam maquinaria e equipamento a essas fábricas. É impressionante ver como na cidade de Anand existem 100 empresas novas de manufaturas, que fornecem diversos tipos de maquinaria e equipamento para as atividades leiteiras.

Mesmo assim, o projeto parece haver surtido um efeito favorável ao desenvolvimento geral; as realizações das cooperativas leiteiras deram ao estabelecimen-

to de cooperativas igualmente frutíferas em outros setores, como os de algodão e arroz.

Em geral, o efeito mais importante do projeto pode ser o considerável aumento da confiança nos próprios recursos e o desenvolvimento social da Índia.

DISTRIBUIÇÃO DO LEITE

Em muitas partes do mundo, no desenvolvimento rural, dá-se pouca atenção à vital questão da distribuição do leite. Em certos casos, os autores de projetos leiteiros atendem momentaneamente ao desejo de assegurar um abastecimento suficiente de leite, tendo-se por certo que sua distribuição e venda serão automáticas. Portanto, é estimulante observar que no projeto "Operação Inundação" um dos principais esforços é o que tende a melhorar a distribuição do leite e elaborar novos sistemas com esse fim.

Envasilhamento. A forma clássica de toda a "moderna" distribuição de leite baseia-se no engarrafamento. O abastecimento de leite nos atuais programas leiteiros da zona do projeto (Bombaim, Calcutá, Delhi e Madras), baseia-se no envasilhamento. O projeto reconhece que esse processo deve prosseguir e também que,

em certos casos, deveriam ser aumentadas as suas capacidades.

Entretanto, também se compreende que o engarrafamento é, em alguns casos, um método antigo de distribuição, concebido antes de que houvesse outras opções aceitáveis. Muitos sentem-se fascinados com o fato de os frascos poderem ser devolvidos, voltando a ser utilizados, pensando que, com este sistema, poupam-se recursos; mas, quando se considera o sistema globalmente, os gastos acrescidos com o transporte e devolução dos pesados frascos e o trabalho para limpá-los e as conseqüentes quebras, mostram que o sistema de distribuição ocasiona mais perda de recursos que os outros meios. Também o efluente da operação de limpeza dos frascos impõe uma carga bastante pesada aos sistemas urbanos de evacuação de águas servidas.

Outra das objeções ao engarrafamento é que normalmente se exige do cliente o pagamento de um depósito efetivo por frasco. Para as famílias de rendimento baixo, isto implica em gastos suplementares, que podem freqüentemente alijar um presumível comprador. Na Índia tem havido muitos casos em que os clientes evaziavam os frascos em seus próprios recipientes, nos locais de venda, para economizar o pagamento do citado depósito. Também é mais fácil a adulteração do leite, e não são raros os casos em que se manipulam as cápsulas dos frascos para alterar o leite engarrafado.

Recipientes metálicos. Quando se trata de sociedades de poucas rendas, sugere-se que o leite possa ser distribuído em recipientes metálicos. Este sistema foi adotado com êxito na cidade de Anand, onde todo o leite vendido a cerca de 70 000 pessoas é distribuído desta forma. Em outros lugares observa-se uma considerável resistência a este tipo de distribuição, verificando-se que não deve ser utilizado em um sistema moderno de produção leiteira. Objeta-se que é difícil comprovar a adulteração.

Sacos de plástico. Em Bombaim, Ludhiana e Madras utiliza-se um equipamento de empacotamento do leite fresco em sacos plásticos, o qual está conseguindo, ao que parece, considerável aceitação por parte do consumidor (pela vantagem de não haver devoluções, nem depósitos). Contra ele há, entretanto, objeções, visto que o sistema exige recursos, mas os meios empregados para adotar os sacos plásticos não excedem fundamentalmente os requeridos pelo transporte e limpeza dos frascos. Além disto, sabe-se que os sacos de plástico vazios são muito aproveitados localmente.

Envasilhamento asséptico. Quando se utilizam recipientes sem retorno, tem-se que prestar atenção às vantagens do leite acondicionado assépticamente. Este leite pode ser colocado em um recipiente sem retorno, inclusive nas laticínios rurais, a ser transportado sem a necessidade de refrigeração. O estudo dos sistemas aplicáveis indica que talvez seja este o que

Moura Andrade S/A. Pastoril e Agrícola



- Sêmen importado —
- Pronta entrega —
- Touros testados —

RAÇAS:

Blonde D'Aquitaine - Normande - Limousine - Montbeliarde - Charolaise - Maine Anjou.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
SERSIA — PARIS

Animais PO importados

Alam. Santos, 2224 — São Paulo — 3P
Fones: (011) 883-2188
Telex: (11) 32583 — MOUR - BR.

exige menos recursos para a distribuição de leite acondicionado e se presta especialmente para as condições indianas, onde a refrigeração do leite em nível reduzido é uma exceção e não a regra.

Distribuição automática a granel. Um importante aspecto do projeto é que o consumidor pode ser atendido em um local convenientemente situado e explorado por um concessionário. Os clientes levam seus próprios recipientes, que colocam sob uma espécie de torneira. Introduzindo uma moeda em uma ranhura, a torneira verte meio litro de leite no recipiente. Em Delhi funcionam cerca de 150 dispositivos deste tipo e atualmente fornecem um total de quase 100 000 litros de leite por dia. Este sistema foi criado pela Junta Nacional de Fomento Leiteiro (NDDB) e a Indian Dairy Corporation (IDC), que, para isso, recebe um prêmio de substituição de importações, já que toda a maquinaria e equipamento são de fabricação indiana. O emprego deste sistema de distribuição de leite presta-se muito bem para as condições do país, já que os consumidores estão habituados a levar seus próprios recipientes às lojas privadas. O sistema está bem protegido contra toda a adulteração, mas exige uma administração eficiente, posto que cada

dispositivo provido de torneira tem um depósito de refrigeração do leite que precisa ser esvaziado e limpo uma vez ao dia. Os resultados obtidos com este tipo de distribuição têm sido, ao que parece, plenamente satisfatórios.

SISTEMAS DE DISTRIBUIÇÃO

É evidente que um projeto da amplitude da "Operação Inundação" não pode ser baseado exclusivamente em um só sistema de distribuição de leite. Ao contrário, a IDC faz muita questão em desenvolver muitos sistemas diferentes, com o objetivo de conseguir o abastecimento máximo.

VACARIAS URBANAS

Higiene e perda de material genético. Um dos objetivos do projeto consiste em eliminar as vacarias urbanas, pois esta prática é considerada anti-higiênica. Ademais, estima-se que muitos animais de grande rendimento são levados para as cidades para serem sacrificados, ao cabo de um só período de lactação. Os bezerros muitas vezes acompanham suas mães para conseguir-se a necessária baixada

do leite e, como raramente recebem os devidos cuidados, quase todos se perdem para a indústria leiteira.

Entretanto, a este respeito, os procedimentos têm mudado muito. As vacas e búfalas de alto rendimento são animais caros, pelo que, hoje, o comum é que, quando secam, sejam enviadas para as zonas rurais, para se restabelecerem, voltando à cidade depois do parto seguinte. Além disso, somente alguns bezerros acompanham agora as mães às cidades. A perda de animais, no caso, de material genético, não é presentemente tão importante, como há anos.

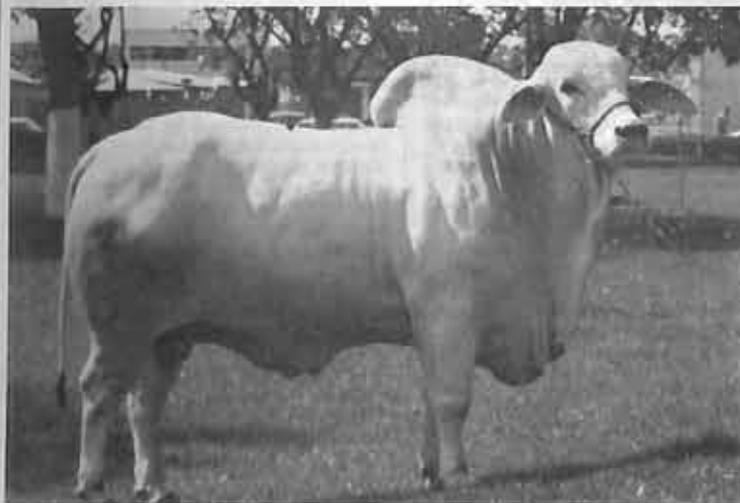
As vacarias urbanas são inconvenientes do ponto de vista higiênico, mas também o é a prática generalizada de manter o gado perto das habitações nas aldeias ou povoados. Existe um problema higiênico que é a qualidade bacteriológica do leite produzido na cidade, que raramente é pasteurizado e que se vende diretamente ao consumidor. O perigo inerente é minorado, em parte, porque quase todo o leite é fervido antes de ser consumido pelo povo, já que na Índia prefere-se, em geral, o leite com gosto de fervido.

Redistribuição do gado urbano. No projeto original, reservavam-se alguns fun-

TABAPUAN DA ÁGUA MILAGROSA

Mocho Tabapuã - o gado Campeão das provas de controle de desenvolvimento ponderal da A.B.C.Z. em todo o País.

VENDA PERMANENTE DE MACHOS E FÊMEAS



SEDEIRO DE TABAPUÃ — 48 meses — 1.056 kg.

ALBERTO ORTENBLAD

R. Sete de Setembro, 141 - 5.º andar
20.050 - Rio de Janeiro - RJ
Tels. (021) 221-0678 e 242-0297

MATRIZ:

FAZ. ÁGUA MILAGROSA

C. Postal 23 - 15.880 - Tabapuã - SP
Tel. (0175) 62-1117 - Sr. Viggo Aagesen
(administrador)

FILIAL:

GRANJA IPANEMA

Rodovia Campo Grande - Cuiabá a
40 Km de Campo Grande
Tel. (067) 624-6138 — Sr. Silvío
de Souza - (administrador)

dos para ajudar os proprietários das vacarias urbanas a se reinstalarem no campo. Com isso subestimava-se o importante fato de que o vaqueiro urbano é principalmente um vendedor de leite. Não está dotado para sua produção, senão para o comércio estabelecido com uma clientela regular. Quase todos os que exploram as vacarias urbanas têm meios suficientes e não se interessam por estabelecer-se em uma zona rural, onde os preços que poderiam obter por seu leite seriam inferiores. É certo que os preços da produção também seriam inferiores, mas as perspectivas de converter-se em produtores rurais pelos proprietários das vacarias urbanas. Uma vez que o sistema organizado de distribuição de leite se tenha estabelecido firmemente, alcançando os objetivos de "inundar" o mercado, é provável que estes comerciantes se dediquem a outros tipos de atividade.

Ao final de 1975 foram impostas restrições à manutenção de vacarias urbanas em Bombaim e Delhi. Isto não induziu seus proprietários a se estabelecerem nas zonas rurais, e sim em outras zonas da cidade ou suas vizinhanças. Continuam baseando sua produção de leite em forragens e rações compradas, de forma que os custos da produção ainda são elevados. Isto é contrariado pelo preço relativamente alto obtido de sua clientela estabe-

Vacas	Prod. de leite, l	Renda líquida, rup.(1)
Indígenas, alimentadas correntemente	200	175
Indígenas, alimentadas com rações melhoradas	475	700
Mestiças, alimentadas com forragens verdes e rações concentradas	2 500	1 300
(1) Excluída mão-de-obra.		

11 — BALANÇO CALÓRICO LÍQUIDO ANUAL ALIMENTÍCIO DA PRODUÇÃO DE LEITE NA ÍNDIA

Vacas	Entrada	Saída	Balanço
	Mcal
Indígena, alimentada com resíduos agrícolas além de pastar às margens dos caminhos	0	135	135
Indígena, com 1 kg de ração concentrada/dia durante a lactação, além de pastar às margens dos caminhos, etc	200	318	118
Mestiça, com 600 kg de rações concentradas ao ano e com	1 000		
culturas obtidas de 0,13 ha de terra	2 800 ¹	1 350	-2 450

1. Produção possível de alimentos obtida em 0,13 ha de terra.

lecida. É sumamente revelador o fato que os vaqueiros urbanos, deslocados de Delhi, se queixam de gastos com o transporte do leite que produzem nos novos estábulos para as zonas onde o vendem e confirma que sua principal utilidade provém do comércio estabelecido.

Segundo o autor, o sistema de vacarias urbanas provavelmente desaparecerá paulatinamente, quando o sistema organizado de abastecimento de leite das zonas rurais tenha demonstrado ser capaz de suprir as cidades de produto barato e de melhor qualidade em quantidade suficiente. Isto é o que ocorreu com quase todos os planos de desenvolvimento leiteiro em outros lugares e provavelmente ocorrerá o mesmo na Índia (2).

ECONOMIA E RECURSOS

Melhoramento dos animais leiteiros. A produção por animal leiteiro na Índia é muito baixa, em comparação com a produção leiteira do mundo industrializado, pois, freqüentemente, é só de 150 a 300 litros por ano. Por isso, é compreensível que se tenha feito grandes esforços para melhorar o rendimento das criações, o que pode ser alcançado de duas maneiras.

O rendimento de leite de cada animal pode ser melhorado marcadamente, dando-se à vaca melhor alimentação, especialmente durante o período de lactação; portanto, a ministração de forragens verdes, ou rações concentradas, é um componente importante do projeto. Além disso, alguns animais rendem muito mais do que outros. É bem sabido que, mediante cuidadosa seleção de raças, muitos países desenvolvidos conseguiram altos rendimentos de leite. Infelizmente, o melhoramento da vaca leiteira da Índia, mediante este tipo de seleção, pode demorar muito tempo. Seria melhor introduzir raças ocidentais, mas estas geralmente não se adaptam às condições pre-

vaescentes na Índia; mas os resultados obtidos com os mestiços de raças ocidentais e indianas têm sido muito mais satisfatórios. Uma parte importante do projeto consiste, pois, na introdução de vacas mestiças. Um programa deste tipo também é mais fácil de dar bons resultados por motivos econômicos, em cotejo com o da introdução de raças completamente novas. Este último exige que o produtor leiteiro compre, ou obtenha mediante empréstimo, um animal para o qual o gasto de capital seria enorme. Um enfoque mais viável é o melhoramento do rebanho leiteiro atual, mediante cruzamento, utilizando a inseminação artificial. A manutenção de um plantel de reprodução e de um serviço de inseminação artificial são partes importantes do projeto e estão também conseguindo meios para a conservação do sêmen.

Economia. No quadro 10 estão resumidas as possibilidades do projeto. Ministrando-se a uma vaca rações melhoradas durante a lactação, pode-se aumentar sua produção leiteira de cerca de 200 para 475 litros ao ano. Porém, se for utilizada uma vaca mestiça e se lhe dá forragens verdes e rações concentradas, podem ser obtidas produções de até 2 500 litros de leite ao ano. Este último procedimento, logicamente, requer gastos adicionais, mas sua repercussão sobre a receita líquida por animal é importante. A renda aumentará de 175 rúpias ao ano para uma vaca indígena, com os métodos atuais de alimentação, para 700 rúpias, se considerarmos uma vaca indígena bem alimentada, e 1 300 rúpias para uma produtora mestiça, bem alimentada.

No que diz respeito às búfalas, a situação é bem diferente, já que não existe a possibilidade de obter resultados rápidos mediante cruzamento. Acha-se em andamento um plano de melhoramento por seleção, mas ele só poderá ter efeitos a longo prazo. A primeira etapa é melho-

SEMENTES SEMEAGRO



Sementes controladas de gramíneas e leguminosas.

2.500 ha. de canteiros próprios em Andradina — SP

Rhodes - Colômbio - Brachiaria - Siratro - Soja Perene, etc.

SEMEAGRO — Produtora de Sementes Ltda.

FAZENDA GUANABARA
Rodovia da Integração Km 209
Andradina - SP
Fone: (0187) 22-2533
Telex 11 - 32583 — Mour - BR

far o rendimento leiteiro mediante uma alimentação mais eficiente e bom manejo.

Efeito da mineração de alimentos. Entretanto, devemos considerar também o efeito geral de qualquer política proposta para a mineração de alimentos. Por exemplo, foi preconizado que aproximadamente 0,13 de todos os hectares de terra seja dedicado à produção de forragens para alimentar as vacas mestiças. Mas esta área pode ser perfeitamente capaz de produzir importantes quantidades de cereais alimentícios, como o trigo e o arroz. Além disso, as rações concentradas, utilizadas para o gado vacum, podem conter um cereal, ou outro componente, que se possa utilizar ou beneficiar, transformando-o em produto comestível para o homem. O quadro 11 resume os resultados dos limitados esforços feitos para introduzir um sistema de produção leiteira de tipo ocidental na Índia. Uma vaca indígena só se alimenta pastando o que encontra às margens dos caminhos e de restos da agricultura; portanto, não consome produtos que o homem possa utilizar diretamente, e seu rendimento total em leite é um recurso adicional de alimento. Se uma vaca indígena recebe alimento adicional, consumirá, até certo ponto, materiais que podem ser apropriados para o consumo direto do homem, mas o resultado global será uma contribuição positiva para o abastecimento de alimentos da Índia, especialmente quando se considera que o leite tem, como alimento, maior valor que o dos ingredientes da ração concentrada. Não obstante, quando os animais mestiços são alimentados intensivamente, as culturas agrícolas (que talvez não sejam produzidas em virtude da necessidade de obter forragens) e o componente alimentar da ração concentrada podem constituir uma quantidade tão grande de alimentos potenciais que o balanço total se torna gravemente negativo. Efectivamente, para cada vaca mestiça, criada com alimentação intensiva, podem ser perdidas 2 milhões de Kcal de alimentos por ano, vale dizer, o bastante para alimentar anualmente duas pessoas. É evidente que não se deve permitir que isto ocorra. Portanto, a introdução de sistemas leiteiros de tipo ocidental gera o perigo de agravar a situação alimentar da Índia, que já é precária. Porém, na realidade, os resultados do sistema de produção leiteira praticado nesse país indicam que o perigo não é iminente.

O quadro 12 foi preparado com base no rendimento efetivo obtido pelo IDC nas condições existentes na zona do projeto. Indica que somente em uns tantos casos o balanço do fornecimento de alimentos foi negativo. Inclusive nestes casos foi admitido que toda a terra utilizada para a produção de forragens poderia ser utilizada para culturas alimentícias e que todos os cereais e tortas oleaginosas, empregados para rações, podiam ser utilizados como alimentos pelo homem. Porém, pode-se muito bem cultivar forrageiras em terras, ou épocas, em que não é possível o plantio de culturas

alimentícias. Também seria necessário muito esforço para que a qualidade das tortas oleaginosas possa ser melhorada, ao ponto de servir para alimentação humana e é sabido que algumas delas, produzidas a partir de sementes oleaginosas, não podem ser melhoradas de nenhuma maneira.

Talvez seja útil estudar o rendimento atual da produção de alimentos e o quadro 15 mostra o desenvolvimento da agricultura no Estado de Gujarat, um dos lugares em que o desenvolvimento leiteiro foi mais intenso. Apesar do rápido crescimento dos programas de coleta de

leite, a produção de cereais foi duplicada com juro, e a produção de outras culturas agrícolas também experimentou um desenvolvimento parecido. Por conseguinte, se é que, em última análise, existe o perigo de uma repercussão indesejável na produção de alimentos, o efeito foi até agora mais no sentido contrário, e o desenvolvimento, de fato, sumamente promissor. Um dos fatores importantes é que, na zona do projeto se tem utilizado muito, para a produção de forragens, as pastagens naturais e as terras incultas. A área total, dedicada à produção forrageira



JÁ VEM MISTURADO.

O Sal Boiadeiro-Fos vem prontinho para consumo.

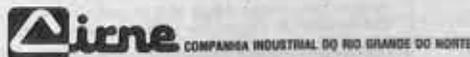
Pra você economizar seu tempo e fazer coisas mais importantes do que ficar misturando sal para o seu gado. Rico em fósforo, cálcio e outros minerais

Um produto com a qualidade



que faltam nas forrageiras, o Sal Boiadeiro-Fos mineralizado é cientificamente dosado.

Você vai conseguir o máximo de seu rebanho. Seja na engorda, seja na produção de leite.



empresa do Grupo Akzo Zout Chemie-Holanda

Rio de Janeiro-RJ — Av. Presidente Vargas, 417 — 21.º andar — Tel. 244-3655
 São Paulo-SP — Av. Jabaquara, 99 — 4.º and. — Conj. 41 — Tels. 578-9565 e 578-9742
 Filiais: — Santos — Cabo Frio — Goiânia — Campo Grande — Natal

12 — RENDIMENTOS NITIDOS EFETIVOS E PRODUÇÃO LÍQUIDA DE ALIMENTOS POR ANO DURANTE A VIDA ÚTIL DE UMA VACA OU BUFALA

Animal e manejo	Produção de leite (litros)	Renda líquida obtida do leite (rúpias)	Rendimento calórico dos alimentos obtidos do leite	Calorias alimentícias potenciais nas rações ou derivados da terra dedicada às forragens		Rendimento calórico alimentício líquido
				Raões	Terra	
				Mcal		135
Vaca indigena, sem forragem ou ração suplementar	200	175	135	—	—	-617
Idem com 150 kg de ração e forragens suplementares obtidas de 0,04 ha de terra	475	413	320	62	875	-251
Mestiça, com 450 kg de rações supl. ou forragens obtidas de 0,04 ha de terra	1 800	1 500	810	186	875	526
Bufala, sem nenhuma alimentação suplementar de forragem ou ração	450	900	526	—	—	-157
Idem, com 250 kg de ração supl. e forrag. obtidas de 0,04 ha	700	1 150	800	82	875	318
Idem, com 1 350 kg de ração supl. e forrag. obtidas em 0,08 ha	2 500	1 800	2 625	557	1 750	

Exterminador de Ratos por Ultra-Som



Supertestado e Comprovado Know-How Japonês

Garantia integral de 1 ano

Acabe com o perigo no uso de venenos, iscas ou armadilhas; acabe com as despesas constantes na desratização, expulsando os ratos de seu negócio com o bombardeio de ondas ultra-sônicas que vem de todos os ângulos; eles não conseguem se esconder e muito menos sobreviver.

Este aparelho projetado dentro do mais alto nível da tecnologia atual, paga por si próprio, transformando em lucros os inúmeros prejuízos causados pelos ratos.

Distribuidor exclusivo para o Brasil e exterior:

GBE Aparelhos Científicos Ltda.

Viaduto 9 de Julho, 181 - 5º andar
CEP 01050 - São Paulo - Fones (011) 257-6244 e 256-6685

ra é, entretanto, pequena na Índia, aproximadamente 4% de toda a terra cultivável, em comparação com a de 25% no Reino Unido e 60% nos EUA. Além disso, grande parte da terra utilizada para produção forrageira na Índia era antes inculta, ou terras comunais que seriam pouco utilizadas, devido ao fato do pastejo ser excessivo ou acharem-se em alqueive. Em muitos casos, a produção forrageira é hoje um meio útil de conservação dos solos. A utilização das terras comunais para cultura alimentícia poderia entrar em conflito com as leis em vigor; seu aproveitamento para produção leiteira talvez seja o único meio eficaz de utilizar este recurso.

Sistemas alternativos de produção. Outro fato importante foi a introdução de sistemas de culturas intercaladas. Como indica a NDDB, em comunicação pessoal, é possível produzir culturas forrageiras junto com culturas alimentícias, tais como: milho e "lobia"; cana-de-açúcar e trevo-de-alexandria; "jowar" e caupi; "jowar" e "guar"; árvores frutíferas e forrageiras; hortaliças (entre os regos) e forrageiras (sob os camalhões).

A cultura forrageira é colhida antes da cultura alimentícia ou é utilizada por qualquer outro meio, simultaneamente com esta última.

Entretanto, ainda é muito importante o fato de que a Índia tem a vantagem de que, em sua maior parte, a estação vegetativa dura 12 meses. Especialmente quando se dispõe de irrigação, isto pode ser aproveitado com vantagem para produzir várias colheitas por ano. Destas, o número máximo de culturas alimentícias seria de duas, e ainda restariam épocas

pequenas em que o solo se acha livre para o cultivo de forrageiras. O quadro 14 sugere sistemas de culturas para diferentes regiões da Índia, nas quais se plantam sucessivamente, na mesma área, plantas alimentícias e forrageiras. Esta prática, logicamente, exige mais mão-de-obra, mas é muito remuneradora; portanto, nos casos em que só uma cultura pode corresponder a uma renda anual líquida média por hectare de 400-900 rúpias, o emprego do "jowar" e caupi, ou de milho e caupi, em rotação, pode aumentar, por exemplo, a renda, para 1 200 rúpias. Além disso, uma cultura forrageira poderia, nos casos em que se possa utilizar a plantação de leguminosas, contribuir para aumentar a fertilidade do solo. Há provas abundantes indicando que estas práticas estão obtendo aceitação.

Outras medidas também podem ser aplicadas. Por exemplo, tem havido esforços no sentido de efetuar culturas com dupla finalidade, como as variedades híbridas de milho, "jowar" e "bajra". Nestes casos, os talos e as folhas das plantas ainda estarão verdes, quando os grãos bajram amadurecido e estejam em condições de ser colhidos; por conseguinte, a própria planta representa um recurso forrageiro útil para os animais.

No que se refere ao pequeno agricultor ou ao lavrador sem terra, há muitas possibilidades de que sua produção leiteira se baseie principalmente em materiais que, salvo esta forma, não seriam utilizados para consumo humano. No quadro 15 vêem-se os sistemas de alimentação dos animais leiteiros que as diferentes categorias de produtores de leite utilizam correntemente no distrito de Kaira de Gujarat e os nutrientes ministrados através dos atuais métodos de alimentação.

Outras soluções. Muitas outras possibilidades estão sendo exploradas. Foram encetados estudos para determinar até que ponto os bovinos e búfalos podem ser melhorados mediante seleção, e nos casos pertinentes mediante mestiçagem, e conservar, não obstante, sua aptidão para produzir leite, principalmente com rações que não possam ser utilizadas para consumo humano. Também são iniciados programas para aumentar o emprego de produtos agrícolas não utilizados pelo homem, para a alimentação do gado. É fácil transformar muitos dos produtos que hoje são desperdiçados, ou utilizados meramente com fins industriais, em materiais que os ruminantes podem digerir. Também é importante estudar o emprego da uréia e de outras fontes não protéicas para alimentação dos animais leiteiros.

O futuro da produção leiteira da Índia dependerá de um planejamento inteligente dos sistemas agrícolas e do emprego de materiais alimentícios apropriados, de forma que a produção de leite possa continuar a ser um recurso alimentício adi-

15 — DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO DE GUJARAT (EM MIL TONELADAS MÉTRICAS)

Ano	Total de cereais cultivados	Total de outras culturas	Coleta de leite
1955-56	—	—	11
1956-57	—	—	14
1957-58	—	—	21
1958-59	177	85	28
1959-60	145	90	23
1960-61	137	94	24
1961-62	188	77	35
1962-63	184	98	50
1963-64	205	132	62
1964-65	216	73	61
1965-66	215	73	66
1966-67	262	106	72
1967-68	317	141	81
1968-69	233	105	115
1969-70	414	171	124
1970-71	—	—	118
1971-72	—	—	133
1972-73	—	—	148
1973-74	—	—	112
1974-75	—	—	130

Fonte: NDDB (1976), comunicada pessoal.

14 — SISTEMAS DE CULTURAS INTERMEDIÁRIAS NA ÍNDIA

Região	"Kharif" (jun. out.) cultura de cereais	Período improdutivo (out.-nov.) cultura inter-mediária	"Rabi" (nov.-abril) cultura de cereais	Período improdutivo (abr.-jun.) cultura intermediária
Anand (Gujarat)	"Bajra" Arroz Feno	Caupi/mustarda Caupi/mustarda	Trigo Trigo	Caupi Caupi "Bajra" + Caupi
Hisar (Haryana)	Milho "Bajra" "Jowar"	Caupi/mustarda Nabo Caupi/mustarda Nabo/mustarda	Trigo Trigo	"Bajra" + Caupi "Jowar" + Caupi Milho + Caupi
Kaika (Bihar)	Milho Arroz	Caupi/mustarda Caupi/mustarda	Trigo Trigo	Milho + Caupi "Bajra" + Caupi
Pana (Bihar)	Arroz	Caupi/mustarda	Trigo	Milho + Caupi ou Milho Caupi + "Bajra"
Kalyani (Bengala ocidental)	Arroz	Nabo/mustarda	Trigo	
Jabalpur (Madhya-Pradesh)	Milho Arroz Soia	Caupi/mustarda Caupi/mustarda Caupi/mustarda	Trigo Trigo Trigo	Milho + Caupi Milho "Jowar"
Lhasi (Uttar Pradesh)	"Jowar"	Nabo/caupi	Trigo	Caupi
Hyderabad (Andhra Pradesh)	Arroz Milho "Bajra"	Caupi/mustarda Caupi/mustarda Nabo/mustarda	Trigo Trigo Urdo-deleite	Milho + Caupi ou "Jowar" + Caupi ou "Bajra" + Caupi M.P. shari (argat) M.P. shari (argat) Milho
Poona (Maharashtra)	"Bajra" Cana-de-açúcar	Caupi/mustarda	Trigo	"Jowar" + "Jowar" "Jowar" + "Jowar" Milho + Caupi

Fonte: Relatório do Instituto de Investigações Práticas e Forrageiras, (Janá) (1973), sobre a produção de forragens e sistemas de alimentação.

cional e não um alimento produzido com prejuízo do abastecimento total de alimentos.

Lições do projeto. Quando se avaliam as lições decorrentes do projeto para o desenvolvimento leiteiro em outras regiões ou países, dever-se-á ter em conta

que, entre os países de baixa renda, a Índia se acha em uma situação especial, pelo fato de ter uma grande reserva de pessoal bem capacitado. Assim, este projeto tem êxito por ter-se prestado rigorosa atenção aos detalhes e a uma planifica-

ção inteligente. A maioria dos problemas que se tem enfrentado são de caráter complicado; para que o projeto chegue a completar-se falta conhecer a fundo as suas complexidades. A IDC e a NDDB mostraram-se hábeis a este respeito.

O autor está convencido de que a principal razão do sucesso deste projeto reside em que tenham utilizado pessoas do país. Estas aliam um elevado grau de competência técnica a uma absoluta familiaridade com as necessidades de sua pátria. Identificaram-se com o projeto e se consideraram pessoalmente interessadas.

Poucos são os outros países em que tal situação possa repetir-se. Em troca, é fácil copiar o projeto em várias outras regiões da Índia. É importante que se aproveite esta oportunidade ao máximo. O Banco Mundial já prestou assistência a três projetos deste tipo na Índia. O projeto também demonstrou que o país possui um grande número de pessoas bem capacitadas em tecnologia leiteira, pecuária de leite e comércio desse produto. A Índia poderá prestar facilmente uma valiosa assistência técnica a outros países nestes campos.

Devido ao emprego tradicional do leite como alimento de desmama e infantil, tem-se estimado que seria conveniente estabelecer sistemas de abastecimento de

15 — SISTEMAS DE ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS LEITEIROS

Produtores de leite e nutrientes	Quantidade (kg por animal/dia)	Matéria seca (kg por animal/dia)
Camponeses sem terra		
Forragem verde, constituída de plantas cortadas e pastejo às margens dos caminhos	10,00	2,00
Forragem seca constituída de resíduos da fazenda, obtidos sobretudo como pagamento em espécie pelos trabalhos efetuados no campo de outros agricultores	7,50	6,75
Mistura de concentrados, constituídos de torta de amendoim, sementes de algodão, farelo e grãos de "bajra" triturados ou danificados	2,00	1,80 10,55
Total		
Pequenos agricultores		
Forragem verde (de produção doméstica) e forragens colhidas e pastejo às margens dos caminhos	12,00	2,40
Forragem seca, constituída principalmente de resíduos agrícolas	7,00	6,30
Mistura concentrada, constituída de torta de amendoim, sementes de algodão, farelo e grãos de "bajra" triturados ou danificados	2,50	2,07 10,77
Total		
Grandes produtores e produtores intermediários		
Forragem verde (de cultura doméstica)	16,00	3,20
Forragem seca constituída principalmente de resíduos agrícolas	7,00	6,30
Mistura concentrada constituída de torta de amendoim, sementes de algodão, grãos de "bajra" triturados ou danificados	2,50	2,25 11,75
Total		

Fonte: N.R. Tumkur (1975), comunicado pessoal.

— Jul, Mogens — Fomento lechero en la India. Partes I e II. R. Mundial Zoot. (24): 2-8, 1977, 7 refs. e (25): 30-6, 1978.

ADMINISTRE MELHOR SUA FAZENDA



Fale, ouça, decida, comande, coordene, dirija. Rapidamente. De onde você estiver para onde quiser. Economizando tempo e energia.

Com o Transceptor Rondon II é assim. Você tem um aparelho compacto e portátil, facilidade de operar por qualquer pessoa. E com uma qualidade de comunicação sem limites de alcance.

REPRESENTANTES EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

TELECOMUNICAÇÕES DIPLEXER LTDA
Rua Visconde de Inhomirim, 411
Fones: 272-3402 e 273-7269
CEP 09120 - São Paulo

leite em outros países de renda baixa, com o objetivo de melhorar a nutrição, colocando esse produto ao alcance dos grupos de receitas baixas. Devido ao custo relativamente elevado da produção e distribuição, o leite não é um alimento apropriado para estes fins. Nem sequer nos casos em que se estude a distribuição subvencionada de alimentos, o leite é recomendável.

O projeto demonstrou que a produção leiteira é uma ocupação apropriada para os grupos de rendas baixas das zonas rurais, onde com freqüência as pessoas muito pobres se dedicam a esta produção. Quando o leite é vendido aos grupos de receita média ou elevada, produz-se uma redistribuição voluntária da renda.

No desenvolvimento da produção leiteira, temos que prestar atenção ao perigo de substituir as culturas alimentícias por culturas forrageiras, ou de utilizar, também como rações, os cereais comestíveis. Um sistema leiteiro bem organizado e capaz de transformar resíduos ou rejeitos agrícolas em alimentos de grande qualidade, pode constituir a base de uma ocupação remuneradora nas zonas rurais.

Os produtos leiteiros excedentes dos países muito ricos prestam-se bem para a organização de uma indústria leiteira nos

países em desenvolvimento. Podem ser utilizados para suplementar os abastecimentos de leite locais e serem incorporados a um sistema leiteiro em expansão, e serem depois eliminados facilmente, pouco a pouco, à medida que aumentarem as ofertas locais.

N. da R.: 1) *ingesta*, s.f., termo hoje muito usado em trabalhos sobre alimentação, indicando todo e qualquer alimento, sólido ou líquido, introduzido no organismo; 2) *Vecarias* dentro do perímetro urbano existem há muitos anos no Rio de Janeiro e São Paulo, assim como em outras cidades. Em 1951 tivemos a oportunidade de vê-las em Madri, sendo que a denominada *Vecaria del Reloj* era bastante afamada; 3) O autor do trabalho, Mogens Jul é Diretor do Laboratório de Produtos Cárneos do Ministério da Agricultura e da Universidade Real de Veterinária e Agricultura da Dinamarca. Foi chefe de missão criada em 1975 para avaliar o projeto descrito neste artigo que, embora trate especificamente da Índia, contém tópicos e conceitos de interesse para técnicos e criadores de outros países em desenvolvimento.

Substituição do feno de alfafa por feno de capim-de-rhodes, no desempenho de eqüinos

Manzano, A., Novaes, N. J. e Carvalho, R. T. L. (Pesq. agrop. bras., Brasília 14 (3):229-35, 1979) estudaram a possibilidade da substituição total ou parcial do feno de alfafa pelo feno de capim-de-Rhodes, durante 70 dias, na alimentação de eqüinos. Foram utilizadas 24 fêmeas em crescimento, sendo 12 da raça Árabe e 12 da Mangalarga, com idade média de 20 meses e peso médio de 276 kg, aproximadamente. A comparação entre as médias dos tratamentos foi feita com o delineamento inteiramente casualizado, com 8 animais por tratamento, selecionados através do peso, idade e raças. Os tratamentos eram constituídos respectivamente de 60% de concentrado + 40% de feno de Capim-de-Rhodes (R-1); de 60% de concentrado + 20% de feno de capim-de-Rhodes + 20% de feno de alfafa (R-2);

e de 60% de concentrado + 40% de feno de alfafa (R-3). O concentrado com 20% de proteína bruta era constituído de 40% de torta de algodão, 40% de rolão de milho e 20% de farelinho de trigo.

Embora os resultados obtidos tenham mostrado uma diferença significativa ($P < 0,01$), sendo R-3 superior a R-1 e R-2, para ganho de peso diário, a estimativa econômica da alimentação indicou que o feno de capim-de-Rhodes pode substituir o feno de alfafa.

NÍVEIS PROTÉICOS PARA SUINOS DUROC E LANDRACE

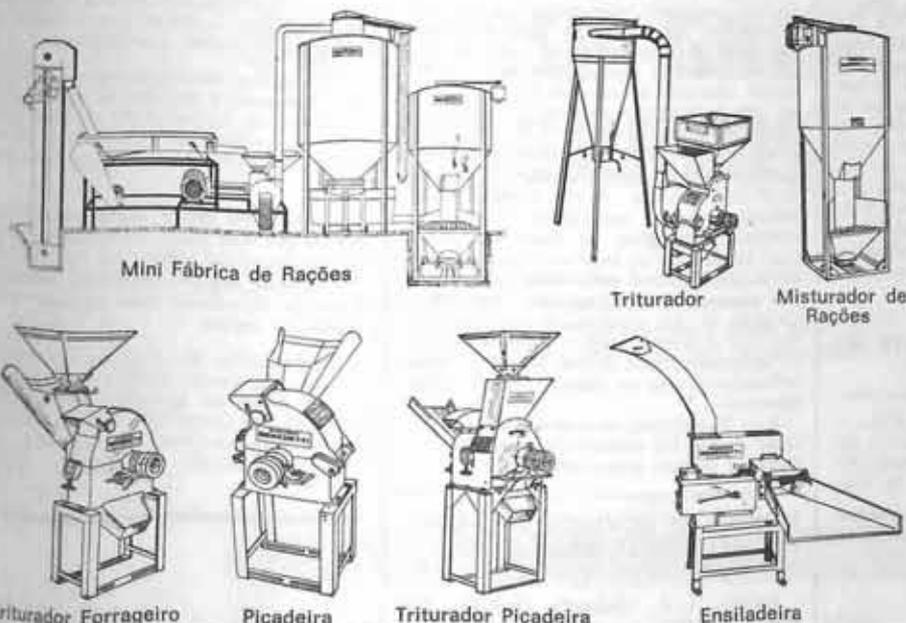
Gaitán, J. A. e cols. (Pesq. agrop. bras., Brasília 14 (1): 37-46, 1979) analisaram o efeito de quatro seqüências de níveis

protéicos sobre suínos Duroc e Landrace, submetidos a dois sistemas de alimentação.

Os resultados de ganho de peso, dos 25 aos 100 kg de peso vivo, mostraram que a seqüência de nível de 16% de proteína para o crescimento e a de 14% na terminação sustentaram ganhos significativamente superiores ($P < 0,05$) às seqüências de 14-12%, não diferindo, porém, das seqüências 18-16% e 20-18%. A melhor conversão alimentar e o menor consumo de alimentos foram observados quando se ministrou a seqüência protéica 18-16%, respectivamente para crescimento-terminação, com diferença significativa ($P < 0,05$) em relação à seqüência 14-12%, não diferindo, porém, da 16-14% ou 20-18%.

BENEDETTI

A MAIS COMPLETA LINHA DE MÁQUINAS PARA RAÇÕES



Mini Fábrica de Rações

Triturador

Misturador de Rações

Triturador Forrageiro

Picadeira

Triturador Picadeira

Ensiladeira

MÁQUINAS BENEDETTI

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL - SP

Mini Fábrica de Rações

Utilizada no preparo de Rações para Avicultura, Suinocultura, Agro Pecuária, Indústria de Rações e de Farinhas em geral.

Trituradores

Moagem de Cereais em Granjas (Avicultura, Suinocultura, Agro Pecuária), Fábricas de Rações e de Farinhas em geral.

Misturadores de Rações

Preparo de Rações em Granjas (Avicultura, Suinocultura, Agro Pecuária), Fábricas de Rações e de Farinhas em geral.

Trituradores Picadeira

Tritura, Corta e Produz Rações Verdes e Secas utilizadas na alimentação de animais - Secos e Verdes ao mesmo tempo.

Trituradores Forrageiro

Tritura, Corta e Produz Rações Verdes e Secas utilizadas na alimentação de animais.

Picadeiras

Faz Forragem Fina para o trato direto dos animais com economia de tempo e de custo.

Ensiladeiras

Faz Forragem Fina para o trato direto na Forragem Grossa para Ensilamento e Consumo na seca.

Consulte o Revendedor BENEDETTI da sua cidade

Poa. Vicente F. Guimarães, 88
Caixa Postal, 35 - CEP. 15990
Tels.: (DDD 0198) 51-1464 e 51-1677
Esp. Sto. Pinhal - SP - Brasil

As características de carcaça estudadas: espessura do tocinho, área do olho-lombo, porcentagem de pernil e relação carne/gordura, apresentaram linearidade quando feita a análise de regressão, mostrando que, à medida que a porcentagem de proteína aumenta na ração, há melhoria desses atributos. O comprimento da carcaça não foi afetado pelos diferentes níveis protéicos utilizados nas rações. Os sistemas de alimentação controlada ou à vontade não tiveram nenhum efeito sobre o desempenho dos animais ou as características de carcaça.

A raça Landrace apresentou as melhores características de carcaça ($P < 0,05$), quando comparada com a Duroc.

TEORIA SOBRE RETENÇÃO DA PLACENTA É REJEITADA PELA PESQUISA

Conquanto haja divergência entre os peritos, sobre as causas da retenção da placenta, após o parto, dois pesquisadores da Estação Experimental Agrícola de Maryland, EUA, estão seguros de que podem excluir um motivo frequentemente aventado para esse importante problema da pecuária leiteira.

Williams, W. F. & Martin, L. (Holstein Wld 77 (15): 107, 1980) estudaram durante dois anos as relações entre contrações uterinas por ocasião do parto e a incidência de retenção da placenta, em vacas leiteiras.

O problema reside em que algumas vacas não liberam sua placenta dentro do período normal de tempo. A placenta pode sofrer putrefação, infectar o útero, produzir queda da produção de leite e infertilidade.

A conclusão de que a falta de contrações não está envolvida na retenção da placenta sugere que os cientistas devem pesquisar outros pontos como causas do problema. Segundo os mencionados, não há realmente efeito das contrações uterinas sobre a retenção da placenta, de sorte que suas conclusões podem afetar a prática veterinária, visto que, com base na premissa anterior, tem-se usado uma droga — a oxitocina — para induzi-las. Entretanto, as pesquisas sugerem que esse método não resolve.

A BAIXA PRODUÇÃO DE LEITE NO VERÃO DEVE SER EVITADA

Para muitos produtores de leite, o meio do verão significa o momento do declínio da produção das vacas, mas, segundo especialista em extensão da Uni-

versidade Estadual de Iowa (Holstein Wld. 77 (15): 107, 1980), há alguns pontos que podem ser considerados para minorar esses prejuízos.

Segundo Kilmer, L.H., a queda de produção é causada pelo desconforto do animal ante as elevadas temperaturas do verão. O descenso é praticamente notado quando as vacas são alimentadas em grande parte a pasto. O declínio da produção resulta de uma ingestão alimentar reduzida.

A maior parte da queda de produção pode ser evitada, se as vacas forem mantidas em locais frescos, confortáveis e livres da tensão, e isso pode ser alcançado mediante o seguinte:

1 — propiciar bastante sombra. Um pasto com várias árvores copadas pode propiciar alívio às vacas do sol quente da tarde. Muitos granjeiros de Iowa (EUA) têm mantido suas vacas nos estábulos, durante o dia, soltando-as no pasto somente à noite. Se os animais são mantidos no estábulo, devem beneficiar-se de boa ventilação, mediante abertura das janelas, ou uso de ventiladores. A sala de ordenha deve ser ventilada;

2 — as vacas devem ter acesso à água limpa e fresca. Os bebedouros externos devem ter uma cobertura para manter a água fresca sob sua sombra;

3 — o alimento disponível deve ser abundante e de alta qualidade. As vacas podem consumir mais alimentos durante a noite, ou nas horas mais frescas da manhã, nos dias quentes, de sorte que a distribuição das rações deve ser devidamente ajustada ao aludido fato. Deve-se ter em mente que muitas forragens encontradas nos pastos são variedades próprias para as estações frias e seu crescimento fica sumamente reduzido durante as épocas quentes. A alimentação suplementar pode ser necessária. Devem ser ofertadas forragens de qualidade superior, desde que os animais possam comê-las rapidamente e necessitam comer menos para obter seus requisitos nutritivos. Quando se der silagem, deve-se considerar que o tempo quente altera o produto acentuadamente e que os comedouros utilizados devem ser limpos mais freqüentemente;

4 — finalmente, as moscas e outros insetos devem ser combatidos com pulverizações e demais meios adequados.

MORTES DE BOVINOS CAUSADAS POR PESTICIDAS AGRÍCOLAS

Heider, L.E. (Hoard's Dairym. 125 (8): 668, 1980) relata que ultimamente

tem havido aumento de mortes de gado, relacionadas com o uso impróprio ou manuseio inadequado de pesticidas diversos. Os nematocidas empregados contra os vermes que atacam as raízes do milho, da classe dos carbamatos, parecem ser causa da maioria dos problemas.

Há, de um modo geral, seis regras para o manuseio de qualquer pesticida, inclusive carbamatos e organofosfatos. Resumidamente, tais regras são as seguintes:

1 — ler o rótulo do produto e seguir cuidadosamente as recomendações do fabricante;

2 — manter os pesticidas em seu vasilhame original;

3 — ter um lugar próprio e separado para armazenar pesticidas. Muito cuidado em não guardá-los perto de alimentos, minerais e camas para os animais;

4 — jogar fora apropriadamente os pesticidas e vasilhames não utilizados;

5 — evitar a aplicação de pesticida em um momento, ou por um meio, que permita que ele vá depositar-se além da área de aplicação desejada.

6 — anotar as datas de aplicação.

Deve-se estar certo de que as pessoas que trabalham com pesticidas ou com os animais da fazenda têm perfeita noção de sua segurança e perigos. Elas também devem estar em condições de poder identificar facilmente os pesticidas. Os rótulos e suas recomendações não ajudam, se as pessoas não os têm.

Usualmente, a incineração não é um método recomendável para a refugagem do vasilhame, a menos que o rótulo do produto recomende esse processo.

Alguns dos envenenamentos acidentais que chamaram a atenção do autor da nota resultaram do transporte de gado vivo, rações ou camas em veículos que já haviam sido usados antes para carregar pesticidas.

Siga-se uma última regra, para evitar perdas por este risco. Consiste em remover inteiramente todo o pó de pesticida e vasilhame dos caminhões ou reboques, antes de carregá-los com animais vivos, rações ou camas.

Os pesticidas são produtos necessários e úteis, que ajudam a obter maior eficiência da produção agrícola; mas seu uso indevido ou descuidado pode determinar perdas desnecessárias de animais. As prescrições devem ser seguidas atentamente.

noticiário TORTUGA

27 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

A CARÊNCIA DE FERRO PROVOCA GRAVES PREJUÍZOS

Os animais jovens são as grandes vítimas da falta de uma quantidade adequada de ferro no seu organismo. Essa carência pode acarretar aos criadores elevados prejuízos econômicos.



27.º Ano

Março de 1981

N.º 308

A IMPORTÂNCIA DO FERRO NO AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

Ao mesmo tempo que aumenta o potencial genético dos animais, aumenta também suas necessidades nutricionais. Para não anular esse avanço tecnológico e não comprometer a produtividade da exploração pecuária, deve-se fornecer às criações a quantidade de ferro compatível com as reais exigências do seu organismo. A importância dessa medida é comprovada pelo fato de que o leite materno não possui todo o volume de ferro exigido pelas crias.

Apesar de ser encontrado em pequenas quantidades no organismo animal, o ferro desempenha papel preponderante na fixação do oxigênio no sangue, levando-o a todos seus órgãos e tecidos. Em condições normais de saúde, o ferro é absorvido pelo intestino delgado, admitindo-se que a partir daí, é armazenado no fígado, baço e rins. Sabendo-se que o leite materno é o principal e único alimento dos recém-nascidos e, que a quantidade de ferro que contém é bastante inferior à necessidade das crias, pode-se concluir que é indispensável suprir essa deficiência.

Até tempos atrás adotavam-se métodos empíricos para satisfazer a carência de ferro no organismo dos animais jovens, tais como, jogar torrões de terra nas beias; passar pastas à base de ferro nas tetas das fêmeas; administrar soluções de ferro por via oral; aplicar pastas antianêmicas na boca; adicionar preparados à base de ferro nas rações pré-iniciais; deixar à disposição blocos de derivados de ferro e, muitos outros. Esse modo de agir apresentava sérios inconvenientes, podendo assinalar-se: a absorção de

ferro, quando ministrado por via oral, é limitada ao nível dos intestinos e exige muita mão-de-obra; impossibilidade do perfeito controle das doses; animais jovens sofrem a concorrência dos adultos, impedindo assim seu acesso a esse elemento; e muitos outros.

Tendo em vista esses problemas, desenvolveram-se inúmeros produtos contendo ferro para serem aplicados sob a forma de injeção, podendo ser citado o Ferrodex. Estas são as suas grandes vantagens: assegura administração da dose adequada aos animais; proporciona reserva orgânica suficiente ao atendimento do consumo de ferro, até os animais adquirirem condições de aproveitá-lo nas rações; é de fácil administração; torna possível a injeção de reduzido volume, devido à elevada concentração do produto; possibilita, através de uma só aplicação, constituir reserva adequada ao consumo do organismo etc.

Sintomas da anemia

Uma das mais graves consequências da falta de ferro no sangue é

a anemia, que é a queda do número de glóbulos vermelhos no sangue ou redução da concentração de hemoglobina nestes glóbulos. Estes são alguns dos sintomas típicos dessa doença: fadiga, inapetência, desenvolvimento retardado, mucosas e membranas pálidas, diarreia, baixa resistência orgânica, maior incidência de doenças e outras. Para evitar tais males, recomenda-se aplicar, por exemplo, nos leitões, uma dose única de injeção de 2 ml, por via intramuscular, que satisfará suas necessidades no primeiro mês de vida.

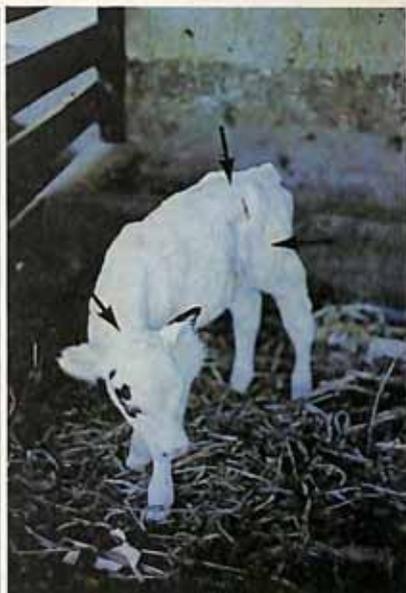
Apesar do Ferrodex ser um anti-anêmico especialmente indicado para a profilaxia da carência de ferro (anemia ferropriva) dos suínos, sua aplicação vem sendo difundida, com sucesso, entre as demais espécies animais, como bovinos, eqüinos, ovinos, caprinos, caninos e felinos. É também indicado nos casos de perda de sangue por acidentes ou pela ação de vermes e carrapatos. Nos casos de piroplasmose e anaplasmosse dos bovinos, Ferrodex desempenha papel importante na recuperação da hemoglobina.

O LOCAL MAIS APROPRIADO PARA APLICAR INJEÇÕES DE FERRO

Considerando que o produto Ferrodex deve ser aplicado em dose única, para economizar mão-de-obra e evitar **stress** dos animais por excesso de manuseio, recomendamos como local preferencial da injeção o músculo do pescoço (côpa), que apresenta resultados melhores que quando aplicada na coxa, como se fazia antigamente. Essa técnica se fundamenta em inúmeras observações de campo, que apresentaram inúmeras vantagens.

O músculo do pescoço, cujas fibras são mais fortes que as da coxa, resistem melhor à injeção de um produto de alta densidade e concentração. Neste novo local de aplicação o criador pode injetar 2 ml de Ferrodex sem incorrer a nenhum risco, desde que tome os seguintes cuidados:

- Esterilizar (ferver) as seringas e agulhas, ou desinfetá-las com soluções adequadas, onde devem ser mergulhadas durante alguns minutos.
- não usar seringas automáticas, que não permitem injeção lenta; usar de preferência as de vidro ou plástico que, além de facilitarem a aplicação, favorecem a esterilização.
- usar agulhas no tamanho ideal; isto é, 30 x 10.
- agitar o produto antes da aplicação, rolando o frasco entre as mãos, que possibilita um ligeiro aquecimento e a homogeneização do conteúdo.
- Dada a reduzida resistência dos tecidos dos recém-nascidos, aplicar a injeção lentamente, o que evita a dilaceração das fibras.
- Não massagear o local após a aplicação para não provocar edema (inchaço).



As setas indicam as regiões mais adequadas para dar injeção de ferro nos bezerros. Lembre-se de não massagear o local para evitar os edemas.

Experiências feitas a campo mostraram que o melhor lugar para injetar ferro nos leitões é no músculo do pescoço, como mostra a foto.



Saúde!
à saúde de seus animais.



O firme vôo do frango para o estrangeiro

O frango brasileiro não quer mesmo ficar na dependência do mercado interno e alça vôos mais largos: a Associação Brasileira dos Exportadores de Frangos prognostica que o país chegará este ano, o segundo posto do "ranking" mundial, com uma exportação de 260 mil toneladas de produto congelado. Entre os seus mercados preferenciais estão o Oriente Médio e a URSS. Com os soviéticos, a ABEF acertou, no final do ano passado, a venda de 60 mil toneladas, das quais 7 mil já embarcadas. Também o Irã passou a adquirir o frango brasileiro, tendo comprado já 9 mil toneladas. O México está sendo sondado, e a ABEF estima que haja mercado, ali, para cerca de 50 mil toneladas anuais. Venezuela e Cuba são outros países na mira da entidade.

AGROPECUARIA TROPICAL

• Um diálogo corajoso a favor da Agropecuária Nacional.

• Distribuição a todos os criadores nordestinos e também em **BAN-CAS** das principais cidades: da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.

• Legítimo porta-voz do setor rural nordestino.

Assinatura Anual
Cr\$ 600,00

Pedidos para:
AGROPECUÁRIA TROPICAL
Caixa Postal: 6033
CEP 50.000 - RECIFE - PE

Esses dados e informações foram liberados durante o recente Encontro Mundial de Exportadores de Frangos, que reuniu, em São Paulo, em meados de fevereiro último, 43 especialistas, representando os EUA, França, Uruguai e Brasil, responsáveis por 70% das exportações mundiais de frango congelado. Dele resultou a criação da International Poultry Export Association, entidade que será dirigida, da Europa, por nove empresários (três dos EUA, três da França e três do Brasil), provavelmente com sua sede instalando-se em Genebra, na Suíça.

A participação brasileira no mercado internacional de frango congelado se iniciou em 1975, com 0,5% dos negócios, passando a 12,1% em 1980 e deve chegar a 19,1% este ano, quando o país espera atingir a marca de US\$ 325 milhões, aproximando-se 260 mil toneladas. As vendas internacionais de frango congelado estão previstas em 1,36 milhões de toneladas, este ano e, segundo dados de 1978, a Holanda é a maior exportadora mundial do setor, seguida dos EUA, França e Hungria.

No país, os maiores exportadores de frangos são os Estados de Santa Catarina (60% do total), Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, mas é São Paulo quem mais produz frangos (297.440 toneladas), seguido de Santa Catarina (183.400), Minas Gerais (142.540) e Rio Grande do Sul (92.260), sempre com base nos dados de 1978.

CAPRILEITE quer contar as deslanadas

Interessada em desenvolver, conjuntamente com a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), um programa especial de fomento à criação, a Associação Brasileira de Criadores de Cabras Leiteiras (CAPRILEITE), com sede em Belo Horizonte (rua Safira, 564, fone 332-7433), está pedindo a seus associados que informem sobre os animais que possuem do tipo deslanado, na área mineira da SUDENE. A CAPRILEITE quer saber especialmente sobre as raças deslanadas de Morada Nova, Santa Ignês, Rabo Largo, Somalis e Bergamasca. Se os

criadores tiverem dúvidas sobre os padrões de cada raça, podem ser pedidos prospectos e informações à entidade ou junto aos escritórios da EMATER, Projeto Sertanejo e outros órgãos oficiais.

Como anda a situação do país em adubos

Estão sendo distribuídos os Anais do Seminário Nacional sobre Política de Fertilizantes, que a Associação Nacional para Difusão de Adubos realizou, em São Paulo, no final do ano passado. Além de reproduzir a íntegra dos debates e palestras realizados, bem como incluir os quadros, gráficos e tabelas apresentados, o documento dá uma visão global dos principais problemas do setor, relacionados com a produção, oferta e demanda de adubos, inclusive com suas perspectivas para os próximos anos. Segundo a Anda, tanto a produção quanto o consumo têm-se ampliado nos anos mais recentes, no país, em razão dos investimentos feitos no setor. Em rocha fosfática, por exemplo, a produção subiu de 1,2 milhões de toneladas, em 1978, para 2,63 milhões no ano passado, devendo chegar a 4,13 milhões de toneladas em 1982. A produção de fósforo cresceu de 392 mil toneladas, em 1978, para 920 mil no ano passado e a de fertilizantes nitrogenados atingiu 414 mil toneladas, em 1978. Em relação ao potássio, não existe ainda produção nacional a nível industrial, admite o trabalho, que considera ser a demanda total do país atendida em 43% de suas necessidades com a produção interna



Pedidos à:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 - Tel. 826-3033 -
São Paulo - SP

FORMAÇÃO DO BRASIL E UNIDADE NACIONAL



FORMAÇÃO DO BRASIL E UNIDADE NACIONAL, de Luiz Toledo Machado — Doutor em Letras pela USP e em Ciência Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Toledo Machado já lecionou na Universidade de Brasília, na Unicamp, no Instituto Tecnológico de Aeronáutica e na Universidade de Colônia, na Alemanha. Sua preocupação declarada foi fornecer uma visão, a um tempo, sintética e profunda da vida brasileira, abordando o processo histórico do país, visto do ângulo de sua formação política, desde a incorporação do Atlântico Sul ao complexo do capitalismo moderno até a década de 1960-70. Seu tema central é a tese da unidade nacional, tanto territorial e política como sócio-econômica e cultura. Dedicou extenso capítulo ao tema "café-cultura e industrialização", creditando ao café "fator condicionante, por longo tempo, da organização social e política do país". 286 páginas, 1980. IBRASA, rua Vinte e Um de Abril, n.º 97, São Paulo, SP.

Fabricação de queijo de leite de cabra



FABRICAÇÃO DE QUEIJO DE LEITE DE CABRA, de Múcio Mansur Furtado — A obra reúne a vivência profissional do autor, que é professor e pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG). Nela, o especialista procura induzir os criadores a produzir, em seus capris, não apenas animais em bom manejo, mas também aproveitar suas possibilidades em leite. Adaptando a tecnologia francesa às condições mineiras (e por extensão às demais regiões onde a caprinocultura está em desenvolvimento), indica as melhores opções para o fabrico artesanal de queijos na fazenda, a partir da pasteurização lenta do leite obtido. O livro versa sobre os temas de interesse desse objetivo e também inclui plantas para capris, instalações necessárias ao processamento do leite, além de abordar os aspectos químicos do leite de cabra e pormenores para seu manuseio. 126 páginas ilustradas, 1980.

Livraria Nobel S.A. — rua Maria Antônia, 108, São Paulo, SP.



PETRÓLEO, O PREÇO DA DEPENDÊNCIA, de Alberto Tamer — Jornalista especializado em Economia, com larga vivência em problemas ligados à energia, Tamer participou, na condição de redator de "O Estado de São Paulo", das mais importantes reuniões realizadas no mundo, versando sobre a questão do petróleo. E traça, em seu livro, uma história comparada entre a Petrobrás e a OPEP, durante as crises mundiais desse combustível, detendo-se em suas consequências para a economia brasileira. Em sua opinião, o Brasil comportou-se, no particular, após 1973, em completo desacordo com todas as demais nações, supondo que a crise do petróleo tivesse curta duração e, por consequência, não trouxesse mais graves danos a nossa economia. Por isso, faz carga cerrada sobre a empresa estatal brasileira, em especial sobre o general Ernesto Geisel, seu ex-presidente e que chegou à Presidência da República. 355 páginas, 1980.

Editora Nova Fronteira S.A., rua Maria Angélica, 168, Rio de Janeiro, RJ.



PRODUÇÃO DE SUÍNOS, de Sergito de Souza Cavalcanti — Médico veterinário, professor responsável pela disciplina de Suinocultura da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Zootecnia, o autor reuniu, revisou e ampliou as apostilas de suas aulas na UFMG, daí resultando o seu livro. E o fez de forma a oferecer um trabalho dirigido aos técnicos em suinocultura, mas em linguagem acessível também aos criadores. O texto traz, portanto, informações básicas capazes de permitir progresso no campo do conhecimento científico aplicado à criação e indicações que dão condições para que os produtores racionalizem a sua exploração. A obra se compõe de seis capítulos, inclusive um, destinado a construções e equipamentos, oferecendo sugestões para um sistema de manejo dos dejetos de suínos e seu aproveitamento na fazenda. 272 páginas, com ilustrações, gráficos e tabelas, 1980. Produção de Suínos, rua dos Aeroviários, 281, Belo Horizonte, MG.



Nelson Baeta Neves, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, eufórico pela decisão governamental de excluir a bubalinocultura das restrições de crédito pecuário, impostas pela Resolução 671 do Conselho Monetário Nacional. Baeta Neves está estimulando os criadores de búfalos a que suscitem o assunto junto às agências de banco, em suas cidades, para que os gerentes busquem informações esclarecedoras com os seus superiores. A bubalinocultura pode ser financiada a taxas e prazos normais do crédito rural, com juro máximo de 45% ao ano, sem limite do valor dos financiamentos para 100 MVR, como determina a criticada resolução para a bovinocultura.

Fábio G. Pedriali e Roberto Moser de Abreu estão entusiasmados com as perspectivas dos trabalhos que realizam, no país, sobre transplante de embriões em bovinos. Ambos participaram, no ano passado, de um congresso internacional promovido em Dever, Colorado, nos EUA, pela Embryo Transfer International Society, onde se apreciaram os mais recentes avanços dessa técnica, em todo o mundo. Além do congresso, os dois especialistas brasileiros, ligados à criação da raça Marchigiana (Fábio é membro do Conselho Técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiana), fizeram um estágio na Universidade de Colorado, com o prof. Peter Elsdén, um dos mais reputados especialistas mundiais em embriões.



Antônio Delfim Neto, ministro do Planejamento e homem forte da economia brasileira, no Governo,

é a mais recente aquisição da raça Mangalarga. Em seu sítio em Jundiá, SP, onde já possuía, presenteado por um amigo, um garanhão da raça, acabou de receber uma potranca de boa estirpe, que lhe foi enviada por Mathias Macline, empresário ligado ao setor eletro-eletrônico e nome de destaque nos meios turfísticos brasileiros. A potranca Mangalarga procede da criação de Olinto Marques de Paulo, criador que, por sinal, esta sendo focalizado nesta edição da Revista.

William Koury, ex-presidente da Associação Paulista dos Criadores de Nelore e seu atual diretor, é de opinião que o Nelore exibido nas principais exposições do Estado, no ano passado, foi da melhor qualidade, atestando o estágio da seleção desses animais. Especialmente em relação à mostra de Avaré, diz William, pôde-se notar essa evidência, que também se manifesta nas exposições de Bauru, SP, de que o criador, por sinal, é um dos organizadores. Em entrevista que concedeu recentemente ao "Jornal do Nelore", da APCN, William elogiou a atuação de Mário Bannwart frente à última EMAPA e é de opinião que ele deve continuar na administração desse evento.



Fábio de Salles Meirelles foi reeleito, ao final do ano passado, para um mandato de três anos na presidência da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo. Obteve 143 dos 148 votos de sindicatos presentes (o total de unidades filiadas à FAESP é de 171), registrando-se um voto nulo e quatro em branco. A diretoria executiva da FAESP, além de Fábio, tem Eduardo Ferreira Fontes, Joaquim Aleixo Machado, Carlos Francisco Pupio Marcondes, Sérgio D'Alessandro Ribeiro, José Ary Morales Agrudo e Dante Oswaldo Teixeira Bastos. É esta a segunda reeleição do presidente da FAESP, que também acumula essas funções com uma diretoria do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (BADESP).

Um rebanho sem defeito

EDUARDO CRUZ

Eu tenho um touro Holandês, que, por uma dessas casualidades da vida, foi grande campeão numa exposição agropecuária de âmbito estadual. Lógico que, além dos participantes, todos os meus amigos souberam do grande feito. Pois não é todo dia que essas coisas acontecem.

Nesses momentos, e logo depois, surgem sempre os papos: "Vai coletar sêmen? Vai mandar o dito cujo para uma central?" Com o passar dos dias, você se acalma, munda tirar umas fotos, gasta uma fortuna em propaganda, e o touro continua na fazenda mesmo, fazendo a inseminação natural, por conta própria, um seu proveito. Dele, touro, e, lógico, das vacas.

Mas o meu touro tirou um outro prêmio, e umas filhas dele começaram a ficar promissoras. Resolvi guardar o sêmen do bicho, que era importado, mais por sentimentalismo que por certeza de que pudesse ser melhor do que outros que têm sêmen à venda, por preços bem compensadores.

Enfim, chega de volta o herói acompanhado de um butijão com 1.000 ampolas (como se fosse possível pensar em ter mil vacas). Fazem parte da personalidade do fazendeiro essas megalomanias. Ter um touro com sua capacidade reprodutiva integral e mais 1.000 doses de sêmen, por questões de garantia das qualidades genéticas... Enfim, eu também

sou fazendeiro, e não posso fugir muito da regra. Além do mais, passei a ser só mais um dos inúmeros fazendeiros que se dão ao luxo desse desconforto para o touro.

Até aí tudo bem. Nada de louvável nessa minha aventura genética, que não daria razão para uma crônica... até que acontecesse o inusitado. Fred, um amigo meu, telefonou-me: queria falar comigo sobre fazenda. Como qualquer fazendeiro, fiquei feliz ante a expectativa de poder conversar com um amigo para meter na cabeça dele que ter fazenda é um grande negócio até, etc. e tal. Marcamos encontro na minha fazenda, que ele ainda não tinha a dele.

Chegou, e fomos ao estábulo ver o touro. Voltamos para a sede, para o indefectível cafezinho, e o papo começou. Não foi nem preciso eu dizer que ele deveria comprar uma fazenda. Já estava nos seus planos.

Ouvi o resto. Ele queria uma dose do sêmen do meu touro.

— Uma só? Fiquei surpreso e ofereci mais, certo de que meu estoque de mil era inesgotável.

Ele, então, sem jeito, contou-me o seu projeto.

Tinha um butijão e estava selecionando touros. Era o início de sua fazenda. Seria modelo: 10 alqueires planos, entre Teresópolis e Petrópolis, com água cristalina colhida na montanha, batida de

sol, mas protegida dos ventos e tempestades, um riachão no meio, que dava água aos piquetes formados de gramíneas e leguminosas, um "pequeno" estábulo para cem vacas de "30 litros", casa de administrador e mais 4 empregados. Dois silos de encosta, com capacidade para 800 toneladas de milho. Sala de ordenha, tipo espinha-de-peixe e uma sede "bem rústica, mas confortável".

O butijão estava guardado no Rio. No escritório da avenida Rio Branco, 35.º andar. Na sua sala particular, com cadeado e tudo. Tinha já 73 doses de 75 touros. Enquanto não completasse as 100, não daria início ao plano.

Aliás, não tinha pressa. Já entrara em entendimentos com uma firma inglesa, que iria fornecer-lhe, na época oportuna — calculava que isso ocorresse em 1992 — 100 vacas irmãs, filhas do mesmo pai e da mesma mãe, frutos de embriões, para fazer um trabalho pioneiro no mundo, no campo genético. Empregaria em cada irmã completa com um sêmen diferente, para poder aquilatar o valor genético dos touros em absolutas igualdades de condições.

Fiquei calado, perplexo. Como ele não me pediu segredo, dou aqui o plano de mão beijada a quem quiser, certo de que o Fred não teme concorrentes, embora tudo aqui no Brasil seja possível em matéria de fazendeiros...

IRRIGAÇÃO

Bombas hidráulicas para irrigação, montadas com motores diesel, gasolina, álcool ou elétrico.

Oferecemos uma infinita gama de vazões e pressões, para qualquer tipo de cultivo e topografia do solo.

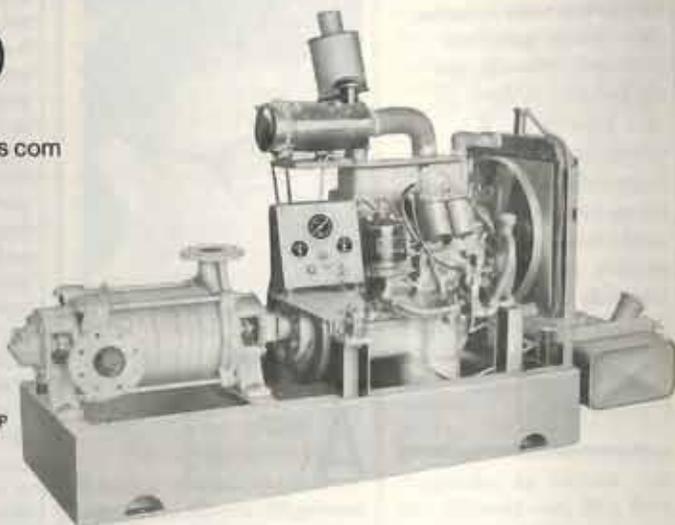
Irrigação por aspersão ou inundação.



BOMBAS ALBRIZZI-PETRY LTDA.

Fábrica: Av. Pres. Café Filho, 474
Tel.: 445-4400 - PABX - CEP 08900 - Diadema - SP
C.P. 178 - Telex: (011) 4410 - BALP

Depto. de Vendas: Diadema — Tel.: 445-4400 - PABX
São Paulo: Av. Prestes Maia, 575 - Tel.: 227-3007 • 229-0847 • 228-3408
Tel.: (011) 30602 - BALP - BR
Rio de Janeiro: Av. Bili Branco, 136 - Sala 1803 - Tel.: 262-1906
Tel.: (021) 31580 - BALP - BR





CONTROLE LEITEIRO

Os resultados do Serviço de Controle Leiteiro em dezembro-80

WALTER C. BATTISTON

O controle de dezembro do ano passado apresentou 606 animais com lactações encerradas, representando 9 raças, variedades ou tipos. Em regime de três ordenhas, aparecem 77 exemplares (12,7%), dos quais 7 em Livro de Escol (LE) e 14 em Livro de Mérito (LM); em regime de duas ordenhas, dos 529 (97,3%), foram inscritos em LE 46 animais e em LM outros 111.

As raças, variedades ou tipos representados, pela ordem decrescente, foram as seguintes: Holandesa preta e branca (348 animais), Holandesa vermelha e branca (117), Pitangueiras (56), Gir (39), Jersey (21), Parda Suíça (20), Simental (4), Dinamarquesa (2) e o tipo Girlando (1).

Na I Divisão, onde estão as lactações até 305 dias, colocaram-se 606 animais, e, na II Divisão, com lactações até 365 dias, 343 exemplares.

REPRODUTORAS EMÉRITAS

Colocaram-se na categoria de Reprodutoras Eméritas (RE), cinco vacas da raça Holandesa, sendo duas da variedade preta e branca e três da variedade vermelha e branca.

No primeiro grupo, estavam "São Quirino T 38", da Pecuária Anhumas S/A, de Campinas, SP, e "Finesse 5 Thornlea de Santa Helena", da Cia. Administradora Técnica e Agrícola Atagri S/A. O exemplar de Campinas é filho de "Lavacres Dusty Merrit" e "São Quirino P 34", tem 7 anos e 3 meses e produziu, em 305 dias, 6.454 kg de leite e 219 de gordura, com mais de 21 kg de leite de média diária.

"Finesse 5 Thornlea de Santa Helena", descendente de "Pan Thornlea Rosafé Comander" e "Finesse de Santa Helena", produziu, também em 305 dias, 5.514 kg de leite e 208,2 de gordura, com a média de 18 kg de leite por dia.

Com 4 anos e 11 meses de idade, 8.009 kg de leite e 267,2 de gordura, em 305 dias, "United Way Chief Lottie", foi uma das representantes da variedade vermelha e branca. Essa crioula de Geraldo Figueiredo Forbes é filha de "Elmcroft Pontiac Chieftain" e "Glenation M. Line Hollow Patsy".

As outras duas vermelhas, ambas em duas ordenhas, foram "São Nicolau Corrie VII Roland", de Laércio Valle Nicolau, e "Finezza Nico", de Antônio Bassoli. A primeira é filha de "Gonda's Roland" e "Holambra Corrie VI" e deu, aos 12 anos e 9 meses, 9.557 kg de leite e 233,9 de gordura, com a média de 26 kg de leite diariamente. "Finezza Nico", PCOD, tem 7 anos e 2 meses e deu, em 278 dias, 4.893 kg de leite e 168,3 de gordura.

Holandesa preta e branca — Totalizando 348 animais, a variedade preta e branca, representou 57,4% do total controlado e quase 75,0% da raça Holandesa. Mantiveram-se em três ordenhas 37 fêmeas (10,6%) sendo 3 inscritas em LE e 7 em LM, e, em ordenha dupla, outras 311, das quais 34 se inscreveram em LE e 81 em LM.

Em regime de três ordenhas, aparecem várias lactações em destaques, entre as quais mencionaremos as que se referem

a "Janaina Skokison", do Sítio 33, "Nelyo's Doroth Ned", de Manuel Pontes Netto, "Elinton C. Astro Astrid Twin", de Valmir Spinelli e Irmão, "33 Hermosa Skokison Rockman", também do Sítio 33, "J.P.R. Jóia", de Joaquim Peixoto Rocha, e "A.F. Fortaleza Revista", da Fazenda Fortaleza Ltda. Esta última, aos 2 anos e 2 meses, obteve LM, dando, em 365 dias, 7.354 e 269,8 kg, de leite e gordura, respectivamente.

No Sítio 33, de Benedito José Soares de Melo Pati, estavam "Janaina Skokison Rockman", que obteve LM aos 23 meses de idade, com 10.615 kg de leite e 327,4 de gordura, em 365 dias, e sua irmã, "33 Harmosa Skokison", que, aos 3 anos e 10 meses, recebeu LE, dando, em 305 dias, 12.042 e 356,3 kg.

A crioula dos Irmãos Spinelli, aos 2 anos e 9 meses, produziu, em 305 dias, a média diária de 20,614 kg de leite e 669,2 gramas de gordura.

Obtendo LM aos 2 anos e 7 meses, "Nelyo's Doroth Ned" produziu, em 292 dias, 8.309 e 296,3 kg, de leite e gordura respectivamente.

Em regime de duas ordenhas, colocaram-se 311 animais, sendo 34, ou 10,9%, em LE e 81, ou 26,0%, em LM. No lote inscrito em LE, além das Reprodutoras Eméritas comentadas, destacaram-se também "Arapoti Conde Sina 52", com 2 anos e 4 meses, 6.646 e 293,6 kg, em 305 dias; "Fidalga Master Madcap", com 2 anos e 10 meses, 7.254 e 286,4 kg, em 288 dias (mais de 25 kg de leite e quase um quilo de gordura de média diária), na fazenda de Rubens de Andrade Vilela, e, finalmente, "Gowrie Star Liana", de Sérgio Vicente de Araújo, que produziu 9.052 e 319,7 kg, em 305 dias, aos 7 anos e 7 meses de idade.

Inscritos em LM despontaram vários bons animais, entre os quais os melhores foram "Joana Victor Panorama", de Donald Graber, "Kronville Royalstar Charris", de Frederik Kok, "Arapoti de Jonge Hillie 3 Nortkroft", de C.J. Jonge, "Arapoti Trippacres G. Startreck", de Sérgio Vicente de Araújo, e "Vila Rosa Challenge Toni", de Emil Wirth, além das adultas "Dirk Conta 1001 de Carambel", de C.J. Jonge, e "Florada Willy's de S.A.", de Vasco Mil Homens Arantes. A primeira, com 2 anos e 3 meses, produziu, em 365 dias, 8.103 kg de leite e 257,7 de gordura, e "Vila Rosa Challenge Toni", aos 4 anos e 4 meses, 7.029 e 256,9 kg, em 311 dias. Na Arapoti, com 3 anos e meio, "A.J. Hillie 3 Nortkroft" produziu, em 365 dias, 9.718 e 315,4 kg, e "Dirk Conta 1001 de Carambel", de 8 anos e 3 meses, 9.219 e 355,3 kg, em 365 dias. "Florada Willy's de S.A.", aos 10 anos e 8 meses, deu, também em 365 dias, 9.785 e 298,4 kg. "Kronville Royalstar Charris", aos 2 anos e 7 meses, deu, em 365 dias, 7.206 e 249,4 kg. "Arapoti Trippacres G. Startreck", aos 3 anos e 8 meses, produziu, em 313 dias, 9.158 e 328,2 kg.

Holandesa vermelha e branca — Somando 117 vacas, a raça Holandesa vermelha e branca representou 19,3% do total controlado e 25,0% da raça. Foram 34 animais (29,1%) mantidos em três orde-

nhas, sendo 4 em LE, 7 em LM e outros 83 (70,9%) em duas ordenhas, com 9 LE e 4 em LM.

Em regime de três ordenhas, além da mencionada "United Way C. Lottie", Reprodutora Emérita, em LE, destacaram-se em LM: "Albertina's CMC Mita" e "Albertina's A.B. Gávca", ambas de Pedro Conde, "Harem Apache Pocahontas", de Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida, e "Marota Tricordiano", de Luiz Viscardi, além de "Profeiza P.R. Betina's", de Geraldo Figueiredo Forbes; esta, aos 2 anos e 1 mês, obteve LM com 6.053 kg de leite e 293,2 de gordura, em 365 dias. "Albertina's CMC MITA", com 2 anos e 9 meses, produziu, em 365 dias, 7.085 e 186,7 kg, enquanto a outra crioula de Pedro Conde, "Albertina's A.B. Gávca", com 7 anos e 8 meses, deu, em 297 dias, 8.514 e 239,2 kg. "Harem Apache Pocahontas", aos 4 anos e 7 meses, produziu, em 359 dias, 6.742 e 238,2 kg. "Marota Tricordiano", com 8 anos e 2 meses, deu, em 305 dias, 7.979 e 261,7 kg.

Em regime de duas ordenhas já foram mencionadas, as Reprodutoras Eméritas "S.N. Corrie VII Roland" e "Finezza Nicco", mas convém destacar outras duas inscritas em LE: "S.N. Lea 18 Royal Betty's" e "S.N. Regina IV Double King Bet", ambas de Laércio Valle Nicolau. A primeira, aos 4 anos e 1 mês, produziu, em 256 dias, 7.430 e 200,2 kg, e a última, aos 3 anos, deu, em 253 dias, 6.161 e 194,5 kg.

Alcançaram LM 9 vacas, sendo as melhores "Coeflia Noble de Sant'Ana", de Geraldino Natal Madureira, 2 anos e 11 meses, 6.043 e 174,0 kg, em 333 dias, e "Nacria Rebel de Sant'Ana", de Vasco Mil Homens Arantes, com 3 anos e 10 meses, 7.085 e 248,5 kg, em 360 dias, além das adultas "Roland 2809 Symbol Roza", de Laércio Valle Nicolau, e "Colina Robaron de Meirelles", do Espólio de Antônio Josino Meirelles. A crioula de Laércio Valle Nicolau, aos 4 anos e 10 meses, deu, em 355 dias, 8.357 e 237,9 kg; a vaca suscida em Batatas, SP, produziu, em 365 dias, 8.520 e 270,9 kg, aos 5 anos e 10 meses de idade.

Pianguieras — Com 54 vacas mantidas em duas ordenhas, todas crioulas da S/A, Frigorífico Anglo, a raça Pianguieras representou 8,9% do total controlado. Somente "Anglo Atlantica II — 98-4127", que pertence a Antônio Marins, não estava na Fazenda 3 Barras por ocasião do controle.

Cinco animais colocaram-se em Livro de Mérito, sendo os melhores, "Bonaça 6669", de 8 anos e 10 meses, 4.404 kg de leite e 183,4 de gordura, em 365 dias, e "Baroneza F-497", com 10 anos, 4.278 e 184,0 kg, em 324 dias.

Gir — Em regime de três ordenhas aparecem 5 fêmeas sem nenhum título especial, e, em duas ordenhas, outras 34, totalizando 39 animais, sendo 4 em LM.

Entre as 4 inscritas em LM, três (3), pertencem aos Irmãos Salgado Rodrigues dos Reis e a outra, "Acajá M-7352", a Miguel Angelo C. Cançado. A melhor foi "S.C. Alba Cachimbo-14838", que obteve LM aos 11 anos, dando, em 360 dias, 5.067 kg de leite e 259,8 de gordura, em



Como de hábito, Holandês deu o maior número de animais.

duas ordenhas. "Acajá M-7352", aos 3 anos e 1 mês, produziu, em 303 dias, 3.528 e 149,3 kg, em duas ordenhas.

Em três ordenhas, a melhor lactação, 3.708 e 150,8 kg em 365 dias, coube a "Florista", de Francisco F. Barretto, aos 11 anos de idade.

Parda Suíça (Schwyz) — Dos 20 exemplares "suíços", somente "Bom Café Cleuza Elegante III", que obteve LM aos 3 anos e 2 meses de idade, foi mantida em três ordenhas; em 305 dias, ela produziu, em Jacutinga, MG, 6.478 e 251,7 kg.

Em duas ordenhas destacaram-se "B.C. Acacia Topper 1" em LE, com 5.953 e 208,7 kg, em 353 dias, aos 4 anos e 10 meses, e mais 4 outros bons animais em LM; destes, os melhores foram "Viola-5726-M", da Agro Pecuária Suíço-Brasileira Ltda., com 4.957 e 184,8 kg, em 365 dias, aos 6 anos e 1 mês, e "S.M. Princesa Pluribus", PC da Cia. Agro-Pecuária Santa Madalena, com 4.459 e 224,8 kg, em 336 dias, aos 5 anos e 2 meses.

Jersey — Todas as 21 Jersey foram mantidas em regime de duas ordenhas; três delas inscreveram-se em LE, todas de Antonio Carlos Pinheiro Machado, e

outras 4 em LM. A mais nova em LE foi "Itaquera Tio Pepe da Nova Querência", que, aos 3 anos e 5 meses, produziu, em 305 dias, 4.232 kg e 263,0 kg. No lote em LM destacaram-se "S.A. Nilza 4ª Marlu", da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A., com 10 anos e 3 meses, 4.836 e 221,5 kg, e "Alergia Santa Helena", de Paulo e Vasco Mil Homens Arantes, com 9 anos e 3 meses, 4.122 e 192,1 kg, em 305 dias.

Simental — Foram 4 os representantes da raça Simental, todos mantidos em regime de duas ordenhas; um deles, "Onja Rello Sanja", de Carlos T. da Silva e José Carlos C. Teixeira, com 4 anos e 7 meses, 4.237 e 156,9 kg, em 231 dias, inscreveu-se em LE. Desses mesmos criadores é "Nina Noble Regina 1437", que, em 305 dias, produziu 4.206 e 135,5 kg, aos 5 anos e 4 meses de idade.

Dinamarquesa — Os três dinamarqueses que encerraram o controle pertencem a O. Olavo Silva Barbosa, que os manteve em regime de duas ordenhas. O melhor foi "Maleta São José-341", que obteve LM, dando, aos 7 anos e 2 meses, 4.520 e 178,4 kg, em 320 dias. ●

BRETE e PORTEIRAS VERLAZ a segurança disponível



VERLAZ INDÚSTRIA
DE PORTEIRAS
VERLAZ LTDA

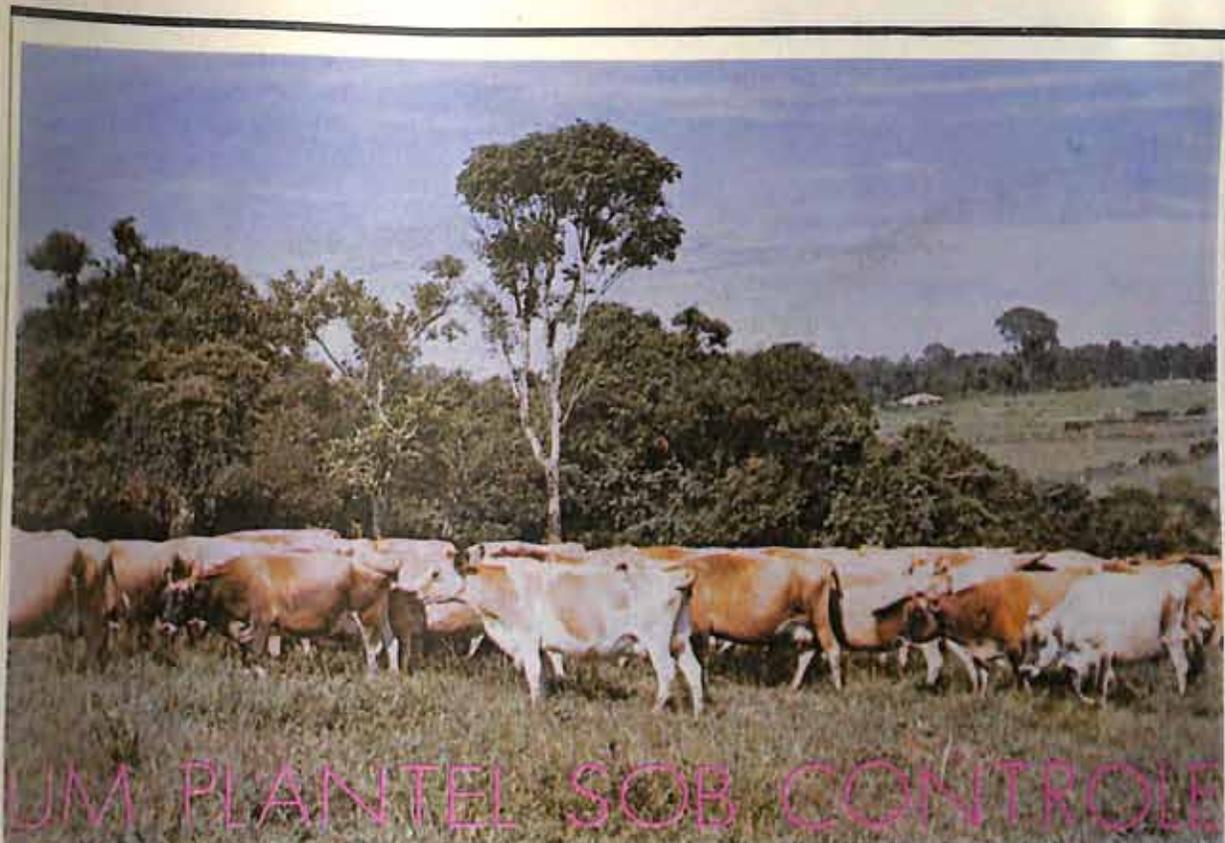
RUA QUINCAS VIEIRA, 1042 FONE (DDD 0182) 33-4834
19100 - PRESIDENTE PRUDENTE - SP

PEÇA FOLHETOS

FONE RESID 27 1502

FONE (DDD 0182) 33-4834

19100 - PRESIDENTE PRUDENTE - SP



De um rebanho, constituído, em 1967, por 8 vacas (5 puras de origem e 3 puras por cruzas), 4 novilhas (3 PO e uma PC) e um touro PO, mantido em uma área de 25 alqueires paulistas, Augusto Amélio da Mota Pacheco fez uma bem cuidada seleção de Jersey, que hoje soma acima de 170 animais registrados. E, de 1976 para cá, em 88 vacas controladas pela ABC, já tem uma Reprodutora Emérita, 15 inscritas em Livro de Escol e 20 em Livro de Mérito. Cada passo dado representou uma lição aprendida. Pois foi essa a preocupação inicial do proprietário do Sítio São Luiz Rey, de Tatuf, SP: crescer progressivamente e ir acumulando experiências, condições que sempre entendeu necessárias para quem, como ele, pretendia dedicar-se à pecuária de leite, rigorosamente dentro de suas possibilidades econômicas e de tempo, este

Este Jersey ensinou (e continua a dar) muitas lições

pouco disponível em razão de sua absorvente profissão, a Medicina.

A escolha do Jersey, depois de definido o objetivo da exploração e sua viabilidade no local (acesso fácil e comercialização garantida do leite), deveu-se à docilidade da raça, sua rusticidade comprovada, fertilidade e razoável produção leiteira. Outros fatores também influíram, como a possibilidade de adquirir, sem excessiva imobilização de capital, animais de boa procedência, indicados para criação em pe-

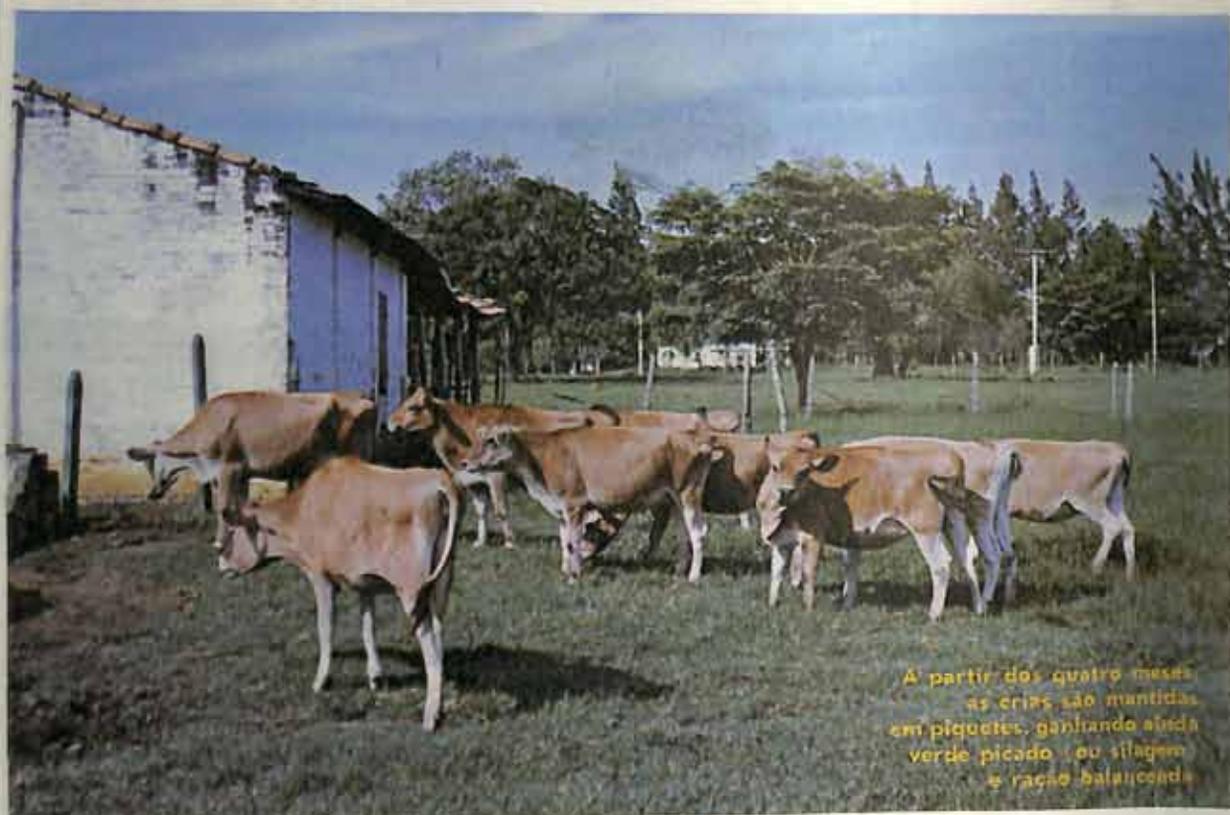
quenas propriedades, frequentes na região, também meta visada como mercado futuro.

Hoje, Motta Pacheco acredita que chegou ao estágio desejado, graças ao atendimento às condições que se impôs desde o início: fazer as coisas sem pressa, com simplicidade e, tanto quanto possível, a partir de recursos que se originassem da própria atividade.

O RIGOR

Para Motta Pacheco, sempre foi muito importante cuidar de alguns aspectos que ele considera básicos numa exploração leiteira: a qualidade dos animais a serem adquiridos, o controle sanitário e a garantia de sua alimentação.

Quanto aos animais do lote inicial, sua procedência atendia aos



A partir dos quatro meses, as crias são mantidas em piquetes, ganhando ainda verde picado ou silagem e ração balanceada.

seguintes desejados; vinham das fazendas Brejinho e Boa Vida, com ascendência no rebanho da Santana do Rio Abaixo, e as aquisições posteriores sempre se fizeram com muito critério. Nos outros, por exemplo, Motta Pacheco faz questão até hoje de só investir em animais de comprovada qualidade, premiados em exposições de prestígio ou com destaque em seleções reconhecidas. Daí o plantel do Sítio São Luiz Rey possuir reprodutores arrematados em leilões oficiais da Secretaria da Agricultura de São Paulo ou comprados na exposição internacional de Esteio, filhos de pais importados e abrindo bastante o leque de sangue, para aliar qualidades de várias linhagens dentro da raça. Outro cuidado, no particular, é não usar em demasia os mesmos animais, mas adquiri-los ainda jovens e vendê-los após alguns anos de serviço. É comum, por isso, verificar nas fichas de controle do gado do Sítio os nomes de animais bastante premiados, não obstante todo o gado

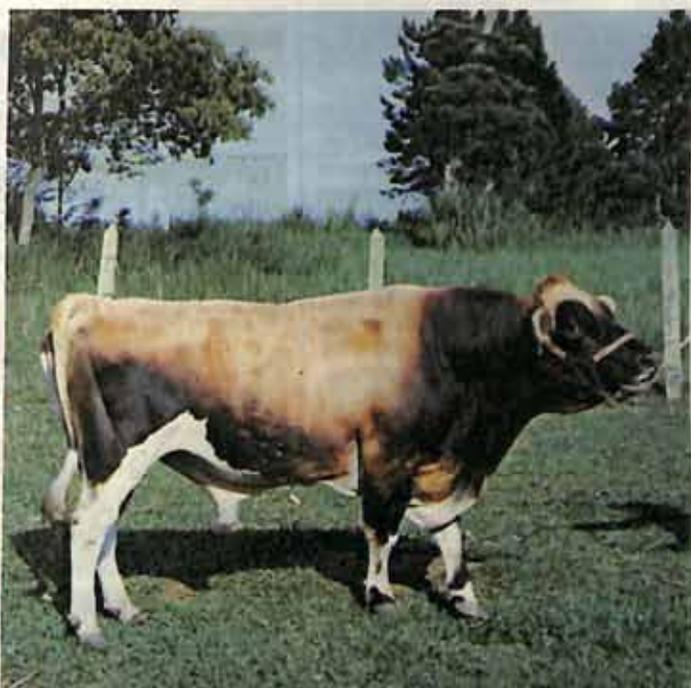
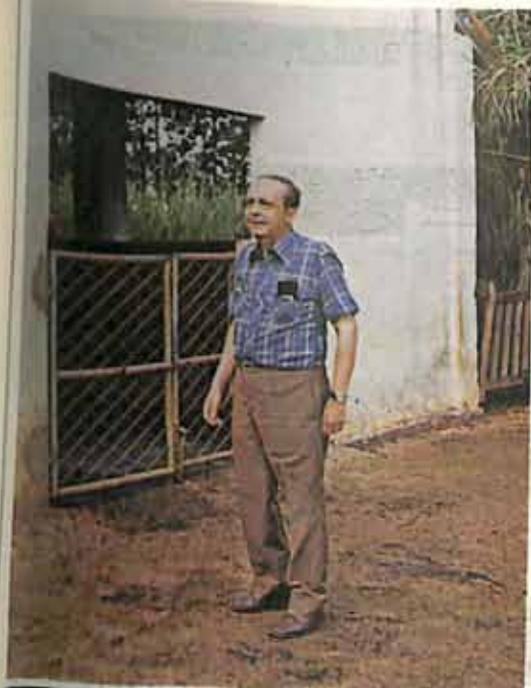
seja registrado na Associação dos Criadores da raça, desde o início das atividades, em 1967.

No tocante à sanidade, a própria formação profissional de Motta Pacheco induz a comportamento bastante rigoroso. É obrigatória a vacinação sistemática dos animais contra a aftosa, pneumoenterite, brucelose e carbúnculo, bem como a prova de tuberculização, dentro de um programa supervisionado permanentemente pelo médico veterinário Fortunato Santoro, que atende a propriedade desde 1975. Esse rigor tem recompensado, pois a repetição das provas de tuberculina e brucelose, a cada seis meses e nas novilhas próximas da parição, vem garantindo resultados negativos até hoje.

Para as áreas de pasto e capineiras, o cuidado não é menor. A melhoria constante do fornecimento de volumosos sempre foi buscada pelo criador, através de bom manejo das capineiras de napier e guatemala e das pastagens de gordura, pangola,

napier e jaraguá. O napier para pastoreio, por exemplo, é repartido em piquetes, utilizados pelas vacas em produção em períodos de apenas 4 horas; em seguida, transferidos os animais para os pastos de jaraguá, têm ali à sua disposição pequenos montes de capim picado (no número necessário para duas vacas cada), como meio de facilitar a adubação natural dos pastos, já que a cada dia, os montículos são oferecidos em locais diferentes. Essa experiência tem levado a que os pastos de napier se apresentem sempre em boas condições, e os de jaraguá se recuperem também naturalmente.

Para a seca, há silagem de milho em boa quantidade, graças a um sistema idealizado por Motta Pacheco e hoje seguido por vários outros produtores da região. Há lavradores das vizinhanças que plantam milho para ser vendido verde e sempre sobram nas lavouras colhidas uma ou duas espigas por pé. Essas



Motta Pacheco faz questão de muita simplicidade nas instalações, mas exige sempre qualidade comprovada nos animais.

raças são adquiridas para fornecer volumoso para silagem. E o próprio Motta Pacheco também utiliza o processo em seu sítio, produzindo uma silagem de milho batata, embora admitindo que sua qualidade possa ser inferior ao produto normalmente obtido de plantios exclusivos para esse fim.

No entanto, o perfeito arraçamento do gado fica garantido, pois há especial cuidado na oferta de rações concentradas. As vacas em produção, além do pasto (e da silagem, na seca), dispõem de ração com 20% de proteína digestível, constituída de rolão de milho, torta de algodão, farelo de soja e farelinho de trigo. A mistura é preparada no local, e Motta Pacheco tem sua própria receita para obtê-la. A torta de algodão e o farelo de soja são comprados no período de safra das lavouras, na quantidade já prevista para todo o ano, apenas o farelinho de trigo é adquirido para cada dois meses. Com isso, elimina-

se o risco de falta de alimentação para o gado e ainda se ganha no preço final da ração, pois o custo dos ingredientes é beneficiado pela época de sua aquisição.

O fornecimento é na base de um quilo para cada 3 litros de leite produzidos, até o limite de 12 quilos; acima desse nível, há o fornecimento extra de um quilo por animal. Para as vacas secas, novilhas e bezerras desmamadas, a ração é elaborada com os mesmos ingredientes, mas de forma a garantir 12% de proteína digestível. Para as crias em fase de aleitamento, além da oferta de leite natural, em baldes-mamadeira (3 litros/dia, divididos em duas porções), há oferta de feno e de ração com 18% de proteína. Quando o consumo de ração atinge um quilo por cabeça/dia, o que costuma ocorrer entre 1,6 a 2,6 meses, o leite é retirado.

Qualquer que seja a ração, há sempre o acréscimo de 1% de seu

volume em sais minerais, além da disponibilidade, em cochos separados, de mistura de sal ABC, sal comum e bifosfato de cálcio.

O RENDIMENTO

No São Luiz Rey, o manejo do gado é peculiar, pois a propriedade aproveitou antigas instalações para a criação de suínos para manter o gado. Os bezerreiros individuais são as antigas maternidades dos porcos, divididas em duas partes; os bezerreiros coletivos, onde são alojadas as fêmeas após o desmame (os machos, com exceção de 5 a 6 por ano, de melhores características, são sacrificados), eram cevas.

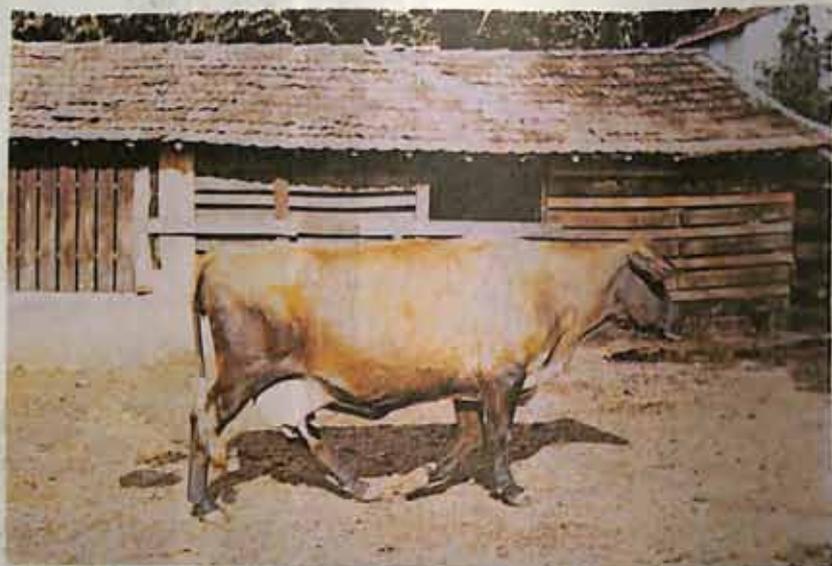
Outras instalações da pocilga foram transformadas e adaptadas para abrigar lotes homogêneos de animais, entre 8 e 12 meses de idade, com acesso para piquetes de quicuo ou grama batatais, nos quais

há sempre disponíveis bebedouros e abrigos com ração e napier cortado à vontade (ou silagem, na seca).

Com a cobertura ocorrendo, em média, aos 15 meses de idade, o peso de 230 kg servindo de medida para a decisão, e a continuação do trato, o gado do Sítio se prepara para a sua primeira lactação em boas condições. E três meses após a parição, já são novamente cobertas. Motta Pacheco está obtendo bons resultados com esse manejo, pois os registros indicam um índice de 93,9% de parição no último ano, sem perdas por doença. Mas, nesse particular, ressalta que a manutenção das crias novas nas antigas pocilgas tem um cuidado extra, que é a desinfecção permanente dos pisos e paredes, com sal, providência que, a um só tempo, protege os animais e beneficia o esterco recolhido diariamente para esparramação nas capineiras e nos 29 hectares reservados para lavouras de milho.

Com 1/4 de seu gado submetido ao controle leiteiro oficial, Motta Pacheco, na verdade, tem uma idéia precisa de todos os animais de produção, pois invariavelmente toda novilha de primeira cria entra no controle. Permanece nele, após a primeira pesagem, o animal que render um mínimo de 10 kg de leite; nível que sobe para 12 kg no caso de vacas. O controle é por 10 meses, e o número de animais a ele submetidos oscila entre 15 a 20 por mês, ao longo do ano, pois o Sítio não organiza as coberturas com o objetivo de obter maior parição na seca e sim alcançar uma produção regular de perto de 600 litros de leite diários (máximo de 20% de diferença entre os períodos de água e seca) com pouco mais de 60 vacas, em média, em lactação.

Não há a preocupação de grandes produções individuais, embora haja animais que se destaquem, pois o fim é ter um leite econômico. Tanto que o Sítio se dispõe a demonstrar a eficiência do seu Jersey para programas de cruzamento com objetivo leiteiro. E apresenta, com mul-



"Dilênia" tem sangue Gir-Holandês e Jersey: aos 5,7 anos produziu 3.302 kg de leite, mostrando seu valor. Ao lado, três tourinhos já escolhidos para futuros reprodutores do Sítio São Luiz Rey.



ta satisfação para Motta Pacheco, o único tricross Gir-Holandês-Jersey submetido ao controle oficial da ABC, com animais, como "Pastora", produzindo, aos 4 anos e 2 meses, 2.134 litros, em lactação de 271 dias (teor de gordura de 5,02%). Ou a meio-sangue "Dilênia", que, aos 5 anos e 7 meses, produziu, em 334 dias, acima de 3.300 kg (5,48%), obtendo inscrição em Livro de Mérito e Livro de Escol.

Motta Pacheco tem mantido esse gado para efeitos de demonstração, e os machos nascidos do cruzamento, oferecidos a vizinhos, estão sendo engordados para abate, com excelente ganho de peso.

No gado puro de origem e puro por cruza, as pesagens de novembro de 80 indicaram a média de 9,14 kg por cabeça (5 vacas em final de lactação); as de dezembro, 9,65 kg, com 19 animais, e, em janeiro último, com 15 vacas, a média individual foi de 10,18 kg. É esse gado, que produz leite tipo B, que tem garantido ao Sítio cobrir 80% dos gastos totais da propriedade, como aconteceu em 1979, ou 85%, em 1980. Números que o criador apresenta com certo orgulho, porque agora já se referem, em sua quase totalidade, a animais crioulos do Sítio São Luiz Rey e reveladores do progresso feito em curto prazo. Aprendendo lições, mas também as dando.



Os resultados do Controle Ponderal em dezembro-80 e janeiro-81

WALTER C. BATTISTON

Foram encerrados os controles de pesagem de 24 animais de sete raças diferentes, em dezembro, sendo 11 (45,8%) machos e 13 (54,2%) fêmeas.

Entre as raças mais numerosas, destacaram-se a Santa Gertrudis, com 6 machos e 4 fêmeas, e a Canchim, com 2 machos e 3 fêmeas. O gado Pardo Suíço foi representado por duas novilhas, e a raça Blonde D'Aquitaine por 2 casais. As raças Charolesa, Frisone e Simental representaram-se por um animal cada uma, todos mantidos a campo.

Em regime de campo (Divisão I) apa-receu 6 machos e 10 fêmeas (66,7%) e, recebendo também ração, outros 5 gar-rotos e 3 novilhas (43,3%).

ATÉ OS DOIS ANOS

Entre os 16 exemplares que foram pesados até os 730 dias, 6 eram machos (37,5%) e 10 fêmeas (72,5%), tendo-se mantido em regime de pasto somente 3 machos, acompanhados de 7 fêmeas; dos demais (37,5%), 3 eram machos e 3 fêmeas.

Na Divisão I, os garrotes pesaram em média 200,5 kg aos 205 dias, 306,4 aos 365 dias, 407,1 aos 550 dias e 518,9 aos 730 dias; as novilhas, nas mesmas idades e seqüência, alcançaram 168,7, 345,6 e 400,9 kg. Na Divisão II, onde se dá também "trato", os garrotes tiveram as seguintes médias, nessas idades-padrões: 197,0, 287,0, 404,1 e 548,1 kg; as novilhas pesaram em média, na mesma ordem, 224,6, 276,3, 334,7 e 429,4 kg.

MAIS PESADOS

Entre os machos, os que maior peso obtiveram foram os Santa Gertrudis "Atalla Apache's II-6237", com 633 kg, em regime de pasto, na Central Paulista, e o de n.º 8.736, com 606 kg, de Alberto Emmanuel Whitaker, recebendo trato.

No lote de fêmeas, esses índices couberam à de n.º 8.742, com 514 kg, no pasto da fazenda de Alberto Emmanuel Whitaker, e a Blonde D'Aquitaine "Grace da Moura Andrade", da Moura Andrade S/A. Pastoral e Agrícola, com 471 kg, a qual, além de pasto, recebeu ração.

Santa Gertrudis — Dos 7 animais mantidos em pasto, 3 eram machos, pesando em média 200,5, 308,3, 421 e 548,5 kg, e 4 eram fêmeas, com os pesos médios de 168,7, 249,3, 342,7 e 413,7 kg.

Em regime de pasto com ração apareceram somente 3 machos, todos de Alberto Emmanuel Whitaker; sua média de peso foi de 302,7 kg aos 365 dias, 413,3 aos 550 dias e 549 aos 730 dias.

Os garrotes mais pesados foram "Atalla Apache's II 6237", em regime de pasto, da Central Paulista Agro-Pecuária e Comercial Ltda., o de n.º 8.736, recebendo ração, de Alberto Emmanuel Whitaker. O primeiro é filho de "USA-1497-960/8" e "FSI-1593-009", nasceu em novembro de 1978, com 38 kg, e pesou 239 kg aos 205 dias, 337 aos 365 dias, 465 aos 550 dias e 633 kg aos 2 anos.

O crioulo de Alberto Emmanuel Whitaker, pesou 35 kg ao nascer, em dezembro de 1978, é filho de "TSI-2258-17/4"

e "FS-252-5517" e pesou 308 kg aos 365 dias, 431 aos 550 dias e 552 aos 730 dias.

A fêmea mais pesada, de n.º 8.742, nasceu em dezembro de 1978, com 46 kg, de "TSI-582-4341" e "FSI-1593-13/339", e pesou 178, 255, 360 e 514 kg, nas idades convencionais.

Canchim — A Companhia Agro-Pecuária Jaboti é a proprietária dos dois "casais" que representaram a raça Canchim e que foram mantidos em regime de campo. Nenhum deles ultrapassou a pesagem da desmama. Os garrotes pesaram em média 181,5 kg aos 205 dias, e as novilhas, 217 kg aos 205 dias e 279 aos 365 dias.

Blonde D'Aquitaine — Mantidos com ração, os 4 representantes dessa raça francesa pertencem à Moura Andrade S/A. Pastoral e Agrícola. Foram 2 machos que, em média, pesaram 197 kg aos 205 dias, 263,4 aos 365 dias e 390,1 aos 550 dias; as duas fêmeas tiveram como médias 217,5, 245, 297,5 e 425,5 kg, nas idades-padrões. O garrote mais pesado foi "Sagres da Moura Andrade", que, nascido em fevereiro de 1978, com 35 kg, alcançou 186, 265 e 391 kg; a fêmea de maior peso foi "Grace da Moura Andrade", com 240, 278, 352 e 471 kg; ela nasceu em dezembro de 1978, com 30 kg.

Pardo Suíço — A antiga raça Schwyz foi representada por 2 garrotes, mantidos a campo, e uma fêmea, que recebeu "trato", na fazenda da Agro-Pecuária Suíço-Brasileira Ltda. Os machos pesaram em média 276 kg aos 365 dias, 350 aos 550 dias e 384 aos 2 anos. O mais pesado dos dois, com 259, 344 e 385 kg nessas idades, foi "S.B. Harmonia", nascido em janeiro de 1979, com 48 kg. "S.B. Gessy", foi a única fêmea e, mantida com ração, obteve 257 kg, 339 kg, 405 kg e 437 kg nas idades-padrões.

EM JANEIRO

No primeiro mês deste ano, 21 animais tiveram seus controles encerrados: foram 14 machos (66,7%), sendo 13 em regime de pasto e 7 fêmeas (33,3%), 6 das quais também mantidas em pasto. Os bovinos eram da raça Canchim (15) ou da raça Santa Gertrudis (3 machos e 2 fêmeas).

ANIMAIS MAIS PESADOS

Somente 5 machos (35,7%) e 5 fêmeas (71,4%) chegaram à pesagem final. Entre eles, destacaram-se o de n.º 179, garrote Santa Gertrudis, com 545 kg, aos 2 anos, "Gran da Buracão", macho Canchim com 407 kg nessa idade e as novilhas Santa Gertrudis "S.H. Erminda 8/2", com 424 kg, e a de n.º 182, com 410 kg, aos 2 anos.

Canchim — A raça brasileira, que se vem comportando muito bem no ganho de peso, foi representada no relatório n.º 136, de janeiro, por 11 machos, todos mantidos em regime de pasto, e 5 fêmeas, uma das quais recebendo trato. A média de peso desses exemplares foi de 164,9 kg aos 205 dias, 230,5 aos 365 dias, 338 aos 550 dias e 355,8 aos 730 dias. As 4 fêmeas mantidas em pasto tiveram como média, nas idades-padrões, os seguintes pesos: 132, 175, 194,3 e 308 kg.



A LEI DO LEITE LIVRE

**LIBERE
TODA PRODUÇÃO PARA O MERCADO.
USE JÁ MAMÁ, O SUBSTITUTO DO LEITE.**

MAMÁ é um produto específico para a alimentação de bezerras e se destina a substituir o leite da vaca, permitindo ao criador um maior controle das custas de alimentação do seu rebanho, gerando maiores lucros, na medida que libera todo o leite produzido para a venda. Seu resultado é imediato e sua aplicação é prática e econômica.

Comece a usar MAMÁ e aumente hoje mesmo a sua produção de leite. Procure-o na Cooperativa ou solicite informações no Departamento Veterinário da ICI, sobre o uso do MAMÁ e prepare-se para ter maiores lucros.

MAMÁ o substituto do leite que não pesa no bolso do criador.

MAMÁ

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

ICI BRASIL S.A.
Departamento Veterinário

Av. Eusébio Matoso, 291 - 2º andar
Tel.: (011) 212-1956 - CEP: 05.423 - São Paulo - SP

A fêmea "Gran da Buracão", que nasceu em março de 1979, com 35 kg, pesou, nas demais idades, 300, 451, 533 e 407 kg, mas recebeu ração, assim como o garrote "Perauna da Jangada", pertencente a José Mário Tavares de Oliveira. Este último animal, nascido em maio de 1979, com 38 kg, pesou 199 kg aos 205 dias, 304 aos 365 dias e 341 aos 550 dias.

O garrote "Gajeiro da Buracão", que nasceu em março de 1979, com 31 kg, conseguiu 197, 291, 328 e 389 kg, sendo o mais pesado aos dois anos de idade. Entretanto, "Parafuso da Jangada", que nasceu em maio de 1979 com 35 kg, na fazenda de José Mário Tavares de Oliveira, pesou 144 kg aos 205 dias, 320 aos 365 dias e 442 aos 550 dias. Se tivesse ido até aos dois anos, teria batido o recorde da Fazenda Buracão.

Note-se, porém, que esses 2 animais estiveram acima da média de peso, que foi de 150 kg aos 205 dias, 240,6 aos 365 dias, 310,2 aos 550 dias e 338,7 aos 730 dias, para os machos mantidos a campo.

Sante Gertrudis — A raça Santa Gertrudis foi representada por 4 garrotes e 1 novilha mantidos a campo e pesados as quatro vezes. Pertencem a Fernando Muniz de Souza 3 garrotes e uma fêmea, a Antonio Chiarizzi Júnior o outro garrote, e à Cia. Adm. Técnica e Agrícola Atagri uma fêmea.

A média de peso para os machos, foi de 207,5 kg aos 205 dias, 288,3 aos 365 dias, 415 aos 550 dias e 540,5 aos 730 dias. O peso médio das fêmeas, nessas idades, foi de 173,5, 265,5, 342,5 e 417 kg.

O garrote de n.º 179, de Fernando Muniz de Souza, como já se viu, foi o mais pesado, pois alcançou 181, 277, 437 e 543 kg. Ele nasceu em dezembro de 1978, com 34 kg. A novilha mais pesada das duas foi "S.H. Erminda 8/2", da Cia. Adm. Técnica e Agrícola Atagri, que nasceu em dezembro de 1979, com 32 kg, alcançou 185, 283, 330 e 424 kg. ●

Para assinar
a

**Revista
dos
Criadores**

(011) 62-6826
São Paulo

Associação Brasileira de Criadores

Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

RESULTADOS DOS CONTROLES DE PRODUÇÃO LEITEIRA E DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL.

Toda a melhoria genética que possa resultar no aprimoramento qualitativo do rebanho nacional, é consequência direta dos serviços técnicos de:

- Controle Leiteiro
- Controle de Desenvolvimento Ponderal.

E de grande valia para a Pecuária Brasileira que o maior número de criadores se utilize desses serviços.

Animal controlado é sempre uma garantia para quem compra e para quem vende. Vale mais nos leilões. Alcança faixas de financiamento muito maiores nos estabelecimentos bancários oficiais.

Valorize o seu rebanho. Inscreva-o no Serviço de Controle Leiteiro ou no Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal.



ABC

ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634
Fone: 826-3033
Caixa Postal, 9194
São Paulo - SP.





Associação Brasileira de Criadores

Fundada em 1926.
Reconhecida de Utilidade Pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811 de 20/10/58.
Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

A Associação Brasileira de Criadores, pelo seu Departamento Técnico, realiza em todo o País, em caráter oficial, por delegação do Ministério da Agricultura, os seguintes serviços:

- Serviço de Controle Leiteiro
- Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal
- ProCruza (Programa de Cruzamentos Dirigidos)
- Registro Genealógico
- Provas Zootécnicas

A Associação Brasileira de Criadores executa serviços técnicos, mediante Convênios ou Termos de Ajuste, para as seguintes entidades pecuárias:

- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa
- Associação Brasileira de Gado Schwyz
- Associação dos Criadores de Gado Jersey

- Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey
- Associação Brasileira de Santa Gertrudis
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras
- Associação Paulista de Criadores de Charolês
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim
- Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiano
- Associação Nacional de Criadores (Pelotas, RS):
Registro Genealógico e Provas Zootécnicas das raças:
Ayrshire
Flamenga
Normanda
Red Poll
Vermelha Dinamarquesa.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES ("HERD BOOK COLLARES")

Rua Anchieta, 2043 - Tel.: 2-4578
96100 - Pelotas - RS
Presidente: Antonio Lourenço Rosas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA CANCHIM

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) 62-4619
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Francisco Jacirinho da Silveira

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA

Rua Monte Alegre, 1715 - Tels.: 262-0660 - 62-2011 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joaquim Pereira Rocha

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS PITANGUEIRAS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Tel.: 65-4131 (PABX) 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joseph Purgly

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO GUERNSEY

Av. Presidente Vargas, 417 - sala 402 - Tel.: 221-2065
20000 - Rio de Janeiro - RJ
Presidente: Custódio Almeida Cabral

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE MARCHIGIANO

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) 262-0098 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mário Gorla

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GADO JERSEY

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) 262-0098
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mário Lopes Leão

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GADO SCHWYZ

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 263-1825 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Carlos Cardoso de A. Amorim

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SANTA GERTRUDIS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) - 263-1825
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mancel Whitaker

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE CHAROLÊS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) - 262-0098
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mancel Correa de Souza Neto

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

SÃO QUIRINO T 38, Rg. GHB/534, GHB, Pai/LAVACRES DUSTY MERRIT Rg. HBB/A-9281, mãe/ SÃO QUIRINO P 34 Rg. GHB/222, obteve "LE" aos:

5a1m	-	2x	-	6.157	-	216,0	-	3,60%
6a2m	-	2x	-	6.656	-	229,5	-	3,44%
7a3m	-	2x	-	6.454	-	219,0	-	3,39%

Prop: PECUÁRIA ANHUMAS LTDA.

FINESSE 5 THORNLEA DE STA.HELENA, Rg. 58956, PCCC, Pai/ PAN THORNLEA ROSAFÉ COMMANDER Rg.HBB/A_12728, mãe/ FINESSE DE STA.HELENA, Rg. 45376, obteve "LE" aos:

3a4m	-	2x	-	4.495	-	176,0	-	3,91%
4a4m	-	2x	-	4.780	-	190,5	-	3,98%
5a4m	-	2x	-	5.514	-	208,2	-	3,75%

Prop: CIA.ADM.TEC.AGRIC. ATAGRI

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

UNITED WAY CHIEF LOTTIE, Rg. HBB/LBB-341, P.O., Pai/ ELMCROFT PONTIAC CHIEFTAIN Rg. 283735-C, mãe/ GLENAFTON M.I.INE HOLLOW PATSY Rg. 6813275, obteve "LE" aos:

3a1m	-	2x	-	4.326	-	152,9	-	3,53%
4a0m	-	3x	-	6.493	-	203,7	-	3,13%
4a11m	-	3x	-	8.009	-	267,2	-	3,33%

Prop: Dr. GERALDO FIGUEIREDO FORBES

SÃO NICOLAU CORRIE VII ROLAND, Rg. HBB/BB2102, PO, Pai/ GONDA'S ROLAND Rg.HBB/AA-667, mãe/ HOLAMBRA CORRIE VI Rg. HBB/BB2738, obteve "LE" aos:

2a11m	-	2x	-	3.634	-	153,3	-	4,21%
4a0m	-	2x	-	4.382	-	177,3	-	4,04%
6a9m	-	2x	-	5.575	-	200,1	-	3,58%
7a10m	-	2x	-	6.395	-	235,5	-	3,68%
12a9m	-	2x	-	9.557	-	233,9	-	2,44%

Prop: Dr.LAERCIO VALLE NICOLAU

FINEZA NICO, Rg. 60860, PCCD, obteve "LE" aos:

5a0m	-	2x	-	6.896	-	239,2	-	3,46%
6a2m	-	2x	-	5.719	-	191,6	-	3,34%
7a2m	-	2x	-	4.893	-	168,3	-	3,43%

Prop: ANTONIO BASSOLI

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		* %	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE A1 — de 2 1/2 anos.								
Janina Buckman Rochman - B/34619 - 1M	PO	1-11	61462	305	9.232	284,5	3,08	Benedito J.S.Melo Pati
A.F.Portaleza Novata - B/51439 - 1M	PO	2-2	61500	305	6.419	238,6	3,60	Fazenda Fortaleza Ltda.
J.P.R. Jovale - B/40177	PO	2-5	58226	247	5.305	187,2	3,40	Joaquim Peixoto Rocha
Franca da Pizara - B/21705	OCL	2-2	60508	206	2.996	114,9	3,83	Geraldo Figueiredo Furtim
CLASSE A2 — de 2 1/2 a 3 anos.								
Melipha Doroth Ned - B/42983 - 1M	PO	2-7	52050	292	8.309	296,2	3,56	Manoel Pontes Neto
Clinton Camp. Astra Matriz Twin-B/46704 - 1M	PO	2-9	60113	305	6.287	204,1	3,24	Valmir Spinelli e Irmão
A.F.Portaleza Baboca - B/47835 - 1M	PO	2-11	58007	305	6.021	243,5	4,04	Fazenda Fortaleza Ltda.
J.P.R. Leona - B/47842	PO	2-8	60238	258	3.062	128,6	4,19	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B1 — de 3 a 3 1/2 anos.								
J.P.R. Helena - B/30626 - 1M	PO	3-5	46349	284	6.399	221,5	3,46	Joaquim Peixoto Rocha
Fernala Rochman Cilla Sr. - B/48420	PO	3-0	61381	305	4.961	177,0	3,56	Manoel Pontes Neto
CR. Dolly Chieftain Branco - B/48583	PO	3-4	61400	305	3.867	149,3	3,86	Valmir Spinelli e Irmão
CLASSE B2 — de 3 1/2 a 4 anos.								
11 Helena Buckman Rochman - B/44830 - 1M	PO	3-10	55422	305	12.042	356,3	2,95	Benedito J.S.Melo Pati
J.P.R. Joia - B/43451 - 1M	PO	3-11	61792	305	8.418	297,1	3,52	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Jota - B/44479	PO	3-9	54447	305	6.088	211,6	3,47	Joaquim Peixoto Rocha
Glenafon Clima Dina - B/39177	PO	3-9	45796	193	5.938	199,9	3,36	Manoel Pontes Neto
CLASSE C2 — de 4 a 4 1/2 anos.								
10B B. Balto Invernizante S. João - B/41263 - 1M	PO	4-4	60819	305	6.309	233,2	3,69	Valmir Spinelli e Irmão
Mila Chieftain Fobst. Admiral - B/44765	PO	4-4	61390	305	6.153	202,8	3,29	Valmir Spinelli e Irmão
Wheatfield Twin Tacile - B/38153	PO	4-4	43790	241	5.484	193,1	3,52	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE C3 — de 4 1/2 a 5 anos.								
Capela Lucinda - B/40371	PO	4-7	61297	305	8.444	214,9	3,33	Valmir Spinelli e Irmão
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Remondile Somenza Tricot - B/28511 - 1M	PO	10-3	33739	295	8.522	287,8	3,37	Manoel Pontes Neto
J.P.R. Holanda - B/39056 - 1M	PO	5-4	47208	289	7.780	267,8	3,44	Joaquim Peixoto Rocha
Agro Acree S. Nazario - B/28331	PO	8-2	33733	296	6.992	228,2	3,26	Manoel Pontes Neto
Daloga Progressora Maple - B/32019	PO	6-8	60818	305	6.740	243,7	3,61	Valmir Spinelli e Irmão
Botondale Young Girl - B/28435	PO	7-11	32623	211	6.454	218,2	3,38	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R. Talas - B/26115	PO	8-11	37979	304	6.275	234,8	3,74	Joaquim Peixoto Rocha
Melipha Clara Merit - B/37705	PO	5-7	48564	305	5.710	195,7	3,42	Manoel Pontes Neto
Valmir Elze UF Dale - B/30125	PO	8-8	36780	222	5.549	212,6	3,81	Joaquim Peixoto Rocha
Uma Sente de Dal. Clivia - B/78053	PO	6-2	49904	251	5.294	188,6	3,18	Sta. Maria Agro Fac. Mal. S.A.
11 Clivia Amal Figueira - B/43326	PO	6-8	47500	144	5.086	163,7	3,21	Joaquim Peixoto Rocha
Mirinda Doral Sente - B/20155	PO	6-8	47500	144	5.075	183,8	3,62	Joaquim Peixoto Rocha
Alvina Lavinia Rochman - B/39527	PO	9-7	33734	265	4.222	167,8	3,96	Manoel Alves de Castro
J.P.R. Pofa - B/34179	PO	7-0	41269	173	4.153	159,6	3,84	Joaquim Peixoto Rocha
Sete de São Francisco - B/32220	11/12	5-1	56460	121	4.137	152,6	3,70	Gerardo Figueiredo Furtim
Alvina Dina Ode Platara - B/21261	PO	12-6	30318	305	4.090	141,2	2,45	Manoel Alves de Castro
Alvina Jussara II - B/21275	PO	12-9	29955	305	4.073	139,1	3,41	Manoel Alves de Castro
Dionivalda 0712 Dama -	PO	-	55611	257	3.860	132,0	3,41	Lair Viscardi
Alvina Hermilma Dora Platara - B/21284	PO	12-4	27527	305	3.035	122,3	4,03	Manoel Alves de Castro
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 — de 2 1/2 anos.								
Lucia Vitoria Franca - B/114339 - 1M	OCL	3-5	61494	305	7.340	230,3	3,13	Donald Graber
Agro. Corde São JJ - B/51271 - 1M	PO	2-4	40401	305	6.446	293,6	4,41	L. Noordgraaf - Anapoti
Franca Maria Amara - B/52273 - 1M	PO	3-4	61497	305	6.412	222,9	3,47	Donald Graber
Franca Nel Amara - B/52374 - 1M	PO	2-2	61496	305	5.889	211,1	3,98	Donald Graber
Robert Astra Camille - B/52315 - 1M	PO	2-4	61327	305	5.847	246,9	4,22	Guilherme Walter S. Caldas
Isadora Inês de Caldas - 1M	OCL	2-4	40926	305	5.841	212,7	3,64	Guilherme Walter S. Caldas
A. Longina Roselyn - B/3228 - 1M	OCL	2-5	60806	305	5.798	228,4	3,93	Marina T. Hagen - Anapoti
Franca Figueira Artista - B/52378 - 1M	PO	2-2	61490	305	5.618	209,2	3,72	Donald Graber
Jorg. Teodoro Norberto Arizuma - B/50884	PO	3-4	61110	305	5.606	135,5	2,41	Fernando Alencar Pinto S/A.
S.M. Laura Clotilde Maple - B/52002 - 1M	PO	2-4	61611	305	5.422	187,1	3,44	Vicente P. Dias Jr.
Arquimedes Helena Lucifer - B/33248 - 1M	PO	2-4	60808	305	5.234	188,1	3,52	Emilio C. Kluppel - Anapoti
Arquimedes Gey Beatriz P. D'Alho - B/33113 - 1M	OCL	2-1	61305	305	5.277	186,4	3,53	Jacob Rosier Dutilh
Somentele Glycine Wye - B/50736 - 1M	PO	2-3	61230	305	5.069	186,9	3,68	Harold Koopman - Anapoti
Arquimedes Lindley Leticia P. D'Alho - B/33113 - 1M	OCL	1-11	61304	305	4.953	181,2	3,65	Jacob Rosier Dutilh
Clotilde Teodoro Star Arizuma - 1M	PO	2-5	60183	305	4.633	172,5	3,72	Guilherme Walter S. Caldas
Clotilde Ideal Jovale P. D'Alho - B/3388 - 1M	OCL	2-2	61301	388	4.521	159,5	3,52	Jacob Rosier Dutilh
Clotilde Teodoro Tilde Impecc - B/50878 - 1M	PO	2-5	61931	305	4.486	144,9	2,23	Fernando Alencar Pinto S/A.
Agro. S. São. Missa 621 -	11/12	2-5	56728	286	4.452	148,1	3,32	Gerrit Verziury - Anapoti
Clotilde Teodoro Star Mariana - 1M	PO	2-4	60825	294	4.427	157,7	3,56	Guilherme Walter S. Caldas
Arquimedes São Carlos - B/50992 - 1M	PO	2-5	60825	294	4.386	166,8	3,80	Peculiaris Arizuma Ltda.
Joaquim Teodoro Clotilde Clotilde - B/51442	PO	2-4	61575	305	4.284	156,2	3,64	Adherbal Ribeiro Avila
Ismael de Helena - B/50734 - 1M	11/12	2-3	60675	305	4.130	160,8	3,89	Marcos Elísio de Freitas
Jorg. Teodoro S. Clotilde - B/51440	PO	2-3	61189	305	4.035	152,2	3,77	Adherbal Ribeiro Avila
Clotilde Teodoro Star de Clotilde - 111239	OCL	2-1	60923	282	3.860	132,8	3,44	Guilherme Walter S. Caldas
P.M.C. Sente São Dina Clara - B/50829	PO	2-5	61314	305	3.933	132,6	3,35	Agro Fac. Castelo Ltda.
Helena Sente Sente - B/51442	11/12	2-4	61352	305	3.797	131,4	3,46	Ismael Fereira Teles
Clotilde Teodoro Sente - B/50734	PO	2-3	61102	305	3.794	143,9	3,78	João Sane e Sergio Sane
Helena Teodoro Clotilde - B/50442	PO	2-3	61268	305	3.592	137,8	3,83	Marcos Elísio de Freitas
J.P.R. Lira - B/51441	PO	2-3	61312	305	3.302	100,0	3,12	Interagro S/A.
S.M. Admilia Mariana - B/50736	PO	2-6	60938	305	3.184	126,4	3,97	Rio Novo Florestal Agr. S/A.
P.M. Sente Helena Clotilde - B/50730	PO	1-11	60937	277	3.118	125,5	4,02	Rio Novo Florestal Agr. S/A.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Indiá Herrubê Master Ec. B/50216	PO	2-1	60458	283	3.127	123,6	3,95	João Saad e Sergio Sadi
Isadora Khaak Laura Lavonne - B/55579	PO	2-4	61671	265	3.014	112,9	3,74	Carlos Alberto J. Johnson
Willis Dorica Christina's - B/30975	PO	2-3	60074	177	2.895	101,6	3,52	Marcio Eliato de Freitas
L.A. Mega Victor Foundation - B/57311	PO	2-3	63212	197	2.617	99,3	3,79	Rio Novo Florestal Agr. S/A.
L.A. Trás de Naxada Nova -	NR	2-4	59515	267	2.257	74,4	3,29	Naxada Nova Agric. e Pec. Ltda.
L.A. Nufopazita Paffec. Prilly - B/57309	PO	1-9	63211	185	2.232	93,2	4,17	Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Pracado Merrit Cecil - SP/93661	PC	1-9	52432	190	1.447	55,5	3,83	Carlos Oswald B. Lima
Pracado de Naxada Nova -	NR	2-4	60273	187	1.380	44,3	3,20	Naxada Nova Agric. e Pec. Ltda.
Clara M. - de 2 1/2 a 3 anos.								
Filipia Master Madcap - B/51489- IE	PO	2-10	60630	288	7.254	286,4	3,94	Rubens de Andrade Villela
Ing. de Naxada R - 34546- IE	OC2	2-6	59907	305	6.969	244,7	3,51	Hilbert Yok - Arapoti
Ing. Grande Poekje 18 - B/51269- IE	PO	2-7	60769	291	6.646	247,7	3,72	L. Noordgraaf - Arapoti
Joanna Viadivostok - B/47514- IE	PO	2-9	60563	305	6.581	234,5	3,56	Emil Wirth
Joanna Gay Penonera - SP/114320- IM	OC5	2-9	61818	305	6.326	205,1	3,24	Donald Greber
Ang. de Joana Mila 4 Victor - B/53254- IE	PO	2-6	59889	305	6.173	260,6	4,22	C.J. de Jorge - Arapoti
Romelia Ryvalstar Charris - B/48013- IM	PO	2-7	60798	305	6.109	209,9	3,43	Frederik Kok - Arapoti
Joan. Santosa Poena Combination - B/50891	PO	2-8	61476	305	5.941	137,9	2,32	Fernando Alencar Pinto S/A.
Romelia Ryvalstar Star de Caidas - SP/96720- IM	OC2	2-10	61320	305	5.798	226,7	3,90	Guilherme Walter S. Caidas
Romelia Ryvalstar Star Tracosa - B/48624- IM	PO	2-10	61330	305	5.560	186,3	3,35	Guilherme Walter S. Caidas
de Ulma Brissard - B/48799- IM	PO	2-10	61448	305	5.557	176,3	3,45	Wesley Coloschini
A. Brissard Ineke's Lydia - 45851- IM	OC1	2-7	60788	305	5.386	183,2	3,40	H.A. Brinkhorst - Arapoti
Agnes São Quirino - SP/107086- IM	63/64	2-6	61131	305	5.319	178,4	3,36	Pecuária Arzamas Ltda.
Flávia Susan M.O.N. - B/44036- IM	PO	2-7	52886	246	5.111	171,9	3,60	Sergio Vicente de Araújo
Clara Ryvalstar Star Glida - B/52410- IM	PO	2-7	61223	305	5.078	182,9	3,60	Guilherme Walter S. Caidas
Ing. Naxada Silvia - 45464- IE	OCB	2-6	60792	305	4.791	153,8	3,20	Harmira F. Boelman - Arapoti
Maria Naxada do Paraíso - BAJ/427- IM	OCB	2-6	57121	294	4.720	173,0	3,66	S/A. Par. Paraíso Agro Pec.
Summa Abrial de Sta. Martha - SP/16195- S/A	OC2	2-7	61136	305	4.544	167,6	3,68	Waldemar e Roberto Paz
S. A. Adroquia Peclamar Salinas - B/49408- S/A	PO	2-7	61130	305	4.514	161,7	3,58	Pecuária Arzamas Ltda.
Seleda Virofoca - SP/94545	OC2	2-10	61340	305	4.443	162,2	3,65	Haydée Rutenesdijon
Wanda São Quirino - SP/104966- IE	OC5	2-10	60830	305	4.392	165,9	3,77	Pecuária Arzamas Ltda.
Wesleya Reda Stella - 3196607	PO	2-6	61243	305	4.200	128,4	3,05	Johnnes Salcezes - Arapoti
Wanda de Freitas - 2597- IE	PC	2-6	56951	257	4.128	162,7	3,94	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A.
Wendy São Quirino - SP/104962	31,32	2-9	60827	283	4.069	150,6	3,70	Pecuária Arzamas Ltda.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	60659	276	4.054	136,4	3,36	Lair Antonio de Souza
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61403	305	4.046	135,6	3,35	Clá. Adm. Tec. Agric. Arapoti
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61404	305	4.038	127,9	3,16	Clá. Adm. Tec. Agric. Arapoti
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61449	305	3.989	122,4	3,06	Haroldo V. Rodrigues
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61123	285	3.606	136,5	3,78	Pecuária Arzamas Ltda.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61755	275	3.547	122,5	3,45	Cley Jorge de Oliveira
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-10	61454	305	3.538	121,5	3,43	Almeirides H. da Silva
Wendy São Quirino - SP/104962	OC1	2-8	61798	305	3.521	123,6	3,51	Oswaldo e Sizen Assis
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-11	61295	305	3.453	144,0	4,17	Yakult S/A Ind. Com.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61509	305	3.355	125,6	3,74	Pecuária Arzamas Ltda.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61578	305	3.248	131,4	4,04	Ademir Ribeiro Avila
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	61577	278	3.119	121,6	3,89	Ademir Ribeiro Avila
Wendy São Quirino - SP/104962	OCB	2-8	58574	268	2.799	101,1	3,61	Oswaldo e Sizen Assis
Wendy São Quirino - SP/104962	NR	2-7	61753	305	2.338	80,5	3,56	Naxada Nova Agric. e Pec. Ltda.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-10	57789	163	2.115	75,0	3,54	Guilherme Walter S. Caidas
Wendy São Quirino - SP/104962	OC1	2-8	56482	224	2.051	85,2	4,15	Arivaldo N.A. Dep. Agric. Past.
Wendy São Quirino - SP/104962	PO	2-6	60651	247	1.898	80,1	4,21	Miguel Luiz A. Madalim
Wendy São Quirino - SP/104962	PC	2-7	59839	156	1.613	47,4	2,93	Oswaldo Soler
Clara M. - de 3 a 3 1/2 anos.								
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC2	3-2	52242	305	7.765	247,7	3,19	Vasco Mil Ramos Acuntes
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-4	54697	305	6.826	246,6	3,64	Willy C. Taguel - Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-0	60583	301	6.808	200,3	2,94	João Figueiredo Prota
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	59541	305	6.625	225,8	3,40	Gerrit Verburg - Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC3	3-3	60800	305	6.302	201,8	3,20	Frederik Kok - Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC3	3-4	52488	295	6.290	209,8	3,33	Vasco Mil Ramos Acuntes
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-4	62170	305	6.142	226,5	3,68	Sergio Vicente de Araújo
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-3	54798	305	6.084	227,6	3,73	Faz. Sta. Maria da Posse Ag. Past.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-0	58124	305	6.021	206,7	3,43	H. Krocicic Chetkassky
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-5	55994	305	5.959	174,6	2,92	Coop. Agro Pec. Milandra
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-2	57372	305	5.645	222,3	3,93	Jacob Reiser Dutilh
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-5	58547	305	5.582	203,7	3,64	H. Krocicic Chetkassky
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC3	3-3	56723	305	5.566	189,3	3,40	Frederik Kok - Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	57297	290	5.394	163,0	3,02	Emil Wirth
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC2	3-1	60796	305	5.392	183,1	3,39	Harmenesa Deen - Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-1	56471	305	5.384	176,7	3,27	Yakult S/A Ind. Com.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-1	61319	305	5.188	180,3	3,47	Guilherme Walter S. Caidas
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	61672	305	5.134	184,6	3,99	Guilherme Walter S. Caidas
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	58228	231	4.794	165,3	3,44	Elge Agrop. Ltda.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-1	61401	305	4.641	153,2	3,29	Clá. Adm. Tec. Agric. Arapoti
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-0	56477	305	4.340	141,6	3,26	Yakult S/A Ind. Com.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-4	58501	281	4.124	154,1	3,73	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	OC3	3-1	62152	305	4.079	144,6	3,54	Agrop. Past. Faz. Dinopara Ltda.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	60919	297	3.982	139,1	3,28	Antônio da Motta
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-0	61111	305	3.898	114,7	2,94	Fernando Alencar Pinto S/A.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-2	59729	305	3.858	128,7	3,33	Mario Alexandre Sessler
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-3	61079	271	3.649	137,3	3,76	Lair Antonio de Souza
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-5	56161	305	3.653	145,4	3,98	Yakult S/A Ind. Com.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-4	61679	305	3.498	127,7	3,65	Haydée Rutenesdijon
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-3	61019	279	3.438	123,5	3,59	Antônio Carlos Leitner de Araújo
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-1	60096	305	3.236	122,9	3,79	Lair Antonio de Souza
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-0	61697	305	3.111	102,6	3,25	Coop. Agro Pec. Holandra
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-4	50265	203	2.801	111,5	3,98	Faz. Sta. Maria da Posse Ag. Past.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	31,32	3-3	60962	243	2.597	95,6	3,68	Carlos Oswald B. Lima
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PO	3-5	56818	137	2.096	88,8	4,14	Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-2	62898	171	1.930	59,7	3,80	Oswaldo Assis e Rubens Assis
Clara Ryvalstar de S.A. - SP/72238	PC	3-5	61523	107	1.217	46,6	3,83	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S.A.

NOME DO ANIMAL

Grav da sangue
Idade anos/meses
N.º 5CL
Dias de lactação
Produção
Leite kg
Coord. kg

PROPRIETÁRIO

NOME DO ANIMAL	Grav da sangue	Idade anos/meses	N.º 5CL	Dias de lactação	Produção Leite kg Coord. kg	PROPRIETÁRIO
CLASSIF. de 3 1/2 a 4 anos.						
A. Trippes G Startrack - B/45586-1M	PO	3-8	56795	305	8.924 319,8	3,58 Sergio Vicente de Araujo
A. do Jorge Mellis 3 Northcroft - B/47112-1M	PO	3-8	56368	305	8.409 275,8	3,28 C.J.de Jorge - Arapoti
Daria Pam Jean Apache Denale - B/45353-1M	PO	3-10	55125	305	8.095 273,7	3,38 Emil Wirth
Lawton Kerry Andra - B/43584-1M	PO	3-8	55126	302	7.374 236,2	3,20 Emil Wirth
P. Haitaca Jerry Mountaineer - B/44021-1M	PO	3-8	54286	305	6.728 216,2	3,21 Faz.Sta.Maria da Posse Ag.Past.Lt.
Sherran Charlotte 7 - 33861 - 1M	QC2	3-6	56108	305	6.610 233,6	3,53 Frederik Rok - Arapoti
Jatohi Helena Justice Marial - B/48107-1M	PO	3-11	56791	305	6.520 235,6	3,61 Sergio Vicente de Araujo
SO Selma Paclamer Becontada - B/46694-1M	PO	3-8	57185	305	6.344 205,9	3,24 Pecuaría Arjuna Ltda.
Jatohi Mariala Teletar Cinderela - B/48105-1M	PO	3-10	62171	305	6.206 230,2	3,66 Sergio Vicente de Araujo
S.H. Chico Malchita Horizonte - B/51784-1M	PO	3-7	61336	305	6.143 217,1	3,53 Antonio La Motta
Jary-Salomon Lucrecia Gil - B/45678	PO	3-8	56203	305	6.070 139,6	2,29 Fernando Alencar Pinto S/A.
Parati Pivetei S. do Pai D'Alho - 1M	OB9	3-10	53874	305	5.903 197,7	3,34 Jacob Rosier Dutilh
Nicolas Western Priss - 3011350-1M	PO	3-8	60799	305	5.310 189,1	3,56 Frederik Rok - Arapoti
Helena Aprilas - SP/2057-	QC1	3-8	56851	305	5.234 182,2	3,48 Agrindus S/A.Bp.Ag.Past.
Wendy Sora - SP/24225-	PC	3-9	52029	300	5.103 176,3	3,44 Sald Nidalia S/A.Bp.Com.Agric.
J.P.B. Koverida - B/35008	PO	3-7	46586	248	5.102 184,0	3,60 Joaquin Peinato Rocha
Solteira P.G.P. - SP/36821	PC	3-11	49724	291	5.102 183,1	3,58 Marcio Elias de Freitas
Jose do Soc. Godinho - SP/1273	31/32	3-6	60921	302	5.031 165,3	3,28 Antonio La Motta
Jary. Salita Clivia Adrial - B/45721	PO	3-6	55798	265	4.970 155,6	3,13 Fernando Alencar Pinto S/A.
CEV Paga Felice Concomar - B/46796	PO	3-7	61260	305	4.858 176,9	3,64 Guido Fabrocini
Antia Aprilas - SP/43038	OB9	1-10	54957	298	4.753 148,9	3,13 Agrindus S/A.Bp.Agric.Past.
Aquarante 22 Shalimar III - 85676	PC	1-8	56221	305	4.756 137,3	2,89 Cia.Adm.Tec.Agric.Atagri
Palizada Chum do IM - SP/81950	QC4	3-8	56622	305	4.737 165,2	3,48 Plinio C.de Albuquerque
Riquera de São Quirino - SP/84731	QC1	3-8	57157	305	4.649 165,3	3,55 Pecuaría Arjuna Ltda.
Primo da Guayana - SP/84182-	PC	3-11	61700	305	4.497 172,6	3,83 Agric. e Past. Faz.Guayana Ltda.
Elina São Quirino - SP/84736	QC2	3-8	57376	305	4.325 160,3	3,70 Pecuaría Arjuna Ltda.
Tapia Perena SP - 847439	OB9	3-10	52595	289	4.155 128,5	3,09 João Figueiredo Prota
Reata XI Neigardir III - 85663	PC	3-7	61402	287	4.110 143,5	3,49 Cia.Adm.Tec.Agric.Atagri
Stela Maria Agre Pec.Ind.5/A.	QC1	3-6	61465	305	3.941 137,0	3,47 Roberto Brotero de Barros
Matutina S.S.A. - SP/56688	PC	3-9	60627	279	3.875 126,9	3,27 Roberto Brotero de Barros
Jary-Danalia Malha Adrial - B/45660	PC	3-6	55797	305	3.843 108,1	3,38 Cia.Adm.Tec.Agric.Atagri
Reata 3 Retromar III - SP/85653	PC	3-8	56220	305	3.796 128,5	3,29 Mario Alexandre Sessler
Fuata Carol - SP/93459	31/32	3-7	60960	305	3.587 118,2	3,29 Osvaldo e Rubens Assm
Espera São Quirino - SP/84735	QC1	3-11	56392	305	3.553 120,2	2,66 Osvaldo e Rubens Assm
C.F.V. Palma Alpine - B/46334	PO	3-11	55773	258	3.274 119,8	3,66 Guido Fabrocini
Fazal Ridge Wilwet Saria - B/43664	PO	3-11	55483	240	3.088 105,0	3,40 Emil Wirth
Jary. Salima Ocbeira Chum - B/46774	PO	3-6	58345	221	3.043 81,4	2,67 Fernando Alencar Pinto S/A.
Arbia São Quirino - SP/84727	QC4	3-9	56391	305	2.634 101,9	3,86 Osvaldo e Rubens Assm
R. 14 do Castelo - SP/56857	QC1	3-11	57284	219	2.409 85,253	3,53 Osvaldo e Rubens Assm
CLASSIF. de 4 a 4 1/2 anos.						
Vila Real Challenge Yari - B/43443-1M	PO	4-4	56302	305	6.893 251,9	3,65 Emil Wirth
Observado Pai D'Alho - SP/71154-1E	QC5	4-4	50078	305	6.862 238,0	3,46 Jacob Rosier Dutilh
A. do Jorge Peiza Ade 11 - 37573-1M	QC1	4-0	55544	305	6.795 207,5	3,05 C.J.de Jorge - Arapoti
Amv. Nova Serti 14 - 23196-1M	QC2	4-4	61235	305	6.417 225,9	3,52 Narcamus Deon - Arapoti
Amv. Nova Lucia 2 - B/47418-1M	PO	4-5	56104	305	6.337 200,3	3,16 Jan Rok - Arapoti
SO Klaryssa Norma Temporada - B/44099-1M	PO	4-3	52385	305	6.277 209,6	3,33 Pecuaría Arjuna Ltda.
Jary. Repolun 3 Instancia Norma - B/43521	PO	4-4	51147	305	6.892 205,2	3,48 Fernando Alencar Pinto S/A.
Marcus Gabriela Sinar - B/47713-1M	PO	4-4	63986	305	5.704 192,2	3,38 Colegio Adv.Brasileiro
Alma Norma do Passaro - 82049	QC1	4-5	55666	285	5.339 207,7	3,89 Maria Lucia F.S.Dias
Wendy Cristilina Juliana Soc.Star-B/48573-1E	PO	4-1	62976	295	5.172 187,6	3,62 Yalut S/A.Ind.Com.
S.H. Holly Clanton Scotchman	PO	4-1	43194	297	4.985 191,5	3,83 Joaquin Peinato Rocha
Nico's Goodiea Kentucky - B/46306-1E	PO	4-1	55714	305	4.805 185,2	3,85 Yalut S/A.Ind.Com.
Peruca S.S.A. - 41351	15/16	4-1	61749	305	4.700 166,3	3,53 Roberto Brotero de Barros
Peruca S.S.A. - 123588	31/32	4-5	61746	305	4.348 141,2	3,24 Roberto Brotero de Barros
Conceição Maritana - B/45140	PO	4-0	61322	297	4.250 158,0	3,64 Guilherme Walter S.Caldas
Nico's Soga Silmaril - B/46363	PO	4-2	56167	305	4.185 163,1	3,89 Yalut S/A.Ind.Com.
Neira 529 Yaffarato - SP/93998	31/32	4-1	60174	282	4.031 137,7	3,41 José de Oliveira Filho
Priscilla Salina Bernardi Carol - SP/70824	QC1	4-1	56416	257	3.995 126,0	3,15 Carlos Osvaldo Rosa Lima
Corveta S.S.A. - 43343	31/32	4-2	61750	308	3.979 150,6	3,78 Roberto Brotero de Barros
Onca 529 Quirino Sarda - B/85236	PO	4-4	61343	305	3.965 129,3	3,26 Luiz Gonzaga Oliviero
Andra Perena Perena - B/48176	PO	4-0	58393	280	3.389 110,4	3,27 Antonino La Motta
Conceição Maritana - B/46303	PO	4-1	56249	273	3.921 108,6	3,71 Osvaldo Assm e Rubens Assm
Isabela S.S.A. - 46815	15/16	4-1	61748	241	2.841 115,9	4,07 Roberto Brotero de Barros
Isabelinha Nova Beward N. - B/46172	PO	4-0	55716	255	2.811 101,3	3,60 Yalut S/A.Ind.Com.
Elmo Perena SP - SP/28440/28440	QC2	4-2	49938	145	2.813 95,1	3,38 João Figueiredo Prota
Edo's Rep.Saga Charlotte - B/43131	PO	4-2	61103	195	2.062 80,4	3,89 José Sood e Sergio Sodi
Caçota Vianeca - SP/73167	PC	4-0	56427	137	2.036 77,6	3,81 Haydel Neutonenjian
CLASSIF. de 4 1/2 a 5 anos.						
Neira 788 Norma 85 - 29171 - 1M	QC2	4-7	61229	305	7.463 276,4	3,70 Harold Noogren - Arapoti
Clas. II Melita 88 - 74743-1M	PC	4-0	56639	305	6.732 221,7	3,29 Cia.Adm.Tec.Agric.Atagri
Haroldo II Claiton 88 - 74798-1M	PC	4-0	56223	305	6.313 213,6	3,38 Cia.Adm.Tec.Agric.Atagri
Amv. Fochira Juliana 21 - 8441 - 1M	QC2	4-9	55855	305	6.222 250,6	4,02 Jan Rok - Arapoti
Helena Cocchita Flava da Trave - SP/34861-1E	OB9	4-11	48848	305	6.210 197,6	3,18 Faz.Sta. Maria da Posse Ag.Past.
Reata Aprilas - SP/84753-1M	OB9	4-7	52285	305	6.149 225,9	3,67 Agrindus S/A.Bp.Agric.Past.
Lucas - 1E	15/16	4-10	55678	305	5.996 243,8	4,08 Maria Lucia F.S.Dias
Wendy R.V. - SP/80825-1E	PC	4-7	60543	305	5.926 189,7	3,19 Helio Moreira Sales
Jary.Stessa Norma Capela - B/42540	PC	4-11	49002	305	5.560 166,2	2,98 Fernando Alencar Pinto S/A.
A.Northeast Aalike 20 - 11875-	31/32	4-9	54703	305	5.304 152,7	2,87 S.A.Brodercat - Arapoti
Jary.Sarta Clas Flava - B/43135-1M	PO	4-8	49352	305	5.185 200,7	3,87 Fernando Alencar Pinto S/A.
Jary.Semesta Norma Nova - B/43191	PO	4-6	50736	305	5.134 139,6	2,71 Fernando Alencar Pinto S/A.
Crustallin H.S.A. - SP/71127	PC	4-7	61200	296	5.113 168,4	3,29 Roberto Brotero de Barros
Flaviana Silvestrina - SP/34499	31/32	4-11	61027	275	5.069 161,4	3,18 Luiz Gonzaga Oliviero
Archieo Jadin - 24419-1M	PC	4-9	51372	308	4.781 200,3	4,18 Cia.Baptista Scarpa Ind.Com.
Isabelinha Nova - SP/61337	PC	4-11	56056	305	4.724 161,5	3,41 Besei Pereira Teles
P. 131 Rosalva Norma - SP/75443-	15/16	4-11	64150	305	4.657 181,9	3,90 Agric. e Past. Faz.Guayana Ltda.
S.P.V. Norma New Normadeer - B/44008	PC	4-7	60953	305	4.557 170,1	3,73 Guido Fabrocini
Stavira B. Francis - 71298	31/32	4-10	53389	381	4.283 141,3	3,29 Carlos Alberto J.Lohman
Jary. Sarda Norma Normadeer - B/39882	PC	4-8	49355	305	4.212 139,7	3,11 Fernando Alencar Pinto S/A.

NOME DO ANIMAL	Grupo de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Matilha do Pau D'Alho - 58443	FC	4-8	47387	138	4.209	134,7	3,20	Jacir Bueier Dutilh
Grilleca 162 Optimo Turina - B/45603	PO	4-7	51249	278	4.157	137,9	3,31	Agostinho Osario Ricci
S.O. Masada P.Saltitante - B/41057	PO	4-6	52387	257	3.611	142,6	3,94	Pecuária Arzamas Ltda.
Uruguai Pedraoasu - SP/78920	FC	4-6	61066	298	3.513	126,5	3,60	Alexandre H. da Silva
Franciscana Flaminia C.Morark - B/47462	PO	4-7	60839	305	3.434	121,9	3,54	Carlos Eduardo F. de Barros Faria
R.V. Gabriela - B/42204	PO	4-10	51298	305	3.355	117,9	3,51	Helio Moreira Salles
Botucada do Melisso - SP/67679	31/32	4-6	61058	248	2.783	105,4	3,78	Marcio Eliaio de Freitas
Idm Genios 514 Royal - 0124672	PO	4-11	52131	275	2.560	104,8	4,09	Bio Novo Florestal Agr. S/A.
Arena H.C.C. - 66786	15/16	4-11	63069	168	2.108	72,7	3,44	Roberto Brotero de Barros
Ondina Carnation Homen de H.N. - E 2 do Castelo - SP/76762	NB	4-8	45725	201	1.749	59,7	3,41	Morada Nova Agric. e Pec.Ltda.
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.	OC1	4-8	55817	87	1.056	32,2	3,05	Oswaldo e Iubens Assm
Omaris Star Liana - B/47448- IE	PO	7-7	53226	305	9.052	319,7	3,53	Sergio Vicente de Araujo
Amp.Trix Grietje 62 - B/37202 - IE	PO	8-3	38635	305	8.903	297,1	3,33	Frederik Kool - Arapoti
Florencia Willy'S de S.A. - SP/68574 - IM	OC1	10-8	61393	305	8.567	257,7	3,00	Vasco M.L. Moraes Arantes
Amp. Conde Pukkie 23 - 22445- IM	OC2	6-5	43953	305	8.488	288,6	3,39	L.Scoordegroaf - Arapoti
Dist. Costa 1001 de Corambel - 19688- IM	OC1	8-3	41993	305	8.032	307,6	3,82	C.J. de Jonge - Arapoti
Jeny Operaria Fernandis Boot. - B/36135	PO	6-6	44620	305	7.749	192,2	2,48	Fernando Alencar Pinto S/A.
Capita Sarcio N.L. - 87040- IM	31/32	7-3	60936	305	7.576	261,4	3,45	Maria Lucia Ferreira S.Mas
Pastor San Triune Nossie - B/44405- IM	PO	5-4	52332	305	7.463	245,5	3,28	Donald Graber
Amp. Conde Pukkie 16 - 16591 - IM	OC1	9-6	37567	305	7.399	241,3	3,26	L.Scoordegroaf - Arapoti
Amp. Pot. Omet Sov. Noma 15 - 21631- IM	OC1	7-8	50772	305	7.181	255,7	3,56	Frederik Kool - Arapoti
Birking Spring I Star Ida - B/29151 - IE	PO	6-0	45079	283	7.113	231,9	3,26	Donald Graber
Estrela Pancoran - SP/60816- IM	OC3	6-0	55063	305	7.110	225,4	3,17	Donald Graber



Se você plantar agora forrageiras de inverno, na seca não faltará verde para seu gado!

Prepare logo a terra, aproveite as últimas chuvas e semeie: **AZEVEM - ALFAFA - TREVOS**
(branco-ladino, branco, vermelho e subterrâneo).

Em menos de 3 meses você faz o primeiro corte e, plantadas corretamente,
as forrageiras dão até 4 cortes.

Garanta na força do verde sua cota de leite na usina.

Lembre-se: Em matéria de sementes é muito importante conhecer de quem
comprar. A ABC tem 54 anos, no ramo.

Pedidos para: **ABC Associação Brasileira de Criadores**
Matriz: Rua Jaguaripe, 634 - fone: 828-3033 - São Paulo
Loja Jaguaré: Av. José César de Oliveira, 175 - fones: 260-8189 e 260-1497 - São Paulo
Filial: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: 22-3904 - São João da Boa Vista - SP

NOME DO ANIMAL	Grav da sangue	Idade anos/meses	N. SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Coord. kg	
S.V. Delta Amílago - B/13816-	PO	8-0	40385	305	5.847	203,7	2,97
Sgo Quirino S.9 - (BR/530- 1E)	GBR	9-9	35787	305	5.802	228,5	3,35
Par. Bando Ctl. Inivicta - B/20491- 1M	PO	7-9	51482	305	5.766	238,8	3,52
Amp. Conde dita 17 - B/37221- 1M	PO	6-5	43397	305	5.723	242,2	3,60
Amp. Boelmas 20088- 1M	31/32	5-10	61240	305	5.706	214,2	3,19
Amp. Conde Barão 19 - 27653- 1E	PO	6-4	43952	275	5.676	240,8	3,60
Doc. Donna Apple Hagen - B/38240- 1E	PO	6-4	43504	305	5.635	219,4	3,30
4118 Sylvia J Pontes SR - SP/58947- 1M	PC	5-6	46378	305	5.462	204,1	3,15
T 38 São Quirino - GB/534- 1E	GBR	7-3	41524	305	5.453	219,0	3,39
S.Q. Talena Merrit Obercia - B/13655- 1M	PO	7-9	41332	305	5.423	220,4	3,43
Palmeira Kate 30 - 22482- 1E	GBR	7-6	40870	301	5.417	293,6	4,57
Cajama de Sta.Olivia - 43843- 1E	PC	-	56580	305	5.362	206,8	3,25
A. Brookhart Geric - 27600 -	31/32	8-10	45370	305	5.326	204,1	3,22
Camy 21 Boon. S.H. - 59038- 1E	PC	7-4	48778	305	5.289	194,7	3,09
Verneulen Paclares Sky, Melje 41 - B/32527-	PO	5-1	55517	305	5.225	203,8	3,27
Hedraçuda Mark J. Pao D'Alho - GB/381- 1M	GBR	8-1	50593	305	5.175	206,7	3,34
Sarodana Naves Toro - B/25308- 1M	GBR	6-10	45176	305	5.094	219,7	3,60
S.Q. Isabela Nogueira Occorim - B/37418- 1M	PO	11-6	30251	305	5.090	205,6	3,37
Doc. Filaira Party Nizer - B/20089- 1M	PO	6-2	45162	305	5.082	210,1	3,45
C.A.S. Sana Centurion - B/39037-	PO	8-11	39315	305	5.063	210,5	3,47
Marlene's Acres Golden Trilly S - B/124714- 1M	PO	7-11	41235	305	5.993	196,2	3,27
Barbara de Bala Vista - 24906- 1E	PO	5-6	50609	305	5.868	227,5	3,87
Tina Melly - B/12704- 1E	31/32	6-1	59895	305	5.817	245,2	4,21
Jang, Portia Marieta J. Llanos - B/37770- 1M	PO	8-3	49102	305	5.778	197,9	3,42
Netelina Hildago do Parnac - 6358- 1M	PO	5-9	45896	305	5.772	206,9	3,58
J.P.A. Erreta - B/32021- 1M	PC	8-9	34323	255	5.716	215,6	3,77
G.P.V. Ros Jaany Desonpin - B/37972-	PO	6-0	39937	276	5.713	207,2	3,62
São Quirino S - 5 - 79653	PO	6-0	51595	305	5.709	201,2	3,52
Nova Cia Juniper - B/26627- 1E	OC1	6-4	37782	286	5.707	184,3	3,22
Los Gemelos Rosestein - B/124671- 1M	PO	10-10	33340	305	5.667	184,6	3,25
P. FREDRICK Magnific - 61362-	PO	5-7	51094	282	5.627	206,9	3,67
Cartagena 79 de Sant'Ana - 60448-	PC	8-11	32366	274	5.581	204,9	3,67
Amp. Brookhart Trevo S - 27422	PC	5-9	59058	305	5.581	185,9	3,33
Geopetina Cercalinho - SP/66000-	31/32	11-6	38637	305	5.569	175,8	3,15
Novos Jaque de Guaratinguá - 43005	15/16	5-4	54243	305	5.539	197,4	3,56
Richard Ideal Majesty Buren - B/44410	PC	6-10	38102	263	5.538	188,3	3,40
Pimenta S. Thomaz SR - 58956- 1E	PO	5-1	52330	305	5.524	194,6	3,52
Amp. Nova Serti 7 - 19301	PC	5-4	50177	305	5.514	208,2	3,75
Sta.Olivia R. Nogueira Sabidura - B/42455	OC1	8-11	60793	305	5.508	182,6	3,31
Barrocas de Prata - 43048	PO	7-11	48942	305	5.483	175,0	3,19
O 37 São Quirino - SP/50489	NA	-	61842	305	5.463	181,8	3,32
Revolta de Prata - 43048	OC2	6-5	44794	305	5.459	186,2	3,41
Ray Jaqueira Peris - B/27107- 1M	31/32	5-6	48712	305	5.406	170,2	3,14
P. Uma Noite Jr. - B/33481	PO	10-4	34875	305	5.398	202,0	3,74
Amorosa de Prata - 35500	PO	7-7	40614	284	5.392	166,6	3,08
E 21 Inevitável Niza - SP/41156-	OC1	9-7	40995	305	5.391	175,3	3,25
E 21 Inevitável Niza - SP/41156-	OC2	5-10	61245	305	5.387	195,7	3,63
E 21 Inevitável Niza - SP/41156-	OC3	6-9	50720	305	5.377	204,6	3,80
Arg. São Quirino 9 - 11891-	PO	5-0	40794	305	5.376	168,6	3,50
Antônio J.B. - SP/5044- 1E	OC1	5-5	61053	305	5.375	231,4	4,30
Mano de São Quirino - SP/1046- 1E	31/32	5-7	40922	305	5.352	186,2	3,47
S.T. Aviação - 62132	PC	5-3	48960	305	5.332	176,6	3,30
Tronco Dália Williams - B/41100	PO	5-1	42890	282	5.322	157,4	2,95
Novos Majesty C.A.S. - 31163-	OC2	9-6	36364	305	5.258	199,3	3,78
E 209 Sabot Bico - SP/41285	PC	5-10	62144	305	5.242	180,2	3,47
Donna Neelma Quina - B/36807	PO	6-4	46722	305	5.234	181,4	3,46
Joy, Paula Retalls R. Bosterman - B/40701	PO	5-1	49314	305	5.209	146,6	2,81
Amal Capelino Royal L. Capitan - B/57934	PO	5-10	60629	276	5.205	179,2	3,44
Alinal 234 Camy Perfect - B/40137	PO	6-5	49444	305	5.197	163,9	3,15
São Quirino S. Quirino Merrit L. 140 - B/72226	PO	6-2	42503	304	5.192	184,2	3,54
S.T. Waburtha Rube Kate - 44971	OC1	8-5	48962	305	5.188	164,4	3,16
Hopetina Arlinda Orice - 47946	OC2	7-11	45843	300	5.178	176,4	3,40
Pegassa Holanda Ave - B/38525-	PO	7-7	41826	290	5.154	182,2	3,53
Maryl Wena Gerty Nogueira - B/38138-	PO	5-7	51564	305	5.143	201,0	3,90
S.B. Cecilia I. B. Nogueira - B/29303- 1E	PO	5-6	56215	305	5.125	189,1	3,68
Lismond De Henry - B/22030-	PO	11-5	23082	300	5.094	152,4	2,99
Alinal 2794 Nuzaria Condesmora - B/42030	PO	5-0	52958	305	5.083	181,8	3,57
S.T. Solitaria - 59647-	OC1	11-1	31047	254	5.065	164,9	3,25
Marlene's Perseus Victor 3 - 180,0124753	PO	5-4	49730	305	5.039	191,2	3,79
Doc. Pinta Neelma - B/11030	PO	5-5	40572	302	5.028	182,4	3,62
Manoia Lily Nube S.T. - SP/40562	PC	5-10	45641	272	5.026	168,5	3,35
Angela Lily - SP/22131- 1E	OC1	5-4	49471	305	5.022	192,1	3,82
7880, Linéia Niza R. Nizer - B/20010	PO	9-10	35096	305	5.010	153,9	3,07
Ampl. Ametiza Verbaa Nogueira - B/46395- 1M	PO	5-0	48353	305	4.932	210,6	4,26
S.V. Segitilla - B/38801-	PO	6-9	42767	305	4.904	168,2	3,42
S. Vitorino Magnifico - B/33418	PO	8-7	38961	305	4.902	170,8	3,48
Helio Bala Cruz - B/24201- 1E	PC	6-10	52343	300	4.890	211,7	4,32
T 38 São Quirino - 43648	OC3	7-8	41140	305	4.831	168,2	3,48
Cartão de São Quirino - 37890-	PO	10-8	48221	305	4.819	174,6	3,62
Jung. Nona Sora Pazman - B/36204	PO	7-3	41631	305	4.756	157,2	3,30
Cláudia de Sta.Olivia - SP/11892	PC	5-11	53548	305	4.709	169,2	3,59
Helena de S.A. R.L. - SP/7712	31/32	5-9	61701	305	4.709	157,2	3,33
S.A. 1984 Fabel - B/4102	PO	5-2	51916	305	4.700	161,8	3,44
Quirino S.H.A. - 43700	31/32	5-3	61791	305	4.691	161,3	3,43
Clay Fozes Gertizina - 52292	OC1	8-0	44665	305	4.686	166,9	3,56
Amp. Gado Sertão - B/34422	PO	5-6	50782	224	4.651	171,2	3,68
E 21 Inevitável Niza - SP/411602	PO	5-6	62147	305	4.640	138,6	2,98
J.D. Zuzka Royal Nizer - B/38948	PC	7-9	41840	305	4.616	164,6	3,37
Diogo de Guayana - SP/57977	PO	10-8	53215	305	4.585	164,7	3,63
Jarino Turbante - B/32775	PO	8-2	44457	305	4.573	145,8	3,18
Marlene's Niza Sertão 2 - B/124744	PO	5-8	47646	234	4.502	180,1	3,99
Sta.Olivia Nuzaria Nogueira - B/42544	PO	7-4	36825	305	4.480	161,9	3,61
S.Q. Sotomayor Fidalgo - B/32233	PO	8-2	39795	305	4.441	156,9	3,53
Angela R.A. - SP/44410	31/32	8-9	60169	256	4.432	153,5	3,46

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade em anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Walter S.B.S. - 125577	31/32	6-6	61745	285	4.411	138,0	3,12 Roberto Brotero de Barros
Belita Fideirito - SP/83971	31/32	5-4	61148	263	4.392	146,2	3,32 José de Oliveira Filho
Barbara's Reflection Classic 2 - 0124705	PO	5-9	47650	302	4.375	159,2	5,63 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Barbara's Pecosas Victor 1 - 0128752	31/32	7-2	62658	153	4.136	185,9	4,28 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Fátima R.C.G. - SP/63734	PO	5-1	47862	305	4.327	160,6	3,71 Roberto Brotero de Barros
Joey Pecosas I Janet H. Gowan - B/40899	PO	7-9	53977	305	4.320	146,9	3,40 Fernando Alencar Pinto S/A.
R. Clara Clara Premier - B/31481 -	15/16	6-8	48227	235	4.253	152,3	3,58 Marcio Klisio de Freitas
Júlia 9ta. Glória - SP/70345	PO	5-9	47651	195	4.209	149,5	3,55 Sta. Maria Agro Pec. Ind. S/A.
Los Gemelos Royal - B/42082	PO	5-9	61080	305	4.170	166,2	3,98 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Estrelada F.A. Real -	PO	5-9	46361	243	4.090	151,5	3,70 Lair Antonio de Souza
Los Gemelos Fátima Tormenta - B/39780	PO	5-9	49730	247	4.079	129,5	3,17 Agro Pec. Castelo Ltda.
Barbara's Pecosas Victor 2 -	15/16	5-4	55407	228	4.054	146,2	3,60 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Clara Sana - 01349	PC	-	55696	305	4.043	129,4	3,20 Sald Madella S/A. Eng. Cons. Agríc.
Virgínia de Sta. Glória - SP/97930	PO	10-0	45517	291	4.014	144,1	3,58 Sta. Maria Agro Pec. Ind. S/A.
Alma Cori - 75135	31/32	8-6	61703	305	3.922	129,1	3,25 Carlos Oswald Ross Lima
Alma P.A. - SP/64411 -	31/32	8-4	63067	218	3.827	134,6	3,43 Luiz Gonzaga Oliveira
Capote S.B.S. - 55580	PO	5-4	51681	201	3.752	151,9	3,06 Roberto Brotero de Barros
Los Gemelos Royal 1, B/42089	PO	8-5	39745	305	3.696	130,7	3,21 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
T.G. Salsicha Merrit Juana - B/30843	PO	7-11	60598	303	3.636	126,8	3,48 Alexandre H. da Silva
João Pedrossau - SP/80043	31/32	5-7	61379	305	3.626	124,2	3,42 Carlos Eduardo F.B. Faria
Estrelada F.A. - SP/79768	PO	6-8	50682	194	3.398	135,9	4,00 Rio Novo Florestal e Agr. S/A.
Barbara's Victor Hollow 3 - 0124752	GC2	8-0	46892	245	3.345	128,3	3,83 Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
Justus Linceo - B/34064	GC2	-	61528	305	3.302	122,5	3,70 Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
Princesa Jardim - 18953-	GC1	-	61528	305	3.300	121,9	3,69 José Saal e Sergio Sadi
Joey Lindley H. Saad's - SP/104623	GC1	7-1	51260	211	3.219	108,1	3,35 Maurício Elísio de Freitas
Júlia Palms Bada de Aranjaz - SP/48567	PO	8-0	56077	305	3.211	117,3	3,65 Waldir Junqueira do Andrade
Van Jordão Piper Gandallajara - B/32044	NR	9-8	36357	305	3.166	107,1	3,38 Mirada Nova Agríc. e Pec. Ltda.
Opéra de Mirada Nova -	NR	-	49699	181	3.131	108,5	3,46 Urbano Junqueira do Andrade
J.B. Aquilino II -	PO	6-1	51093	209	3.128	123,0	3,93 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Los Gemelos Martin 0122156	PC	5-3	63300	233	3.090	103,7	3,35 Oswaldo e Ribera Assm
Assisland Victoria - SP/80003	PO	5-3	54218	262	2.993	104,5	3,49 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Los Gemelos Sovereign - 0128746	PO	8-3	41776	242	2.942	96,8	3,25 Belchior Fernandes Batista
Maria Elina 474 Hottie Maxestic - B/35398	PC	6-3	60188	263	2.879	96,8	3,36 Alexandre H. da Silva
Estrelada Pedrossau - SP/80077	PC	9-11	61897	305	2.878	108,6	3,77 Tasso Assunção Costa
Estrelada F.A. - SP/92684	31/32	5-10	62657	200	2.877	98,3	3,43 Roberto Brotero de Barros
Virgínia Adams 4 do Bon Hecreio - 24672	PC	10-4	42796	305	2.876	96,1	3,33 Mirada Nova Agríc. e Pec. Ltda.
Los Gemelos 498 Helictor - 0122152	NR	6-7	47653	234	2.790	114,7	4,11 Rio Novo Florestal Agríc. S/A.
Dependência Merrit do Bon Hecreio -	NR	7-3	44333	305	2.760	84,2	3,09 Mirada Nova Agríc. e Pec. Ltda.
Melara - cres. 104	PC	5-7	62340	305	2.755	104,0	3,77 Tasso Assunção Costa
Estrelada 4 J. - SP/58264	PC	-	61861	260	2.717	98,5	3,62 Central Paulista Agr. Pec. Ltda.
Virgínia de Sta. Glória - SP/87151	PC	7-9	56130	305	2.706	92,9	3,43 Sta. Maria Agro Pec. Ind. S/A.
Los Gemelos Reflector - 0124666	PO	6-3	47647	149	2.640	111,1	4,20 Rio Novo Florestal Agr. S/A.
Diapara de Mirada Nova -	NR	-	44033	305	2.571	85,7	3,33 Mirada Nova Agríc. e Pec. Ltda.
Mirada Fátima Cruz. Mirada Nova -	NR	5-3	51484	305	2.308	90,7	3,79 Mirada Nova Agríc. e Pec. Ltda.
J.B. Arredada III - B/13944	PO	10-4	43947	292	2.365	92,2	3,90 Urbano Junqueira do Andrade
Joey 4 J. - SP/59232	PO	7-5	56277	189	2.196	89,0	4,05 Central Paulista Agr. Pec. Ltda.
Elton Saad's - SP/104623	31/32	5-3	57074	261	2.116	88,5	4,07 José Saal e Sergio Sadi
Estrelada Pedrossau - SP/78932	PC	5-2	63380	229	1.877	61,1	3,25 Alexandre H. da Silva
R. J. Mc Cartão - SP/44864	GC1	7-7	43634	131	1.752	55,4	3,17 Oswaldo e Ribera Assm
Diapara Pedrossau - SP/78888	PC	8-3	62783	197	1.645	60,3	3,66 Alexandre H. da Silva
Los Gemelos Martin - B/42080	PO	6-4	53085	80	1.304	63,5	4,87 Rio Novo Florestal Agr. S/A.

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Classe	Idade	Grav de sangue	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
CLASS 12 - até 2 1/2 anos.	PO	2-1	61293	305	5.282	178,1	3,38 Geraldo Figueiredo Forbes
Estrelada B. Betina's - SP/15634	PO	2-9	48936	305	7.085	186,7	2,63 Pedro Crude
CLASS 13 - de 2 1/2 a 3 anos.	GRB	2-9	61866	305	4.769	173,9	3,64 Antonio Carlos Racheu V.de Almeida
Estrelada Royal 200 - GRB/896 -	GRB	2-7	61867	305	4.270	150,0	3,51 Antonio Carlos Racheu V.de Almeida
CLASS 14 - de 3 a 3 1/2 anos.	GRB	3-3	60051	302	5.426	208,2	3,83 Geraldo Figueiredo Forbes
Estrelada F.A. Albertina's - RJ/757 - LE	GRB	3-4	45599	269	5.380	185,3	3,44 Luiz Viscardi
J.P. Refilios Pequenas Red S.I. -	PO	3-8	55865	305	5012	184,6	3,68 Valmir Spitzelli e Imãos
CLASS 15 - de 3 1/2 a 4 anos.	PO	3-8	55865	305	5012	184,6	3,68 Valmir Spitzelli e Imãos
Estrelada Royal Red - 128/510-	PO	3-8	55865	305	5012	184,6	3,68 Valmir Spitzelli e Imãos
CLASS 16 - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-11	50634	305	8009	257,7	3,33 Geraldo Figueiredo Forbes
Estrelada Royal Chief Lottie - 128/341 - LE	PO	4-7	61557	305	6.336	218,5	3,44 Antonio Carlos Racheu V.de Almeida
Estrelada Royal Pecosas - 128/496 - IM	PO	4-9	40308	211	6.049	177,4	2,93 Pedro Crude
Estrelada S.B.S. Albertina's - GRB/276	GRB	4-9	47552	266	5.639	212,1	3,76 Pedro Crude
Estrelada Los Jennifer Red - 128/303 - IM	PO	4-7	52024	305	5.316	208,3	3,91 Eduardo Simoesen
Estrelada Royal 20 - 128/4156-	PO	4-7	43634	131	1.752	55,4	3,17 Oswaldo e Ribera Assm
Estrelada São Francisco - 128/12287	PC	4-11	55229	257	5.056	190,3	3,76 Geraldo Figueiredo Forbes
CLASS 17 - Adultas, de mais de 5 anos.	PO	7-8	35603	297	8.154	239,2	2,93 Pedro Crude
Estrelada S.B.S. Greta - 128/3660- IM	GC1	8-2	50297	305	7.979	261,7	3,28 Luiz Viscardi
Estrelada Trinitariano - 5165 - IM	GRB	7-11	34033	279	7.337	240,1	3,27 Pedro Crude
Estrelada Mãe de José's - GRB/142 - IM	GC1	6-2	39678	242	6.651	205,9	3,69 Pedro Crude
Estrelada's New Jaguar - 54528	GC4	5-5	39826	262	6.586	175,1	2,65 Pedro Crude
Estrelada's 200 Jesta - 54541	GC4	5-5	39826	262	6.586	175,1	2,65 Pedro Crude
Estrelada Mãe de José's - SP/3555- LE	GC1	7-0	43334	305	6.510	242,1	3,71 Esp. Gabriel Dias Pereira
Estrelada de Santa Ana - 59005	PC	12-4	29195	273	6.405	193,3	3,01 Pedro Crude
Estrelada's Royal de Plácida - GRB/354- IM	GRB	9-4	37097	305	6.290	234,8	3,73 Hugo Britaldo Netto
Estrelada's Royal Red Twin - 128/453- LE	PO	6-6	49793	305	6.195	207,9	3,35 Pedro Crude
Estrelada Mãe de José's - GRB/454	GRB	7-11	41377	305	6.187	207,6	3,35 Esp. Gabriel Dias Pereira
Estrelada's Maria Willian - 128/2557	PO	7-10	34898	272	6.171	206,9	3,35 Luiz Viscardi
Estrelada's Pequenas Red - 128/2957	PO	7-4	42389	216	5.764	218,5	3,79 Luiz Viscardi

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					L leite kg	Gord. kg		
Rozina de Iva - 8943	OC1	8-5	61052	217	3.342	105,9	3,17	Cia. Agric. e Ind. Far. de Toc.
Bardina Baby de S.S. - GSB/448	GB8	6-0	44899	254	3.260	111,7	3,42	Central Paulista Ag. Pec. Prod. Ltda
Tulipa L.L. - SP/53704	31/32	5-9	46594	214	3.210	115,9	3,61	Ademar de Barros Filho
Anoquia do Marro Verde - SP/66640	OC1	5-4	53444	284	3.146	117,0	3,71	Fernando de Sousa Toledo
Piracema do Colabal - SP/76206	31/32	9-4	49074	169	3.098	113,6	3,66	João Marcelini
Hortaliza da Hastings - SP/49195	31/32	7-10	59110	178	2.955	98,9	3,34	Salvador Luiz Neves Nazetto
Berita do Marro Verde - SP/107474	PC	-	61688	305	2.827	101,6	3,59	Fernando de Souza Toledo
Festa V.D. - SP/71103	OC2	5-4	56046	208	2.796	96,2	3,43	Cia. Agric. e Ind. Far. da toca
Carpieta - SP/81043	PC	8-5	53009	225	2.773	96,2	3,46	São Maria Agro. Pec. Ind. S/A.
Nikema SHM. - SP/103227	15/16	6-4	59115	123	2.057	67,3	3,27	Salvador Luiz N. Nazetto
Itzeha S.L.N.M. - SP/103222-	15/16	6-6	59111	139	1.713	58,6	3,42	Salvador Luiz N. Nazetto
Raça Jersey								
Dama Orelhas (2c)								
CLASSE A1 - de 2 a 2 1/2 anos. Uta Ondina Pepe da N. Querença - 12145-C-	PO	2-4	61868	305	2.449	139,0	5,67	Antônio Carlos F. Machado
CLASSE A2 - de 3 a 3 1/2 anos. Itaquara Trio Pepe da N. Querença - 11909-C- IM	PO	3-3	61161	305	4.232	263,0	6,21	Antônio Carlos F. Machado
CLASSE A6 - de 3 1/2 a 4 anos. Dama do Saltinho 16 - 476 - IM	PC	3-11	51085	305	3.741	176,3	4,71	Vasco M.H. Arantes e Paulo H.
CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos. Royal Hill Fera Generator - 10464-C	PO	4-7	50973	119	1.356	58,5	4,31	Albino Malares
Raiosa Palestina Estefo -	PC	4-11	49286	169	1.203	58,3	4,84	Albino Malares
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
S.A. Nilza de Murla - 8037-C- IM	PO	10-3	50662	305	4.392	195,7	4,44	Far. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Alegria Sta. Helena 2124 - 762/B-64- IM	6,3/64	9-3	50246	305	4.122	192,1	4,65	Vasco M.H. Arantes e Paulo H.
Esperanto 50 Nadador - 10049-C- IM	PO	6-4	43357	305	4.072	189,7	4,62	Far. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
F.C. B. Calota - 10903-C	PO	5-8	51556	305	4.026	162,5	4,63	Mário Lopes Leão
Leão da Florida - 9365-C- LE	PO	5-8	61152	305	3.907	234,5	6,00	Antônio Carlos F. Machado
Sant'Ana Osanna 39 Miro - 10153-C	PO	5-5	46496	259	3.280	133,4	4,60	Mário Lopes Leão
Outaba S.H.S.C. - 77558	PC	8-11	40152	268	3.043	132,7	4,36	Decio Luiz Malta Campos
Donakka Valor de S.F. - 9752-C	PO	7-7	39561	286	3.009	128,1	4,25	Mário Lopes Leão
Espectra Generator S.F. - 9987-C	PO	6-4	43698	305	2.995	124,8	4,16	Mário Lopes Leão
Silvana Milken da W.G. - 13923-C- IM	PO	6-11	61151	233	2.816	159,7	5,67	Antônio Carlos F. Machado
Suzana Farkas Golden Millad - 8249-C	PO	8-0	38836	262	2.746	117,4	4,27	Albino Malares
DMC Jurgens - 2411/16 -	15/16	7-0	51305	291	2.724	139,6	5,12	Decio Luiz Malta Campos
Tetainá Quimote Rey - 9773-C	PO	7-9	53949	289	2.679	139,6	5,21	Augusto Amelio M. Pacheco
Leoa -	NR	-	43264	295	2.614	116,5	4,45	Decio Luiz Malta Campos
S.A. Carylheza 89 Padeiro -	PO	-	55626	281	2.310	114,4	4,96	Far. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Joca Falcão Escud - 4455-C	PO	17-3	13575	305	1.874	99,7	5,32	Far. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três Orelhas (3c)								
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. E.C. Cláudia Elapanto III - IM	PO	3-2	60972	305	6.478	251,7	3,88	Benedito Portugal Bezó
Dama Orelhas (2c)								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos. Rosetta Dorset de São Carlos	PC	2-4	61714	305	2.595	115,9	4,47	Carlos Cardoso A. Assaris
Arnia da Scop - 4154	OC1	2-5	56824	269	2.216	97,3	4,39	Carlos Cardoso A. Assaris
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos. Rosiana II Dorset de São Carlos - 4422-	PC	2-7	61713	305	2.667	111,7	4,19	Carlos Cardoso A. Assaris
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Mada de Sta. Madalena - 3313 - IM	PC	3-4	60528	305	3.026	151,4	5,00	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos. Florencia da Scop - 4162 -	PO	3-10	56570	294	2.755	113,6	4,12	Carlos Cardoso A. Assaris
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Fala de São Carlos - RSM 0254	OC2	4-1	50551	286	1.493	139,4	3,99	Carlos Cardoso A. Assaris
Biba - 1239	PC	4-0	61894	305	2.907	126,4	4,24	Gabriel Donato de Andrade
Boi Café Anara Topper I - 5766 - IM	PO	4-10	49521	305	5.570	196,6	1,52	Benedito Portugal Bezó
Berita de Sta. Teresa - 2429 -	OC4	4-4	60892	305	2.885	130,9	4,53	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Florencia Floriano de S.M. - 5023	PO	4-10	54439	176	1.701	56,0	3,23	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
S.H. Jambica Oliveira - 2597	OC1	4-6	61304	181	1.506	43,6	4,15	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
S.H. Rainha Bis Mil Universe - 2580	OC1	4-6	60885	131	1.122	37,4	4,91	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Vigla - 3720 -	PO	6-1	46528	305	4.334	181,7	1,73	Agro. Pec. São José de Itaipu Ltda.
IM Princesa Floriano - 1573 - IM	PC	5-2	49514	305	4.252	213,7	5,03	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Fátima de Príncipe Floriano - 5373	PO	5-10	48492	228	3.477	123,1	3,54	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena
Estela - 1960	15/16	8-7	49410	305	3.447	129,4	3,63	Imoço Associação Cista
Carteira de São Carlos - 724 -	7/8	7-11	40854	305	3.440	143,1	4,16	Carlos Cardoso A. Assaris
Jacira de Calciolândia - 939 -	PC	5-2	49657	291	3.138	123,7	1,94	Gabriel Donato de Andrade
SM. El Valier Universe - 5397	PO	5-7	56287	305	3.129	159,1	5,09	Cia. Agro. Pec. Sta. Madalena

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	Produção			%	PROPRIETÁRIO
			N.º SCL	Dias de lactação	Leite - kg		
Raça Simental							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE 01 - de 1 1/2 a 3 anos.							
Neti Piruz - Fazenda da Rocaçeira - 1458	PO	2-8	61650	305	2.965	90,8	3,63 Carlos T. Silva e José C. Teixeira
Netina do Sta. Maria - 1231	PO	2-7	61467	305	2.811	103,6	3,96 Sta. Maria Agro. Ind. Ind. S/A.
CLASSE 02 - de 4 1/2 a 5 anos.							
Olga Netto - Sorja - 1431 - II	PO	4-7	54094	231	4.237	156,9	3,70 Carlos T. Silva e José C. Teixeira
CLASSE 03 - Adultas, de mais de 5 anos.							
Olga Netto - Sorja - 1431 - II	PO	5-4	55982	305	4.026	135,5	3,36 Carlos T. Silva e José C. Teixeira
Raça Dinamarquesa							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE 01 - de 1 1/2 a 3 anos.							
Olga Netto - Sorja - 1431 - II	PO	3-8	61421	305	3.248	123,4	3,80 Ocoratato Olavo S. Barbosa
CLASSE 02 - Adultas, de mais de 5 anos.							
Olga Netto - Sorja - 1431 - II	PO	7-2	42562	305	4.308	170,0	3,94 Ocoratato Olavo S. Barbosa
Raça Pitangueiras							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE 01 - de 1 1/2 a 3 anos.							
Alameda - 2990	-	4-9	56930	243	2.535	110,3	4,30 S/A. Frigorífico Anglo
CLASSE 02 - Adultas, de mais de 5 anos.							
Alameda - 2990	-	7-4	44861	305	4.306	168,4	3,91 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	10-0	35948	305	4.043	169,8	4,19 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	8-10	38021	305	3.879	160,8	4,14 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	8-0	42476	305	3.726	154,1	4,13 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	8-2	40305	305	3.551	149,7	4,18 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50946	305	3.510	142,9	4,10 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	42215	305	3.483	147,9	4,24 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	6-10	44104	305	3.473	139,7	4,02 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50886	305	3.422	142,9	4,17 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	13-1	29419	305	3.405	151,9	4,46 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	42960	303	3.287	149,7	4,42 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	11-5	31240	305	3.174	148,0	4,38 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	12-3	31729	305	3.117	148,3	4,46 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	7-3	34871	305	3.144	135,3	4,30 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	46325	305	3.142	131,5	4,18 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	10-1	30596	230	3.091	132,3	4,27 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	47340	305	3.026	128,8	4,25 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	7-7	41114	292	2.949	120,7	5,04 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	56691	295	2.959	123,2	4,16 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50554	257	2.944	115,7	3,93 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	48403	241	2.934	119,3	4,06 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	9-7	34891	305	2.989	123,6	4,27 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	9-6	27256	261	2.888	131,5	4,25 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	56157	305	2.751	117,9	4,07 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	11-5	54357	300	2.720	109,2	4,01 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	31897	273	2.718	119,2	4,39 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	11-7	44702	305	2.711	126,9	4,67 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	47803	266	2.718	118,6	4,37 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	9-3	46889	305	2.678	113,2	4,22 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	52075	305	2.675	113,3	4,23 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	52071	305	2.653	113,8	4,29 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	8-3	39047	281	2.645	107,6	4,07 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	10-4	36100	305	2.642	114,2	4,32 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	48810	305	2.611	112,5	4,30 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	8-5	38032	241	2.561	106,5	4,15 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	11-11	31910	305	2.529	111,5	4,40 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	56384	266	2.485	104,8	4,22 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	46957	295	2.380	100,5	4,22 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	46831	219	2.346	93,1	3,96 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	63742	305	2.321	102,8	4,41 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50788	305	2.306	94,3	4,08 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	10-3	36397	242	2.297	99,3	4,32 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50492	249	2.234	86,1	3,85 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	11-6	31740	305	2.220	98,7	4,44 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	10-3	37901	208	2.218	95,5	4,31 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	50766	230	2.105	89,0	4,22 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	49803	201	2.021	84,5	4,18 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	4-6	46804	268	1.992	85,9	4,31 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	6-6	60067	230	1.938	77,0	3,97 Antonio Martins
Alameda - 2990	-	6-10	44073	139	1.924	83,6	4,34 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	5-3	51307	305	1.875	83,4	4,44 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	60822	135	1.703	67,4	3,96 S/A. Frigorífico Anglo
Alameda - 2990	-	-	46791	229	1.689	73,2	4,33 S/A. Frigorífico Anglo
Raça Gir							
Três Ordenhas (3x)							
CLASSE 01 - Adultas, de mais de 6 anos.							
Alameda - 2990	PO	11-0	32061	306	3.258	134,0	3,99 Francisco F. Barnatto
Alameda - 2990	BE	7-4	54023	305	3.999	123,9	4,13 Rubens Resende Peres
Alameda - 2990	BE	8-3	43699	280	2.800	127,2	4,54 Rubens Resende Peres
Alameda - 2990	BE	7-7	50717	305	2.564	106,2	4,14 Rubens Resende Peres
Alameda - 2990	BE	-	60906	305	2.443	125,8	5,14 Rubens Resende Peres

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactaçãoProdução
Leite kg
Gord. kg

PROPRIETÁRIO

Data: Outubro (2h)

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.

Scaja - B-7352

Báia da Calciolândia - 11

NE	3-1	47367	305	1.486	146,6	4,25	Miguel A.C. Cançado
NE	3-2	59183	274	1.736	68,1	1,92	Gabriel Donato de Andrade

CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.

Bela - 36

Bela - 4

Bela - 45

NR	3-7	60863	305	2.168	92,3	4,25	Francisco F. Barretto
NR	3-11	60874	305	1.799	81,7	4,54	Francisco F. Barretto
NR	3-7	60870	305	1.756	79,8	4,54	Francisco F. Barretto

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

S.C. Santa Expocente - P-6979

Bela - Cal. - P-9381

Bela - 106268

Bela - 1055

Bela - 1134

Bela - 1056

NE	4-4	61616	305	2.870	148,4	5,17	Manoel e José João S.R. dos Reis
NE	4-1	59595	272	2.306	89,9	3,90	Gabriel Donato de Andrade
NR	4-1	61440	305	4.839	84,9	4,61	Francisco F. Barretto
NR	4-3	60872	305	1.803	85,1	4,72	Francisco F. Barretto
NR	4-0	61436	305	1.724	79,4	4,40	Francisco F. Barretto
NR	4-3	60862	305	1.607	78,1	4,85	Francisco F. Barretto

CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.

Bela - 970

NR	4-8	60869	305	2.227	88,7	4,43	Francisco F. Barretto
----	-----	-------	-----	-------	------	------	-----------------------

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Onda - O-61

Nacional de Brasília - P-7465

NR	5-3	55198	305	2.311	101,8	4,40	Francisco F. Barretto
NR	5-8	61480	305	2.138	86,2	4,02	Bela de Sousa Feres

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.

S.C. Albo - Cochino

Lobrela - A-8268

Mora - J-4458

Luzia - L-032

Nebira - 1729-Cont.

Lara - P-6250

Bela - IX - 346

Alvareda - S/3140

Mira - IX - 317

NR	11-0	32687	305	4.507	229,6	5,09	Manoel e José João S.R. dos Reis
NR	10-6	49580	305	3.970	141,3	3,55	Arthur S.M. Filizola
NR	14-0	27220	305	2.333	155,6	4,44	Manoel e José João S.R. dos Reis
NR	8-5	43748	305	3.209	138,9	4,19	Francisco F. Barretto
NR	-	61218	305	3.279	134,6	4,10	Miguel A.C. Cançado
NR	-	51118	305	3.160	129,1	4,40	Miguel A.C. Cançado
NR	9-11	53669	305	2.852	114,2	4,00	Arthur S.M. Filizola
NR	6-4	61211	305	2.666	103,4	3,87	Arthur S.M. Filizola
NR	10-9	54306	305	2.559	97,9	3,83	Arthur S.M. Filizola



PEDIGREE

Pai: Paclamar Astronaut
Mãe: Filha de Arlinda Chief
com 88 pontos e 6 lactações
de 9.000 kg ou mais.

SSF ASTRONAUT BRAVO

Leite: 0/0 1000 libras

Repetibilidade: 860/0

Tipo: + 1.12

Preço p/dose: Cr\$ 750,00



PROPEC

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

CAIXA POSTAL 1842

TELS.: 8-0639 E 31-9902

CAMPINAS - SP

NOME DO ANIMAL

Grav de sangue
Idade
anos/meses

N.º SCL

Dias de lactação

Leite: kg

Gord. kg

±

PROPRIETÁRIO

Dona - 3-2975	ZE	9-0	54189	305	2.388	100,8	4,22	Tasso Assunção Costa
Montespirita -	ZE	-	59169	289	2.337	109,6	4,69	Rubens Resende Peres
Allirca - M-6803	ZE	-	61519	305	2.315	100,5	4,33	José Lúcio O.Costa
C.A. Noralis -	ZE	-	61047	305	2.175	105,8	4,86	José Lúcio O.Costa
Quilada - O-6294	ZE	7-3	53227	270	2.154	90,0	4,17	José Lúcio O.Costa
Filiza	ZE	-	55232	305	2.137	95,1	4,44	João Leite S. Ferraz Jr.
Indira de Calciofândia	ZE	7-9	43733	280	2.132	88,9	4,17	Gabriel Donato de Andrade
Pezema	ZE	-	53231	299	2.097	83,2	3,96	João Leite S. Ferraz Jr.
C.A. Indúshina	ZE	-	61051	305	2.089	101,9	4,87	José Lúcio O.Costa
Genênia de Calciofândia - 1063	ZE	9-2	40742	164	2.000	83,2	4,15	Gabriel Donato de Andrade
C.A. Papa - 819	ZE	10-10	37005	219	1.755	79,2	4,51	José Eduardo C. Mancini

Girolando

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE B1- de 3 a 3 1/2 anos. Aratinga Lohreide-	ZE	3-3	60809	233	3.652	110,2	3,01	Emílio C. Kluppel - Arapoti
---	----	-----	-------	-----	-------	-------	------	-----------------------------

II - INVERNO - lactação até 365 dias

Raça Holandesa — variedade preta e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A1- até 2 1/2 anos. Joaquim Skikman Sodreu - B/34619- 1M	PO	1-11	61482	365	10.615	327,4	3,08	Benedicto J.S. Melo Pati
A.P. Fortaleza Soviata - B/51439 - 1M	PO	3-2	61900	365	7.354	269,8	3,46	Fazenda Fortaleza Ltda.
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos. A.P. Fortaleza Soviata - B/47830- 1M	PO	2-11	58007	365	6.692	272,8	4,07	Fazenda Fortaleza Ltda.
CLASSE B1 - de 1 a 3 1/2 anos. Fronza Sodreu Cilla St. - B/48426	PO	3-0	61381	300	5.448	192,9	3,54	Manoel Fontes Neto
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos. J.P.M. Julia - B/43451 - 1M	PO	3-11	61792	321	8.480	297,9	3,51	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.M. Julia - B/44479-1M	PO	3-9	54447	329	6.352	222,4	3,50	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B3 - de 4 a 4 1/2 anos. Irmã do Alto Versatilidade S. Itala - B/41263-1M	PO	4-4	60819	359	6.936	263,4	3,79	Valmir Spinelli e Irmão
Selo Glaxomat (Faber Adoral - B/44765- 1M	PO	4-4	61398	365	6.839	229,8	3,36	Valmir Spinelli e Irmão
CLASSE B4 - de 4 1/2 a 5 anos. Capela Escriba - B/40271	PO	4-7	61397	342	6.742	228,7	3,39	Valmir Spinelli e Irmão
CLASSE B5 - Adultas, de mais de 5 anos. Willy Engemann Maglo - B/35719- 1M	PO	6-8	60818	365	7.602	280,3	3,59	Valmir Spinelli e Irmão
Nelyo's Orelas Herit - B/37705	PO	5-7	48564	344	6.267	216,9	3,46	Manoel Fontes Neto
Aclete Orelas Piazera - B/21981	PO	12-6	30310	357	4.492	158,8	3,53	Manoel Alves de Castro
Aclete Ialva Sotomaior - B/39527	PO	5-2	53301	338	4.405	175,9	3,99	Manoel Alves de Castro
Aclete Quaresa II - B/21975	PO	12-9	29955	333	4.392	149,2	3,39	Manoel Alves de Castro
Aclete Marilene Dado Piazera - B/21984	PO	12-4	27527	359	3.446	139,1	4,03	Manoel Alves de Castro

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE A3- até 2 1/2 anos. Jozia Victor Passos - B/114039- 1M	Q24	2-5	61494	365	8.101	257,7	3,18	Donald Graber
Jandora Iv. de Caldas - 1M	Q22	2-4	60926	365	6.782	255,3	3,76	Guilherme Walter S. Caldas
Fernanda Marisa Arns - B/52273- 1M	PO	2-4	61497	353	6.629	234,2	3,53	Donald Graber
Fernanda Nel America - B/52376- 1M	PO	2-2	61496	365	6.510	236,6	3,63	Donald Graber
A. Liripulala Roselyn - 77266- 1M	Q22	2-5	60806	350	6.384	254,2	3,98	Martins T. Haegen - Arapoti
Jany. Tereza Hermantina Zet. - B/38884	PO	2-4	61119	365	6.267	155,1	2,47	Fernando Alencar Pinto S/A.
Walter Anro Jansine - B/38310- 1M	PO	2-4	61327	320	6.135	259,1	4,22	Guilherme Walter S. Caldas
Fernanda Plomora Artista - B/52378- 1M	PO	2-2	61495	349	6.129	228,8	3,73	Donald Graber
Aratinga Helena Jardim - B/51249- 1M	PO	2-1	60808	352	5.934	212,7	3,58	Emílio C. Kluppel - Arapoti
R.M. Laura Clotilde Maple - B/52002- 1M	PO	2-4	61611	334	5.592	196,2	3,50	Vicente Ferreira Dias
Quaresa Gay Beatriz F.D'Alho - B/3113- 1M	Q28	2-1	61305	333	5.406	192,2	3,55	Jacob Boeier Dutilh
Roseirinha Olympic Wynn - B/50736- 1M	PO	2-1	61230	335	5.229	192,6	3,68	Barelid Knopman - Arapoti
Rosalia Lindley Lohreide P.D'Alho - B/31041-1M	Q28	1-11	61304	334	5.222	192,3	3,68	Jacob Boeier Dutilh
Joaquim Trayschira Realizada Duzem - B/51490-1M	PO	2-3	61189	365	4.662	177,7	3,81	Adrenal Hibeiro Mila
Rosa's Marilene Rosa - B/56216- 1M	PO	2-1	61102	365	4.556	169,1	3,70	Joné Saad e Sergio Sodi
Jany. Tereza Glória Raposo - B/50876	PO	2-5	61831	308	4.531	146,4	2,23	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jany. Tereza Glória Raposo - B/50876	PO	2-4	61571	313	4.396	160,3	3,64	Adrenal Hibeiro Mila
Jany. Tereza Glória Raposo - B/50876	PO	2-5	61114	314	4.069	136,5	3,35	Agro Pec. Castelo Ltda.
Willya Ruthann Jew - B/10832	11/32	2-4	61352	335	3.965	138,1	1,48	René Ferreira Telles
Miladi Democrata Christmas - B/53442	PO	2-2	61268	340	3.610	141,1	1,90	Marcio Elias de Freitas
J.P.M. Julia - B/51471	PO	2-3	61312	326	3.219	104,4	3,14	Interagro S/A.
CLASSE A4 - de 2 1/2 a 3 anos. Renville Weykster Ovario - B/40013- 1M	PO	2-7	60790	365	7.206	249,4	3,46	Frederik Kok - Arapoti
Jany. Tereza Glória Raposo - B/50891- 1M	PO	2-8	61476	365	6.585	161,8	2,45	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jandora Gay Passos - B/114130- 1M	Q25	2-5	61818	316	6.553	212,5	3,24	Donald Graber
Fernanda Tereza Her de Caldas - B/54720- 1M	Q22	2-10	61330	345	6.464	255,2	3,94	Guilherme Walter S. Caldas
St. Ulisses Brigabev - B/48795- 1M	PO	2-10	61448	365	6.320	201,3	3,18	Walter Colombini
A. Brookshorst Inês's Iglia - 65213- 1M	Q21	2-7	60788	365	6.074	219,4	3,61	H.A. Brookshorst - Arapoti
Agnes São Quilino - B/50706- 1M	63/64	2-6	61212	357	5.069	207,7	3,42	Pecúria Arns Ltda.
Odile Inês de São Lucas - B/48624, 1M	PO	5-10	61330	322	5.635	189,5	3,36	Guilherme Walter S. Caldas
Pezema Adoral de Santa Bartia - B/16195- 1M	Q22	2-7	61136	365	5.526	203,4	3,68	Waldemar e Roberto Foz

Fique por dentro do que mais interessa a você e a sua fazenda



Como assinante, você tem direito a consultas grátis sobre direito trabalhista fiscal e rural, um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores, índice remissivo e pasta para arquivo.

- legislação para o campo**
- orientação para seu cumprimento**
- evolução do mercado de produtos agropecuários**
- novas técnicas e processos de produção e comercialização**

A
Editora dos Criadores Ltda.
Av. Pompéia, 1.214
05022 — SÃO PAULO - SP

Para pagamento de minha assinatura do INFORMATIVO RURAL TRABALHISTA E FISCAL válida por 1 (um) ano, estou anexando o cheque n.º _____, a cargo do Banco _____ no valor de Cr\$ 7.850,00, em favor da Editora dos Criadores Ltda.

Nome: _____

Registro de Produtos / CGC n.º _____ Inscrição Estadual n.º _____

Rua / Fazenda _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Data: _____ de _____ de 19 _____

Assinatura: _____

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Produção		PROPRIETÁRIO		
				Dias de lactação	Leite kg		Gord. kg	
Caldas Viveiro Star Ltda - B/51415-1M	PO	2-7	61323	333	5.494	199,6	3,63	Guilherme Walter S.Caldas
Argp. Beldson Silvia - B/4444-1M	OCI	2-6	60792	343	5.351	174,5	3,26	Isacim K. Doelman - Arapoti
S.O. Altopaco Faelmar Salinas - B/42408-1M	PO	2-7	61130	362	5.188	188,5	3,63	Pecuária Arbanas Ltda.
Diana II Astronaut 08 - B/62314-1M	OCI	2-10	61340	365	5.094	186,3	3,65	Hayden Westendorp
Berwick Medal Stella - B/31640-1M	PO	2-6	61404	365	4.693	152,3	3,24	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
Apurkovic 121 Christmas 28 - B/61812-1M	OCI	2-6	61403	348	4.424	148,9	3,36	Johannes Salomon - Arapoti
Academia Pedrasas - B/94387	PC	2-10	61454	365	4.198	146,8	3,49	Alexandre H. da Silva
Capitulin Flancia R. Espinosa - B/26347	PO	2-8	61649	325	4.082	128,6	3,14	Haroldo V. Rodrigues
Repleder Ultimate Sandy - B/159312-1M	PO	2-11	61295	335	3.792	158,2	4,17	Yakult S/A. Ind. Com.
S.O. Arripina Iv. Quarcia - B/56936	PO	2-6	61509	365	3.789	142,5	3,75	Pecuária Arbanas Ltda.
Wanda Senata - B/51617	PO	2-6	61578	365	3.706	155,2	4,09	Osvaldo Ribeiro Avila
F II de Castelo - B/107102	OCI	2-8	61798	323	3.595	125,7	3,49	Achaval e Ribera Fam
Neona Trevelin de M.N. -	NR	2-7	61751	324	2.381	85,3	3,59	Nezarda Nova agric. e Pec.
CLASSE B/- de 1 a 1/2 anos.								
A. Luciana Ferman G. Maple - B/47417-1M	PO	3-4	54697	365	7.914	290,8	3,67	Emilio C. Kluppel - Arapoti
A. Jose Supermax Jitane 618 North - B/47679-1M	PO	3-5	55541	365	7.619	261,8	3,43	Gerrit Vahary - Arapoti
Argp. Triz Berio 7 - B/12846-1M	OCI	3-3	60800	347	6.876	222,5	3,23	Frederick Kool - Arapoti
By Dea II de Hildetra - B/46642-1M	PC	3-5	55994	337	6.505	190,8	2,93	Coop. Agro Pec. Jolandra
Jatibá Hissa Perfection 20in - B/50985-1M	OCI	3-4	62170	320	6.445	237,6	3,68	Sergio Vicente de Araujo
Argp. Manu Jara 17 - B/3472-1M	OCI	3-1	60798	365	6.320	215,9	3,41	Hansman Deen - Arapoti
East Hill S.R. Bright Ove - B/7635	PO	3-3	57372	310	5.737	225,9	3,93	Jack Rosier Dutilh
Memphomene Ruerje 18 - B/3473-1M	OCI	3-3	56223	311	5.676	193,1	3,40	Frederick Kool - Arapoti
Ricard Franck Prouca - B/44665-1M	PO	3-1	56471	323	6.418	178,6	3,29	Yakult S/A. Ind. Com.
Caldas Viveiro Wanda - B/48875-1M	PO	3-5	61672	325	5.265	189,6	3,60	Guilherme Walter S.Caldas
Caldas Viveiro Star Traje - B/48825-1M	PO	3-1	62319	314	5.215	183,1	3,51	Guilherme Walter S.Caldas
St. Odo Tolyva II Christmas - B/50832-1M	PO	3-1	61401	328	4.866	161,6	3,33	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
T. 412 Diamond Hissa - B/95687	OCI	3-1	62152	334	4.427	158,4	3,57	Ag. Faz. Guaymas Ltda.
Jara, Saliva II Boca Secret - B/49052	PO	3-0	61111	354	4.419	131,9	2,98	Fernando Alencar Pinto S/A.
Rebola Tilde Piamiera - B/46370	PO	3-0	56472	325	4.328	143,0	3,30	Yakult S/A. Ind. Com.
Belas de Yakult - B/10320	PC	3-5	56161	340	3.834	154,8	4,03	Yakult S/A. Ind. Com.
Clara Viveiro - B/94539	PC	3-4	61679	342	3.827	139,5	3,64	Hayden Westendorp
Hilander Chamer Lady - B/73784	PO	3-0	61697	317	3.233	106,7	3,29	Coop. Agro Pec. Jolandra
CLASSE B/- de 1 1/2 a 2 anos.								
L. de Jorge Gillie 1 West - B/47112-1M	PO	3-4	58366	365	9.718	315,4	3,24	C.J. de Jonge - Arapoti
A. Protopoma 6 Hartman - B/45849-1M	PO	3-8	56795	313	9.158	328,2	3,58	Sergio Vicente de Araujo
F. Miltos Jany Krammner - B/44021-1M	PO	3-8	54288	345	7.352	240,3	3,26	Faz. Sta. Maria de Posse Ag. e Past.
A. Barbara Du-Los 7 - B/2861-1M	OCI	3-5	56108	345	7.173	257,2	3,58	Frederick Kool - Arapoti
Jatibá Hissa Charlie Marçal - B/48102-1M	PO	3-13	56791	326	6.993	253,3	3,62	Sergio Vicente de Araujo
S.O. Selma Faelmar Neocasta - B/46698-1M	PO	3-8	57185	365	6.965	232,1	3,33	Pecuária Arbanas Ltda.
S.L. Chico Pila-Olita Neocasta - B/51784-1M	PO	3-7	61336	365	6.938	247,2	3,56	Antonio de Matta
Jatibá Hissa Thelmar Ginterella - B/480105-1M	PO	3-10	62171	313	6.450	236,2	3,66	Sergio Vicente de Araujo
Paroti Pioneer L. de Paz D'Alto - B/10	OCI	3-10	53874	365	6.271	215,3	3,43	Jack Rosier Dutilh
Neocasta Karama Felisa - B/11200-1M	PO	3-6	60799	365	6.071	219,9	3,62	Frederick Kool - Arapoti
Jara, Selma Hissa Luciana C.R. - B/45678-1M	PO	3-8	56203	321	6.005	142,8	2,37	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda Arapoti - B/2007-1M	OCI	3-8	54851	314	5.388	187,6	3,48	Agricola S/A. Exp. Agric. Past.
Argp. Rana Jitane Continua - B/46796-1M	PO	3-7	61260	323	5.030	185,3	3,68	Guilherme Walter S.Caldas
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-8	57157	365	5.013	183,8	3,65	Pecuária Arbanas Ltda.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-8	56622	334	4.843	170,3	3,51	Pecuária Arbanas Ltda.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-11	61300	340	4.783	165,8	3,88	Agric. Faz. Guaymas Ltda.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-11	56221	325	4.753	138,3	2,90	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-8	57376	320	4.538	169,7	3,70	Pecuária Arbanas Ltda.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-9	60940	365	4.356	145,1	3,13	Mario Alencar Sessler
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-6	61665	333	4.229	147,7	3,49	Sta. Maria Agro Pec. Ind. S/A.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-8	57293	354	4.201	118,8	2,85	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-8	56230	347	4.123	141,0	3,43	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-11	56392	311	3.623	132,7	3,66	Osvaldo e Ribera Fam
Wanda São Carlos - B/94759	OCI	3-9	56701	365	3.623	112,2	3,71	Osvaldo e Ribera Fam
CLASSE B/- de 2 a 1/2 anos.								
Argp. Manu Jara 14 - B/1919-1M	OCI	4-9	61225	365	7.287	263,0	3,60	Hansman Deen - Arapoti
Vila Nova Challenge Wanda - B/44513-1M	OCI	4-8	56300	311	7.029	256,9	3,65	Emil Herrh
S.O. Silvana Jitane Veneranda - B/44099-1M	OCI	4-3	57301	254	6.997	236,6	3,38	Pecuária Arbanas Ltda.
Roda Verde Prisca Wanda II - B/2579-1M	OCI	4-4	55544	311	6.928	211,7	3,05	C.J. de Jonge - Arapoti
Argp. Manu Jara 2 - B/47424-1M	PO	4-5	56104	343	6.847	219,8	3,21	Jan Kool - Arapoti
Jara, Wanda J. Wanda Jitane - B/42111-1M	PO	4-4	51147	365	6.676	236,0	3,53	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-4	61086	361	6.328	209,9	3,31	Coop. Adv. Brasileiro
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-1	61749	341	6.034	175,6	3,55	Roberto Brotero de Barros
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-4	61343	365	6.019	151,9	3,20	Luiz Gonzaga Oliveira
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-2	56167	360	4.565	178,8	3,81	Yakult S/A. Ind. Com.
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-2	61796	365	4.393	162,6	3,70	Roberto Brotero de Barros
Wanda São Carlos - B/41733-1M	OCI	4-5	61746	323	4.238	142,7	3,28	Roberto Brotero de Barros
CLASSE B/- de 3 a 1/2 anos.								
Argp. Manu Jara 25 - B/1471-1M	OCI	4-9	61229	323	3.400	274,3	3,70	Haroldo V. Rodrigues
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-7	52261	365	7.065	268,2	3,79	Agricola S/A. Exp. Agric. Past.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-6	56839	335	7.047	275,3	3,33	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-6	56221	343	6.672	225,3	3,38	Cia. Adv. Tec. Agric. Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-9	55855	314	6.406	258,0	4,02	Jan Kool - Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-9	54701	365	5.948	211,0	3,23	H.A. Protopoma - Arapoti
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-8	49152	323	5.643	219,9	3,89	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-11	49078	311	5.642	170,9	3,02	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-7	60951	365	5.359	194,6	3,63	Guilherme Walter S.Caldas
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-4	50738	338	5.235	143,5	2,74	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-4	62150	349	5.056	200,3	3,99	Exp. e Past. Faz. Guaymas Ltda.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-9	51372	311	4.787	203,3	4,24	Cia. Neocasta Sampa Ind. Com.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-8	49335	314	4.336	143,8	3,21	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-10	51228	365	3.840	137,5	2,55	Helio Moreira Sales
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	4-7	60829	365	3.807	133,9	3,53	Carlos Eduardo F.R. Paris
CLASSE B/- de 4 a 1/2 anos.								
Wanda São Carlos - B/94759-1M	OCI	8-1	41893	365	3.219	356,7	3,85	C.J. de Jonge - Arapoti

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Florencia Willy'S de S.A. - SP/68574-1M	OCI	10-6	61393	365	9.785	298,4	3,04
Arnp. Conde Pakkie 23 - 22445-1M	OCI	6-3	43953	325	8.633	296,3	3,43
Arnp. Conde Pakkie 16 - 22491-1M	OCI	6-4	37667	365	8.312	271,8	3,26
Capella Rancho M.L. - R/6040-1M	31/32	7-3	62936	365	8.303	290,9	3,50
A. Bot. Comet Sovereign Ross 15 - 21651-1M	OCI	7-6	50772	365	8.279	297,8	3,49
Jang. Operária Ferrada Boot. - R/36135	PO	6-6	44820	365	8.131	203,7	2,48
Pemar Man Trilho Nossia - R/44405-1M	PO	7-1	52332	345	8.063	266,9	3,31
Pom Rosafé Cit. Balsesia - R/32491-1M	PO	7-5	51482	365	7.953	274,1	3,55
Arnp. Noviana Dalva - 32888-1M	31/32	5-10	61240	365	7.595	238,8	3,14
Entrada Panoramica - SP/60816-1M	OCI	6-0	55063	354	7.498	240,6	3,20
Dea. Doonara apple Hagen - R/38240-1M	PO	6-4	42504	365	7.475	259,9	3,35
Deusa - 42843-1M	PO	8-10	45370	365	7.345	237,2	3,22
R.V. Deita Am. Hingp. - R/33816-1M	PO	8-0	40385	365	7.254	219,5	3,02
Vermesul Pacl. S.Ky Noltje 41 - R/32527-1M	PO	6-5	50593	365	7.171	240,6	3,35
Arnp. Conde Sita 17 - R/37221-1M	PO	6-5	43997	335	7.112	256,3	3,60
A. Breckhorst Gerrie - 14000-1M	31/32	7-1	48778	365	6.883	218,2	3,17
Jury. Patricia Marieta J. Diamond - R/37770-1M	PO	5-9	45889	365	6.837	240,2	3,51
Samodna Raven Turo - R/38208-1M	PO	11-6	30251	365	6.634	227,4	3,42
S.O. Vaberna Merrit Oberon - R/33655-1M	PO	7-9	41332	365	6.613	226,9	3,43
C.A.B. Saana Gonturion - R/39037-1M	PO	7-11	41235	314	6.607	217,6	3,28
Cajama de Sta. Olívia - 1M	PC	-	56580	314	6.550	212,9	3,23
S.O. Desipa Repião Ouarina - R/37418-1M	PO	6-2	45162	340	6.334	227,0	3,47
4118 Sylvia 3 Pontiac 0H - SP/58947-1M	PC	5-6	46778	324	6.438	205,7	3,18
Tina Willy - R/11704-1M	PO	8-3	49102	356	6.432	222,9	3,46
Doc. Estelira Forty Nirez - R/13089-1M	OCI	6-11	39315	338	6.395	223,7	3,49
Arnp. Nova Grata 9 - 31891-1M	OCI	3-7	40995	365	6.351	202,6	3,19
Matulada Mark J. Pau D'Almeida - QM/383-1M	OCI	5-0	49542	365	6.351	207,0	3,26
Johannes J.J. - SP/5584-1M	OCI	6-10	60794	365	6.323	225,5	3,54
Narotona'S Acres Golden Prilly 8 - 0124714-1M	OCI	5-5	41651	365	6.194	223,3	3,49
Arnp. Mana Bertti 7 - 19301-1M	OCI	8-11	60793	365	6.177	267,8	3,49
Danquirina Oxocorlino - SP/66030-1M	31/16	3-4	54343	361	6.058	203,3	3,25
Bonita Majority C.A.B. - R/71163-1M	OCI	9-6	36364	365	6.344	213,6	3,59
SP 63 Maggie 1 Boot. - R/36454-1M	PO	6-9	50720	365	5.940	227,2	3,82
Jang. Poasia Natalia R. Rootmeier - R/50701-1M	PO	7-1	49344	365	5.853	165,7	2,78
R. Land 2794 Bouris Demoproeta - R/42030-1M	PO	5-0	52958	365	5.793	202,8	3,50
Estima da Prata - 67608-1M	31/32	5-6	49712	338	5.776	182,5	3,15
Jury. Japleira Promis - R/27107-1M	PO	10-4	34875	339	5.762	218,6	3,29
Arnp. Bredelton Inesse 5 - 2766-1M	31/32	11-6	38617	328	5.671	180,1	3,17
(I. 37 São Quirino - SP/55689)	OCI	6-0	44794	335	5.664	195,3	3,44
GV. Von Jany Deception - R/29329	PO	6-0	51595	322	5.655	201,5	3,56
K 251 Ivachko Ricca - SP/61358-1M	PC	5-10	62145	331	5.442	207,2	3,67
Richard Ideal Najesty Sharen - R/44410-1M	PO	5-1	53226	329	5.567	197,3	3,54
R.V. Angelita - R/38401-1M	PO	6-8	42787	365	5.566	193,7	3,48
Arnp. Naravelha Verbena Majority - R/40399-1M	PO	5-0	48351	365	5.541	234,4	4,22
Rafaela da Prata - 1M	NR	-	61842	322	5.522	183,9	3,23
R.O. Debomba Paclamar Quina - R/36807	PO	6-4	46727	320	5.491	190,3	3,46
R.V. Bonacha Buzko Kato - 44873-1M	OCI	8-5	48963	338	5.445	174,5	2,90
P. Pintura Magnifico - R/13418-1M	PO	8-7	38961	365	5.444	189,7	3,48
Yoland 2534 Omby Prefect - R/40337	PO	6-5	49444	319	5.435	182,9	3,48
Hartana'S Penson Victor 2 - 085/0124733-1M	PO	5-4	49730	357	5.405	209,1	3,48
T 20 São Quirino - 48268-1M	OCI	7-8	41140	360	5.371	193,4	3,59
Marijan Vesna Cotty Margula - R/38138-1M	PO	7-7	51564	318	5.362	209,6	3,59
Jang. Nossia Silva Performer - R/36274	PO	7-10	41631	354	5.361	189,5	3,36
R. 238 Robert Hoon - SP/51365	PO	5-10	62144	338	5.359	187,6	3,36
R.A. Irika Hout - R/41822	PO	7-2	51914	365	5.235	184,1	3,45
Trifunfo Dulis Villana - R/41700-1M	PO	6-1	47890	321	5.212	185,2	3,47
Yrisolvia Mearth Bolova - R/42544	PO	7-4	50605	365	5.200	189,9	3,43
Chibeta de Sta. Olívia - SP/81092	PC	7-11	53548	354	5.199	189,1	3,43
J.G. Jacova Royal Master - R/26948-1M	PO	7-7	41840	365	5.169	171,3	3,21
Jang. Lúndia Royal Master - R/28010	PO	8-10	35086	320	5.072	154,5	3,04
R 275 Ivanhoé Hoon - SP/61402	PC	5-6	63147	348	5.042	154,1	3,05
Jang. Flávia I. Janel N. Sossan - R/49099	PO	5-1	47882	365	4.941	166,4	3,36
Odor Nossia Garmifira - 55392	OCI	9-0	44665	320	4.914	175,1	3,56
Deusa da Guayana - SP/57979	PC	10-8	53215	365	4.891	182,9	3,74
Caviana de St9 Antonio - 37896	PO	10-8	48221	324	4.860	177,6	3,65
Quatera R.B.A. - 61789-1M	31/32	5-3	61751	330	4.802	167,0	3,45
Odessa da A.J.M.J. - SP/77125	31/32	5-9	61701	311	4.802	159,2	3,31
Jiboda Sta. Olívia - SP/20345	15/16	6-8	48227	365	4.763	175,7	3,42
Jardim Panziarica - R/32735-1M	PO	8-2	44457	315	4.732	150,5	3,18
S.O. Saturnina Prile Isabel - R/32237	PO	8-2	39795	313	4.557	161,6	3,53
Deborah F.N. - SP/75788	31/32	5-4	61379	365	4.440	159,9	3,40
Elisabete F.N. Jaco - 1M	PO	-	61000	353	4.388	162,4	3,70
Martona de Sta. Olívia - SP/97930	PC	-	55696	215	4.146	148,8	3,58
Alida R.A. - SP/66411	31/32	8-4	61703	316	4.064	139,5	3,43
S.O. Balatira Merrit Jurena - R/30843	PO	8-5	39745	317	3.841	123,4	3,21
Trinoveira Jardim - 18953	OCI	8-5	38528	365	3.779	139,4	3,48
Opes de Hada Noss - 1M	NR	9-8	36157	385	3.643	123,8	3,39
Shony Lindley R. Sood'S - SP/104623	OCI	8-0	61526	333	3.463	128,3	3,70
Pom Ivanhoé Piper Guadaluera - R/32044	PO	8-0	50777	365	3.462	127,6	3,48
Paula Ades 4 de B. Beccolo - 24672	PC	10-4	42796	355	3.187	107,1	3,26
Paula - Cont. 104	NR	5-7	62340	365	3.148	120,9	3,84
Paula - Cont. 104	PC	9-13	61897	320	3.020	113,9	3,77
Marielara de F.N. - 53935	NR	7-3	44333	325	2.856	88,1	3,08
Yacelinda Merrit do B. Recorio - 1M	NR	7-3	44333	325	2.856	88,1	3,08
Yacelinda de Sta. Olívia - SP/87151	PC	7-8	56130	316	2.803	96,7	3,43
Jarada Fyland Cont. de N. Noss - 1M	NR	5-3	51484	352	2.694	102,6	3,80
Trinoveira de Hada Noss - 1M	NR	-	44023	318	2.680	89,1	3,23

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

			Três Ordenas (3)		
LEONAR AP - var. 2 1/2 anos.					
PROFESSOR PA. BERTINA'S - SP/19634-1M	PC	2-1	61293	365	8.053 293,2 3,35

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE A1 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Flora Royal 708 - QB/541 - IM	QB	2-9	61866	335	5.051	188,4	3,69	Antonio Carlos Racho V. de Almeida
Florinda Mourão Red 808 - QB/543	QB	2-7	61867	328	4.395	157,3	3,57	Antonio C. Racho Vaz de Almeida
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.								
Regulador Euro Red - LB/510 - IM	PO	3-8	55865	365	5.552	207,5	3,73	Valmir Spinelli e Irmão
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Urso Açude Pocrantas - LB/496 - IM	PO	4-7	61557	359	6.742	238,2	3,53	Antonio C. Racho V. de Almeida
SE Passarela Royal 85 - IM/4156 - IM	PO	4-7	50204	358	5.728	230,7	4,02	Eduardo Simonsen
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
QV Cláudia Polly de Flaminio - QB/354 - IM	QB	9-4	37097	313	6.455	240,9	3,73	Hugo Meinado Basso
Belaíria Wêlle de Sant'Ana - QB/434 -	QB	7-11	41377	311	6.308	211,7	3,35	Exp. Gabriel Dias Pereira
Riquessa Royal Red S.C. - SP/57562	OC1	5-5	46975	365	6.296	206,3	3,27	Valmir Spinelli e Irmão
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.								
Bertram Professor Paulinho Red - IM	PO	2-2	60976	365	4.799	169,1	3,52	Antonio Toledo L. Neto
C. Wincrest Red Klaser Red -	PO	2-2	61743	321	2.989	106,6	3,56	Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE N2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Onélia Wêlle de Sant'Ana - SP/6798 - IM	OC1	2-11	55879	333	6.643	174,0	2,87	Geraldirio Natal Madureira
Norvaline Key Beauty Red - IM/5134 - IM	PO	2-11	61077	338	5.452	206,5	3,78	Geraldirio Natal Madureira
São Simão Mirabel - IM/4814 - IM	PO	2-10	61437	365	4.870	165,8	3,40	Antonio Toledo L. Neto
Naysiana Wiroto; 120 Sorana - SP/100036 - IM	PO	2-6	61278	337	4.267	155,7	3,64	Luiz Viscardi
Bartira Gely Red da Nalva - 117503 - IM	OC4	2-6	61886	312	4.249	159,6	3,75	Luiz Shethman
Rosária's Orquídea Fabat - IM/5110	PO	2-7	61893	342	3.426	126,7	3,99	Roberto F. Contino
CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Edimur Ole Russ Red -	PO	3-1	61281	322	4.279	147,2	3,44	Luiz Viscardi
Marta de São Simão - SP/93001	OC2	3-0	61710	318	2.614	96,8	3,70	Antonio Toledo L. Neto
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.								
Marília Nôel de S.A. - SP/84713 - IM	OC3	3-10	54171	360	7.083	248,5	3,50	Vasco M. L. Neres Amanté
Boy-Bu Suzabel Jasper Red - IM/5149 - IM	PO	3-11	54465	365	5.640	207,9	3,68	Luiz Viscardi
Carolina Red Wiro - SP/62594 - IM	OC2	3-11	61090	357	5.134	190,7	3,71	Antonio Bassoli
Paulista Downland Sualq - SP/103542 -	OC1	3-10	55498	365	4.612	129,2	2,80	Ex. Sup. de Agric. Luiz de Castro
Biana Wood NCB Nettie -	PO	3-7	61280	311	3.402	125,4	3,68	Luiz Viscardi
Dalinda 20 Ocio de H.N. -	NR	3-7	55814	335	2.957	105,3	3,56	Morada Nova Agric. e Pec. Ltda.
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Jarua Royal F.S.L. Aquano - SP/76773 -	OC2	4-2	55733	360	2.943	106,4	3,61	Pedro Ferreira Faus
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Belaíria 2008 Symbol Ruba - LB/143 - IM	PO	4-10	51450	355	8.357	237,9	2,84	Laercio Valle Nilmus
Aracings Lena F 1 Conturino - IM/4048 - IM	PO	4-8	50200	365	4.891	196,9	4,02	Dalio C. Kluppel - Aragoiti
Orquíde Simã 44 - LB/5113 -	PO	4-7	51934	314	4.204	141,6	3,36	Antonio Josino Meirelles
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Onélia Klaser de Meirelles - 57014 - IM	PO	5-10	46281	365	8.520	270,9	3,17	Antonio Josino Meirelles
Norvaline Key Beauty Red - IM/5134 - IM	PO	10-6	32874	365	6.357	238,3	3,74	Roberto F. Contino
Taverita Cit. R. de Meirelles - QB/397 - IM	QB	7-9	39994	319	6.166	194,7	3,15	Antonio Josino Meirelles
São Simão de Owy - IM/3273 -	PO	6-10	43114	365	5.776	187,6	3,24	Antonio Toledo Lara Neto
Paulista Royal Wiro - IM/60885 - IM	OC1	5-10	46737	318	5.512	187,2	3,39	Antonio Bassoli
Azara 0214 Sorana - SP/67695 - LB	31/32	5-4	49441	320	5.255	189,4	3,60	Luiz Viscardi
Ira de São Simão - 60394	OC3	5-1	50216	357	5.131	170,2	3,31	Antonio Toledo Lara Neto
S.L. Corrine 4 Conturino - IM/2587 -	PO	8-11	38913	345	5.018	183,8	3,66	Laercio Valle Nilmus
Marília Nôel de Meirelles - SP/57000	OC1	5-10	46662	342	4.797	160,6	3,34	Antonio Josino Meirelles
Carolina Wiroto Standard - SP/107291	31/32	6-11	55583	325	4.603	155,4	3,37	Christiano dos Reis Meirelles
Riquessa 1008 Red M. Alim - QB/360	QB	6-8	42930	365	4.417	156,3	3,53	Pedro Ferreira Faus
Ocio Alinda Harpinto Santos - IM/3611	PO	6-1	50681	313	4.069	166,5	4,09	Geraldirio Natal Madureira
Carolina F.L.F. -	NR	-	58560	365	3.792	125,0	2,29	Francisco Lopes Filho
São Simão Superstar - IM/3852 -	PO	5-2	48453	341	3.730	139,1	3,73	Antonio Toledo Lara Neto
Belaíria de Marco Wêlle - IM/107474 -	PO	-	61888	316	2.929	105,3	3,59	Fernando de Souza Toledo
Data Ordenhas (2x)								
Raça Jersey								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.								
QV Cláudia Polly de N. Damasceno - 12143-C - IM	PO	2-4	61888	323	2.594	147,3	5,67	Antonio Carlos Firmeiro Machado
CLASSE B1 - Adultas, de mais de 5 anos.								
F.A. Helms 80 Nalva - 8037-C - IM	PO	10-1	50662	365	4.836	221,3	4,57	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Superstar 59 Madaloz - 15048-C - IM	PO	6-4	43357	332	4.225	197,5	4,67	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
F.C.B. Calera - 10903-C -	PO	5-8	51566	311	4.105	155,6	4,03	Mario Lopes Leão
Jaca Florinda Especial - 4405-C	PO	17-3	13575	365	2.117	112,1	5,29	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Três Ordenhas (3x)								
Raça Parda Suíça								
CLASSE A1 - de 2 a 3 1/2 anos.								
R.C. Cláudia Slogans III - IM	PO	3-3	60972	360	7.176	285,0	3,97	Benedito Portagal Renoç
Data Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.								
Marília Tansen de S.C. - 4436 -	PO	2-4	61714	351	2.839	127,9	4,50	Carina Cardoso A. Amorim
CLASSE A1 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Marília II Tansen de S.C. - 4422 -	PO	2-7	61713	333	2.861	118,4	4,22	Carina Cardoso A. Amorim

NOME DO ANIMAL

Grav do sangue
Idade anos/meses
N.º SCL
Dias de lactação
Produção
Leite kg
Gord. kg

PROPRIETÁRIO

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Meadia de Sta. Madalena - 3113 - IM	PC	3-4	60528	365	3.510	171,9	4,89	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Noba - 1239-	PC	4-0	61894	365	3.595	152,7	4,24	Gabriel Donato de Andrade
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos. S.C. - Acacia Topper I - 5760 - IM Borita de Sta. Tereza - 2429	PO OCA	4-10 4-9	49521 60892	353 365	5.953 3.346	200,7 154,1	3,50 4,60	Benedito Portugal Bencó Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Viola - 5720- IM	PO	6-1	46528	365	4.957	184,8	3,72	Agro Pec. Saigo Brasileira Ltda.
SM Princesa Pluribus - 1573- IM	PC	5-2	49514	336	4.459	224,8	5,04	Cia. Agro Pec. Sta. Madalena
Carteira de São Carlos - 724- Enilda - 1960	7/8	7-11	40854	365	3.954	164,7	4,16	Carlos Carneiro A. Jaciriz
SM El Vallier Univerne - 5397- IM	15/16 PO	8-7 5-7	49410 56287	336 365	3.641 3.595	133,6 170,8	3,46 4,97	Tasso Assunção Costa Cia. Agro Pec. Sta. Madalena

Raça Simental

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE M1 - de 2 1/2 a 3 anos. Basil Firmez Natucha da Borquelra - 1458 Nocira de Sta. Maria - 1231 -	PO	2-8 2-7	61650 61467	315 350	3.084 2.952	93,7 118,6	3,03 4,01	Carlos T. Silva e José C. Teixeira Sta. Maria Agro Pec. Ind. S/A.
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Nina Nobel Regina - 1437-	PO	5-4	59982	318	4.198	141,2	3,36	Carlos T. Silva e José C. Teixeira

Raça Dinamarquesa

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE B1 - de 3 1/2 a 4 anos. Arlis São José - 607	PC	3-6	61421	332	3.398	132,0	3,88	Orcestrato Olavo S. Barbosa
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Maleta São José - 341 - IM	PC	7-2	42562	320	4.520	178,4	3,94	Orcestrato Olavo S. Barbosa

Raça Pitangueiras

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Bianca - 6669- IM	-	8-10	38921	365	4.404	183,4	4,16	S/A. Frigorífico Anglo
Bessia - P-791	-	7-4	44861	329	4.330	170,4	3,93	S/A. Frigorífico Anglo
Baronessa - M-497 - IM	-	10-0	35948	324	4.278	184,0	4,30	S/A. Frigorífico Anglo
Bilda - 9451 - IM	-	8-0	42476	365	4.271	177,7	4,16	S/A. Frigorífico Anglo
Bertiloga - 9634-	-	-	50946	365	4.058	167,0	4,11	S/A. Frigorífico Anglo
Barrista - 1358 -	-	-	50886	365	3.082	161,7	4,16	S/A. Frigorífico Anglo
Batula - P-385- IM	-	13-4	29419	348	3.864	171,2	4,42	S/A. Frigorífico Anglo
Bastarda - H-349- IM	-	12-3	31729	344	3.849	172,4	4,47	S/A. Frigorífico Anglo
Bolange - H.614	-	-	42215	356	3.750	160,6	4,28	S/A. Frigorífico Anglo
Andreana - 3751 -	-	6-10	44104	365	3.738	150,7	4,03	S/A. Frigorífico Anglo
Camadana - 9448 -	-	8-2	40505	317	3.722	155,6	4,18	S/A. Frigorífico Anglo
Calitico - E 416 -	-	11-5	31240	316	3.496	153,4	4,38	S/A. Frigorífico Anglo
Artalheira - 4710 -	-	-	46325	385	3.407	143,6	4,21	S/A. Frigorífico Anglo
Degeratriz - E 387 -	-	10-4	36100	360	3.268	138,5	4,22	S/A. Frigorífico Anglo
Stova - 3735 -	-	7-1	44871	335	3.203	138,6	4,32	S/A. Frigorífico Anglo
Molanda - 8528 -	-	11-7	34702	344	3.149	145,3	4,61	S/A. Frigorífico Anglo
Regada - P-460-	-	9-7	36891	334	3.124	135,4	4,33	S/A. Frigorífico Anglo
Arpa - 9620	-	-	47740	324	3.046	129,0	4,24	S/A. Frigorífico Anglo
Arnela - 7682-	-	-	56157	365	3.023	130,0	4,29	S/A. Frigorífico Anglo
Boiana - B 746	-	-	56691	332	3.018	125,3	4,15	S/A. Frigorífico Anglo
Biloga - 4860 -	-	-	52071	365	2.986	127,6	4,39	S/A. Frigorífico Anglo
Borogêta - 3852	-	-	52075	365	2.792	118,2	4,23	S/A. Frigorífico Anglo
Birigete - 3428 -	-	11-11	31916	336	2.689	119,8	4,45	S/A. Frigorífico Anglo
Birigete - E 445	-	9-3	40089	324	2.657	112,5	4,23	S/A. Frigorífico Anglo
Bonália - 0402-	-	-	50768	365	2.497	102,2	4,09	S/A. Frigorífico Anglo
Isabel - 2744-	-	-	61742	328	2.388	105,8	4,43	S/A. Frigorífico Anglo
Bogala O-377	-	11-6	31740	329	2.355	104,5	4,43	S/A. Frigorífico Anglo
Maximiliana - B- 854	-	5-1	51307	316	1.943	86,4	4,44	S/A. Frigorífico Anglo

Raça Gir

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos. Floreana - Luzia de Brasília - O-8732- Nova York de Brasília - Leviana de Brasília -	NR	11-0 7-4 NR 7-7	32061 54023 60906 50717	365 365 347 333	3.708 3.465 2.716 2.655	150,8 143,7 138,1 109,6	4,06 4,14 5,11 4,12	Francisco F. Barretto Roberta Rosado Peres Roberta Rosado Peres Roberta Rosado Peres
--	----	--------------------------	----------------------------------	--------------------------	----------------------------------	----------------------------------	------------------------------	---

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Arlis - B-7352- IM	RE	3-1	47367	303	3.528	149,3	4,21	Wipac A.C. Diniz
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos. Beliana - 36 - Bolívia - 4 - Bede - 45	NR NR NR	3-7 3-11 3-7	60862 60874 60870	365 365 365	2.607 2.138 2.096	111,4 98,7 96,9	4,27 4,61 4,62	Francisco F. Barretto Francisco F. Barretto Francisco F. Barretto
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. S.C. Jureta Depoente - P-6979- IM Poliana - 1134	NR NR	4-4 4-0	61618 61436	312 364	2.936 2.141	151,8 99,9	5,17 4,68	Weslei e José João S. R. dos Reis Francisco F. Barretto

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Novel Alena de Castro-José Castro-Del. de São Paulo-Controle em 2/12/60. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alena Balança 2.ª Ordem	NO	13-1	30	147	23,0	3,21
Alena Balança 3.ª Ordem	NO	7-2	30	145	19,0	3,43
Alena Balança 4.ª Ordem	NO	8-1	30	138	22,0	3,79
Alena Balança 5.ª Ordem	NO	8-1	60	142	19,0	3,57

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Nellei Mariana Balança-José Castro-Del. de São Paulo-Controle em 2/12/60. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Nellei	NO	3-10	40	133	18,0	3,51
Nellei 2.ª	NO	8-0	40	104	19,0	3,49
Nellei 3.ª	NO	4-0	40	118	15,0	3,70
Nellei 4.ª	NO	3-2	30	75	24,0	3,43
Nellei 5.ª	NO	8-1	30	104	22,0	3,20
Nellei 6.ª	NO	-	30	48	23,0	3,40
Nellei 7.ª	NO	3-2	20	45	22,0	3,77
Nellei 8.ª	NO	5-7	30	116	24,0	3,34
Nellei 9.ª	NO	8-2	120	300	15,0	3,26
Nellei 10.ª	NO	5-2	30	346	21,0	3,35
Nellei 11.ª	NO	4-0	30	225	14,0	3,71
Nellei 12.ª	NO	11-11	70	227	14,0	3,63
Nellei 13.ª	NO	5-7	40	192	14,0	3,40
Nellei 14.ª	NO	3-2	70	180	17,0	3,48
Nellei 15.ª	NO	3-2	60	210	18,0	3,49
Nellei 16.ª	NO	8-0	50	172	18,0	3,50
Nellei 17.ª	NO	8-0	40	132	19,0	3,34
Nellei 18.ª	NO	11-7	40	139	15,0	3,68
Nellei 19.ª	NO	5-7	30	167	15,0	3,40
Nellei 20.ª	NO	8-0	110	158	15,0	3,32
Nellei 21.ª	NO	3-0	90	258	15,0	3,53
Nellei 22.ª	NO	3-2	80	257	12,0	3,51
Nellei 23.ª	NO	3-2	80	254	12,0	3,52
Nellei 24.ª	NO	3-0	80	243	15,0	3,44
Nellei 25.ª	NO	3-0	80	256	16,0	3,62
Nellei 26.ª	NO	3-0	80	241	17,0	3,50
Nellei 27.ª	NO	2-11	80	232	13,0	3,73
Nellei 28.ª	NO	2-11	80	248	15,0	3,47
Nellei 29.ª	NO	1-3	80	249	15,0	3,58
Nellei 30.ª	NO	1-0	70	237	13,0	3,41
Nellei 31.ª	NO	3-0	80	239	13,0	3,55
Nellei 32.ª	NO	3-0	70	230	14,0	3,74
Nellei 33.ª	NO	3-0	70	226	16,0	3,59
Nellei 34.ª	NO	6-2	70	217	13,0	3,65
Nellei 35.ª	NO	-	70	222	13,0	3,48
Nellei 36.ª	NO	8-0	70	214	14,0	3,72
Nellei 37.ª	NO	6-11	70	214	20,0	3,36
Nellei 38.ª	NO	3-0	80	187	17,0	3,52
Nellei 39.ª	NO	4-0	80	195	15,0	3,36
Nellei 40.ª	NO	5-7	40	181	13,0	3,34
Nellei 41.ª	NO	3-4	40	214	14,0	3,50
Nellei 42.ª	NO	7-11	50	184	19,0	3,42
Nellei 43.ª	NO	5-10	50	174	18,0	3,44
Nellei 44.ª	NO	7-5	50	168	18,0	3,39
Nellei 45.ª	NO	8-0	50	167	23,0	3,39
Nellei 46.ª	NO	4-0	40	137	19,0	3,39
Nellei 47.ª	NO	4-11	40	143	22,0	3,32
Nellei 48.ª	NO	4-10	40	143	22,0	3,32
Nellei 49.ª	NO	3-11	40	131	17,0	3,40
Nellei 50.ª	NO	8-1	40	133	17,0	3,44
Nellei 51.ª	NO	8-1	40	133	25,0	3,34
Nellei 52.ª	NO	8-1	40	133	25,0	3,34
Nellei 53.ª	NO	5-0	40	106	20,0	3,44
Nellei 54.ª	NO	8-11	40	104	19,0	3,68
Nellei 55.ª	NO	5-7	40	119	14,0	3,86
Nellei 56.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 57.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 58.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 59.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 60.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 61.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 62.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 63.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 64.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 65.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 66.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 67.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 68.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 69.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59
Nellei 70.ª	NO	8-10	40	119	15,0	3,59

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
São Francisco Paula-Variante Del. de São Paulo-Controle em 10/12/60. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Paula	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 2.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 3.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 4.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 5.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 6.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 7.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 8.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 9.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 10.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 11.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 12.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 13.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 14.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 15.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 16.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 17.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 18.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 19.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 20.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 21.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 22.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 23.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 24.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 25.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 26.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 27.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 28.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 29.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 30.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 31.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 32.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 33.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 34.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 35.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 36.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 37.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 38.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 39.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 40.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 41.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 42.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 43.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 44.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 45.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 46.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 47.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 48.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 49.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 50.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 51.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 52.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 53.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 54.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 55.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 56.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 57.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 58.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 59.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 60.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 61.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 62.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 63.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 64.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 65.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 66.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 67.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 68.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 69.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 70.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 71.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 72.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 73.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 74.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 75.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 76.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 77.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 78.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 79.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 80.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 81.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 82.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 83.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 84.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 85.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 86.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 87.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 88.ª	NO	3-0	30	181	20,0	3,23
Paula 89.ª	NO	3-0	30			

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Caral 126	PC	-	89	163	18,0	3,41
Dr. Roberto Simoes, Rua Capanga Paulista, Bot. de São Paulo, Controle em 4/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Belizete Apia 1262 2002 2004	GC1	7-10	39	43	24,0	4,00
Ca. Regina Trampa Ind. Com. Industrial, Bot. de Minas Gerais, Controle em 4/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha						
Justina Alberta	PO	6-10	29	74	27,0	2,99
Justina Gabriela	PO	6-9	29	71	28,0	2,95
Justina Juliana	GC2	2-9	29	32	17,0	2,78
2 ordenhas						
Justina Isela	PO	5-6	29	71	18,0	3,28
Palme Juliana	GC1	8-11	19	8	26,0	2,79
Justina Tereza	PO	7-8	19	1	23,0	4,33
Antonio La Metta, Ingra, Bot. de São Paulo, Controle em 4/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha						
Justina Mariana	PO	5-6	29	76	22,0	3,23
Justina Maria	GC1	2-7	29	27	25,0	2,69
Justina Nidia	PO	5-6	29	83	26,0	3,20
Justina Nidia	PO	6-9	29	139	32,0	3,23
Justina Nidia	PO	6-6	29	132	34,0	3,29
Justina Nidia	PO	6-6	29	58	21,0	3,29
Justina Nidia	PO	6-7	29	35	31,0	3,28
Justina Nidia	PO	7-8	29	31	23,0	5,31
Justina Nidia	PO	6-1	29	62	29,0	3,29
Justina Nidia	PO	6-2	29	25	28,0	3,24
Justina Nidia	PO	6-2	29	92	31,0	3,38
Justina Nidia	PO	6-2	29	73	29,0	3,30
Justina Nidia	PO	6-2	29	97	28,0	2,73
Justina Nidia	PO	6-2	29	14	30,0	3,13
Justina Nidia	GC1	6-7	19	19	17,0	4,68
2 ordenhas						
Justina Nidia	PO	3-4	29	76	24,0	3,20
Justina Nidia	PO	5-1	29	208	19,0	4,18
Justina Nidia	PO	3-5	29	355	16,0	3,56
Justina Nidia	PO	3-2	29	190	20,0	3,63
Justina Nidia	PO	1-4	29	46	20,0	4,25
Justina Nidia	PO	3-2	29	120	35,0	3,29
Justina Nidia	PO	3-2	29	362	19,0	3,53
Justina Nidia	PO	4-3	29	67	25,0	4,60
Justina Nidia	PO	3-1	29	220	14,0	3,47
Justina Nidia	PO	5-4	29	143	21,0	3,13
Justina Nidia	PO	4-0	29	224	14,0	3,62
Justina Nidia	PO	3-9	29	49	23,0	4,90
Justina Nidia	PO	3-6	29	96	26,0	3,62
Justina Nidia	PO	3-6	29	277	19,0	3,05
Justina Nidia	PO	4-4	29	145	21,0	3,26
Justina Nidia	PO	3-6	29	118	15,0	3,18
Justina Nidia	PO	4-0	29	43	22,0	4,10
Justina Nidia	PO	4-1	29	214	14,0	3,13
Justina Nidia	PO	4-1	29	69	18,0	4,71
Justina Nidia	PO	4-1	29	60	18,0	3,62
Justina Nidia	PO	5-8	29	174	17,0	3,59
Justina Nidia	PO	5-8	29	204	20,0	3,11
Justina Nidia	PO	5-3	29	19	19,0	3,17
Justina Nidia	PO	5-8	29	180	21,0	3,63
Justina Nidia	PO	4-11	29	340	20,0	4,03
Justina Nidia	PO	5-12	29	244	20,0	3,50
Justina Nidia	PO	5-14	29	527	22,0	3,84
Justina Nidia	PO	5-4	29	141	15,0	2,68
Justina Nidia	PO	6-12	29	77	16,0	4,08
Justina Nidia	PO	6-12	29	146	16,0	3,17
Justina Nidia	PO	5-1	29	19	19,0	3,64
Justina Nidia	PO	4-11	29	258	21,0	3,83
Justina Nidia	PO	5-1	29	358	17,0	2,89
Justina Nidia	PO	1-6	29	340	20,0	3,49
Justina Nidia	PO	1-1	29	181	15,0	3,16
Justina Nidia	PO	5-11	29	309	20,0	3,28
Justina Nidia	PO	3-10	29	216	17,0	3,53
Justina Nidia	PO	6-6	29	156	16,0	3,65
Justina Nidia	PO	5-2	29	132	16,0	2,49
Justina Nidia	PO	5-7	29	132	14,0	4,09
Justina Nidia	PO	4-4	29	209	22,0	3,43
Justina Nidia	PO	5-1	29	229	14,0	2,83
Justina Nidia	PO	5-1	29	125	14,0	3,43
Justina Nidia	PO	5-6	29	182	20,0	3,95
Justina Nidia	PO	5-6	29	162	25,0	3,20
Justina Nidia	PO	5-7	29	170	19,0	2,80
Justina Nidia	PO	5-6	29	232	15,0	3,46
Justina Nidia	PO	5-2	29	180	22,0	3,54
Justina Nidia	PO	5-4	29	1	27,0	4,24
Justina Nidia	PO	4-3	29	3	23,0	4,78
Justina Nidia	GC1	4-1	29	1	24,0	4,06
Justina Nidia	PO	5-1	29	211	15,0	3,36
Justina Nidia	PO	3-4	29	132	19,0	3,70
Justina Nidia	PO	3-8	29	133	19,0	2,79
Justina Nidia	PO	4-5	29	136	14,0	3,06
Justina Nidia	PO	4-1	29	142	14,0	3,87
Justina Nidia	PO	2-1	29	144	15,0	3,18
Justina Nidia	PO	2-5	29	146	19,0	4,02
Justina Nidia	GC1	4-4	19	25	26,0	3,63
Dr. Orlando Figueiredo Furtos, Bot. de São Paulo, Controle em 16/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Justina Nidia	GC1	3-6	29	85	36,0	1,95
Justina Nidia	PO	3-4	29	68	27,0	2,25
Justina Nidia	PO	3-7	29	51	43,0	2,84
Justina Nidia	PO	3-2	29	126	25,0	3,13
Justina Nidia	PO	3-1	29	111	34,0	2,81
Justina Nidia	GC1	3-1	29	30	31,0	2,03
Justina Nidia	GC1	3-3	18	18	30,0	2,27
Justina Nidia	GC1	2-4	29	65	32,0	2,21
Justina Nidia	GC1	2-2	18	74,0	2,06	2,06
Justina Nidia	GC1	2-3	29	178	19,0	2,26
Justina Nidia	PO	2-9	40	178	19,0	2,26

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	
Alma da Saia	GC1	31/32	6-11	89	163	25,0	3,41
PO	3-0	29	121	41,0	2,87		
GC2	7-8	89	225	26,0	2,50		
Wilson Giampetro, Impl. 559 do Fical, Bot. de São Paulo, Controle em 16/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Favorita M. do Grão	GC1	31/32	-	19	51	16,0	3,27
Novada do Grão Paulista	GC1	31/32	-	10	4	17,0	4,12
Viçosa R.R.S.	GC1	31/32	6-11	29	1	19,0	1,87
Avulsoira 94 Rock Peri.	GC1	31/32	8-11	29	1	14,0	2,77
Ayriz, e Past. Par. Guayara Ind. Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 16/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
T 271 D. Roca	PO	31/32	6-4	29	54	14,0	3,62
Novada II do Guayara	PO	8-1	29	45	22,0	3,71	
E 288 Ivocho Roca	PO	11/11	6-2	19	21	20,0	3,84
E 283 Fica Fica Roca	PO	5-11	29	129	16,0	3,41	
E 317 Charro Roca	PO	31/32	5-8	89	226	14,0	3,67
E 349 Acilina 48 Roca	PO	31/32	4-6	79	215	17,0	3,45
Isa do Guayara	PO	4-0	89	115	21,0	3,52	
E 257 Ivocho Roca	PO	31/32	4-4	60	114	23,0	3,48
T 273 J. Roca	PO	31/32	4-3	40	109	14,0	3,54
T 300 P.D.R.	PO	31/32	5-5	49	108	17,0	3,34
E 326 Ivocho Roca	PO	5-4	29	86	15,0	3,21	
E 292 Roca	PO	5-10	29	57	22,0	3,41	
D. Vitor Cláudio Roca	PO	5-4	30	81	21,0	3,48	
E 282 Fica Fica Roca	PO	6-5	29	89	19,0	3,31	
Coop. Agro Par. Bolonha Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 20/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Volante Lady	PO	31/32	7-2	50	128	25,0	1,75
Alagoas da Bolonha	GC1	7-3	79	209	14,0	1,55	
Sison Coost, Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 20/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Margarete III da Bolonha	GC1	3-3	29	56	25,0	3,32	
Gracie da Bolonha	PO	6-5	29	32	27,0	4,25	
Isela da Bolonha	-	-	-	20	26	20,0	3,13
Bolonha Coost Helste	-	-	-	19	7	15,0	3,16
Mikaelson Coost, Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 18/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S.D. Urtacha Otonete Botonha	PO	7-1	50	125	21,0	3,27	
Bolonha Ig Tina Willey Star	PO	2-2	40	88	21,0	3,38	
Calde Expectation Milena	PO	5-2	40	82	21,0	3,52	
Ariete da Bolonha	PO	3-8	40	94	22,0	2,82	
Calde Reversion Loretta	PO	4-4	30	84	20,0	4,32	
Ig Maria da Bolonha	PO	4-0	29	57	19,0	2,04	
Ig Ariete II da Bolonha	-	-	29	10	19,0	4,06	
Calde Reversion Loretta	PO	4-1	30	211	19,0	4,58	
Ig Ada da Bolonha	PO	3-5	30	173	16,0	3,84	
Calde Mia Milena Brigitte	PO	6-1	79	194	14,0	2,23	
Ig Chacrinha da Bolonha	GC1	4-4	79	289	19,0	2,93	
R.S. Tuboco Fride Florencia	PO	6-1	60	180	14,0	3,18	
Ada da Bolonha	GC1	5-2	79	194	14,0	3,55	
Ig Teresinha II da Bolonha	GC1	2-4	50	155	14,0	3,43	
Bolonha Ig Maria Star	GC1	2-1	50	156	14,0	3,43	
Ig Tina II da Bolonha	GC1	2-9	79	131	17,0	3,44	
Valdir Spinelli e Irineu Loretta, Bot. de São Paulo, Controle em 11/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Cláudio Coop. Astro Astrid Tain	PO	3-11	19	12	30,0	3,69	
Lara do Galo Vertical Calde	PO	5-7	29	32	32,0	3,29	
Harmonia Red Irma	PO	4-3	29	42	21,0	2,78	
Wald Novosa Rocio Capelle	PO	4-2	29	98	17,0	3,08	
Wald Star King Iron	PO	5-4	29	74	20,0	2,59	
Wald Grace Delight Espera	PO	5-0	40	108	21,0	3,34	
Wald Gula Premier Boot.	PO	5-0	29	136	25,0	3,25	
Aura 111 Opande	GC1	7-8	29	183	20,0	3,48	
Harmonia 49 Lara do Galo	GC1	4-11	79	134	31,0	4,48	
Bilbona 49 Otonite	PO	5-10	79	201	31,0	4,56	
Wald Opande Model Espera	PO	3-7	79	208	31,0	4,12	
Capelle Lucy	PO	4-9	89	111	20,0	3,23	
Bilbona 49 Royalstar	PO	5-10	89	117	13,0	3,01	
Son Fátima V Aspirant Boot.	PO	5-4	89	148	22,0	3,80	
Roberto Van Ruyter, Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 15/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Roberto's Mary Red Apple	PO	4-3	129	145	17,0	2,58	
Bolonha II Cida	PO	3-11	129	146	17,0	2,78	
Roberto's Rosa Capelle Indiana	PO	4-4	129	155	17,0	3,19	
Roberto's Rosa Capelle	PO	4-4	89	181	16,0	2,86	
Roberto's Rosa Capelle	PO	4-10	89	192	21,0	3,21	
Bolonha II Ruyana	GC1	-	19	27	25,0	2,33	
Carlos Oviedo R. Lima, Japonesa, Bot. de São Paulo, Controle em 16/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Frederick Merit Corli	PO	4-5	19	34</			

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %			
Arnoldo S. Depoerça	PO	11/32	4-5	47	117	24,0	1,38	Reveria São Quirino	GBB	5-7	20	42	25,1	1,27
Arnoldo F. Flamin	PO	11/32	4-6	49	96	27,2	2,88	PO	2-8	20	37	31,1	1,25	
Ant. Cruz Trapp Sestier	PO	11/32	2-11	40	142	26,0	3,30	PO	4-20	20	32	27,1	1,23	
Arnoldo F. Flamin	PO	11/32	6-7	42	121	24,0	1,13	PO	2-6	10	33	25,0	1,40	
Arnoldo S. Depoerça	PO	11/32	4-3	30	94	26,0	2,95	PO	3-6	10	31	28,0	1,42	
Arnoldo S. Depoerça	PO	11/32	4-8	40	139	18,0	3,46	PO	8-11	10	28	11,0	2,80	
Arnoldo S. Depoerça	PO	11/32	6-1	30	84	20,0	3,20	PO	2-7	10	20	27,0	1,40	
Arnoldo S. Depoerça	PO	11/32	4-1	30	44	28,0	2,60	PO	6-4	10	24	22,0	1,44	

Fazenda Portaleza Ltda. Nova Odessa, São Paulo. Controle em 27/11/60. Resultado do parto com raça esportivar. 1. colônia.

A.F. Portaleza Fátima	PO	4-4	20	36	42,0	3,18
A.F. Portaleza Guip	PO	1-3	10	4	24,2	3,20
Imperio July Sofia	PO	3-10	120	335	23,0	3,78
A.F. Portaleza Maria	PO	6-9	100	301	25,0	3,53
A.F. Portaleza Nery	PO	3-7	100	282	24,0	3,38
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-11	30	120	30,0	3,32
A.F. Portaleza Palatina	PO	6-4	30	108	30,0	3,53
A.F. Portaleza Sola	PO	6-4	40	111	23,0	3,27
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-4	40	111	25,0	3,35
A.F. Portaleza Sousa	PO	6-4	40	109	31,0	3,19
A.F. Portaleza Seta	PO	2-2	40	103	23,0	3,42
A.F. Portaleza Neduma	PO	3-2	40	98	35,0	3,05
A.F. Portaleza Patricia	PO	6-1	30	87	29,0	3,12
A.F. Portaleza Ilidia	PO	6-1	30	82	29,0	3,24
Wesley Anna Irma Antero	PO	6-2	30	80	17,0	3,11
A.F. Portaleza Neza	PO	3-4	20	76	16,0	3,12
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	78	32,0	3,18
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	80	31,0	3,24
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-6	20	57	30,0	3,41
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-6	20	63	26,0	3,90
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	64	31,0	3,18
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	57	27,0	3,51
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	56	27,0	3,51
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	50	14,0	3,10
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	143	25,0	3,22
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	4-3	30	143	26,0	3,62
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	20	136	25,0	3,11
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-2	30	137	30,0	3,46
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-3	30	134	23,0	3,45
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-2	30	141	23,0	3,75
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-1	30	149	23,0	3,49
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	2-11	30	164	24,0	3,35
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	4-1	30	241	20,0	3,29
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	4-1	30	226	21,0	3,49
A.F. Portaleza Sacerdotia	PO	4-1	30	237	25,0	3,22
Dayton July Candy	PO	6-6	60	189	13,0	3,37

Fazenda Portaleza Ltda. Nova Odessa, São Paulo. Controle em 11/12/60. Resultado do parto com raça esportivar. 2. colônia.

Haroldo São Paulo	GBB	5-4	10	24	30,0	1,13
Haroldo São Paulo	PO	4-2	10	14	23,0	1,18
Haroldo São Paulo	PO	4-2	10	8	16,0	1,18
Haroldo São Paulo	PO	4-2	10	8	20,0	1,17
Haroldo São Paulo	PO	2-2	10	2	21,0	1,80
Haroldo São Paulo	PO	3-2	10	60	22,0	1,28
Haroldo São Paulo	PO	3-2	10	60	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	3-1	40	108	21,0	1,49
Haroldo São Paulo	PO	3-1	40	114	24,0	1,48
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	95	22,0	1,35
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	112	23,0	1,48
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	78	24,0	1,50
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	73	28,0	2,44
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	66	27,0	1,28
Haroldo São Paulo	PO	4-2	30	84	32,0	1,69
Haroldo São Paulo	PO	3-2	30	80	27,0	1,29
Haroldo São Paulo	PO	3-1	30	74	31,0	2,89
Haroldo São Paulo	PO	3-1	30	64	23,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	3-2	20	30	23,0	1,49
Haroldo São Paulo	PO	3-2	20	42	36,0	1,62
Haroldo São Paulo	PO	3-2	20	40	31,0	1,68
Haroldo São Paulo	PO	3-2	20	33	35,0	1,67
Haroldo São Paulo	PO	3-2	20	32	37,0	1,71
Haroldo São Paulo	PO	2-4	20	49	32,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-4	20	45	24,0	1,44
Haroldo São Paulo	PO	4-4	20	47	24,0	1,40
Haroldo São Paulo	PO	4-4	20	45	26,0	1,24
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	41	23,0	1,50
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	43	24,0	1,26
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	37	25,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	38	34,0	2,93
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	254	30,0	1,72
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	243	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-3	20	216	21,0	1,42
Haroldo São Paulo	PO	2-1	20	34	26,0	1,07
Haroldo São Paulo	PO	2-1	2			

LIVRO PARA CONTABILIDADE

Preparado de acordo com as atuais exigências para se fazer a contabilidade da parte agrícola e pecuária da fazenda. A seguir um resumo das partes de que compõem o livro para Contabilidade.

CAPÍTULO I DESPESAS DO ANO CIVIL

Parte I

Construções e Instalações.
Melhoramentos. Formação de culturas permanentes, essenciais florestais e pastoris.

RESUMO DAS DESPESAS DE FORMAÇÃO

Parte II

Despesas com aquisições.
Equipamentos motorizados.
Equipamentos a tração animal.

Parte III

Despesas com aquisição de animais para: formação e/ou melhoria do plantel, reprodutores, etc.

Parte IV

Despesas com: Insumos de alta produtividade para todas as explorações do imóvel; sementes e mudas; fertilizantes e corretivos, etc.

Parte V

Despesas: Diversas sem coeficiente ou de custeio: sementes e saís; combustível e lubrificantes, etc.

CAPÍTULO II RECEITAS DO ANO CIVIL

Venda de milho, de leite, de vários, etc.

CAPÍTULO III INVENTÁRIO

Controle sobre o desenvolvimento do rebanho durante o ano civil.

A — Terra. Início do ano. Área em hectares, valor unitário, valor total, fim de ano, etc.

B — Culturas permanentes.

C — Benfeitorias: Construções, instalações e melhoramentos.

D — Máquinas, veículos e equipamentos.

E — Animais de produção ou criação.

Reprodutores e de trabalho.
De criação ou produção: terras, vacas, novilhos, bezerras ou bezerras, etc.
Área agrícola ou agriculturável.
Culturas hortícolas ou flores. Culturas temporárias e permanentes, pastarias.
II — Área florestal.
III — Área edificada.
IV — Área improdutiva.
V — Quantidade, preço médio, unitário e valor total; animais de produção; bovinos, bulbalinos, suínos, animais para recria e engorda, etc.
VI — Animais de trabalho.
F — Produtos e materiais.
Investimentos.

CAPÍTULO IV RESULTADOS FINANCEIROS E IMPOSTO DE RENDA

Parte VI

Resultados financeiros apurados na empresa. Despesa e receita.

Parte VII

Imposto de renda.
No livro de CONTABILIDADE



AGROPECUÁRIA há ainda um anexo para **REGISTROS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO** para anotações sobre:
Cultura do café, registros diversos por lote ou talhão.
Pastaria, registros diversos por piquetes ou posto.
Controle da movimentação do gado; controle de cobertura, partições; controle de produção e alimentação das vacas em lactação. Registro diário de venda do leite. Datas de vacinações. Eis aí um resumo do Plano que compõe o **LIVRO PARA CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA**, cujo texto total remeteremos aos interessados, livre de qualquer despesa.
Preço do volume com o esquema da contabilidade agropecuária, e um calendário de 1980 para esquematização dos trabalhos da fazenda: Cr\$1.000,00

Pedidos à
EDITORA DOS CRIADORES LTDA
Av. Pompéia, 1214 - Fundos
CEP: 05022 - São Paulo - SP

Vendas em S. Paulo:
Associação Brasileira de Criadores
Rua Jaguaribe, 634

Livraria Editora Agropecuária
Rua Pinheiro Machado, 243
Porto Alegre - RS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%
Raça Guernsey											
Estação de Agric. "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
Bealé Patricia Furg	PO	2-11	30	77	17,0	1,44					
Dr. Custódio Cabral de Almeida, Itaquil, Est. de Rio de Janeiro, Controle em 15/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.											
Pas Juss Góss Bezor de Alto	PO	3-6	80	236	14,0	5,14					
Clas Tyn Foyver Elton	PO	4-20	80	212	14,0	4,66					
Willis Vase Benda	PO	4-20	80	186	14,0	4,66					
McLaughlin Paul Samuel	PO	-	50	124	13,0	4,11					
Sharon Sildis Sharn	PO	5-6	40	119	20,0	4,18					
Barbara Hester Oveland do Tinajá	PO	6-3	30	88	26,0	4,15					
Harro S.F. Barona	PO	5-8	30	73	22,0	4,42					
Geoffrey Transford Jnr 134	PO	5-10	30	71	24,0	4,45					
Sharon Lake Sharn	PO	5-10	30	70	19,0	5,00					
Pas Rada Foyver D'Amelia	PO	-	20	52	14,0	4,18					
Pas Orono Eldorado D'Amelia	PO	3-11	20	48	14,0	4,11					
Pas Garcia Apolo D'Amelia	PO	4-3	20	30	14,0	4,32					
Raymond S. Lake Brenda	PO	5-1	10	24	17,0	4,48					
Pas Klettra Rip D'Amelia	PO	5-7	10	6	19,0	4,27					
						<p>João Gabriel C. Moreira, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.</p> <p>C.A. Leite PO 5-6 70 183 12,0 4,28 PO 13-5 60 175 10,0 4,46 PO 11-4 30 129 11,0 4,38 C.A. Fátima PO 7-11 50 155 11,0 3,83 PO 5-11 30 131 11,0 4,28 PO 5-7 70 192 11,0 4,18 C.A. Ária PO 16-9 20 18 12,0 4,11 C.A. Janelá PO 7-4 10 17 13,0 4,10 C.A. Lia PO 4-1 30 41 13,0 4,11 C.A. Fátima PO 8-3 10 1 13,0 4,30 Babo PO 13-5 40 105 13,0 4,12 PO 8-6 20 52 14,0 4,18 PO 7-4 20 48 13,0 4,18 C.A. Agulha PO 10-7 20 49 13,0 4,18</p>					
						<p>Adriano Roberto Peres, São Pedro das Flores, Est. de Minas Gerais, Controle em 27/11/80, Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2.</p> <p>1 ordenhas Córca de Brasília PO 12-1 80 229 10,3 1,18 Leiteira de Brasília PO 8-1 80 233 10,3 1,69 Córca de Brasília PO 11-0 60 75 11,0 4,40 Wiltonia de Brasília PO 11-5 60 160 10,0 4,14 Córca de Brasília PO 11-9 60 187 10,0 4,40 Empressa PO 13-10 20 89 11,0 3,62 Lenorenia de Brasília PO 3-6 70 181 11,0 4,50 PO 7-8 20 35 14,0 4,38 Hospital de Brasília PO 4-3 30 63 11,0 4,19 Córca de Brasília PO 12-1 20 49 10,0 4,28 Mãe de Brasília PO 6-11 20 84 12,0 3,83 PO 10-0 20 52 14,0 4,55 Wiltonia de Brasília PO 9-10 10 28 11,0 4,08 Montepaiza de Brasília PO - 10 3 14,0 5,93 Mistura de Brasília PO - 10 14 14,0 4,50 PO 8-6 20 3 13,0 4,78 Hércules de Brasília PO 5-4 10 4 12,0 4,70 Fátima de Brasília PO 10-5 10 7 14,0 4,58</p>					
						<p>2 ordenhas Mãe de Brasília PO 5-9 60 142 10,0 4,80</p>					
						<p>João Leite S. Ferraz Jr., Restimpo, Est. de São Paulo, Controle em 19/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.</p> <p>Garcia PO - 10 20 10,0 4,22</p>					
						<p>Drs. Manuel e José João S. R. dos Santos, São Flores, Est. de Rio de Janeiro, Controle em 4/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>Mareuilha Fortuna Hótel PO 6-10 70 45 20,0 4,20 C.A. Gabriela Baluarte PO 10-3 20 38 22,0 4,20 PO 5-10 20 31 18,0 4,68 C.A. Espetosa Curvelo PO 11-6 70 245 10,0 4,18 C.A. Estelva Nairó PO 12-7 70 217 10,0 3,43 PO 9-7 60 208 11,0 4,86 Mareuilha Lourdes Godinho PO 9-2 60 207 10,0 5,07 S.C. Gabriela Godinho PO 5-7 50 177 14,0 3,21 Mareuilha Geneleira Damazo PO 6-2 50 162 11,0 6,26 Libéria PO 11-9 40 135 10,0 5,70 PO 6-4 40 121 10,0 4,74 S.C. Bruna Godinho PO 10-11 20 72 13,0 4,89 C.A. Estrela Nairó PO 11-11 20 69 13,0 4,70</p>					
						<p>Lúcio Higazieta Jr., Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 5/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.</p> <p>Costeço PO 7-0 80 99 21,0 4,21</p>					
						<p>Antonio José Lacerda Godinho, Itaipava, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.</p> <p>C.A. Indiscreta PO 8-3 40 92 11,0 5,03 C.A. Bragançala PO 5-1 20 41 10,0 4,20 C.A. Odine PO 14-3 50 157 12,0 4,31</p>					
						<p>Dr. Teófilo Assunção Costa, Caldeirão, Est. de Minas Gerais, Controle em 8/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.</p> <p>Ilusão PO - 10 16 10,0 3,72 Alcega PO 6-6 20 31 11,0 4,40 Galena PO 6-8 20 32 10,0 4,58</p>					
						<p>Dr. Manoel Assunção C. Carvalho, Curvelo, Est. de Minas Gerais, Controle em 20/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.</p> <p>Delila PO 8-0 50 122 11,0 4,37 Quimada PO 11-0 30 138 12,0 4,30 Lenorenia PO 6-0 20 63 14,0 1,46 Mãe de Brasília PO 7-10 20 51 10,0 4,40 Glória PO - 70 212 12,0 4,30 Parafina PO 4-2 50 267 12,0 4,30 Poala PO 4-4 30 129 10,0 3,99</p>					
						<p>Dr. Arthur Renato M. Filizola, Jaguaria, Est. de Minas Gerais, Controle em 27/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.</p> <p>Barbora PO 10-0 10 25 10,0 5,18 Indelida PO 12-5 30 7 14,0 5,38 Inglaterra PO 8-3 40 126 10,0 3,30 Índia PO - 20 20 11,0 5,30 Ipavoso PO 4-0 40 154 12,0 5,04 Louisa PO 7-4 10 31 11,0 5,14 Lilianilda PO 6-4 20 44 11,0 1,47 Naja PO 8-3 20 81 12,0 3,70 Natália PO 5-7 10 20 11,0 3,11 Natália PO 7-4 20 9 11,0 1,40 Nôia PO 4-11 10 15 10,0 1,30 Renata PO 5-2 10 28 10,0 3,44 Carantela PO - 10 10 11,0 3,44 Fátima PO 6-6 20 34 11,0 3,11 Rogata PO 10-3 40 137 14,0 3,07 Cristina PO 3-11 10 31 11,0 3,07 Curande PO 6-1 50 139 11,0 3,20</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Estação de Agric. "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ord.</p> <p>P.F. Definição PO 3-1 30 108 11,0 4,50</p>					
						<p>Dr. Antônio de Aguiar "Luz de Quares", Piracicaba, Est. de S. Paulo, Controle em 1/12/80, Regime de pasto com ração suplementar, 2</p>					

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %		
Ordure de Braxilla	RE	11-9	70	212	10,0	4,35							
Malvina de Braxilla	RE	11-5	70	185	14,0	3,69							
Reynold	RE	13-10	49	94	11,0	5,35							
Nativa de Braxilla	RE	6-7	29	11	15,0	3,69							
Rutrolar de Braxilla	RE	6-6	29	28	12,0	4,40							
Jordana de Braxilla	-	-	16	11	11,0	4,60							
Mistura de Braxilla	SR	-	20	38	13,0	5,23							
Juba de Braxilla	SR	9-2	19	9	12,0	4,59							
Tatagão de Braxilla	RE	6-3	49	85	12,0	5,23							
Taira de Braxilla	RE	10-5	20	32	14,0	4,67							
Neuf de Braxilla	RE	6-11	49	89	12,0	4,34							
Inocencio de Braxilla	RE	10-0	29	77	11,0	3,98							
Leontina de Braxilla	RE	8-2	30	70	10,0	4,48							
Laurinda de Braxilla	RE	7-4	30	216	10,0	4,42							
Cláudia de Braxilla	RE	8-9	30	262	10,0	4,76							
Girolando													
Dr. Fernando José Santos, Sta. Cruz de S. Paulo, Est. de S. Paulo. Controle em 12/12/80. Regime de pasto com ração suplementar, 2 urdo.						Dr. Rubens Rosendo Pires, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 22/12/80. Regime de pasto com ração suplementar, 2 urdo.							
Arquês de Sta. Cruz	1/2	8-2	19	48	19,0	4,68	Debola de Calcicelandia	PC	5-0	49	112	12,0	4,40
Rebecca de Sta. Cruz	1/2	7-1	19	21	36,0	4,13	Galera de Calcicelandia	PO	5-18	19	21	11,0	4,72
Dr. Rubens Rosendo Pires, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 27/11/80. Regime de pasto com ração suplementar, 1 urdo.						RE, leiteiros - PR, preta e branca - VE, vermelha e Braxilla - PO, puro de origem - POC, puro por cruz de origem vermelha - CR, cada brasileiro brasileiro - RR, não registrado - NR, registro produtivo -							
Orion de Braxilla	1/2	-	49	181	20,0	3,72	SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1980						
Belvina de Braxilla	1/2	-	49	162	21,0	3,45							
Bright	1/2	-	49	159	18,0	4,15							
Braxilla de Braxilla	1/2	-	19	26	22,0	3,87							
India	1/2	-	30	299	18,0	4,10							
Arctana	1/2	-	30	158	25,0	3,70							
Mocho de Braxilla	1/2	-	49	157	19,0	3,94							
Orveja	1/2	-	30	125	20,0	3,28							

RELATÓRIO N.º 135 — DEZEMBRO DE 1980

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da Associação Brasileira de Criadores
CONTROLES ENCERRADOS

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	205	365	550	730
DIVISÃO I — Regime de pasto						
RAÇA SANTA GERTRUDIS						
MACHO						
17.313	Atala Apache's II - 6237	11-78	239	337	465	633
Central P. Agropecuária e Com. Ltda.						
17.954	9509	01-79	—	261	377	464
Alberto Emmanuel Whitaker						
17.847	03/9	06-79	162	327	—	—
James Stobo Mac Gowan						
FÊMEA						
18.487	8742	12-78	178	255	360	514
Alberto Emmanuel Whitaker						
17.413	Carlota	01-79	149	237	314	386
17.414	Clavinha	01-79	179	248	354	341
17.885	04	09-79	—	257	—	—
James Stobo Mac Gowan						
RAÇA CANCHIM						
MACHO						
17.798	Meandro Jaboti	08-79	228	—	—	—
18.391	Belflor Jaboti	02-80	135	—	—	—
17.768	Armada	06-79	194	233	—	—
18.046	Galvota Jaboti	11-79	240	325	—	—
Clá. Agro-Pecuária Jaboti						
RAÇA PARDA SUÍÇA						
FÊMEA						
17.895	S.B. Harmonia	01-79	—	259	344	385
17.735	S.B. Haste	01-79	—	293	356	383
Agro-Pecuária Suíço-Brasileira Ltda.						
RAÇA SIMENTAL						
FÊMEA						
17.897	Taba S.B.	02-79	—	259	343	415
Agro-Pecuária Suíço-Brasileira Ltda.						
RAÇA CHAROLESA						
MACHO						
17.271	Junco	01-79	121	222	340	421
Reflorestadora Brasiliense S/A						
RAÇA FRISONNE						
FÊMEA						
18.426	Moura Andrade Açucena	01-79	—	255	313	382
Moura Andrade S/A Past. e Agrícola						
DIVISÃO II — Regime de pasto com ração						
RAÇA SANTA GERTRUDIS						
MACHO						
17.944	8480	12-78	—	308	431	552
17.983	8736	12-78	—	271	399	606
17.960	9510	01-79	—	329	410	489
Alberto Emmanuel Whitaker						
RAÇA PARDA SUÍÇA						
FÊMEA						
17.734	S.B. Gessy	12-78	257	339	409	437
Agro-Pecuária Suíço-Brasileira Ltda.						
RAÇA BLONDE D'AQUITAINE						
MACHO						
18.451	Saleto da Moura Andrade	02-79	208	262	390	—

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	265	350	720
18.447	Segres da Moura Andrade 02-79 Moura Andrade S/A Past. e Agrícola	02-79	186	264	391	—
FÊMEA						
18.450	Gracé da Moura Andrade 12-78	12-78	240	278	352	471

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	265	350	720
18.454	Sabrina da Moura Andrade 01-79 Moura Andrade S/A Past. e Agrícola	01-79	195	212	243	380
OBSERVAÇÃO: Os animais que aparecem com idades padrões incompletas foram retirados antes de completar 2 anos.						

RELATÓRIO N.º 136 — JANEIRO DE 1981

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	265	350	720
DIVISÃO I — Regime de pasto						
RAÇA SANTA GERTRUDIS						
MACHO						
17.244	179 Fernando Muniz de Souza	25-12-78	181	277	437	543
17.284	158 Antonio Chieruzzi Junior	03-02-79	223	316	410	538
17.402	187	09-03-79	211	272	398	—
18.249	247 Fernando Muniz de Souza	21-02-80	215	—	—	—
FÊMEA						
17.420	S.H. Erminde 8/2 Cla. Adm. Técnica e Agrícola Atagi	20-12-78	185	283	330	424
17.247	182 Fernando Muniz de Souza	16-01-79	162	248	355	410
RAÇA CANCHIM						
MACHO						
17.484	Gajelo do Buracão	02-03-79	197	291	328	389
17.486	Galante do Buracão	05-03-79	90	177	243	312
17.489	Genulino do Buracão	05-03-79	143	192	252	315
17.513	Guarael do Buracão	25-04-79	216	334	333	—
17.684	Guamelô do Buracão	17-05-79	150	243	294	—
17.687	Guabiru do Buracão	23-05-79	123	188	279	—
Faz. Buracão Agrícola e Pecuária Ltda.						

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	265	350	720
18.262	Parafuso da Jangada Dr. José Mario Taveres da Olive	28-05-79	144	320	442	—
17.866	Grião do Buracão	15-09-79	196	225	—	—
17.871	Greil do Buracão	16-10-79	165	195	—	—
18.301	Galico do Buracão	18-03-80	121	—	—	—
18.302	Garbão do Buracão Faz. Buracão Agrícola e Pecuária Ltda.	27-03-80	105	—	—	—
FÊMEA						
17.485	Gemella do Buracão	02-03-79	91	137	176	287
17.488	Górgata do Buracão	05-03-79	154	198	218	327
17.490	Gacione do Buracão	05-03-79	141	190	189	310
18.300	Galena do Buracão Faz. Buracão Agrícola e Pecuária Ltda.	18-03-80	142	—	—	—
DIVISÃO II — Regime de pasto com reção.						
RAÇA CANCHIM						
MACHO						
17.487	Gran do Buracão Faz. Buracão Agrícola e Pecuária Ltda.	05-03-79	300	431	533	407
FÊMEA						
17.925	Parana da Jangada Dr. José Mario Taveres da Olive	17-05-79	199	304	341	—
OBSERVAÇÃO: Os animais que aparecem com idades padrões incompletas foram retirados antes de completar 2 anos.						

SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS (kg)	
			(dias)		
RAÇA SANTA GERTRUDIS					
PROPRIETÁRIO: Cla. Adm. Técnica e Agrícola Atagi					
MUNICÍPIO: Várzea — SP.					
DATA DA PESAGEM: 30-12-80					
MACHO					
S.H. Furor 0234	286	02-05-79	607	457	
S.H. Futuro 0/234	288	05-06-79	573	480	
S.H. Fiscal 2/031	289	12-06-79	456	460	
S.H. Flamengo 2/031	296	26-07-79	522	376	
S.H. Fluminense 2/031	297	27-07-79	521	214	
S.H. Formoso 2/031	303	24-08-79	493	300	
S.H. Furioso 2/031	304	24-08-79	493	400	
S.H. Gafanhoto 031	325	01-01-80	332	290	
S.H. Galanteador 0022	334	08-02-80	325	266	
FÊMEA					
S.H. Facóla 2/031	275	09-03-79	661	410	
S.H. Fenício 2/031	291	06-07-79	542	326	
S.H. Fera 2/031	293	18-07-79	530	310	
S.H. Fronteira 2/031	294	24-07-79	524	364	
S.H. Fragância 125	323	12-12-79	383	278	
S.H. Flecha 0022	324	30-12-79	365	288	
S.H. Galeria 0022	332	02-02-80	331	266	

NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS (kg)	
			(dias)		
S.H. Gema 0022	333	04-02-80	329	298	
S.H. Garape 0022	335	12-02-80	321	266	
RAÇA FRISONNE					
PROPRIETÁRIO: Moura Andrade S/A Pastoral e Agrícola					
MUNICÍPIO: Marungábe — SP.					
DATA DA PESAGEM: 02-01-81					
MACHO					
17	17	23-02-80	313	251	
20	20	10-07-80	176	223	
FÊMEA					
M.A. Azélie	10	02-01-79	666	372	
M.A. Aquena	11	12-01-79	720	380	
M.A. Angélica	12	24-04-79	818	346	
15	15	12-02-80	324	294	
RAÇA MONTBELIARDE					
PROPRIETÁRIO: Moura Andrade S/A Pastoral e Agrícola					
MUNICÍPIO: Marungábe — SP.					
DATA DA PESAGEM: 02-01-81					
FÊMEA					
11	11	21-02-80	315	225	
14	14	11-03-81	297	269	

Associação Brasileira de Criadores

Taxas e emolumentos - Serviços de Assistência Veterinária e Agrônômica

A ABC realiza trabalhos de Registro Genealógico e Provas Zootécnicas, especialmente o Controle de Produção Leiteira e de Desenvolvimento Ponderal de várias raças bovinas, em virtude de delegação do Ministério da Agricultura e de contrato com várias associações nacionais especializadas.

As taxas estabelecidas cobrem apenas cerca de 60% dos custos operacionais. A subvenção federal é insuficiente, não tendo sido re-

justada há quatro anos e é recebida com atraso cada vez maior. Por outro lado, terminou no corrente ano a vigência do contrato com o Ministério, e é problemática sua renovação, face à atual conjuntura política e econômica.

Face ao exposto, decidi a Diretoria da ABC proceder à revisão da tabela de taxas e emolumentos. Algumas delas não são reajustadas há mais de um ano. A vigência da presente tabela é a partir de 1.º de janeiro.

A — SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

1 — REGISTRO PROVISÓRIO OU DE NASCIMENTO TAXAS

Puros de Origem e Puros por Cruzada	Cr\$ 450,00
Mestiços	Cr\$ 300,00

2 — REGISTRO DEFINITIVOS

Puros de Origem e Puros por Cruzada	Cr\$ 600,00
Mestiços	Cr\$ 450,00

3 — TRANSFERÊNCIA OU SEGUNDA VIA

Por Certificado	Cr\$ 300,00
Segunda via de Certificado	Cr\$ 500,00

5 — DIÁRIA DE INSPEÇÃO

Quilometragem — por km percorrido, com condução própria	Cr\$ 12,00
---	------------

B — SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

N.º de Animais

01 a 10	Cr\$ 1.850,00
11 a 20	Cr\$ 2.800,00
21 a 30	Cr\$ 3.300,00
31 a 40	Cr\$ 3.700,00
41 a 50	Cr\$ 4.100,00
De 51 em diante, por animal	Cr\$ 85,00

C — SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

N.º de Animais

31 a 20	Cr\$ 2.250,00
21 a 30	Cr\$ 2.900,00
31 a 40	Cr\$ 3.370,00
41 a 50	Cr\$ 3.800,00
51 a 100, por animal	Cr\$ 72,00
101 a 200, por animal	Cr\$ 63,00
201 a 300, por animal	Cr\$ 45,00
301 em diante, por animal	Cr\$ 34,00
Certificado emitido, por animal	Cr\$ 250,00

OBSERVAÇÃO: As despesas de viagem e estadia do Inspeutor e Controlador correm por conta do Criador, havendo rateio, quando couber. Transporte: por km percorrido

Cr\$ 12,00

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

A — EXAME DE IMUNO-DIFUSÃO EM GEL PARA DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

Exame por amostra ou animal Cr\$ 300,00

B — EXAMES DE SORO-AGLUTINAÇÃO PARA BRUCELOSE

Número de animais

01 a 10, por animal	Cr\$ 95,00
11 a 20, por animal	Cr\$ 75,00
21 a 50, por animal	Cr\$ 50,00
De 51 em diante, por animal	Cr\$ 45,00

C — EXAMES HEMATOLÓGICOS

Hemograma completo	Cr\$ 550,00
Hemossedimentação	Cr\$ 300,00
Pesquisa de Hematozoários (Babésias, Filárias)	Cr\$ 400,00
Cálcio e Fósforo	Cr\$ 400,00
Enzimas (TGO, TGP — para cada uma)	Cr\$ 600,00
CPK — para cada uma	Cr\$ 400,00

D — EXAMES DE URINA

Exame de Urina completo (tipo II)	Cr\$ 500,00
(Caractères físico, químicos e sedimentação quantitativa)	
Exames parciais (Glicose, Corpos Cetônicos)	Cr\$ 250,00
Exames parciais (Bilirrubina, Proteínas, Urobilinogênio)	Cr\$ 250,00

E — EXAMES DE FEZES

De bovinos, eqüinos, suínos, caprinos e ovinos (métodos de MAC MASTER E WYLLIS) Por amostra	Cr\$ 250,00
Exames de fezes de Canino e Felinos, por animal	Cr\$ 300,00
Diagnóstico de Mastite (California Mastitis Test) por amostra	Cr\$ 100,00

SERVIÇOS DIVERSOS

A — CONSULTAS

Caninos e Felinos, por animal	Cr\$ 500,00
-------------------------------------	-------------

B — VACINAÇÕES

Anti-rábica, por animal	Cr\$ 400,00
Tríplice (Cinomose, Hepatite, Leptospirose) ..	Cr\$ 500,00

C — APLICAÇÃO DE INJEÇÕES E CURATIVOS ..

Cr\$ 150,00

D — ATESTADOS E PARECERES

Cr\$ 400,00

E — LAUDOS TÉCNICOS, (de acordo com a complexidade) de ..

Cr\$ 500,00 a Cr\$ 2.500,00

F — PARECERES PARA A IMPORTAÇÃO DE SÊMEN E REPRODUTORES

Até 500 doses, por unidade	Cr\$ 15,00
De 501 a 1.000 doses, por unidade	Cr\$ 10,00
De 1.001 doses, em diante, por animal	Cr\$ 8,00

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Atendimento em propriedade agrícola, por Agrônomo ou Veterinário, até o limite de 8 (oito) horas

Cr\$ 3.500,00

Por hora excedente, contada estada e viagem

Cr\$ 250,00

Despesas de viagem e estadia, por conta do Criador. Por quilômetro percorrido, com condução própria

Cr\$ 12,00

OBSERVAÇÃO: — Os NÃO ASSOCIADOS estão sujeitos ao pagamento das Taxas em dinheiro.

ALBERTO ALVES SANTIAGO
Gerente, Técnico

NADA DEIXA O CRIADOR MAIS ORGULHOSO DO QUE VER O SEU REBANHO SADIO, COM O PÊLO LISINHO E SEDOSO.

UMA PULVERIZAÇÃO SEM FEITA GASTA QUASE O MESMO TEMPO QUE UMA SUPERFICIAL, SÓ QUE RRENDE MUITO MAIS.

Uma grande parte dos "micuins" que vivem em seus animais, você não consegue ver. Porque eles ficam escondidos no úbere, na barriga, na parte interna das pernas, na barbeta, abaixo do rabo, no próprio rabo, nas orelhas, em toda parte. Você não banhar o animal inteiro, muitos carrapatos vão sobreviver e, se ficarem adultos, vão engordando com o sangue de suas vacas roubando o seu dinheiro.

COM TRIATOX E UM BANHO COMPLETO É VER PARA CRER.

Em 30 minutos os carrapatos começam a cair, liquidados. Afinal, após de carrapato morto é no chão. Em 24 horas os seus animais estarão completamente limpos, como você gosta de ver, com o pêlo lisinho e sedoso. E animais livres de carrapatos comem melhor e se cocam, ficam mais fortes, produzindo muito leite para você.



A ECONOMIA QUE TRIATOX PROPORCIONA, VOCÊ VÊ NA PONTA DO LÁPIS.

Depois de matar todos os carrapatos, Triatox permanece ativo no animal por muitos dias. Isto quer dizer que, quando seus animais voltarem ao pasto, todos os carrapatos que subirem neles também morrerão. Suas pastagens estarão cada dia mais limpas e os intervalos entre banhos, cada vez maiores. Isto é economia de produto, de tempo e mão-de-obra para você. Em caso de dúvida, chame o seu amigo da Cooper. Ele vai lhe provar, na ponta do lápis, como é mais fácil ganhar dinheiro usando Triatox - o vencedor do carrapato.



SEGURANÇA.

Se você usar Triatox de acordo com a orientação da Cooper, pode ficar sossegado. Apesar de liquidar com todos os carrapatos, Triatox proporciona total segurança ao animal, ao leite e ao homem que o aplica, por ser um produto biodegradável e de baixa toxicidade.

TRITOX - EFICAZ, SEGURO, ECONÔMICO, O MAIS COMPLETO DE TODOS OS CARRAPATICIDAS.



Embalagem de 1 litro, suficiente para você banhar completamente 100 animais.

Embalagem de 200 ml, suficiente para você banhar completamente 20 animais.

NO COMBATE AO CARRAPATO, CONTE COM OS SEUS AMIGOS DA COOPER. ELES ESTÃO SEMPRE A SEU LADO.



NENHUM CARRAPATO RESISTE, NEM MESMO AQUELES QUE JÁ ESTÃO ACOSTUMADOS COM OUTROS PRODUTOS.

ASSISTÊNCIA COOPER NO COMBATE AO CARRAPATO



COOPER

Pesquisa a Serviço da Vida

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

Atua rapidamente e permanece na corrente sanguínea por mais de **24** horas.

Ao utilizar sulfa injetável lembre-se de

sulfatec

a mais eficiente e a menos tóxica entre as sulfas existentes.



- Fácil aplicação
- Rápida absorção
- Altos níveis sanguíneos
- Ação mais prolongada garantem uma ação mais duradoura e em menores doses.

